

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS**

**O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE MONTEIRO LOBATO EM
*EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA E OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES***

RICARDO CHAVES PRADO

SÃO PAULO

2022

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS**

**O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE MONTEIRO LOBATO EM
*EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA E OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES***

Versão corrigida

RICARDO CHAVES PRADO

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Mestre em Culturas e Identidades Brasileiras.

Área de concentração: Estudos Brasileiros

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes

São Paulo

2022

Nome: PRADO, RICARDO CHAVES

Título: O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE MONTEIRO LOBATO EM
EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA E OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Mestre em Culturas e Identidades Brasileiras.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

DADOS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca do
Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

P896

Prado, Ricardo Chaves

O pensamento educacional de Monteiro Lobato *em Emília no País da Gramática* e *Os Doze Trabalhos de Hércules* / Ricardo Chaves Prado ; Marcos Antonio de Moraes, orientador -- São Paulo, 2022.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras. Área de concentração: Estudos Brasileiros. Linha de pesquisa: Brasil: a realidade da criação, a criação da realidade.

Título em inglês: Monteiro Lobato's thought in *Emília no País da Gramática* and *Os Doze Trabalhos de Hércules* – São Paulo, SP.

Descritores: 1. Lobato, Monteiro, 1882-1948 2. Educação 3. Literatura infantil 4. Escola Nova 5. Educação Progressiva I. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação II. Moraes, Marcos Antonio de, orient. III. Título.

IEB/SBD108/2022

CDD 22.ed. 028.5

RESUMO

A presente dissertação buscou analisar o pensamento educacional do escritor Monteiro Lobato (1882-1948) a partir da análise da narrativa e do contexto sócio-histórico em que foram produzidas duas de suas obras: *Emília no País da Gramática*, publicada em 1934, e *Os Doze Trabalhos de Hércules*, de 1944, última publicação do escritor direcionada ao público infantil. Em ambas foram encontrados diversos indícios que permitem extrair uma visão do escritor acerca da língua, da linguagem e da gramática, bem como sobre a relação de ensino-aprendizagem, em sintonia com as principais ideias pedagógicas do movimento internacional da Escola Nova/Educação Progressiva, que teve entre seus principais divulgadores no país o educador Anísio Teixeira, amigo do escritor. Como metodologia para a análise buscou-se estabelecer um diálogo com a proposta da Hermenêutica de Profundidade, na percepção de John B. Thompson, dividida em três fases: análise do contexto sócio-histórico, análise formal e interpretação/reinterpretação. A abordagem formal da obra considerou a “Jornada do Herói”, trajetória arquetípica sintetizada por Joseph Campbell, para realizar a análise narrativa das duas obras estudadas.

PALAVRAS-CHAVE: Monteiro Lobato. Educação. Literatura infantil. Escola Nova. Educação Progressiva. Pedagogia.

ABSTRACT

The present work focuses on the educational thought of author Monteiro Lobato by studying the narrative and socio-historical context in which two of his works were produced, namely: *Emilia no País da Gramática*, published in 1934, and *Os doze Trabalhos de Hércules*, of 1944, his last book for children. In these two books many evidences made it possible to extract the author's vision regarding idiom, language and grammar, as well as the relationship between teaching/learning suggested by the narrative, the dialogue and by the way the characters are structured. The methodology consisted of establishing a dialogue with John B. Thompson's Depth Hermeneutics, divided in three phases: the analysis of the socio-historical context, the formal analysis, and interpretation/reinterpretation. For the formal analysis of both works, the framework was that of the “Hero's Journey”, the archetypical journey explored by Joseph Campbell, which was adequate for the analysis of both books.

KEY WORDS: Monteiro Lobato. Education. Children's literature. New School. Progressive Education. Pedagogy.

Aos meus pais, Sérgio Martins Prado (*in memoriam*) e Acy Chaves Prado, com imensa gratidão por terem transmitido a mim o gosto e o prazer pela leitura.

Aos queridos filhos Carolina Garmes Prado (*in memoriam*), Alexandre Garmes Prado e Luísa Costa Prado, por tantas aprendizagens que me dão.

E à Zilda Martins Prado, saudosa tia-avó que um dia me levou ao Sítio do Picapau Amarelo, onde passei minha infância.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, pela condução segura, presença tranquilizadora nos momentos necessários e pela leitura atenta, generosa e sempre respeitosa.

À Profa. Dra. Diana Gonçalves Vidal agradeço não apenas sua leitura crítica e construtiva, como membro da banca de qualificação, mas o que pude aprender sobre o Movimento Internacional da Educação Nova como seu aluno.

À Profa. Dra. Marisa Lajolo, uma voz mais do que reconhecida quando o tema é Monteiro Lobato, também sou muito agradecido, e honrado, pela participação na mesma banca. Seu apoio à escolha da Jornada do Herói como ferramenta de análise das narrativas foi decisivo para que um pesquisador tateante se sentisse mais seguro e conseguisse permanecer na trilha pretendida.

Também sou grato à leitura e participação ativa, especialmente na delimitação do escopo da pesquisa, feita pela Profa. Dra. Ana Paula Cavalcanti Simioni e por todos os colegas de pós-graduação com quem tive o prazer de compartilhar as últimas aulas presenciais antes que uma pandemia nos alcançasse, cursando a disciplina Estudos Brasileiros – projetos e metodologias. Agradeço, ainda, ao Prof. Dr. Roni Cléber Dias de Menezes pela oportunidade de refletir, por meio da disciplina Intelectuais e Educação no Brasil, sobre o papel social exercido pelo autor estudado nesta dissertação.

À Profa. Dra. Renata Lopes Costa Prado agradeço por ter me apresentado a metodologia que serviu como roteiro de navegação nas águas lobatianas. E ao amigo e cineasta Prof. Dr. Luís Duarte Dantas, companheiro de algumas jornadas narrativas, devo o primeiro contato com a inesgotável Jornada do Herói, muito antes de pensar em usá-la como instrumento de análise.

Com acervos e bibliotecas fechadas pela pandemia, não imagino como teria conseguido levar adiante a análise de *Emília no País da Gramática*, que também pretendia ser o cotejamento das imagens das duas edições aprovadas por Monteiro Lobato, não fosse a generosidade do pesquisador Magno Silveira, que pacientemente cuidou de copiar e enviar, uma a uma, as ilustrações de Belmonte.

Da mesma forma, a análise de *Os Doze Trabalhos de Hércules* só se completaria com acesso a uma edição que tivesse sido aprovada pelo escritor. Dessa vez o acaso contornou

o problema das bibliotecas sob quarentena, e sou grato ao amigo Pedro Nabuco, que meses antes arrematara em um evento “família vende-tudo” uma das raras edições do lote original desta obra, com as ilustrações de J. U. Carlos. Gentilmente, cedeu-me os dois volumes antes que sua filha Maria pudesse desfrutar o achado.

Não poderia deixar de agradecer, por fim, às bibliotecárias da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), da Faculdade de Educação (FE-USP) e do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) por terem fornecido cópias de livros ou capítulos durante esse período atípico, bem como expressar minha gratidão à paciência de meus queridos irmãos Marcelo, Irene e Inês, e dos amigos e amigas que, ao longo desses anos, ouviram mais do que o razoável sobre o tema no qual estive mergulhado, e que resultou nesta dissertação.

SUMÁRIO

INICIANDO A JORNADA	9
Temas de análise	22
CAPÍTULO 1: O PAÍS DA GRAMÁTICA DE LOBATO	
1.1. Contexto sócio-histórico	24
1.2. Situações espaço-temporais	26
1.3. Análise dos campos de interação	29
1.4. Instituições e estrutura social	41
1.5. Meios técnicos de transmissão	43
1.6. Análise da narrativa de <i>Emília no País da Gramática</i>	48
1.7. No país da gramática de Lobato: uma visão panorâmica	52
1.8. No território da Taxonomia	56
1.9. No território da Etimologia	70
1.10 Nos domínios da Sintaxe	75
1.11 Ortografia, última estação	89
1.12 Conclusões da análise narrativa de <i>Emília no País da Gramática</i>	97
CAPÍTULO 2: OS DOZE TRABALHOS DE LOBATO	
2.1 Situações espaço-temporais	105
2.2 Campos de interação	107
2.3 Instituições e estrutura social	107
2.4 Meios técnicos de transmissão	109

2.5 Análise da narrativa de <i>Os Doze Trabalhos de Hércules</i>	109
2.5.1 Primeiro trabalho: O leão de Neméia	110
2.5.2 Segundo trabalho: A hidra de Lerna	113
2.5.3 Terceiro trabalho: A corça dos pés de bronze	116
2.5.4 Quarto trabalho: Javali de Eurimanto	120
2.5.5 Quinto trabalho: As cavaliças de Augias	125
2.5.6 Sexto trabalho: As aves do lago Estinfale	129
2.5.7 Sétimo trabalho: O touro de Creta	132
2.5.8 Oitavo trabalho: Os cavalos de Diomedes	139
2.5.9 Nono trabalho: O cinto de Hipólita	144
2.5.10 Décimo trabalho: Os bois de Gerião	147
2.5.11 Décimo-primeiro trabalho: O pomo das Hespérides	151
2.5.12 Décimo-segundo trabalho: Hércules e Cérbero	156
2.6 Conclusões da análise narrativa de <i>Os Doze Trabalhos de Hércules</i>	159

CAPÍTULO 3: O MESTRE ESCOLA

3.1. O projeto literário-pedagógico lobatiano	164
3.2 Um “hub” educacional	170
3.3 “Livros milagre”	171
BIBLIOGRAFIA	173

INICIANDO A JORNADA

Esta dissertação pretende levantar algumas interpretações sobre a visão educacional do escritor Monteiro Lobato (1882-1948), a partir da análise narrativa e do contexto sócio-histórico em que foram concebidas duas de suas obras, ambas voltadas ao público infantil: *Emília no País da Gramática*, publicada em 1934, e *Os Doze Trabalhos de Hércules*, de 1946. Entendemos serem estas obras paradigmáticas da relação do escritor com a educação; a primeira por estar inserida no período de implementação, por parte do escritor, de um projeto literário-pedagógico com intenção de intervir na escola, no sentido de se tornar presente, quer como autor infantil adotado como livro de leituras, quer com obras de caráter paradidático. O segundo livro foi selecionado por ser o último publicado pelo autor para o público que o consagrou.

Lobato deixou observações esparsas sobre educação, em cartas a amigos, artigos de jornais e revistas e, especialmente, em algumas de suas obras. Se não chegam a compor um ideário sobre educação, já que nunca houve a intenção em fazê-lo de forma sistemática, suas opiniões sobre o tema emergem, como pistas em uma investigação, se não em todos seus livros para crianças, pelo menos nestes aqui estudados. Sempre que forem pertinentes, os comentários do escritor sobre o tema serão agregados ao estudo das duas obras, que, por terem sido produzidas com uma década distanciando uma da outra, permitem que se observe, assim esperamos, ao fim desta dissertação, uma mudança no peso da didática e na intencionalidade pedagógica de seu projeto literário, “qualquer coisa como enciclopédia infantil”, nas palavras de seu amigo, o educador Anísio Teixeira¹.

Na primeira obra analisada, Lobato estava movido pelo interesse em participar de uma discussão contemporânea com especial interesse para seu trabalho como escritor: a primeira reforma ortográfica da língua portuguesa, que enfrentava resistência em sua implementação no início dos anos 1930. Buscando ser lido e adotado pelas redes públicas de ensino, no que conseguirá parcialmente, e agindo para mudar o cenário da aprendizagem a partir de sua obra ficcional e paradidática, *Emília no País da Gramática* é um livro bastante carregado de intencionalidade didática. E intencionalidade política,

¹ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: vida e obra. São Paulo: Brasiliense. 1962 (3ª edição), p. 335.

no sentido de agir em favor do grupo de intelectuais que se articulava para simplificar a escrita da língua portuguesa.

Uma década mais tarde, quando escreveu *Os Doze Trabalhos de Hércules*, que foram lançados de forma independente, como pequenas narrativas épicas no segundo semestre de 1944, e posteriormente enfeixadas em dois volumes, Lobato era um escritor consagrado, nas escolas e fora delas. Naquele mesmo ano assinaria um contrato com sua nova editora, Brasiliense, que embalava um ambicioso projeto: a publicação da obra completa do escritor, lançada em 13 volumes em 1947.

Algumas mudanças importantes na intenção didática e no vigor narrativo foram observadas. Há muito mais literatura, mais surpresas e reviravoltas na trama, mais ação e emoção em *Os Doze Trabalhos de Hércules* do que em *Emília no País da Gramática*. Mas a educação continua presente. Cada trabalho do herói traz, embutido na narrativa, aprendizagens sobre diferentes áreas do conhecimento, da história grega e geral e das mitologias ao surgimento das invenções e evolução do conhecimento científico no mundo ocidental; da arte gaúcha de se laçar um boi (ou centauro) com boleadeira à origem etimológica de inúmeras palavras e expressões, os momentos didáticos surgirão ao sabor da narrativa. É essa costura mais sutil entre ficção e intencionalidade propedêutica, entre o prazer de se ler uma história por puro entretenimento e a oportunidade de sair dela um pouco mais sábio, ou sabido, que o escritor, no nosso entendimento, alcançará em seu último trabalho.

Como será observado na contextualização sócio-histórica, um dos componentes da metodologia proposta, que será descrita a seguir, nesse período de duas décadas que abarca as duas obras, o escritor estará em plena consecução de seu projeto literário-paradidático. Projeto este que pode ser compreendido como uma permanente e dinâmica sala de aula ambientada no sítio do Picapau Amarelo. Ali, Dona Benta é a mestra, e seus alunos são Pedrinho, Narizinho, a boneca Emília e o sabugo de milho sábio, Visconde de Sabugosa. E Tia Nastácia, a merendeira dessa escola rural, e que também se torna professora ao trazer a experiência do vivido e narrativas do universo mitológico brasileiro, sendo que em *Histórias de Tia Nastácia* ocupará a função docente.

Neste ambiente rural e matriarcal, ao longo de uma produção que alcançou 32 livros para o público infantil, que serão devidamente categorizados mais adiante, a partir de classificações consagradas por outros pesquisadores com o objetivo de situar as duas obras analisadas, o escritor ambientará a maior parte de suas histórias. Ou, no caso das

duas aqui analisadas, o sítio de Dona Benta é o ponto de partida e de chegada da aventura. Em *Emília no País da Gramática*, o “chamado à aventura” para que o grupo em vez de ficar estudando gramática fosse conhecer o tal país será feito pela boneca. Já em *Os Doze Trabalhos de Hércules* o chamado virá de Pedrinho. Ambas as aventuras começam e terminam no sítio, como se fossem trabalhos de campo.

Sendo literalmente jornadas, uma pelo país da Gramática, nada menos do que a matéria-prima de um escritor, outra pelos mitos e deuses da Grécia Antiga, a “Jornada do Herói”, sintetizada pelo estudioso de mitos Joseph Campbell em 1949 no livro *O herói de mil faces* (Cultrix/Editora Pensamento, 1989), foi testada como chave de interpretação para a análise narrativa, que vem a ser a segunda fase que compõe a metodologia adotada, explicada a seguir.

Por se tratar da busca de interpretação (ou reinterpretação) de uma obra cultural, e por extensão, uma forma simbólica com características específicas de produção, circulação e apropriação por parte de um público que igualmente tem suas especificidades – especialmente a faixa etária, no caso da obra de Monteiro Lobato – entendemos ser a Hermenêutica de Profundidade, tal como proposta por John B. Thompson em *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa* (Petrópolis: Vozes, 2002), um método bastante adequado ao objetivo desta dissertação.

Nessa obra sobre a comunicação de massa o pesquisador se refere com frequência ao impacto da televisão na vida cotidiana de seus consumidores, e usa a sua proposta metodológica, exposta no capítulo “A metodologia da interpretação”, para analisar exemplos extraídos desta mídia. Mas seu formato de análise se adequa a qualquer forma simbólica, especialmente àquelas criadas para consumo em massa. Assim explica Thompson como a Hermenêutica de Profundidade se adequaria à análise das formas simbólicas, como são os livros e demais produtos da cultura:

A análise cultural pode ser elaborada como o estudo das formas simbólicas em relação aos contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e através dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas – resumidamente, é o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas. [...] A Hermenêutica de Profundidade pode fornecer um referencial metodológico para a condução da análise cultural nesse sentido (THOMPSON, p. 363).

Atento às profundas mudanças na produção, circulação e fruição das formas simbólicas ocorridas com o surgimento dos veículos de comunicação em massa, principalmente a partir da segunda metade do século passado, Thompson desenvolveu uma metodologia para interpretação das formas simbólicas em uma sociedade de massa,

entendendo-se, como para este autor, que “formas simbólicas são construções significativas que exigem uma interpretação; elas são ações, falas, textos que, *por serem* construções significativas, podem ser compreendidas”.²

Sua metodologia busca separar, em um primeiro momento de análise, de um lado as condições sócio-históricas nas quais o objeto em questão foi produzido, disseminado e interpretado por seus consumidores, por meio da análise de cinco fatores que influenciariam o contexto de produção da forma simbólica (e que serão explicados na sequência), e, por outro lado, propondo uma análise formal do objeto, quer seja um programa de televisão, um quadro ou um livro. Para esta segunda etapa, chamada de Análise Formal ou Discursiva, Thompson oferece cinco diferentes formas de fazê-la, não necessariamente excludentes nem obrigatórias todas: análise semiótica, análise da conversação, análise sintática, análise narrativa e análise argumentativa.

Cumpridas as duas fases de análise, a do contexto sócio-histórico, com suas cinco vertentes, que, como se verá, são complementares no sentido de se obter uma compreensão o mais abrangente possível do ambiente no qual o objeto de estudo foi criado e circulou, e a fase de análise formal do objeto, aqui abstraídas as condições externas e usando-se uma ou mais ferramentas de análise de conteúdo, o pesquisador terá, em tese, condições de formular alguma interpretação/reinterpretação daquele objeto.

Antes de uma breve, mas necessária, explicação sobre os tópicos de análise que compõem a metodologia empregada, e como eles serão usados em relação às duas obras analisadas, um esclarecimento sobre o que Thompson entende como a terceira fase, que chama de *interpretação/reinterpretação*:

Os métodos de análise formal ou discursiva, quebram, dividem, desconstruem, procuram desvelar os padrões e efeitos que constituem e que operam dentro de uma forma simbólica ou discursiva. A interpretação constrói sobre esta análise, como também sobre os resultados da análise sócio-histórica. Mas a interpretação implica um movimento novo de pensamento, ela procede por síntese, por construção criativa de possíveis significados. Este movimento de pensamento é um complemento necessário à análise formal ou discursiva. (THOMPSON, p. 375)

Esta busca de síntese, de uma “construção criativa de possíveis significados” resultante da interpretação da forma simbólica, feita com elementos extraídos dos processos anteriores de compreensão do contexto sócio-histórico e de análise da forma e do conteúdo, se configura, assim, como *uma* interpretação possível dentre outras, e que se coloca sobre um campo já interpretado anteriormente por outros autores. Pode estar

² THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 356 (grifos do autor).

em consonância com algumas interpretações prévias, e em dissonância em relação a outras análises. Isso porque, como lembra Thompson, no campo das formas simbólicas toda interpretação também é uma “reinterpretação” de determinado campo, que, em muitos casos, pode ser motivo de disputa por hegemonia.

No caso da primeira obra analisada, *Emília no País da Gramática*, a existência de um contencioso importante relativo à ortografia na mesma década em que o livro foi publicado, pois o país vivia sua primeira experiência de reforma ortográfica, torna a Hermenêutica de Profundidade ainda mais adequada como metodologia, já que oferece diversos níveis de análise, que buscam compreender o papel de diferentes agentes influenciadores atuando no ambiente sociocultural no qual a obra foi concebida, produzida e onde teve circulação.

Sendo, portanto, um território “pré-interpretado”, foram buscadas outras interpretações anteriores sobre as duas obras, tanto por parte de seus leitores (infelizmente poucos leitores deixam testemunhos, mas há alguns relatos), quanto por críticos, estudiosos de sua obra, amigos e educadores. O que foi possível coletar de informações e interpretações acerca das duas obras encontrará, no momento certo, sua devida menção, na medida em que dialogar com os temas discutidos neste trabalho.

As três fases do enfoque da Hermenêutica de Profundidade em relação a uma forma simbólica são, portanto, análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação. A seguir, uma breve explicação de cada item da metodologia e suas implicações na análise das duas obras.

Sobre a análise sócio-histórica, Thompson argumenta acerca de sua necessidade:

Formas simbólicas não subsistem num vácuo, elas são produzidas, transmitidas e recebidas em condições sociais e históricas específicas. Mesmo obras de arte que parecem atemporais e universais, são caracterizadas por condições de produção, circulação e recepção definidas” (THOMPSON, p. 366).

O objetivo da análise sócio-histórica seria, portanto, reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção de formas simbólicas. Para isso, este autor sugere observar cinco vetores que influenciariam as formas simbólicas, em termos ambientais: as situações espaço-temporais; os campos de interação; as instituições sociais; a estrutura social; e os meios técnicos de construção de mensagens e de transmissão.

Relativamente às situações espaço-temporais, buscaremos analisar o contexto histórico e político dos anos 1930, com a revolução liberal trazendo novos atores para a

cena política, como a burguesia urbana e o proletariado formado pela industrialização florescente, especialmente em São Paulo, bem como o adensamento urbano trazendo mudanças comportamentais.

Também será traçado um breve panorama da situação educacional do país no início da era Vargas, em termos de acesso, permanência e estrutura. Sobre a reforma ortográfica da Língua Portuguesa, as idas e vindas na legislação e a disputa entre defensores da simplificação da língua, por meio da Ortografia Fonética, e os defensores da escrita em vigor, que tinha por base a Ortografia Etimológica serão devidamente contextualizadas na análise espaço-temporal.

A segunda categoria de análise do contexto sócio-histórico é o campo de interação, que Thompson entende dessa forma:

[...] um espaço de posições e um conjunto de trajetórias, que conjuntamente determinam algumas das relações entre pessoas e algumas das oportunidades acessíveis a elas (...) Na consecução de cursos de ação dentro de campos de interação, as pessoas empregam vários tipos e quantidades de recursos ou ‘capital’ disponível a elas, assim como uma variedade de regras, convenções e ‘esquemas’ flexíveis” (idem, p. 366-367).

Analisando o campo de interação no qual atuava o escritor, bastante vasto, buscaremos avaliar sua atuação como jornalista, polemista, lobista (inicialmente defendendo os valores e interesses dos produtores rurais e, depois, da indústria editorial e livreira), empresário nas áreas de petróleo e ferro, e autor literário de renome, mesmo antes de se consagrar na literatura infantil. Também sua iniciativa de apresentar o jovem Anísio Teixeira ao mais reconhecido gestor educacional ao tempo em que ambos viviam, Fernando de Azevedo, deve ser compreendida no âmbito dessa categoria de análise, já que Anísio seria um dos interlocutores do escritor em seu processo de escrita de *Emília no País da Gramática*.

Lobato foi um importante influenciador da opinião pública, com presença ativa na imprensa brasileira. O peso de seu posicionamento, se alinhando aos defensores da simplificação da escrita no embate que se travava na época de publicação de *Emília no País da Gramática*, também deve ser aquilatado na dimensão de sua esfera de influência; ou, usando a expressão de Thompson, do “capital” disponível pelo escritor naqueles anos 1930, nada desprezível.

O terceiro elemento de análise do contexto sócio-histórico são as instituições sociais. Aqui, uma que será importante de ser compreendida é a instituição escolar: como a escola, especialmente a pública, estava distribuída, qual seu alcance, o público que a

frequentava e, também, os fundamentos pedagógicos que a embasavam na década de 1930.

Em termos educacionais, o marco desta década pode ser considerado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, lançado em 1932, e este será um período de disputa por hegemonia na área educacional, que se prolongará pela década seguinte, entre educadores conservadores alinhados à Igreja Católica, e os defensores da escola pública, laica e gratuita, os chamados “pioneiros da educação” envolvidos na redação do manifesto..

Thompson também sugere observar, dentre as instituições sociais relevantes, a mídia, já que sua metodologia se insere no contexto da moderna sociedade de consumo e da informação. No livro citado, exemplifica com os casos da BBC (British Broadcasting Corporation) e a Corporação Rupert Murdoch, já que seu objeto de análise é a televisão. Para o presente caso, os atores relevantes nos anos 1930 são a imprensa, com destaque para o jornal *O Estado de S. Paulo*, do qual Lobato foi colaborador assíduo, e as editoras, especialmente a Companhia Editora Nacional, da qual foi sócio-fundador e acionista até 1931, permanecendo depois dessa data como um dos principais autores da casa. Em 1946 o escritor se tornaria sócio de outra editora que faria história no mercado de livros nacional, a Brasiliense. E quando foi necessário, atuou como defensor dos interesses da indústria livreira, como antes o fizera em seu campo de interesse e atuação, a produção agrícola, com seus artigos contra a prática das queimadas, “Velha praga” e “Urupês”, publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1914. Em relação a esse item da análise, cabe observar que em *Os Doze Trabalhos de Hércules* há diversas passagens com referências ao rádio e ao cinema produzido em Hollywood.

Para Thompson, as instituições sociais dão uma *forma particular* aos campos de interação, porque “estão situadas dentro de campos de interação, aos quais elas dão forma através da fixação de uma gama de posições e trajetórias; ao mesmo tempo, porém, elas criam campos de interação ao estabelecer novas posições e novas trajetórias” (idem, p. 367). Daí a importância de serem identificadas essas instituições e suas relações com a forma simbólica em estudo. No caso da indústria livreira, impulsionada em parte pela intensa atividade editorial de Lobato já nos anos 1920, ao mesmo tempo em que ela se situa dentro da instituição escolar, entre outras, ela molda a forma como a escola trabalha, ao interferir nos processos de ensino e aprendizagem por meio de livros didáticos e paradidáticos. Daí sua relevância como instituição social.

Nesse aspecto, é bom lembrar que desde o início dos anos 1920, com as compras governamentais de *Reinações de Narizinho* e, posteriormente, *Fábulas*, Monteiro Lobato tornara-se um autor lido e reconhecido por alunos e professores. Também na década de 1920 integrou, como proprietário da Monteiro Lobato & Cia., o grupo de editoras que fornecia livros didáticos para as escolas públicas do Estado de São Paulo, inclusive compêndios gramaticais. Sobre o papel ativo do escritor no mercado editorial, e como ele se integra ao seu projeto de escrita, João Luís Ceccantini afirma, ao analisar a trajetória do escritor que se fez empresário:

Talvez só seja possível compreender a contribuição de Lobato para o universo editorial brasileiro por meio do esforço contínuo em perceber a sobreposição dos papéis de *escritor* e *editor*, nessa mesma figura, em que se dá a ênfase de um ou de outro desses dois aspectos, mas ambos sempre em estreita relação de complementaridade [grifos do autor].³

Há uma distinção na metodologia entre instituições sociais e estrutura social que precisa ser destacada. O último conceito, para Thompson, se refere às assimetrias e diferenças “relativamente estáveis” que caracterizam as instituições sociais e os campos de interação. “Analisar a estrutura social é identificar as assimetrias, as diferenças e as divisões. É determinar que assimetrias são sistemática e relativamente estáveis – isto é, quais delas são manifestações não apenas de diferenças individuais, mas diferenças coletivas e duráveis em termos de distribuição e acesso a recursos, poder, oportunidades e possibilidades de realização” (idem, p. 367). O alcance relativamente pequeno da educação pública nas décadas em análise, anos 1930 e 1940, especialmente para a população com menor poder aquisitivo e longe dos centros urbanos, pode ser visto como exemplo de assimetria “relativamente estável”, bem como a escassa circulação e consumo de bens culturais neste mesmo período.

Por fim, a análise sócio-histórica se completa com a análise dos meios técnicos implicados na construção e transmissão das mensagens. Novamente, Thompson argumenta sobre a impossibilidade de os meios técnicos existirem isoladamente. Estão sempre inseridos em contextos sociais, históricos e culturais que, de certa forma, os determinam e condicionam. O uso dos meios técnicos supõe

certas habilidades, regras e recursos para codificar e decodificar mensagens, atributos que estão eles próprios desigualmente distribuídos entre as pessoas; e eles são, muitas vezes, desenvolvidos dentro de aparatos institucionais específicos, que podem estar

³ CECCANTINI, João Luis. “De raro poder fecundante: Lobato editor. In: LAJOLO, Marisa. CECCANTINI, João (orgs.). **Monteiro Lobato livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008, p. 83.

relacionados com a regulação, produção e circulação de formas simbólicas (idem, p. 368).

No caso de *Emília no País da Gramática*, como veremos, a parceria estabelecida com o ilustrador Belmonte, na edição de 1934 publicada pela Companhia Editora Nacional, e na de 1946, com André Le Blanc, se beneficiará do reconhecimento que o escritor demonstra ter do papel preponderante das imagens em um livro voltado para o público infantil. Com o primeiro ilustrador, experimentará inclusive algumas ousadias gráficas, além das costumeiras ousadias verbais, geralmente colocadas na boca da personagem Emília.

Em *Os Doze Trabalhos de Hércules*, concebido inicialmente como uma dúzia de volumes independentes, as ilustrações ficaram a cargo de J. U. Campos, genro do escritor. Menos ousado esteticamente que Belmonte, aqui a inovação é mais no formato de série proposto, compondo volumes independentes lançados no segundo semestre de 1944, e que dialoga com uma sociedade de consumo mais robusta, uma década após o lançamento de *Emília no País da Gramática*. Em 1947, a dúzia de livros será condensada em dois volumes da *Obra Completa de Monteiro Lobato*, publicada pela Editora Brasiliense, toda ilustrada por André Le Blanc. A exceção será, justamente, os dois vol.s de *Os Doze Trabalhos de Hércules*; nestes foram preservadas as ilustrações de J. U. Campos feitas para a edição da Companhia Editora Nacional, de 1944.

Para a segunda fase da Hermenêutica de Profundidade, a análise formal ou discursiva, a escolha recaiu sobre a análise da narrativa. Está será feita a partir de uma interpretação já clássica de histórias que, bebendo nas reflexões do psicólogo suíço Carl Gustav Jung sobre inconsciente coletivo e arquétipos, resultou no que se conhece como “Jornada do Herói”.

Trata-se de uma estrutura de narrativa presente, desde tempos imemoriais, nos mais diversos contextos e formas de criações artísticas, e cujas etapas foram identificadas por Joseph Campbell em *O herói de mil faces*, publicado em 1949; portanto, um ano após a morte de Lobato. O livro, desde então, vem sendo estudado com muita atenção por escritores, roteiristas e produtores, já que oferece, com as etapas da jornada, um roteiro de análise, ou de produção, que se adequa a uma grande gama de histórias contemporâneas, sejam publicadas, encenadas ou filmadas, que se articulam em torno de estruturas narrativas geralmente compostas por três atos.

A jornada pode ser assim resumida: no primeiro ato, o herói (ou seu grupo) vivem o mundo cotidiano até que acontece um “chamado à aventura”. Às vezes o chamado é recusado pelo protagonista, até que surja a interferência de um mentor (ou ajuda sobrenatural, na terminologia de Campbell), muitas vezes transmitindo informações ou poderes ao herói, que se coloca em marcha. A Travessia do Primeiro Limiar representa a entrada no mundo desconhecido, onde se encontra o alvo da aventura, o objetivo a ser alcançado, quer seja um adversário a ser enfrentado, um companheiro a ser resgatado ou uma situação nova que precisa ser compreendida e que alterou o mundo cotidiano. É a fase que Campbell chama de “barriga da baleia” e representa a entrada no segundo ato, onde acontecerão provas (testes, aliados, inimigos que surgirão) e onde o herói se deparará com guardiões, prepostos do antagonista e protetores da cidadela a ser conquistada, que podem eventualmente se tornar aliados ou testarem a determinação do herói. A Aproximação da Caverna Oculta representa a cercania do inimigo, o desafio a ser enfrentado. Este é o momento de crise, de enfrentamento e, conseqüentemente, o clímax da história, que levará ao terceiro ato, o encerramento. Vencido o antagonista/desafio, o herói ganha sua recompensa, que pode ser uma nova aprendizagem, um poder, o fim de um tirano, a derrota de um monstro ou uma aprendizagem. Transformado pela jornada, o herói faz seu caminho de regresso ao mundo comum fortalecido e revigorado pelo que conquistou.

Como afirma Christopher Vogler em *A jornada do escritor*, livro no qual analisa uma série de roteiros cinematográficos a partir da chave analítica proposta por Joseph Campbell, “a Jornada do Herói tem servido a narradores e seus ouvintes desde que as primeiras histórias foram contadas, e não mostra sinais de esgotamento”.⁴ Mesmo tendo escrito suas obras antes que esse tipo de estrutura narrativa fosse atentamente pesquisada, e ganhasse o nome de “monomito” e uma robusta interpretação a partir de inúmeras variantes da mesma história colhidas ao longo de décadas por Joseph Campbell, Lobato seguirá, nas duas obras, a mesma trajetória clássica. Se não em todas as suas etapas, pelo menos em seu desenho geral, assim explicado pelo autor de *O poder do mito* e *O herói de mil faces*:

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói

⁴ VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 43.

retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.⁵

Pelo fato de as personagens representarem funções dramáticas de certa forma estáveis nas duas obras em questão, como tentaremos demonstrar mais adiante, e porque ambas são, de fato, jornadas nas quais um grupo sai de um espaço conhecido, o Sítio do Picapau Amarelo, ingressa em territórios desconhecidos e retorna com aprendizagens colhidas durante a jornada, parece-nos adequada essa ferramenta de análise.

Quindim exerce na primeira obra o papel docente antes reservado à Dona Benta. Esta chega a assumir a função tradicional no início da narrativa, mas sua proposta pedagógica, mesmo entendida como melhor que a da escola, é classificada como uma “caceteação”: “Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira”, diz Pedrinho na abertura da história, antes de ouvir de Emília a sugestão de irem “passar” no país da gramática.⁶ Ou seja, melhor ainda do que aprender pelas palavras de Dona Benta, apresentada como um “passo além” das aulas na escola frequentada por Pedrinho fora de suas férias, seria fazer um passeio pelo País da Gramática. Ao longo da história outras personagens também assumirão, temporariamente, o papel de mentor ocupado primordialmente por Quindim; são elas a Dona Etimologia, o Verbo Ser e a Dona Sintaxe.

Por que justamente a avó, conhecedora da gramática e que se dispusera a ensinar o neto durante as férias no início do livro, foi retirada dessa formação? Segundo Thaís de Mattos Albieri, a ideia da boneca de visitarem o País da Gramática abre espaço para que se pense que “a aprendizagem proposta por Lobato nesse livro tem por base os preceitos de Anísio Teixeira”. No artigo “*A gramática da Emília: a língua do país de Lobato*”, a pesquisadora buscou traduzir a proposta lobatiana em termos educacionais:

A proposta pedagógica de Anísio Teixeira, conhecida como Escola Nova, concebia a escola como “um lugar onde os alunos fossem ativos” (Teixeira, 1932). Sendo assim, não bastava *ouvir falar* de gramática, mas era preciso também vivê-la, experimentá-la, propor questões sobre ela, investigá-la – enfim, conhecê-la, atrelando ao projeto pedagógico a noção de passeio, ou seja: não se trata de obter o conhecimento por obrigação, mas de forma ativa e por prazer.⁷

A postura de Quindim nesta obra, observa Thaís Albieri, será diferente da de Dona Benta, “pois ele não ensina, nem incentiva, como ela, a busca do conhecimento; ele ajuda

⁵ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Editora Pensamento, 1989, p. 26.

⁶ LOBATO, Monteiro. **Emília no País da Gramática**. São Paulo: Brasiliense, 1968, p. 3.

⁷ ALBIERI, Thaís. “A gramática da Emília: a língua do país de Lobato”. In: LAJOLO, Marisa. CECCANTINI, João (orgs.). **Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008, p. 262-3.

a construir este conhecimento, que é, inclusive, ‘gerenciado’ pelas crianças”, uma vez que são elas que escolhem o que querem aprender, elegendo seus próprios itinerários pelo país da gramática”, afirma a pesquisadora, enumerando várias passagens nas quais são as crianças que decidem os próximos passos pelo país.⁸

Pedrinho e Narizinho representam nessa estrutura escolar o aluno-padrão, com dúvidas pertinentes, bem plausíveis de serem expressadas em uma aula de gramática qualquer, e que ajudam o autor a levar adiante as diversas situações de aprendizagem. Apresentam sempre um comportamento adequado e atenção às normas e regras, que raramente questionam. Narizinho por vezes também terá a função de se impor aos desejos da boneca, sempre no sentido de adequá-la à norma.

Já Emília responde pelo aluno crítico, independente e participativo, por vezes até incômodo. É ela quem exercerá o papel de herói na narrativa. Dessa personagem sairão os principais questionamentos às normas, bem como as metáforas mais ousadas usadas pelo autor, sempre a favor da simplificação. Também é desta personagem que sairá o “chamado à aventura” – na estrutura narrativa mitológica da “Jornada do Herói” –, e de onde virão as principais ações de enfrentamento, como a luta contra os “carranças”, defensores da Ortografia Etimológica, ainda bastante ativos na década em que *Emília no País da Gramática* foi escrito.

Por fim, Visconde de Sabugosa cumprirá uma missão especial neste livro. Sem questionar os fundamentos da ortografia, muito menos se posicionar em relação aos embates gramaticais, o que seria esperado de um sábio, o sabugo estará estranhamente alheio às discussões nesse sentido; andarão meio “sonso” pelo país da gramática, “armando alguma” nas palavras de Emília⁹. Visconde exercerá nessa narrativa um papel desestabilizador. Como aquele aluno aplicadíssimo e já bem versado no tema em questão, circulará com desenvoltura no cenário criado pelo escritor, ora se perdendo no Bairro das Obscenidades, ora sendo visto de conversa com algumas velharias, até que desaparecerá da vista do resto do grupo. O sabugo estará ocupado com uma “pequena-grande” obsessão do autor: o esdrúxulo ditongo “ão”, inexistente em outros idiomas, e que para Lobato soava como um incômodo latido. Ou seja, Visconde nesta obra atua como porta-voz do autor, mesmo que tal batalha estivesse perdida de antemão. Sua atuação nesta obra o

⁸ ALBIERI, Thais. “A gramática da Emília: a língua do país de Lobato”. In: LAJOLO, Marisa. CECCANTINI, João (orgs.). **Monteiro Lobato livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008, p. 264.

⁹ LOBATO, Monteiro. **Emília no País da Gramática**. São Paulo: Brasiliense, 1968, p. 102.

encaixa no arquétipo do pícaro, um papel com funções desestabilizadoras na mitologia criada por Campbell. De resto, o sábio sabugo garantirá o pouco suspense do livro, ainda bastante carregado de intencionalidade didática se comparado a produções posteriores. Escalado para uma missão impossível, Visconde será a surpresa narrativa em *Emília no País da Gramática*.

Se a Jornada do Herói nos parece um instrumento de análise adequado para o primeiro livro de Lobato, para o segundo tal percepção se fortalece, tanto pela natureza do tema, a mitologia grega, quanto porque também se trata de uma jornada – mesmo que dividida em doze aventuras. Nesta narrativa, o papel de herói será mais coletivo. Pois se o personagem principal é ele próprio um herói já reconhecido, estará sob influência crescente de Emília, a sua “dadeira de ideias”, que a cada trabalho assumirá novas funções de mentora intelectual das ações. Pedrinho, trazendo seus conhecimentos de garoto de sítio para algumas tarefas e desafios, e até Visconde sendo empurrado ao heroísmo, literalmente como se verá, também atuam como heróis no sentido definido por Campbell, e sintetizado dessa forma por Christopher Vogler:

O propósito dramático do herói é dar à plateia uma janela para a história. Cada pessoa que ouve uma história ou assiste a uma peça ou filme é convidada, nos estágios iniciais da história, a se identificar com o Herói, a se fundir com ele e ver o mundo por meio dos olhos dele. Para conseguir isso, os narradores dão a seus heróis uma combinação de qualidades que é uma mistura de características universais e únicas” (VOGLER, p. 76-77).

Além de propiciar essa identificação inicial com seus leitores ou espectadores, o herói tem a função de agir e levar a trama adiante. E geralmente crescerá como personagem, aprendendo, durante a sua trajetória. Tal evolução no arco da personagem ao longo da trajetória será bastante evidente em *Os Doze Trabalhos de Hércules*, com a progressiva confirmação, para o herói brutamontes da Grécia Antiga, do valor da educação.

Porém, há uma diferença significativa no arranjo de personagens entre os dois livros: na aventura pela Grécia, a turma do Sítio, em formato reduzido porque Narizinho ficará de fora, estará sem nenhum professor. Decerto há personagens exercendo esporadicamente a função de mentor, como Visconde ou Minervino, o enviado da deusa Palas Atena, mas na maior parte das situações é como se as crianças estivessem ganhando, a cada trabalho vencido, mais autonomia nesta que será a última obra infantil de Lobato.

TEMAS DE ANÁLISE

Compreendido que as diversas instâncias, ou camadas, que compõem a Análise Formal ou Discursiva proposta pela Hermenêutica de Profundidade, não são excludentes, sendo muitas vezes simultâneas, o objetivo é que a análise da narrativa se dê em torno de dois temas que, somados, poderão revelar um quadro coerente do pensamento educacional de Monteiro Lobato, na medida do que se possa cobrar coerência na complexidade das trajetórias humanas, ainda mais de alguém com facetas muitas vezes contraditórias, como foi o escritor.

Serão estes os dois temas educacionais pesquisados nas duas obras:

1. A relação professor-aluno, ou de ensino-aprendizagem.
2. A visão geral de Monteiro Lobato sobre língua, linguagem e gramática.

Em relação ao Tema 1, entende-se que observar como se dá a relação professor-aluno nesses dois “trabalhos de campo” da turma do Sítio do Picapau Amarelo é uma forma de inferir o que Lobato entendia como desejável em termos pedagógicos.

Sendo o Sítio visto como uma “enturmação”, tomando emprestada a expressão de João Carlos Marinho¹⁰, que emularia o formato de uma sala de aula, o fato de nesta obra a função docente principal sair da “professora” Dona Benta para o rinoceronte Quindim, como se verá, não foi uma escolha aleatória. De certa forma, neste projeto o escritor saiu “armado” contra os defensores da Ortografia Etimológica. E para tal empreitada, em vez de uma pacata, culta e diplomática senhora mandou a campo um paquiderme que, por ter devorado a *Gramática Histórica* de Eduardo Carlos Pereira, tornara-se um “eminente gramático”.

As categorias de análise para o Tema 1, a relação de ensino-aprendizagem que a obra sugere, estão representadas pelas próprias personagens. Será da relação entre as crianças, em suas funções arquetípicas que se manterão estáveis ao longo da história, tanto com os objetos de conhecimento que se apresentam no País da Gramática quanto com seus mediadores no mundo da Grécia Antiga, que serão extraídas eventuais pistas sobre a natureza da relação professor-aluno nestas obras pelo escritor.

Em relação ao Tema 2, que busca entender a visão de Monteiro Lobato sobre a língua, a linguagem e a gramática, o que se pretende buscar a partir da análise da narrativa

¹⁰ MARINHO, João Carlos. “Conversando de Lobato”. In: DANTAS, Paulo (org.). **Vozes do tempo de Lobato**. São Paulo, Traço, 1982, p. 190.

e de seu conteúdo, textual e gráfico, são dois pressupostos conceituais com os quais este autor parece trabalhar:

1. A visão da língua como um conjunto cultural coletivo, vivo, em constante mutação e que é propriedade de um povo ou cultura.

2. A tendência à simplificação, vista aqui como uma evolução orgânica processada ao longo do tempo pelos falantes de uma língua, sempre agindo no sentido de torná-la mais prática. Nesta obra, os processos de condensação linguística que levaram o pronome “Vossa Mercê” a se transformar em “você” são exemplificados a partir da lógica do caminho mais simples. A crítica aos acentos e aspas para palavras estrangeiras também reforçaram essa linha de pensamento do autor.

Vale acrescentar que a simplificação didática, buscada intensamente em *Emília no País da Gramática* por meio de figuras de linguagem e de comparações com situações da vida cotidiana, é uma característica central do projeto literário-pedagógico lobatiano, com vertentes em diversas áreas do conhecimento, ou disciplinas escolares: na Geografia (*Geografia de Dona Benta*), na História (*História do Mundo para Crianças*), nas Ciências (*História das Invenções*, *O poço do Visconde*, *Serões de Dona Benta*), na Matemática (*Aritmética da Emília*), além da própria literatura, tanto em adaptações (*Robinson Crusóé*, *Hans Staden*), quanto no formato de “obras comentadas” (*D. Quixote para crianças*, *Fábulas*). Sobre esta última obra, Cristina Perrone evidenciou, a partir de uma pesquisa bem detalhada, o processo de simplificação da linguagem e das tramas que o escritor realizou a partir dos textos originais de Andersen, Perrault, Esopo e dos Irmãos Grimm.¹¹

Como categorias de análise relacionadas ao tema da visão de Monteiro Lobato sobre a dinâmica da língua, da linguagem e da gramática nas obras pesquisadas, serão buscados os seguintes índices: elementos de coloquialidade e a presença de neologismos; processos de comparação e uso de metáforas, com o intuito de simplificar o entendimento; situações de crítica à “nomenclatura rebarbativa”¹² usada pelos gramáticos; o próprio projeto gráfico, embasado na ideia de antropomorfização das palavras; e o contexto da reforma ortográfica dos anos 1930, representando o cenário de embate e busca de hegemonia sobre o qual esta obra atuaria, no sentido de favorecer a ortografia fonética em detrimento da ortografia etimológica.

¹¹ PERRONE, Cristina Aquati. *Do mito à fábula: releituras de Lobato*. Tese de mestrado, FFLCH-USP, 2002.

¹² LOBATO, Monteiro. **Emília no país da gramática**. São Paulo: Brasiliense, 1962, p. 9.

CAPÍTULO 1: O PAÍS DA GRAMÁTICA DE LOBATO

Contexto sócio-histórico

No início da década de 1930, o projeto literário-pedagógico de Monteiro Lobato se encontrava em plena expansão. Delineado a partir de meados da década anterior, com a publicação de *Narizinho Arrebitado*, em 1920 e 1921, na versão escolar, que seria comprada pelo governo estadual paulista em grande volume, *O saci* (1921) e *Fábulas* (1922), este igualmente adotado como livro paradidático pela Diretoria da Instrução Pública de S. Paulo, o projeto do escritor de se dedicar ao público infantil só seria consolidado como tal por volta de 1927, no entendimento de Nelly Novaes Coelho.

Para esta autora, ao escrever os primeiros livros infantis Lobato ainda não teria um plano definido para o universo de personagens que criara e ambientara no idílico e matriarcal Sítio do Picapau Amarelo, cenário povoado de referências à infância passada na chácara e na fazenda do avô. Em 1926, contudo, o escritor já teria percebido o alcance das experiências isoladas anteriores, e escreve seis novos livros para o público infantil, e que serão reunidos na versão ampliada de *Reinações de Narizinho*, publicada em 1927, pouco antes de partir para os Estados Unidos como adido comercial do governo de Washington Luís. “Ao retornar, virá com um projeto definido”, conclui a pesquisadora.¹³

Conforme constataria seu principal biógrafo, Edgardd Cavalheiro, quando a tiragem de 30 mil exemplares de *Narizinho Arrebitado* foi adquirida pela Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo, os negócios editoriais do escritor estavam indo muito bem. O investimento governamental coincidiu com o lançamento do livro de crônicas e artigos *Mundo da Lua*, uma antologia de temas visitados pela vertente de intelectual polemista de imprensa que Lobato seguia mantendo paralelamente à recém-inaugurada carreira de escritor infantil. Segundo o autor de *Monteiro Lobato: Vida e Obra*, em 1923, ao lançar *Mundo da Lua*, o escritor se julgava “literariamente aposentado”. E acrescenta: “Curioso é que tal façanha [a tiragem de 50 mil exemplares, dos quais cerca de 30 mil foram comprados pelo poder público] entusiasma mais ao

¹³ COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. São Paulo. Quíron, 1983, p. 725.

editor do que ao autor. Este ainda não se deu conta do filão riquíssimo e inesgotável que tem pela frente. Mas o editor delira. Cinquenta mil exemplares!”¹⁴

Para o escritor João Carlos Marinho, autor do *best seller* juvenil *O gênio do crime*, “a tomada de consciência, esta decisão de dizer-se ‘eu sou um escritor infantil’”, teria sido resultado de uma “longa e alternativa batalha contra o preconceito, antes aceito pelo próprio autor, de que a literatura infantil é uma arte menor e não é o lugar para os grandes talentos”.¹⁵

No mesmo artigo, Marinho propõe uma classificação da obra lobatiana em três fases, destacando que dos 32 títulos, nove são traduções e adaptações e 23 constituem a saga do Picapau Amarelo.

O primeiro grupo reúne histórias livres ou “bem acasaladas com propósitos didáticos”, sendo composto de dez livros: *Reinações de Narizinho*, *O saci*, *Caçadas de Pedrinho*, *Viagem ao Céu*, *O Minotauro*, *Os Doze Trabalhos de Hércules*, *A Reforma da Natureza*, *A Chave do Tamanho*, *Memórias da Emília* e *Sítio do Picapau Amarelo*.

No segundo grupo, formado por sete obras, há o predomínio da “intenção didática e não há literatura”, segundo este autor. Integram esta categoria: *O Poço do Visconde*, *Emília no País da Gramática*, *Aritmética da Emília*, *Geografia de Dona Benta*, *História das Invenções*, *História do Mundo para Crianças* e *Serões de Dona Benta*.

Por fim, um terceiro agrupamento, formado por seis livros, seriam as histórias de “fora do sítio”, nas quais geralmente “Dona Benta é o narrador e os demais são ouvintes e palpiteiros”. São eles: *Histórias diversas*, *Fábulas*, *Dom Quixote para Crianças*, *Hans Staden*, *Peter Pan* e *Histórias da Tia Nastácia*.¹⁶

Marinho não considera uniforme a saga do Picapau Amarelo. Para ele, os “livros geniais são os da primeira categoria, e não são poucos, são dez títulos, sendo que *Os Doze Trabalhos de Hércules* é um livro longo, dando dois volumes grossos”.

Em relação à categoria paradidática, observa Marinho que “os livros anunciam com sinceridade o seu propósito instrutivo e já não se trata de saber se o autor está escamoteando ou não e sim se ele está ensinando bem ou não, usando a forma dialogada, com os personagens do sítio ou a ação da *Emília no País da Gramática*”. Para ele, são

¹⁴ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: vida e obra. 3.ed. São Paulo: Brasiliense. 1962, 1º vol, p. 263.

¹⁵ MARINHO, J. C. “Conversando de Lobato” – in: **Vozes do tempo de Lobato**. DANTAS, Paulo (org.). São Paulo: Traço, 1982, p. 182.

¹⁶ Idem, p. 191-192.

obras “declaradamente fora da literatura, são compêndios escolares com pretensões de originalidade”, concluindo: “Acho que não era o forte de Lobato, este de professor, nem método original consegue ter”.¹⁷

Já a divisão da obra lobatiana proposta por outro estudioso deste autor, José Roberto Whitaker Penteado, segue um critério cronológico, não literário. Assim, em *Os filhos de Lobato: O imaginário infantil na ideologia do adulto* este autor define uma primeira fase, que vai de 1921 até 1927, na qual “Lobato escreve livros para crianças sem compromisso muito maior do que entretê-las, e tentando ‘educá-las’ sobre temas simples de interrelação social”.

Na segunda fase, que teria início em 1931 com o retorno ao Brasil, o escritor organiza a obra anterior e dá sequência “agora produzindo, além da continuação do relato fantástico, uma série de livros de conteúdo didático, alguns traduzidos de obras que certamente conheceu e adquiriu durante sua estada em Nova Iorque.” Tal fase, que inclui *Emília no País da Gramática*, se estenderia até 1937, sendo encerrada com *Histórias de Tia Nastácia* e *Serões de Dona Benta*.

Por fim, a terceira fase seria aquela na qual Lobato “retorna exclusivamente para a fantasia e produz o que pode ser considerada como a série de obras de sua maturidade, como autor infantil e artista. São elas: *O Pica-pau Amarelo*, *O Minotauro*, *A Reforma da Natureza*, *A Chave do Tamanho* e *Os Doze Trabalhos de Hércules*.”¹⁸

Assim, as duas classificações situam *Emília no País da Gramática* como obra de caráter acentuadamente didático. Os estudiosos também coincidem ao apontar que *Os Doze Trabalhos de Hércules* integraria aquele conjunto de obras que pode ser considerado o maior legado literário do escritor.

Situações espaço-temporais

Emília no País da Gramática surge em um contexto de mudanças, não apenas na política nacional, com o triunfo da Revolução de 1930, o início da era Vargas, o adensamento urbano acontecendo paralelamente ao processo de industrialização, mas também na ortografia da língua portuguesa, um tema especialmente sensível para uma

¹⁷ MARINHO, J. C. “Conversando de Lobato” – in: **Vozes do tempo de Lobato**. DANTAS, Paulo (org.). São Paulo: Traço Editora, 1982, p. 192.

¹⁸ PENTEADO, J. R. W. **Os filhos de Lobato: imaginário infantil na ideologia do adulto**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Editora, 1997, p. 273.

obra que nascia com o propósito de ser uma gramática complementar aos tradicionais livros escolares.

O primeiro Acordo Ortográfico Luso-brasileiro, fruto de diversas reuniões entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras que vinham acontecendo desde o início do século XX, seria assinado em 1931, dois anos antes que o escritor se aventurasse nesse território, onde se enfrentavam dois grupos: os defensores da Gramática Etimológica e os da Gramática Fonética. Para os linguistas alinhados à ortografia etimológica, a reforma ortográfica proposta em 1931 cortava o elo entre os praticantes da língua portuguesa e os escritos deixados pelos seus antepassados. Por isso, defendiam que fossem mantidos na grafia os sinais da evolução etimológica da língua. Já seus opositores defendiam uma reforma de cunho fonético, que fosse mais compatível com o uso social da língua, tornando dessa forma a língua escrita mais acessível à população. Como veremos adiante, Lobato se alinhará a estes contra aqueles.

A necessidade de uma reforma ortográfica foi lançada para debate público em 1901, quando o escritor Medeiros e Albuquerque, autor da letra do Hino à República (e cujo 14º livro, *Fim*, de 1921, seria publicado pelo então editor neófito Monteiro Lobato), propôs que a Academia Brasileira de Letras (ABL) seguisse as orientações da reforma fonética em curso em Portugal, tal como proposta pelo filólogo Gonçalves Viana – e que seria adotada por este país, unilateralmente, em 1915, por ocasião da instalação do regime republicano.

Em 1907, ainda na gestão inicial do escritor e fundador da instituição, Machado de Assis, a ABL começou a usar a ortografia simplificada proposta por Gonçalves Viana, uma autoridade reconhecida neste tema: o estudioso conhecia dezenas de línguas, inclusive o tupi. Mas, como não havia nenhum posicionamento oficial, a adoção foi parcial. As consoantes duplas, por exemplo, se mantiveram, já que não havia consenso sobre o tema. Em 1915, durante a gestão de Ruy Barbosa como presidente da ABL, aconteceria a adoção integral da reforma nos moldes da feita em Portugal naquele mesmo ano.

Porém, em 1919 houve um passo atrás neste processo de convergência entre a língua falada e a língua escrita nos dois países. E, novamente, por iniciativa de um poeta autor de hino pátrio, desta vez o parnasiano Osório Duque-Estrada, que compôs a letra do Hino Nacional Brasileiro. Exercendo seu prestígio junto aos acadêmicos, o escritor conseguiu reverter a tendência de adoção da ortografia fonética em lugar da etimológica.

Cinco anos mais tarde, em 1924, a ABL voltaria às tratativas com sua equivalente portuguesa, a Academia de Ciências de Lisboa, no sentido de os dois países adotarem a mesma ortografia.

No dia 30 de abril 1931 foi assinado um acordo entre as duas academias que praticamente aceitava a reforma ortográfica proposta por Gonçalves Viana. O acordo, no entanto, mantinha diversos aspectos pouco esclarecidos e condicionava a adesão a uma futura observância da Academia de Ciências de Lisboa em relação às modificações propostas pela ABL. Além disso, encontrava resistência por parte de setores da intelectualidade conservadora, partidários de se manter uma ortografia de cunho etimológico e identificados no livro como os “carranços” (expressão, hoje em desuso, que indica pessoa apegada ao passado).

Como o acordo de 1931 tornava apenas opcional a nova ortografia, já que o texto dizia que estava “admitida”, sendo obrigatória apenas nas petições à administração pública, em 2 de agosto de 1933 (portanto em período concomitante ao processo de escrita *de Emília no País da Gramática*, a se depreender pela correspondência trocada com Anísio Teixeira em novembro daquele ano), Getúlio Vargas assinaria um decreto, de nº 23.028, que tornava obrigatório o uso da nova ortografia, com o propósito de uniformizar definitivamente a escrita do idioma nacional. Dessa vez o texto governamental explicitava os ambientes nos quais a nova ortografia se tornaria de uso compulsório: no expediente e publicações dos órgãos do Poder Público, nas universidades, nos colégios ou ginásios, nas escolas primárias e demais estabelecimentos de ensino, públicos ou fiscalizados.

O decreto também estipulava a obrigatoriedade da nova ortografia nos requerimentos e documentos submetidos à administração pública e em publicações de “empresas, companhias ou sociedades que gozem de favor oficial”. Por fim, estabelecia a data de 1º de janeiro de 1935 como início da proibição, nos estabelecimentos de ensino, de livros didáticos escritos na ortografia mista, que se tornava, a partir daquele ato executivo, em desuso oficial. É este decreto que será usado por Emília, como um martelo, na sua investida contra o reduto etimológico, no clímax dos acontecimentos da trama de *Emília do País da Gramática*.

Evidenciando-se que a ortografia ainda era uma área em disputa nessa década, a Assembleia Nacional Constituinte convocada para redigir a Constituição de 1934 revogaria o decreto, criando-se, assim, por um breve período de tempo, a existência de duas ortografias no país, a mista (de origem etimológica) e a simplificada. A questão só

seria resolvida em 1937, com a Constituição seguinte, outorgada pelo agora ditador Getúlio Vargas na vigência do Estado Novo. A pedido de Gustavo Capanema, ministro da Educação, foi editado o Decreto-lei nº 292 de 23 de fevereiro de 1938, finalmente fechando questão em favor da ortografia simplificada.

A reforma ortográfica da Língua Portuguesa, que se iniciou de forma acadêmica no início do século passado e por vezes ganhou contornos políticos, também tinha implicações práticas na vida de milhões de estudantes, professores e dos falantes do português; e, vale destacar devido ao papel de Lobato junto à indústria livreira, nas planilhas dos confusos editores às voltas, na década de 1930, com duas ortografias em beligerância. Como autor reconhecido, Lobato agiu de certa forma como lobista da área editorial junto às autoridades, escrevendo para três presidentes (Washington Luís, Artur Bernardes e Getúlio Vargas, além de seu ministro plenipotenciário do Estado Novo, Francisco Campos) defendendo argumentos favoráveis à indústria de livros nacional. Tanto que em 1948 suas vinculações com o setor editorial foram institucionalmente referendadas, como informa Alice Koshiyama, quando o I Congresso Brasileiro de Editores e Livreiros do Brasil “reconheceu o trabalho de Monteiro Lobato enquanto empresário editorial, escritor e defensor das atividades livreiras para a economia de mercado”.¹⁹ E para esse setor da economia, a questão da reforma ortográfica era de vital importância.

Análise dos campos de interação

Até a primeira década do século passado a educação no Brasil encontra-se dispersa e descentralizada. Ainda a duas décadas da criação de um ministério encarregado especificamente da instrução pública, o que só acontecerá em novembro de 1930, com a criação por Getúlio Vargas do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, os assuntos (ou negócios) da educação estavam a cargo de uma diretoria sob a égide do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

Os primeiros grupos escolares, que “agrupariam” as escolas chamadas de Primeiras Letras, que eram classes multisseriadas geralmente regidas por um único professor, surgiram a partir da Reforma Geral da Instrução Pública de 1892, em São Paulo

¹⁹ KOSHIYAMA, A. **Monteiro Lobato**: intelectual, empresário, editor. São Paulo: Edusp, 1982, p. 112. Esta obra analisa em profundidade o papel do escritor em defesa dos interesses da indústria editorial e livreira.

neste ano e no Rio de Janeiro em 1893. Mas seria na primeira década do século XX que a experiência paulista e carioca de formação dos grupos escolares se irradiaria para outros estados. Em 1910, São Paulo contava com 101 grupos escolares, sendo 24 na capital e 77 no interior.²⁰

O movimento de criação dos grupos escolares ganharia força nos estados, até pelo sentido de racionalização de custos e perspectiva de agrupamento dos alunos por séries. Assim, no Paraná os primeiros grupos escolares surgiram em 1903, em Curitiba, “tendo por modelo a estrutura de grupo escolar do Estado de São Paulo”.²¹ Em Minas Gerais os primeiros grupos escolares datam de 1906, segundo informa Dermeval Saviani em sua *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. No Rio Grande do Norte eles foram criados em 1908, em Santa Catarina em 1911, e na Bahia em 1908 – mas “neste estado somente na reforma de 1925, dirigida por Anísio Teixeira, que serão introduzidas na organização do ensino primário as ‘escolas reunidas’. Os grupos escolares propriamente ditos se disseminarão na Bahia a partir da década de 1930”.²²

Avaliando o significado pedagógico da implantação dos grupos escolares na educação brasileira na primeira década do século passado, Dermeval afirma:

Por um lado, a graduação do ensino levava a uma mais eficiente divisão do trabalho escolar ao formar classes com alunos de mesmo nível de aprendizagem. E essa homogeneização do ensino possibilitava um melhor rendimento escolar. Mas, por outro lado, essa forma de organização conduzia, também, a mais refinados mecanismos de seleção, com altos padrões de exigência escolar. [...] No fundo, era uma escola mais eficiente para o objetivo de seleção e formação das elites. A questão da educação das massas populares ainda não se colocava”.²³

A reforma educacional conduzida por Sampaio Dória em 1920, quando o então presidente do estado, e futuro presidente Washington Luís, instaurou o princípio republicano de que “dar instrução a alguns e não dar a todos é profundamente injusto”²⁴, estabelecendo a instrução gratuita e obrigatória de dois anos, seria um tímido começo. Outras reformas de ensino seguiriam a mesma trilha de ampliação da rede de escolas, investimento público na formação dos professores com a criação de Institutos de

²⁰ SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1920)*. São Paulo: Editora da Unesp, 1998, p. 150.

²¹ OLIVEIRA, Maria Cecília M. “O grupo escolar dezenove de dezembro: história e organização”. In: *Congresso Brasileiro de História da Educação: Educação no Brasil – História e Historiografia*, 1. 2000. Rio de Janeiro, Anais..., UFRJ; Fórum de Ciência e Cultura, p. 1-2.

²² ROCHA & BARROS, 2006, p. 191, *apud*: SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores associados, 2007. p. 175.

²³ *Idem*, p. 175.

²⁴ NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1974, p. 208.

Educação e de escolas-modelo para aplicação pedagógica e uma reforma curricular na qual o estudante ganhava certa proeminência.

Dentre essas reformas, para efeito deste trabalho, vale destacar aquelas que contaram com a liderança de pessoas ligadas ao escritor Monteiro Lobato, que em 1920 publicara sua primeira obra voltada ao público infantil, *A menina do narizinho arrebitado*, uma edição capa-dura com desenhos de Voltolino. Estabelecer esses elos entre o proprietário de uma dinâmica editora, e naquela altura escritor iniciante, e educadores ligados ao movimento da Escola Nova, cujas ideias nessa década começavam a ganhar circulação internacional, servirão para evidenciar o papel destacado exercido por Monteiro Lobato como intelectual, produtor cultural e empresário ligado ao mercado editorial.

São estas as reformas educacionais que ocorreram na década de 1920 e que foram lideradas por pessoas do relacionamento do escritor: a do Ceará, que aconteceu em 1922 e foi realizada por Lourenço Filho, que, em seus tempos de estudante da Faculdade de Direito do Largo de S. Francisco, fora co-diretor da *Revista do Brasil*, dividindo a função com seu proprietário, Monteiro Lobato; a da Bahia, em 1925, sob a direção do jovem Anísio Teixeira, ainda antes de conhecer o escritor, o que só aconteceria por ocasião de seus estudos no Teacher's College da Columbia University, em Nova York; a de Minas Gerais, realizada em 1927 por Mário Casasanta e Francisco Campos – este destinatário, anos depois, de uma curiosa carta do escritor na qual este defende, entre outras coisas, o fim dos acentos na língua portuguesa); e, por fim, a reforma na instrução do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, realizada em 1928 por Fernando de Azevedo, outro amigo do escritor.

Os grupos escolares buscavam estar “mais em sintonia com os apelos da nova sociedade moderna, constituída a partir dos preceitos do trabalho produtivo e eficiente”, conforme avalia Diana Gonçalves Vidal. No artigo “Escola Nova e processo educativo” ela explica como essa mudança impactaria o cotidiano escolar:

O trabalho individual e eficiente tornava-se a base da construção do conhecimento infantil. Devia a escola, assim, oferecer situações em que o aluno, a partir da visão (observação), mas também da ação (experimentação), pudesse elaborar seu próprio saber. Aprofundava-se aqui a viragem iniciada pelo ensino intuitivo no fim do século XIX, na organização das práticas escolares. Deslocado do “ouvir” para o “ver”, agora o ensino associava “ver” a “fazer”.²⁵

²⁵ VIDAL, Diana. “Escola Nova e processo educativo”. In: **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 498.

Com a aprendizagem do aluno assumindo o lugar proeminente antes dedicado ao ensino e aos saberes do mestre, a própria prática da leitura ganharia um significado distinto, mais condizente com o processo de urbanização que o país vivia e a expansão das indústrias e do comércio urbano, que traziam novas demandas e usos sociais para a leitura. Se antes a leitura valorizada pelo mestre-escola era aquela oral, sustentada em alto e bom som e fazendo-se uso de técnicas oratórias, os novos tempos imporão nas salas de aula, agora agrupadas e de certa forma homogeneizadas, o predomínio crescente da leitura silenciosa.

Citando a experiência feita em 1933 por Juracy Silveira, então diretora do Colégio Licínio, no Rio de Janeiro, que recomendava às professoras abolirem “a leitura (oral) fragmentada feita diariamente por todos os alunos”, trocando-a pelo “hábito da leitura silenciosa”, Diana Vidal salienta o surgimento de uma nova demanda que, como veremos, será bem aproveitada pelo escritor:

Caberia à escola oferecer os meios para o alargamento do universo de leitura do aluno. Deveria enfatizar o recurso à leitura em silêncio, ao mesmo tempo em que teria de disponibilizar maior quantidade de livros ao público escolar, garantir sua qualidade e abolir a orientação do livro único.²⁶

De fato, depois de lançar no início de 1921 *Fábulas de Narizinho* por sua própria editora, a Monteiro Lobato & Cia. (no caso, o “Cia.” representava a entrada na sociedade de Octalles Marcondes Ferreira, futuro cofundador, com Lobato, da Companhia Editora Nacional), o escritor arriscaria um passo ousado, até para os dias de hoje: imprimiria uma tiragem de 50.500 exemplares de *A menina do narizinho arrebitado*, agora com 180 páginas, todo ilustrado e com novas histórias. Era a aposta do escritor em se tornar um autor presente nas escolas.

Com seu aguçado espírito de empreendedor, cuidou de distribuir gratuitamente 500 exemplares para os grupos escolares. E outros para seu amigo Alarico Silveira, uma espécie de braço-direito do então Presidente do Estado de S. Paulo, Washington Luís. Alarico, talvez não por coincidência, acompanhava o político na visita que este fez a um desses grupos escolares. Segundo relata Edgard Cavalheiro, ao se deparar com aquele livrinho já gasto de tanto ser lido pelas crianças, o governante mandou que comprassem em quantidade suficiente para mandá-lo a todas as escolas do estado.

O projeto literário-pedagógico lobatiano se torna claro na carta a Godofredo Rangel, de fevereiro de 1921, na qual comenta o envio do *Narizinho* escolar. “Quero tua

²⁶ Idem, p. 506 (grifo nosso).

impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças”²⁷, comentaria ao amigo epistolar e professor, função que acumulava com a de juiz de Direito.

No ano seguinte, 1922, um novo triunfo do autor-editor nas escolas: seu livro *Fábulas*, trazendo uma criativa releitura das fábulas de Esopo e La Fontaine comentadas pelas personagens do Sítio do Picapau Amarelo, seria aprovado pela Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo para uso didático. Sua intenção explícita, de novo, como contará ao amigo Godofredo Rangel, era estar presente nas escolas:

Tive a ideia deste livro para fins comerciais – fazê-lo adotar nas escolas onde em matéria de fábulas coisa nenhuma possuímos. [...] Tomei de La Fontaine o enredo e quanto ao urdimento andei ao sabor do meu capricho, crente como estou que é este o melhor dos métodos. Parecem-me boas e adequadas aos fins.²⁸

No final do volume, faz um breve comentário sobre o uso educativo de suas fábulas adaptadas ao contexto do Sítio do Picapau Amarelo. A mensagem parece se dirigir mais aos pais e professores do que ao seu público infantil:

As fábulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infância. Por intermédio delas a moral, que não é outra coisa mais que a própria sabedoria da vida acumulada na consciência da humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação. Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animais, às árvores, às águas e tece com esses elementos pequeninos tragédias donde ressurte a “moralidade”, isto é, a lição da vida. O maravilhoso é o açúcar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão.²⁹

Essa segunda, e bem sucedida, incursão como autor paradidático não foi de modo algum improvisada. De fato, em 1916, ainda inédito como autor de ficção e vivendo como fazendeiro, Lobato comenta com o amigo missivista Rangel seus planos de “vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças”. E revela que teve a ideia ao observar sua esposa, Purezinha, contando fábulas para seus filhos. Em tom de galhofa, promete tentar algo com os bichos daqui em vez dos exóticos: “Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com ideia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação dos meus filhos.”³⁰

Depois de emplacar os volumes de *Narizinho arrebitado*, na versão escolar, e de *Fábulas*, o escritor e editor parece ter percebido a riqueza desse filão para seu próprio

²⁷ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1946, vol. 1, p. 228.

²⁸ Carta a Godofredo Rangel, original. Arquivo Raul de Andrada e Silva, IEB/USP.

²⁹ LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1922, 1ª edição, p. 171.

³⁰ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1946, vol. 1, p. 104.

negócio, já que a editora agora estava ampliada, abrangendo também os serviços de impressão. Para conseguir recursos e importar os equipamentos modernos para a gráfica, abrirá o capital da Monteiro Lobato & Cia., atraindo 60 novos sócios, entre os quais Alceu de Amoroso Lima – que se tornaria, na década seguinte, o nome mais destacado da reação católica conservadora ao movimento dos Pioneiros da Educação, de 1932.

Por enquanto, em 1924, a Companhia Gráfico Editora Monteiro Lobato está ganhando corpo e influência, publicando obras de escritores vinculados ao movimento modernista, como Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia (mas se recusando a publicar *Pauliceia desvairada*, de Mario de Andrade), além de Lima Barreto e Valdomiro Silveira, e intelectuais de viés mais conservador, como Oliveira Viana e Amadeu Amaral. E, evidentemente, explorando o recém-aberto mercado dos livros para as escolas, conforme pode-se depreender da carta de 3 de janeiro de 1924 a Godofredo Rangel, na qual se desculpa com o amigo por não ter ainda lançado *Andorinhas*: “Teu livro está impresso e dobrado. Se demora, é porque a proximidade da abertura das aulas põe a mercadoria didática à frente de tudo mais. Só cuidamos agora de cartilhas, gramáticas, aritméticas – todos os instrumentos de torturar as crianças.” E ao amigo, aconselha investir nas traduções, em vez de insistir em escrever ficção: “Vol. nota de teu plano de traduções. Estamos rareando as edições literárias, para intensificação das escolares. O bom negócio é o didático. Todos os editores começam com a literatura geral e por fim se fecham na didática: veja o [editor Francisco] Alves”.³¹

A experiência como companhia gráfica e editora duraria apenas dois anos, sendo decretada a falência dessa iniciativa, um tanto megalomaniaca, em 1925. Teria sido precipitada pela Revolução dos Tenentes de São Paulo, movimento liderado por Isidoro Dias Lopes e que renunciava a inquietação política que redundaria na Revolução de 1930. A sedição paulista tentada pelos jovens oficiais descontentes com o rumo da política do café-com-leite da República Velha (naqueles tempos novíssima) provocou cortes de energia e desabastecimento na cidade, interrompendo a produção da empresa e tumultuando as relações econômicas.

Para piorar a situação, o presidente da sociedade gráfico-editorial de Lobato, José Carlos de Macedo Soares, foi preso pelas tropas governistas, identificado como possível apoiador dos tenentes. Seguido ao sufocamento da revolta paulista, uma súbita mudança na política econômica do governo Artur Bernardes, desvalorizando a moeda e

³¹ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1946, vol. 2, p. 265.

suspendendo o redesconto de títulos pelo Banco do Brasil, provocaria a derrocada da empresa.

Mas o verdadeiro motivo da falência teria sido o pesado endividamento que a importação dos equipamentos gráficos deixara, conforme o próprio Lobato admitiria em 1925. Em carta a Rangel na qual narrava a fundação da Companhia Editora Nacional com Octalles Marcondes, argumenta:

O que nos fez mal foi a montagem daquela enorme oficina. A nova empresa será só editora – imprimirá em oficinas alheias. A indústria editora é uma e a impressora é outra. E como nada faremos a crédito (que por felicidade não teremos), a nova árvore crescerá com solidez de granito, a prova de secas, terremotos e vulcões.³²

Mesmo com um período de vida tão curto, em relatório apresentado aos acionistas em maio de 1925, segundo informação do site Projeto Memória Monteiro Lobato, o escritor dava conta da extraordinária produção da empresa falida: “Foram editadas ou impressas 142 obras e essa produção atingiu a quase 258 mil volumes; se calcularmos [...] 130 dias de trabalho efetivo, significa isso uma produção de cerca de 250 livros por hora.”³³

Em 1926, morando no Rio de Janeiro e se dedicando a fortalecer sua terceira experiência como editor, Monteiro Lobato já era lido em cinco línguas e seis países. É dessa época sua decisão de focar no público infantil e abandonar a literatura para adultos (embora publique ainda o romance *O choque das raças*, neste mesmo ano). A decisão teria ocorrido em meados daquele ano e, novamente, é seu amigo Rangel o depositário de seus planos:

Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do *Robinson Crusóé* do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no *Robinson* e n’*Os filhos do Capitão Grant*.³⁴

Os anos 1920 e 30, como vimos, foram uma época rica em debates sobre reformas educacionais. Novas teses e métodos pedagógicos surgiam, alicerçadas sobre os fundamentos teóricos da Psicologia realizados nas universidades da Europa e dos Estados Unidos. Essas ideias, que se consolidariam nessas décadas e seriam identificadas como o movimento da Escola Nova (New Education) ou Escola Progressiva (denominação usada

³² LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1946, vol. 2, p. 279.

³³ Projeto Memória Monteiro Lobato (site). <http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/monteirolobato/index.html> (visitado em 21 de novembro de 2021).

³⁴ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1946, vol. 2, p. 293.

por Dewey), contavam com canais de divulgação e irradiação na forma de organizações de educadores, como a The New Education Fellowship, a Progressive Education Association (PEA), o Bureau International d'Éducation (BIE) e o Bureau International d'Éducation Nouvelle (BIEN), de instituições que atraíam e formavam professores do mundo inteiro, como o Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, e o Teacher's College da Universidade de Colúmbia, em Nova York, além de publicações como a britânica *The New Era*, questionavam as antigas metodologias de ensino e ofereciam uma nova perspectiva, com o estudante inserido no centro do processo de ensino-aprendizagem.

Essas propostas pedagógicas influenciariam, ao menos em alguns estados, a reestruturação do sistema educacional brasileiro, que nessas décadas ainda estava se formando. Por sua descentralização e devido à própria anomia gerada pelo fato de o país não ter ainda uma pasta exclusivamente voltada a questões educacionais, o debate sobre as concepções pedagógicas trazidas pelo movimento internacional da Escola Nova no Brasil acontecerá de forma fragmentada, estado por estado – e não abrangendo todos.

Mas, como destacam os autores de *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia* ao comentarem essas reformas educacionais, o escritor estará sintonizado com as novas ideias pedagógicas:

Intuitiva e pioneiramente, Monteiro Lobato já explorava o imaginário, percorria os arquétipos e viajava pelos meandros do inconsciente coletivo de uma maneira crítica e criativa. Por meio de suas invenções narrativas ensinava a meninada a questionar a veracidade das convenções impostas pelos adultos.³⁵

Graças ao seu bom relacionamento com Alarico Silveira, chefe de gabinete de Washington Luís, empossado como Presidente da República em 1926, o escritor será nomeado em maio de 1927 adido comercial junto ao consulado brasileiro em Nova York. E será durante seu período de permanência nos Estados Unidos que Lobato iniciará uma sólida relação de amizade com um jovem educador baiano que estudava no Teacher's College da Universidade de Columbia as ideias pedagógicas do movimento da educação nova, ou educação progressiva, que tinha no filósofo John Dewey um dos principais destaques.

Anísio Teixeira não apenas seria o responsável por traduzir a obra do educador para o idioma português, publicando-a pela Companhia Editora Nacional a partir de 1936

³⁵ AZEVEDO, Carmen L. CAMARGOS, Marcia. SACHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora Senac (edição compacta), 2000, p. 81.

(em *Democracia e educação*, daquele ano, Anísio dividiria o crédito da tradução com Godofredo Rangel), mas se tornaria, juntamente com Fernando de Azevedo, um dos principais nomes em torno do Manifesto dos Pioneiros da Nova Educação, de 1932. E Lobato, por meio de uma carta bem ao seu estilo, foi o responsável por apresentar ao então Diretor Geral de Instrução Pública do Distrito Federal o jovem “Anísio lapidado pela América”.

Do encontro entre os dois educadores resultaria, de fato, uma fértil parceria, que teria reflexos quatro anos depois da apresentação via Lobato, com a ativa participação de Anísio Teixeira na redação do Manifesto dos Pioneiros da Educação de 1932. Fernando de Azevedo, o principal redator do Manifesto, no artigo “Anísio Teixeira ou a inteligência” relata dessa forma o recebimento da carta do amigo escritor que selou o início da amizade entre ele e Anísio Teixeira:

Não foi possível, diante do seu poder de atração, “soltar o pessoal da sala”, como queria o nosso grande Monteiro Lobato. Ele nos conquistou a todos, sem o procurar, pela lucidez e força comunicativa da inteligência, a que dava um encanto particular a simplicidade de maneiras. Confesso haver tido logo o pressentimento de seu destino e do papel que lhe estava reservado na história da educação no país. Quando se levantou, já éramos amigos, como previra e desejava Lobato.³⁶

Um pouco mais adiante no mesmo depoimento revela que viu surgir naquele dia “o sucessor destemeroso com que sonhava”.

Por sua vez, em carta a Fernando de Azevedo, Anísio relataria que ele e Lobato foram, durante o tempo em que conviveram em Nova York, “dois companheiros inseparáveis”, principalmente aos domingos, quando o jovem estudante baiano passava o dia na casa do escritor em Coney Island, entretido em longas conversas nas quais buscavam “entender e interpretar juntos o laborioso triunfo americano. Ele, mais voltado para as coisas econômicas; eu, para os aspectos da educação, ambos, entretanto, norteados por um sadio idealismo comum de humanidade melhor e mais feliz. [...] Foi uma esplêndida temporada de entusiasmo.”³⁷

Para fechar o triângulo de impressões entre os dois educadores e o amigo escritor e editor em comum, registre-se o comentário de Lobato de julho de 1929 a Anísio Teixeira, respondendo às notícias deste sobre o seu bem-sucedido encontro com Fernando de Azevedo:

³⁶ AZEVEDO, Fernando de. In: **Anísio Teixeira**: pensamento e ação. Diversos autores. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960, p. 70.

³⁷ Idem, p. 37.

O que me dizes do Fernando é o que eu esperava. Fernando é em si uma obra de arte da natureza, e tudo quando dele sai vem com esse caráter de obra de arte que com tanta justeza lhe notaste na obra que empreendeu no Rio. Quanto mais a fundo o conheceres mais me agradecerás o ter-te revelado esse admirável irmão da grande irmandade. Prevejo que do encontro de ambos bons frutos hão de surgir. Pena foi não te haver também apresentado ao Alarico Silveira, outro homem que merece tua *acquaintance*. Hei de o fazer quando tornares ao Rio.³⁸

Além de colaborador da *Revista do Brasil*, Fernando de Azevedo, juntamente com Anísio Teixeira, viria a ser um interlocutor assíduo de Lobato, diferentemente dos outros educadores. O escritor, no entanto, não esconderia sua preferência entre os dois. Conforme confessaria sem meias palavras diretamente ao amigo Anísio, era este quem representava, de fato, a transformação na educação pela qual os três amigos lutavam. Deixaria claro esse pensamento na carta em que comentava ter recebido de Fernando de Azevedo o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova – possivelmente com a intenção de que o escritor reverberasse, com seu canal sempre aberto na mídia, as ideias do movimento. Mas algo não fluía na leitura deste que é considerado um marco na educação do país, conforme o relato do escritor:

Comecei a ler o manifesto. Comecei a não entender, a não ver ali o que desejava ver. Larguei-o. Pus-me a pensar – quem sabe está nalgum livro do Anísio o que não acho aqui – e lembrei-me de um livro sobre a educação progressiva que me mandaste e que se extraviou no caos que é a minha mesa. Pus-me a procurá-lo, achei-o. E cá estou, Anísio, depois de lidas algumas páginas apenas, a procurar dar berros de entusiasmo por essa coisa maravilhosa que é a tua inteligência lapidada pelos Deweys e Kilpatrick.³⁹

Nos anos 1930 o embate entre escolanovistas e educadores católicos se tornará mais agudo, com a criação das Associações de Professores Católicos (APC), em 1928, e a saída dos educadores religiosos da Associação Brasileira de Educação (ABE) após a publicação do Manifesto dos Pioneiros, em 1932. O grupo católico se aglutinaria em torno da Confederação Católica Brasileira de Educação, sob a liderança de Alceu Amoroso Lima.

Ressalve-se em relação à disputa que ocorria no campo educacional no Brasil nessas décadas que, em muitos casos, como o de Francisco Campos, identificado com a reforma educacional de Minas Gerais, o pensamento católico não significava oposição a muitas propostas caras aos escolanovistas. E a Constituição de 1934, espelhando essa

³⁸ NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato vivo**. Rio de Janeiro: MPM, 1986, p. 113.

³⁹ VIANNA, A. FRAIZ. P. (org.). **Conversa entre amigos**: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. Salvador/Rio de Janeiro: Fundação Cultural do Estado da Bahia e Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986, p. 68. A referência de Lobato é ao livro *Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação*.

contradição, instituiria o ensino religioso nas escolas ao mesmo tempo em que abraçava algumas ideias dos pioneiros da Educação Nova.

Como observa Dermeval Saviani, para Francisco Campos “aderir à Escola Nova não significava renunciar à ‘recuperação dos valores perdidos’, tarefa que, a seu ver, teria que ser desempenhada pelo ensino religioso”. E seu colega de reforma educacional em Minas Gerais, Mario Casasanta, assumia, ainda segundo Dermeval, “que a renovação do ensino se deveria dar sem prejuízo de sua cristianização”. Este autor, que classifica o período após a Revolução de 1930 de “modernização conservadora”, cita ainda, como exemplo da nebulosa imbricação entre defensores de uma educação universal, laica, pública e gratuita, tal como defendida no manifesto dos pioneiros da Nova Educação, e os representantes da tradição de ensino vinda das organizações religiosas, com o livro escrito por Jônatas Serrano, educador que desempenhou importante papel na reforma Fernando de Azevedo da Instrução Pública do Distrito Federal: “Sendo entusiasta dos métodos novos, integrava, ao mesmo tempo, o movimento da educação católica, tendo publicado, em 1932, um livro com um título muito sugestivo: *A Escola Nova: uma palavra serena, em um debate apaixonado*”.⁴⁰ Vale lembrar que tanto Fernando de Azevedo quanto Anísio Teixeira foram educados em colégios jesuítas, sendo que o último chegou a cogitar seguir a carreira religiosa – no que teria sido dissuadido por seu pai, que o queria político.

Mas, a despeito da amizade com o líder do pensamento educacional católico Alceu Amoroso Lima, o alinhamento de Lobato com os escolanovistas se torna cada vez mais evidente, na medida em que se solidifica a sua amizade com Anísio Teixeira que, por sua vez, o incentiva a prosseguir a trilha literária-pedagógica que o escritor, ao retornar dos Estados Unidos, tinha bem clara para si.

A Pedagogia de Projetos, bastante associada ao trabalho do filósofo John Dewey (várias obras de Lobato, como *Os Doze Trabalhos de Hércules*, podem ser vistas como “projetos de pesquisa” assumidos pelo grupo de crianças), a autonomia das personagens nas histórias, a independência de pensamento da boneca Emília, o constante questionamento ao já estabelecido e a valorização do pensamento científico seriam alguns dos possíveis pontos de convergência entre o pensamento escolanovista e o projeto autoral do escritor.

⁴⁰ SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008, p. 270-217.

No início dos anos 1930, quando Monteiro Lobato regressa ao Brasil falido pela segunda vez (dessa vez em decorrência de ter apostado seu capital na bolsa de Nova York e perdido com o *crack* de 1929), e disposto a se dedicar apenas ao ofício de escrever e traduzir, Anísio Teixeira se encontrava à frente da reforma educacional do Distrito Federal, onde primeiro ingressou como superintendente do Serviço Geral de Inspeção do Ensino Secundário, tendo a partir de outubro de 1931 sido nomeado Diretor de Instrução do Distrito Federal pelo prefeito Pedro Ernesto.

É por ocasião da publicação de *Aritmética da Emília*, em 1934, portanto no mesmo período em que Anísio está à frente da reforma educacional do Distrito Federal, que, em uma carta endereçada ao sociólogo Oliveira Viana em agosto daquele ano, Lobato citaria o incentivo recebido pelo educador:

Numa escola que visitei a criançada me rodeou com grandes festas e me pediram: “Faça a Emília do país da aritmética”. Esse pedido espontâneo, esse grito d’alma da criança não está indicando um caminho? O livro como o temos tortura as pobres crianças – e no entanto poderia diverti-las, como a *Gramática da Emília* o está fazendo. Todos os livros podiam tornar-se uma pândega, uma farra infantil. A química, a física, a biologia, a geografia prestam-se imensamente porque lidam com coisas concretas. O mais difícil era a gramática e é a aritmética. Fiz a primeira e vou tentar a segunda. O resto fica canja. *O Anísio Teixeira acha que é toda uma nova metodologia que se abre.* Amém.⁴¹

Conforme se depreende da carta a Oliveira Viana, o escritor tinha em mente um projeto bastante consistente de intervenção na educação por meio de “uma nova metodologia”, que via nascer de sua imaginação e ser chancelada pelo amigo e educador Anísio Teixeira. Este, por sua vez, vivia no início dos anos 1930 seu momento de graça política, gozando de uma rara autonomia dada pelo prefeito Pedro Ernesto para continuar avançando na reforma educacional iniciada por Fernando de Azevedo. E não abandonava seu papel de formador de educadores, como observa Ana Cristina Santos Matos Rocha em sua dissertação de mestrado “Experiências norte-americanas e projetos de educação no Distrito Federal e em São Paulo (1927-1935): Anísio Teixeira, Noemi Silveira, Isaías Alves e Lourenço Filho”:

Além da reforma, Anísio Teixeira atuava diretamente no Instituto, na cadeira de Filosofia de Educação. Ali, a metodologia usada, bem como seu conteúdo, eram bastante semelhantes à de seus professores de Columbia. No último trimestre de 1934, ele trabalhou com tópicos relacionados ao tema “Educação e o espírito moderno”, [...] com assuntos que iam desde a relação entre “natureza, homem e ciência” até

⁴¹ NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato: vivo**. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986, p. 95-96 [grifo final nosso].

“experiência, vida e educação – educação como reconstrução da experiência”, um dos assuntos mais explorados por ele em sua defesa de uma educação progressivista.⁴²

A mudança de ares na política aconteceria em 1935, com Anísio Teixeira sendo acusado de comunismo e se retirando da vida pública até 1946, quando voltaria a atuar como Secretário de Educação da Bahia. Já o escritor também realizaria, no final dessa mesma década, uma inflexão em sua obra, notadamente com a publicação de *O picapau amarelo* e *O Minotauro*, ambos de 1939. Nestas obras, e na maioria das que escreverá a partir delas até sua última criação para os leitores infantis, *Os Doze Trabalhos de Hércules*, de 1944, a intenção didática explicitada na carta ao sociólogo Oliveira Viana parece perder relevância nos enredos, dando lugar à mais livre fantasia, capaz de fazer o selvagem Minotauro se encantar com os bolinhos da tia Nastácia, e também audaciosa, a ponto de trazer personagens do cinema e dos contos de fada europeus para o já consagrado ambiente do sítio de Dona Benta, em uma espécie de antropofagia cultural muito cara aos modernistas – que, no entanto, continuavam a fustigá-lo.

Instituições e estrutura social

Como resultado do mau passo financeiro dado em 1929, Lobato fora obrigado a vender sua participação na Companhia Editora Nacional para seu antigo sócio, Octales Ferreira, passando a se dedicar com afinco ao ofício de tradutor e adaptador de histórias para o público infantil, além de seguir produzindo e lançando histórias voltadas para o mesmo público, que aos poucos se tornavam mais e mais conhecidas. Aos lançamentos das adaptações de *Robinson Crusóé* e *Alice no País das Maravilhas*, ambas em 1931, seguiriam no ano seguinte os *Contos de Grimm* e *Contos de Andersen*, além de *Viagem ao Céu*, com a turma do Sítio.

Com *História do Mundo para Crianças*, uma adaptação da obra de Virgil Mores Hillyer lançada em 1931, Lobato dá início a um projeto de intervenção paradidática que se apoiava nas personagens do Sítio do Picapau Amarelo e mirava o público infantil; mais especificamente, o mercado de livros didáticos e paradidáticos. Se o formato de agregar os comentários de Emília, Pedrinho, Narizinho e o Visconde de Sabugosa às histórias de outros autores narradas pela matriarca daquele cenário, a avó Dona Benta, não era novo,

⁴² ROCHA. Ana Cristina Santos Matos. “Experiências norte-americanas e projetos de educação no Distrito Federal e em São Paulo (1927-1935): Anísio Teixeira, Noemi Silveira, Isaias Alves e Lourenço Filho”. Tese de doutorado em História das Ciências, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016, p. 202.

já que fora experimentado em *Fábulas* (1922), a intenção de se fazer presente, como autor, nas escolas se formularia, enquanto projeto de escrita, apenas na década seguinte, de acordo com as classificações mais consagradas de sua obra.

Conforme destaca João Luís Ceccantini no artigo “De raro Poder Fecundante: Lobato editor”,

a exemplo do que já faziam editores brasileiros, como Francisco Alves, que canalizou boa parte de suas atividades para a publicação de livros didáticos, Lobato percebeu existir aí um filão importante a explorar, propiciando a edição de livros de circulação garantida, em tiragens elevadas e, em boa parte das vezes, com o beneplácito do Estado, importante comprador, tudo convergindo para um investimento seguro”.⁴³

Assim, à frente da Monteiro Lobato & Cia., e depois da Companhia Editora Nacional, o escritor publicaria diversos livros didáticos, compêndios gramaticais, aritméticas e cartilhas, além de livros infantis e juvenis – inclusive os próprios.

O escritor também voltaria de seu período norte-americano imbuído de uma forte determinação de investir em áreas bem pouco afins com sua atividade anterior de editor. A primeira iniciativa empresarial foi a implementação de um processo de produção de ferro importado dos Estados Unidos, logo descartada. A segunda, mais duradoura, dispendiosa e que renderia diversos dissabores ao escritor dublê de empresário teve início em 1932, com a criação da Companhia Petróleos do Brasil. Era o início da luta para encontrar e explorar o combustível fóssil que, juntamente com a produção de ferro, seriam, no entendimento do escritor, os dois vetores do progresso estadunidense que ele conheceu e tanto admirou em seus anos como adido comercial em Nova York, entre 1927 e 1931.

Assim, já entrado nos cinquenta anos, Lobato viveria um período de intensa atividade, tanto literária e jornalística, quanto empresarial – e esta passando a exigir constantes viagens pelo país em busca de subscrições e apoios para suas empresas de prospecção petrolífera.

Em novembro de 1933, em carta endereçada ao amigo Anísio Teixeira, ele dá notícias de suas incursões pela crítica à pedagogia: “Estou escrevendo *Emília no País da Gramática*. Está saindo estupendo. Inda agora fiz a entrevista de Emília, na qualidade de repórter do *Grito do Picapau Amarelo*, um jornal que ela vai fundar no sítio, com o

⁴³ LAJOLO, Marisa. CECCANTINI, João Luís. **Monteiro Lobato livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008, p. 77.

venerabilíssimo verso ‘ser’ que ela trata respeitosamente de Vossa Serência! Está tão pernóstica, Anísio, que você não imagina.”⁴⁴

Como a entrevista da autointitulada repórter Emília se encontra na primeira terça parte do livro, é de se supor que esta obra teria sido escrita ao longo do segundo semestre de 1933, ano em que Lobato também publicaria *História do Mundo para Crianças e Caçadas de Pedrinho*, além de um volume para adultos, *Na antevéspera*, e início de 1934, quando o livro se encontrava pronto para ser ilustrado.

Meios técnicos de transmissão

Ao se aventurar nas questões gramaticais e vernáculas em seu novo projeto literário, Monteiro Lobato sabia que entrava em terreno pantanoso e incerto, onde ele próprio duvidava de seus conhecimentos. Mesmo tendo sido na juventude um disciplinado leitor de dicionários (há várias menções em *A barca de Gleyre* que comprovam seu hábito de ler verbetes do Dicionário Caldas Aulete como forma de ampliar o vocabulário) e sendo um colecionador meticuloso de frases na prosa rebuscada de Camilo Castelo Branco, o escritor desconfiava de seus conhecimentos gramaticais.

Tal desconfiança pode ter nascido precocemente, em 1895, quando aos nove anos de idade foi reprovado na prova oral de Português. Para Marisa Lajolo,

a reprovação parece ter marcado profundamente o menino que, mais tarde, se transformou em um dos grandes escritores de nossa literatura. O antigo aluno que levou bomba de um professor ranzinza, de cujo nome ninguém mais se lembra, tornou-se mestre de linguagem que deu o troco: não apenas satirizou os gramáticos, no impagável conto *O colocador de pronomes* (de 1924), como o tempo todo desferia cotoveladas à pureza vernácula e a seus defensores”.⁴⁵

Outra sátira lobatiana aos puristas gramaticais seria o episódio do discurso do orador oficial do Instituto Histórico dos Escaravelhos, publicado na *Revista do Brasil* em 1921 e posteriormente incorporado às *Reinações de Narizinho*, obra que, segundo Alceu Amoroso Lima, seria uma espécie de antecessora do movimento modernista de 1922, como lembra Edgard Cavalheiro.⁴⁶

⁴⁴ VIANNA, A. FRAIZ. P. (org.). **Conversa entre amigos**: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. Salvador/Rio de Janeiro: Fundação Cultural do Estado da Bahia e Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986, p. 70.

⁴⁵ LAJOLO, M. CECCANTINI, J. (orgs). **Monteiro Lobato livro a livro**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008, p. 16.

⁴⁶ CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato**: vida e obra. São Paulo: Brasiliense, 1962, vol. 2, p. 182.

Se já na primeira obra infantil Lobato ataca os puristas gramaticais e a escrita empolada e artificial, impregnada pelo beletismo reinante no início do século XX, nem seu alinhamento aos renovadores da língua nem a leitura atenta de seus autores favoritos impediria que o escritor se sentisse inseguro em relação aos próprios conhecimentos gramaticais. Tal desconfiança em relação à correção do próprio texto seria uma constante na vida do escritor, que recorreria frequentemente ao amigo Godofredo Rangel, escritor com grande conhecimento do vernáculo, e que seria alçado ao grau de “colocador oficial de pronomes” dos textos de Lobato. Em 1915, por exemplo, escreveria ao amigo: “Confesso, Rangel, a minha ignorância do português-gramática e mais camarões da filologia. Guio-me pelo faro, como o pescador que *sente* que ali naquelas pedras há garoupas. Infelizmente, faro é nariz; e em dias de resfriado lá se vai o faro”.⁴⁷

Em carta de novembro daquele mesmo ano voltaria a agradecer ao amigo a revisão atenta de seus textos literários e jornalísticos:

Grande bem me fazes com a denúncia das ingramaticalidades. De gramática guardo a memória dos maus meses que em menino passei decorando, sem nada entender, os esoterismos do Augusto Freire da Silva. Ficou-me da “bomba” que levei, e da papagueação, uma revolta surda contra gramáticas e gramáticos; e uma certeza: a gramática fará letrudos, não faz escritores.⁴⁸

Para enfrentar o desafio de escrever um livro paradidático sobre gramática mesmo tendo sido um aprendiz “de ouvido”, Lobato apostou na potencialidade gráfica que a visita a um imaginário país da gramática poderia trazer ao projeto.

Se é difícil atribuir ao escritor a intenção de fazer uso das ilustrações como meio de criar materialidade a um tema tal qual Belmonte a realizou, por não sabermos o grau de participação do artista na encomenda, não há dúvidas de que *Emília no País da Gramática* já surgiu com a intenção da ilustração ser uma característica determinante no livro. Pela quantidade inédita até então de ilustrações para um livro do escritor (a edição de 1934 é de tamanho grande, com capa dura e contém desenhos em 81 das 172 páginas), é de se supor que desde a concepção da obra Lobato tivesse em mente a necessidade de uma parceria bem-sucedida com o artista gráfico contratado para o trabalho. Novamente, uma carta a Anísio Teixeira evidenciará a preocupação em relação à escolha da parceria para este novo projeto.

⁴⁷ LOBATO, M. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1946, vol. 2, p. 39, grifo do autor.

⁴⁸ LOBATO, M. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1946, vol. 2, p. 49.

Benedito de Barros Barreto, o Belmonte, não foi a primeira escolha. O escritor pensava em outro parceiro para a empreitada: o caricaturista J. Carlos, já famoso nacionalmente por seu traço limpo, irônico e bem-humorado, conforme conta em carta endereçada ao amigo educador, de 21 de novembro de 1933, na qual também dava notícias da entrevista de Emília com o Verbo Ser: “Estamos pensando no J. Carlos para ilustrar esse livro. Aqui não vejo nenhum desenhista capaz. Ou, se a Emília soubesse desenhar...” O plural, nesse caso, não é majestático, nem combinaria com o estilo do autor e a intimidade com que se tratavam Anísio e Lobato. Certamente, ao comentar “estamos pensando” o escritor se referia a Octales Ferreira, o proprietário da Companhia Editora Nacional, introduzido no ramo editorial por suas mãos, e que aparece mencionado na sequência da carta: “Octales entra esta semana no Milhão [...] Aquele é o Anísio dos editores”, escreve, comparando o brilho do educador ao do empresário.⁴⁹

A escolha pelo traço limpo de Belmonte, com linhas firmes e poucos detalhes, e dono de um estilo marcadamente caricatural, se revelaria bastante acertada e a ela pode ser creditada parte do indiscutível sucesso editorial deste livro. Com efeito, Thaís de Matos Albieri constata que, em um período de 70 anos desde seu lançamento em 1934, *Emília no País da Gramática* teve 87 edições, sendo que de algumas delas, como a 39ª edição, foram feitas 48 reimpressões.⁵⁰

A atenção dada pelo escritor à segunda edição, para extirpar dela os erros, revelada em carta a um de seus correspondentes infantis, Gilson Maurity Santos, dá conta, igualmente, do valor que tinham para o próprio autor as ilustrações nessa obra.

A Emília andava a me amolar com o seu passeio ao país da gramática. Afinal a diabinha fez o tal livro, com quase cem desenhos do Belmonte [*a 1ª edição tem 96 ilustrações de Belmonte*], e agora estou a rever as provas tipográficas, para que saia sem nenhum erro. Emília não quer saber de erros nos livros que ela aparece.⁵¹

No artigo “Belmonte ilustra Lobato”, Maria Alice Faria observa que a Emília do ilustrador “é uma ‘gatinha’ (como escrevia Lobato) magra e empinada – o que era uma das posturas características da boneca, com as mãos na cintura, senhora de si e do mundo”. Para efeito de contraste, a pesquisadora compara a criação de Belmonte com a Emília de André Le Blanc, ilustrador contratado para desenhar a coleção completa lançada pela Editora Brasiliense na década de 1940, que teria transformado a personagem

⁴⁹ NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato Vivo**. Rio de Janeiro: MPM/Record, 1986, p. 95

⁵⁰ ALBIERI, Thaís de Mattos. “A gramática da Emília: a língua no país de Lobato”. In: **Monteiro Lobato livro a livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008, p. 255.

⁵¹ DEBUS, E. S. D. **Monteiro Lobato e o leitor, esse desconhecido**. Itajaí: Univali; Florianópolis: UFSC, 2004, p. 258.

em uma “bonequinha com cara de nenê, rechonchuda e ingênua”, traindo totalmente, segundo esta autora, “a causticidade de Lobato, aquilo que ele tinha de melhor como *educador emancipatório*, ao cutucar o espírito crítico das crianças numa época de extremo autoritarismo na educação” [grifo nosso].⁵²



Emília e a palavra “Bofé”, desenho de Belmonte.



Emília e a palavra “Bofé”, desenho de André Le Blanc.

⁵² FARIA, Maria Alice. “Belmonte ilustra Lobato”. In: LAJOLO, M. CECCANTINI, J. (orgs). **Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008, p. 57.

O arcaísmo “bofé” (uma condensação das palavras “boa” e “fé”)⁵³, que já foi usado como sinônimo do advérbio “francamente”, é a primeira palavra que aparecerá no livro desenhada, servindo como chave de compreensão do que virá a seguir. Uma espécie de abre-alas para uma proposta estética até então nunca vista: palavras em forma de gente. Ou a antropomorfização da gramática.

Para um leitor atento à produção do escritor anterior à fase infantil, esta primeira palavra-exemplo do livro, “bofé”, identificada como um arcaísmo e que por isso mora na periferia, não será desconhecida. Ela aparece na voz de uma das personagens mais hilárias criadas pelo escritor, e descrita com as pinceladas fortes da caricatura: o gramático Aldrovando Cantagalo, protagonista do conto “O colocador de pronomes”, publicado em *Negrinha* (1920). Trata-se de uma ácida crítica ao beletismo estéril, à “gramatiquice pedante e emperrada” na definição de Marisa Lajolo usada na apresentação da coletânea. No conto, ao ver sua caudalosa obra sobre o *Pronome Se*, um cartapácio de 500 páginas, ser recusado seguidamente pelas editoras, Aldrovando Cantagalo toma a missão para si, afirmando: “Fá-la-ei imprimir à minha custa! Ah, amigos! Aceito o cartel. Sei pelejar com todas as armas e irei até o fim. Bofé!...”⁵⁴

Tendo sido editor, inclusive de cartilhas didáticas e compêndios gramaticais na década de 1920, com conhecimento técnico dos recursos gráficos disponíveis à época para apoiar algumas inovações estéticas propostas por Belmonte (que serão comentadas na análise da narrativa), o escritor experimentará neste livro um diálogo texto-imagem inédito em projetos anteriores, nos quais a ilustração não apresenta os mesmos aspectos de, por exemplo, propiciar outras camadas de leitura do texto

Como projeto editorial, *Emília no País da Gramática* revela um escritor maduro, àquela altura publicando o nono livro com a turma do Sítio do Picapau Amarelo, ciente dos recursos técnicos disponíveis e de toda a estrutura envolvida na concepção de uma obra marcadamente voltada ao mercado didático.

O domínio das fases de produção editorial e dos recursos técnicos Lobato adquirira na década anterior, já que, como livreiro e editor, participara da renovação tecnológica no setor, importando equipamentos gráficos para a Monteiro Lobato & Cia.

⁵³ PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica Historica*. São Paulo: Seção de Obras d’O Estado de S. Paulo, 1919, p. 579.

⁵⁴ LOBATO, Monteiro. *Contos escolhidos*. Marisa Lajolo (org.). São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 126.

em 1927. Entendia de livros como poucos escritores, depois de começar editando a si próprio, em *O Sacy: resultado de um inquérito*, publicado em 1918 sob o pseudônimo “um demonólogo amador”.

Lobato foi um editor revolucionário, conforme avalizam diversos estudiosos deste autor em relação ao seu papel na indústria livreira do país. Para os limites deste trabalho, uma boa síntese é a que foi feita pelos autores de *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*:

Outra novidade da revolução editorial promovida por Lobato foi a mudança no padrão gráfico do livro, através de uma programação visual sofisticada e tipografia elegante, atentando, ao mesmo tempo, para a revisão rigorosa da composição e provas finais. Objetivando cativar e conquistar um número cada vez mais amplo de leitores, contrata artistas para “substituir as monótonas capas tipográficas pelas capas desenhadas”, tornando seu produto mais atraente aos olhos do consumidor. “Os balcões das livrarias encheram-se de livros com capas berrantes, vivamente coloridas, em contraste com a monotonia das eternas capas amarelas das brochuras francesas”.⁵⁵

A Gráfico-Editora Monteiro Lobato, sucedânea da Monteiro Lobato & Cia., chegou a ter cerca de duzentos operários, o que revela um empreendimento industrial de magnitude considerável para a segunda década do século passado. Outro aspecto importante de ser avaliado é o permanente contato com artistas plásticos para ilustrar as obras produzidas pela editora, suas e de outros autores (inclusive Anita Malfatti, antes condenada por ele em um artigo demolidor, que ficou conhecido por “Paranóia ou mistificação”), contato este nascido do período em que foi um dos mais ativos editores do país.

Análise da narrativa de *Emília no País da Gramática*

Até agora buscou-se contextualizar em termos sócio-históricos, mesmo que brevemente, o período em que foi concebida esta obra, cujo tema vem a ser a própria matéria-prima do trabalho do escritor. Passemos à análise da narrativa, a segunda fase da metodologia da Hermenêutica de Profundidade. Será uma jornada da turma do Sítio do Picapau Amarelo em um território onde fantasia e regras, ficção e projeto didático, conflito e acomodação se alternam em uma história que, ela própria, se tornará, vista com o distanciamento de mais de oito décadas de sua publicação, mais uma prova do dinamismo da língua, ao ter se tornado evidentemente anacrônica em seu projeto didático.

⁵⁵ AZEVEDO, Carmen Lucia de. CAMARGOS, Marcia. SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora Senac, 1997, p. 131.

Na abertura da história, Emília faz o chamado à aventura: “Por que, em vez de estarmos aqui a *ouvir falar* de gramática, não havemos de *ir passear* no País-da-Gramática?” [grifos do autor].⁵⁶ O menino concorda com a proposta e convoca Narizinho. O grupo se completa com a adesão de Visconde, trazido pela boneca. Saem, “no dia marcado, muito cedo”, no lombo do rinoceronte (até então sem nome) que teria se tornado um eminente gramático após literalmente devorar uma obra do gramático Eduardo Carlos Pereira. A informação da possível fonte de Lobato é dada pelo próprio, na voz de Narizinho, um pouco adiante: “Apesar do absurdo de semelhante hipótese, Narizinho ficou meio abalada. Quem sabe lá se Quindim não tinha mesmo comido a ‘Gramática Histórica’ de Eduardo Carlos Pereira?”⁵⁷.

A entrada no país da gramática não se dará por meio da magia de transporte operada pelo pó de pirlimpimpim. Acontece de forma natural, como se o grupo estivesse visitando um sítio vizinho. Surgirão zumbidos, parecendo milhões de vespas invisíveis para Narizinho. É quando o rinoceronte anuncia já estarem nas terras da Gramática. Aquilo são os sons orais.

O escritor inicia sua incursão pela fonética, com os sons orais, da mesma forma que Eduardo Carlos Pereira faz em sua *Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*, após apresentar a visão geral de sua obra que, mais do que a *Gramática Histórica*, parece ter sido a principal fonte de Lobato na produção deste livro. Ao longo da análise surgirão evidências da proximidade, e até repetição de exemplos vindos da *Gramática expositiva*, que, lançada em 1907, teve 114 edições.⁵⁸

A *Gramática Histórica*, de Eduardo Pereira, foi lançada em 1916. A percepção de que a obra teria funcionado como roteiro orientador do trajeto do livro de Lobato é sugerida no artigo “7 teorias linguísticas na obra *Emília no País da Gramática*”, de Emília Tavares Assunção e Sirlene Antonia Rodrigues Costa, e que também afirmam: “A obra parece aderir a uma abordagem histórica da língua, podemos perceber através do modo como o autor descreve a cidade das palavras latinas, já completamente abandonada e que outrora fora uma cidade muito importante.”⁵⁹

⁵⁶ LOBATO, Monteiro. **Emília no País da Gramática**. São Paulo: Brasiliense, 1968, p. 4.

⁵⁷ Idem, p. 33.

⁵⁸ FÁVERO, Leonor L. MOLINA, Márcia G. “A gramática brasileira no início do século XX: *Gramática expositiva* (Eduardo Carlos Pereira) e *Grammatica Portuguesa* (Hemetério José dos Santos)” In: **Confluência**, 37/38, 2009-2010, Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro.

⁵⁹ ASSUNÇÃO, Emília Tavares. Costa, Sirlene. *Teorias linguísticas na obra Emília no País da Gramática*. **Building the way** - Revista do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás. Disponível em: <http://www.prp.ueg.br/revista/index.php/buildingtheway>

Explicam as autoras que a década de 1930 foi um período de numerosa produção de gramáticas que recuperavam a história do idioma, “sendo a de Eduardo Carlos Pereira, intitulada *Gramática Histórica*, a mais conhecida destas. É interessante notar que esta gramática aparece na obra por meio de uma conversa entre Emília e Narizinho, que versa sobre o conhecimento gramatical de Quindim”. Vale observar, ainda, que o próprio escritor fora o editor desta obra na década anterior, bem como da *Gramática Expositiva* do mesmo autor, lançados respectivamente em 1922 e 1924 pela Editora Monteiro Lobato & Cia.

As autoras do referido artigo, focado nos conceitos linguísticos observados em *Emília no País da Gramática*, alinham a visão lobatiana a respeito da língua com a concepção estruturalista de Saussure, para quem a língua é uma instituição social e uma convenção estabelecida entre aqueles que a utilizam. E citam como exemplo esta frase de Dona Etimologia: “A língua é uma criação popular na qual ninguém manda. Quem orienta é o uso e só ele. E o uso irá dando cabo de todos esses acentos inúteis.”⁶⁰

Perpassa ao longo da obra o conceito da língua como um sistema dinâmico (logo no início da narrativa os leitores são apresentados às palavras caducas, que vivem na periferia de Portugália, a terra da língua portuguesa) e também como um sistema não hierárquico, este conceito bem exemplificado pelo verbo Ser na conversa com Emília: “Todas as palavras ajudam-se umas às outras, e desse modo os homens conseguem exprimir todas as ideias que lhes passam pela cabeça.”⁶¹

Em outra passagem, Pedrinho se espanta em saber que os incultos e ignorantes influenciam a língua. E ouve como resposta de Dona Etimologia: “Os incultos influíram e ainda influem muitíssimo na língua – respondeu a velha. Os incultos formam a grande maioria, e as mudanças que a maioria faz na língua acabam ficando.”⁶²

Também o conceito saussureano de sincronia e diacronia está presente no livro, segundo as autoras do estudo, notadamente no trecho em que se explica a transformação do pronome de tratamento “Vossa Mercê” em “você”, que tomaria o lugar do “tu” como segunda pessoa do singular. Para Saussure, tais movimentos fariam parte da interação entre uma linguística estática e uma linguística evolutiva.

Temos que Monteiro demonstra o fato de os pronomes Tu e Você coexistirem em um mesmo momento e que o pronome Você “anda atropelando” o pronome Tu. O que

v. 1, n. 1 – 2011 ISSN 2237-2075, p. 92 (visitado em 21 de novembro de 2021).

⁶⁰ LOBATO, Monteiro. **Emília no País da Gramática**. São Paulo: Brasilense, 1968, p. 67.

⁶¹ Idem, p. 63.

⁶² Idem ibidem, p. 79.

ocorre aqui é uma espécie de contrato entre dois termos coexistentes e, portanto, de uma observação sincrônica.⁶³

Por fim, outro conceito caro ao linguista genebrino e que Lobato encampa é o da arbitrariedade do signo, ou seja, que o nome não tem relação com o objeto nomeado. Ou, nas palavras de Emília ao explicar o motivo de ter escolhido batizar um rinoceronte africano com o nome de um delicado doce português: “Nome é nome; não precisa ter relação com o *nomado*”.⁶⁴ Comentam as autoras sobre esta frase: “Desta forma, Lobato explica de modo implícito o que Saussure define como arbitrariedade do signo. E apesar de não utilizar as mesmas nomenclaturas, Monteiro consegue, metaforicamente, explicar a essência da questão da arbitrariedade.”⁶⁵

A obra de Ferdinand Saussure começou a ser publicada em meados da década de 1910 e seu *Curso de Linguística Geral*, lançado postumamente em 1916, teve grande impacto nas discussões envolvendo filologia e etimologia no início do século passado, sendo considerada uma obra seminal para o ramo da Linguística. Mesmo não havendo qualquer menção na correspondência do escritor, é possível que as principais ideias de Saussure já estivessem em circulação no país e que, direta ou indiretamente, Lobato tenha se apropriado de algumas delas enquanto concebia seu projeto literário-linguístico.

A concepção da língua como um processo social dinâmico está presente não apenas nesta obra, sendo mais uma decorrência de seu próprio fazer enquanto escritor. Além de frequentemente trazer à luz expressões e vocábulos pouco conhecidos (lembrando que se trata de alguém que lia dicionários com a intenção de ampliar seu vocabulário), tanto em seus livros quanto nas cartas, Lobato também foi um criativo inventor de palavras. Um levantamento realizado por Alaor Barbosa enumerou 517 neologismos na obra lobatiana.⁶⁶ Nas duas obras foram identificados alguns desses neologismos.

A *Gramática Expositiva* de Eduardo Carlos Pereira começa com a definição de conceitos básicos (o que se entende por “língua”, “palavra”, “vocábulo”, “língua”, “vocabulário”, “frase”), segue apresentando os diversos tipos de gramática (geral, histórica, expositiva), terminando com os conceitos de Lexeologia (estudo das palavras

⁶³ ASSUNÇÃO, Emília Tavares. Costa, Sirlene. *Teorias linguísticas na obra Emília no País da Gramática. Building the way* - Revista do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás.

Disponível em: <http://www.prp.ueg.br/revista/index.php/buildingtheway>
v. 1, n. 1 – 2011 ISSN 2237-2075, p. 96.

⁶⁴ LOBATO, Monteiro. **Emília no País da Gramática**. São Paulo: Brasilense, 1968, p. 7.

⁶⁵ Idem nota 36, p. 98.

⁶⁶ BARBOSA, Alaor. O sítio do Picapau Amarelo. In **Leitura**. São Paulo, 12 (134), jul., 1993, p. 4.

isoladas) e Sintaxe (as palavras combinadas para expressarem pensamentos). A Lexeologia, ramo da Linguística atualmente conhecido como Lexicologia, por sua vez, se divide em duas partes: Fonologia e Morfologia. É da Fonologia (estudo dos elementos materiais da palavra, dos *sons elementares*, segundo este autor), que por sua vez se divide em Fonética, Prosódia e Ortografia, que parte Eduardo Carlos Pereira. Mais precisamente da fonética, o estudo dos sons orais⁶⁷. E esta será também a mesma porta de entrada usada por Lobato.

No país da gramática de Lobato: uma visão panorâmica

Antecipando a trajetória das personagens ao longo da narrativa de *Emília no País da Gramática*, com o objetivo de oferecer uma visão geral, por tópicos da gramática, do caminho percorrido pelo autor em sua versão paradidática romanceada, da Fonética, seu ponto de partida, Lobato conduzirá o grupo para a Ortografia. Deixando sem abordar a terceira área que a compõe a Fonologia, a da Prosódia (relativa à pronúncia das palavras), a narrativa avançará para o território da Morfologia, a outra subdivisão da Lexicologia.

Sendo o estudo dos elementos imateriais da palavra, diferentemente da Fonologia cuja materialidade é o som, a Morfologia se divide em duas grandes áreas: a Etimologia, que estuda a origem e evolução das palavras, e a Taxeonomia (atualmente chamada de Taxonomia), que estuda as classes das palavras. Ao entrar no bairro dos Substantivos, Lobato escolhe iniciar seu passeio pela Morfologia apresentando todas as classes de palavras – e seguindo rigorosamente a ordem da *Gramática Expositiva*, de Eduardo Carlos Pereira, que se inicia com substantivos, seguindo-se adjetivos, pronomes, verbos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições, que também vem a ser o último elemento taxonômico elencado pelo gramático.

A outra subdivisão da Morfologia, a Etimologia, transformada em personagem com o respeitoso acréscimo de um “Dona” à frente, servirá no percurso narrativo como anfitriã do grupo no outro grande território que compõe o País da Gramática: a área da Sintaxe, que estuda as palavras combinadas, com o objetivo de exprimir um pensamento. Será por meio de um passeio com Dona Etimologia pelo território da Sintaxe que se dará a explicação, em linhas gerais, do processo de derivação das palavras, tendo a

⁶⁷ PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva**: curso superior. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945, 65ª ed., p. 17.

simplificação didática como meio e objetivo a ser atingido. Sempre que a história permite, o escritor fará uma comparação bem simples, de fácil apreensão por crianças, junto ao nome da coisa em si.

Pelo território da Sintaxe surgirá a oportunidade para Lobato se aprofundar na Etimologia, uma área de interesse ao longo de toda a vida, e não apenas enquanto escrevia um compêndio paradidático gramatical, já que também em *Os Doze Trabalhos de Hércules* as referências à Etimologia são abundantes. Ainda neste território, o grupo conhecerá as figuras e os vícios de linguagem. Neste tópico surgirão algumas divergências entre o escritor e seu “mentor” gramatical, Eduardo Carlos Pereira. Períodos simples e compostos e os sinais de pontuação básicos encerram a etapa dedicada à sintaxe das palavras.

Para o final do livro, não sem segundas intenções, Lobato retornará a um tema da Fonologia que até então não fora abordado: a Ortografia, o estudo da escrita dos vocábulos. O motivo para ter deixado para o fim da história esse aspecto bastante relevante para um manual paradidático parece evidente: dar relevância à discussão sobre a Reforma Ortográfica, então em curso.

Após atravessarem a região marcada pelos sons (zumbidos), o grupo avança em território da Fonética. É nesse momento que surge a distinção entre sons e letras escritas, explicada pelo rinoceronte quando Narizinho diz estar distinguindo “todas as letras do alfabeto”. Em seguida, surgem os conceitos de sílaba, palavra, vogais e consoantes. A distinção entre sons e letras deriva para a ideia da arbitrariedade do signo quando Emília anuncia ter batizado de Quindim o paquiderme gramático até então sem nome – mesmo que fosse um habitante do Sítio do Picapau Amarelo desde *Caçadas de Pedrinho*, livro em que essa personagem surge.

Avançando pelos sons orais, o grupo vislumbra adiante as cidades que compõem o País da Gramática. As visíveis são Portugália, Galópolis, Castelópolis e Italópolis – compondo o núcleo das línguas latinas representadas pelo português, francês, espanhol (castelhano) e italiano. Antes de entrarem em Portugália, Quindim explica que se trata de duas cidades emendadas, uma mais nova e outra mais velha. O seu discurso (“a parte de lá é o bairro antigo”) permite inferir que eles se encontram na parte brasileira, onde as palavras portuguesas “se misturaram com as palavras indígenas locais. Desse modo formou-se o grande bairro da Brasilina” (LOBATO, p. 18).

A visão permite alcançar ao fundo do horizonte uma cidade velha, “toda escangalhada, com jeito de cemitério”. É oportunidade para Lobato falar da origem das línguas latinas, bem como introduzir, pela primeira vez, o conceito de que a língua é um patrimônio coletivo em mutação, de que as palavras nascem, vivem e morrem. Assim ele explica a extinção do latim: “São os escombros de uma cidade que já foi muito importante – a cidade das palavras latinas; mas o mundo foi mudando e as palavras latinas emigraram dessa cidade velha para outras cidades novas que foram surgindo. Hoje, a cidade latina está completamente morta.” (LOBATO, p. 8).

Há uma mudança no ar, percebe o grupo: são as sílabas se formando. E nesse momento o nome da mãe de Pedrinho, Dona Tonica, cai perfeitamente bem como exemplo do que são sílabas tônicas. Ao seguir explicando as sílabas, divididas em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, surge a primeira crítica de Lobato ao ensino da gramática, na voz (docente) de Quindim: “[...] os senhores gramáticos são sujeitos amigos de *nomenclaturas rebarbativas*, dessas que deixam as crianças velhas antes do tempo” (LOBATO, p. 9, grifo do autor). O comentário depreciativo à “nomenclatura rebarbativa” prossegue quando o rinoceronte acrescenta outro nome possível para as palavras proparoxítonas: esdrúxulas, tal como Eduardo Carlos Pereira⁶⁸. Sobre o terceiro nome apresentado pelo gramático para as palavras com acentuação na antepenúltima sílaba, dactílicas, ainda mais esdrúxulo que o anterior, Lobato preferiu poupar seus jovens leitores.

Coerentemente com o conceito de que as palavras estão em trânsito, o grupo chega à Portugália pela periferia, onde vivem as palavras em desuso, os arcaísmos. Ao ser informada que arcaico quer dizer “coisas velha, caduca”, Emília exemplifica com Dona Benta e Tia Nastácia – no que leva uma reprimenda de Narizinho, exigindo compostura da boneca. É o primeiro momento em que se estabelece o padrão arquetípico que não será alterado ao longo da obra: Pedrinho e Narizinho como representantes da norma e Emília como exemplo da atitude crítica, por vezes provocativa. Também esse é a oportunidade para se apresentar ao leitor a proposta de antropomorfização das palavras, que terá no ilustrador Belmonte seu primeiro executor.

⁶⁸ PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva**: curso superior. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945, 65ª ed., p. 43.

Antes de surgir a primeira palavra “desenhada”, que acontece com a chegada do grupo à periferia de Portugália, o escritor já estabeleceu diante de seu leitor, de forma subliminar, dois pactos gráficos, mas da ordem da palavra escrita: o uso de maiúsculas para destacar os sons, as palavras e, mais adiante, as frases habitantes do país da gramática, e o emprego do negrito (**bold**) para grafar conceitos fundamentais, como “sílabas”, “palavras”, “vogais”, “consoantes” – os primeiros a aparecer, na voz de Quindim.

Na “periferia da língua”, dentro da geografia proposta pelo autor nesta obra, os leitores serão apresentados em seguida a uma palavra morta (“Ogano”), bem como a alguns neologismos. Ou seja, a periferia da língua é uma região onde as velharias e as novidades da língua se encontram; é o espaço das palavras que estão caindo em desuso, das que já caíram em desuso e de outras que se encontravam, nos anos 1930, em um período de teste e aceitação, antes de se tornarem palavras aceitas e dicionarizadas. Ou, de “subirem” para a região central.

Curioso observar que “chutar”, no sentido de “dar pontapé”, e “encrenca”, hoje totalmente integradas ao vocabulário cotidiano, foram consideradas neologismos por Lobato. Em compensação, “bilontra”, que por um curto período de tempo significou um malandro elegante, se revelaria uma gíria natimorta. São exemplos que comprovam o dinamismo da língua e que, ironicamente, se voltam contra a própria obra, datando-a de forma irrevogável.

Assim, a periferia de Portugália também abriga algumas gírias hoje desconhecidas, como “cuéra” (valentão). É ela quem, depois de contar seu próprio significado, explica à turma do Sítio que eles se encontram na “cidade baixa”, representando um lugar de menor prestígio. O grupo observa adiante duas gírias conversando, e aquele encontro revelará, para o leitor moderno, ainda mais sobre a dinâmica da língua portuguesa: a palavra “otário”, que por merecer explicação se supõe nova nos anos 1930, conversa com a gíria “bôbo” (*sic*). Pedrinho retruca que “bôbo” não é gíria, mas Cuéra explica que ali a palavra significa outra coisa:

Lá em cima – explicou CUÉRA, BÔBO significa uma coisa; aqui embaixo significa outra. Em língua de gíria BÔBO quer dizer relógio de bolso. Quando um gatuno diz a outro: “Fiz um bobo”, quer significar que “abafou” um relógio de bolso.

–E por que deram o nome de bôbo aos relógios de bolso?

–Porque eles trabalham de graça – respondeu CUÉRA, dando uma risadinha cínica. (LOBATO, p. 14-15)

O diálogo é revelador da dinâmica própria e imprevisível da língua em seus processos contínuos de formação de novos vocábulos e substituição de outros. Palavras que surgiam como neologismos na década de 1930, casos de “cuéra” e “bôbo”, podem rapidamente de novidade se transformarem em arcaísmos tão distantes da vida contemporânea como um relógio de bolso.

Também é na periferia de Portugália que se encontram as palavras estrangeiras, chamadas de barbarismos. Esta é outra oportunidade para Lobato mostrar o fluxo constante de entrada de novos vocábulos da língua portuguesa, indicando que algumas palavras estrangeiras já se encontravam, à época, em processo de adaptação; o caso de “elite”, exemplifica, que por estar quase naturalizada não precisava andar com as aspas ou grifos exigidos pelos gramáticos para qualquer palavra estrangeira.

A situação será usada, também, para Lobato destilar seu inconformismo com “os grilos da gramática” (aqui, outro neologismo da obra que se tornou antiquado: “grilos” eram os guardas de trânsito, assim chamados por conta do apito sempre na boca). Explicando, na voz de Quindim, que na língua inglesa, ou seja, em Anglópolis, as palavras estrangeiras podiam circular livremente, sem as aspas ou grifos exigidos em Portugália, Lobato dá voz à indignação de Narizinho, que não se conforma com isso. E termina por explicar, novamente por meio do rinoceronte, como a própria língua vai cuidando de simplificar seu uso, uma ideia que, como veremos, subjaz ao longo da obra, e que se constitui em uma das ideias-chave do segundo tema educacional pesquisado: “‘BOUQUET’, por exemplo, se trocar essa sua roupinha francesa e vestir um terno feito aqui, pode andar livremente pela cidade. Basta que vire BUQUÊ” (LOBATO, p. 16).

No território da Taxonomia

O capítulo “Gente importante e gente pobre” mostra o grupo se aproximando da região central de Portugália, dividida entre a cidade velha (Portugal) e um baixo populoso e agitado, Brasilina, representando o português falado no Brasil. As divisões sociais apontadas no título se mostrarão, primeiramente, em relação aos nomes próprios, com alguns muito requisitados, como Maria e José, que por alguns momentos conversa com o grupo, antes de atender mais um chamado, e nomes próprios em desuso.

Também aqui se revela o dinamismo da língua no diálogo entre os “picapauzinhos” e Urraca, um nome que um dia já foi de princesas e que se encontrava quase extinto. O nome antiquado está na porta da casa de outro nome, este recém-

chegado, um galicismo, Odete, que a julgar pelo comentário de Urraca seria um “nome da moda”. (LOBATO, p. 22).⁶⁹

Há uma hierarquia no bairro dos substantivos, com alguns se considerando mais importantes que outros, como Europa, que parece desprezar a América, ou os nomes próprios Deus e Ouro, “que são dos mais graduados!”, afirma Lobato (idem, p. 24).

Analisando a geografia do País da Gramática, dividida em zona central e áreas periféricas, Zinda Vasconcellos, depois de situar o ponto de vista da realidade brasileira do escritor a partir de seus “olhos patronais”, salienta: “É preciso destacar nos livros de Lobato uma autêntica preocupação com problemas sociais”. E observa, sobre o livro ora analisado:

A consciência da realidade social se nota mesmo no imaginário País da Gramática: a cidade em que as palavras de língua portuguesa morariam, Lusobrasilópolis, é apresentada como “... uma cidade como as outras. A gente importante morava no centro e a gente de baixa condição, ou decrépita, morava nos subúrbios”; o bairro das gírias seria “sem calçamento nem polícia”, e suas palavras seriam usadas pela “gente baixa, a molecada e a malandragem das cidades, e jamais pela “gente fina, a tal que anda de automóvel e vai ao teatro”.⁷⁰

Ao explicar a distinção entre substantivos concretos e abstratos, Quindim exemplifica o substantivo abstrato e, em seguida, Emília insere na lista a palavra “dinheiro”. Quando o professor-paquiderme retruca que dinheiro é substantivo concreto, a boneca explica que para ela, e para a Tia Nastácia, dinheiro é algo abstrato, pois nunca viram – revelando, de maneira indireta, a relação servil, mesmo que amorosa, estabelecida entre criada e patroa no Sítio.

Nesse momento em que o grupo se encontra no Bairro dos Substantivos, Lobato critica a língua portuguesa, que estabeleceu sexo para objetos, e a compara com a língua inglesa, da qual nessa época já era um tradutor prolífico, e seu gênero neutro. Na voz de Quindim afirma: “Isso é uma das maluquices desta cidade [...]. Já em Anglópolis não é assim. Há lá mais um gênero, o **Gênero Neutro**, para todas as palavras que designam coisas sem sexo, como PANELA e GARFO” (LOBATO, p. 28). Ao responder o comentário de Pedrinho sobre a dificuldade que deve ter um estrangeiro para “decorar o sexo” de todas as palavras da língua portuguesa, o rinoceronte-professor reconhece, e se

⁶⁹ A se lamentar neste episódio o comentário de cunho racista feito pelo escritor na voz da ressentida Urraca: “Não para em casa um minuto. Inda agora recebeu chamado para batizar uma menina em Itaoca. Tomara que seja uma negrinha preta que nem carvão...” (LOBATO, p. 22).

⁷⁰ VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço Editora, 1982, p. 94.

conforma: “Você tem razão – disse Quindim; mas em matéria de língua a coisa é como é e não como deveria ser.”

Agora é hora de Narizinho se indignar, ao descobrir que os homens “chamaram” para o sexo masculino doze das dezoito terminações possíveis na língua portuguesa. Acha egoísmo dos homens, no que é apoiada por Emília: “Não faz mal, Narizinho – consolou a boneca. Quando *nós* tomarmos conta do mundo, havemos de fazer o contrário – ficar com doze para o nosso sexo e só dar seis para o sexo deles” (LOBATO, p. 27, grifo do autor).

A crítica à “nomenclatura rebarbativa” ressurgiu quando Quindim explica a terceira modalidade possível dos substantivos, dos epicenos, que designam seres ou coisas dos dois gêneros, exemplificando com ONÇA, CÔNJUGE, CRIANÇA e JACARÉ: “Isso não é designar, é xingar! [...] Epiceno é o nariz dos gramáticos – exclamou Emília. Um defeito a gente deve corrigir. Xingar o defeito com um nome feio, não adianta” (LOBATO, p. 27-28).

Para escândalo dos educadores católicos ligados à ala mais conservadora da Igreja, que condenariam os livros do escritor por décadas, chegando uma diretora mais exaltada a criar um auto-de-fé no pátio de uma escola confessional, conforme relata Edgardd Cavalheiro⁷¹, nessa conversa sobre gênero e seus direitos Lobato informa ter Emília “se divorciado de Rabicó” (LOBATO, p. 28). Isso em 1934, ano em que a indissolubilidade do casamento se tornara um preceito constitucional na Carta Magna recém-aprovada pelo governo constitucional de Getúlio Vargas.

É bastante plausível que essa frase impertinente sobre o divórcio de Emília tenha custado ao escritor a perda da compra governamental por parte do Departamento de Educação do Estado de São Paulo, que em 13 de novembro de 1939 declarou não poder “opinar favoravelmente à autorização para que o livro em apreço possa constar de bibliotecas escolares, enquanto nas edições persistirem os trechos ou palavras apontados pela comissão”.⁷²

A aula de substantivos, com Quindim trazendo numerosos exemplos, é interrompida pela chegada abrupta do Visconde – que desde o início da narrativa não se fixa junto ao grupo. É ele quem traz para o livro a informação de que há um Bairro das

⁷¹ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: vida e obra. São Paulo: Brasiliense, 1962, 2º vol., p. 167.

⁷² Fundo Monteiro Lobato. Cedae/IEL/Unicamp. Um possível desenvolvimento desta pesquisa seria a análise do parecer da comissão que embasou a decisão da Chefia do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola, que poderia revelar os motivos da recusa.

Palavras Obscenas. O sabugo conta que viu “soltas nas ruas, esmolambadas e sórdidas, as palavras mais sujas da língua. Sarnentas, vestidas de farrapos e sem a menor compostura nos modos” (LOBATO, p. 29). O discurso, de tom moralizante, é interrompido por Emília, que “não achava nada no mundo indecente” e se interessa em conhecer o bairro. No que é impedida pela representante do bom-senso e dos bons modos, Narizinho, sob o argumento que “há muita coisa decente para vermos”.

Mas o que o grupo se deparará na sequência, por meio da palavra CANZARRÃO, portadora do grau aumentativo e, portanto, daquele incômodo ditongo “ão”, será o primeiro sinal da idiosincrasia do autor diante do som, único entre as línguas ocidentais, e que torna tão difícil a aprendizagem do idioma para estrangeiros. É Emília quem verbaliza a implicância lobatiana, aproveitando para exemplificar com uma curiosa figura de linguagem os graus aumentativos e diminutivo:

As palavras quando querem significar uma coisa grande, *latem*; e quando querem significar uma coisa pequena, *choramíngam*.

Ninguém entendeu.

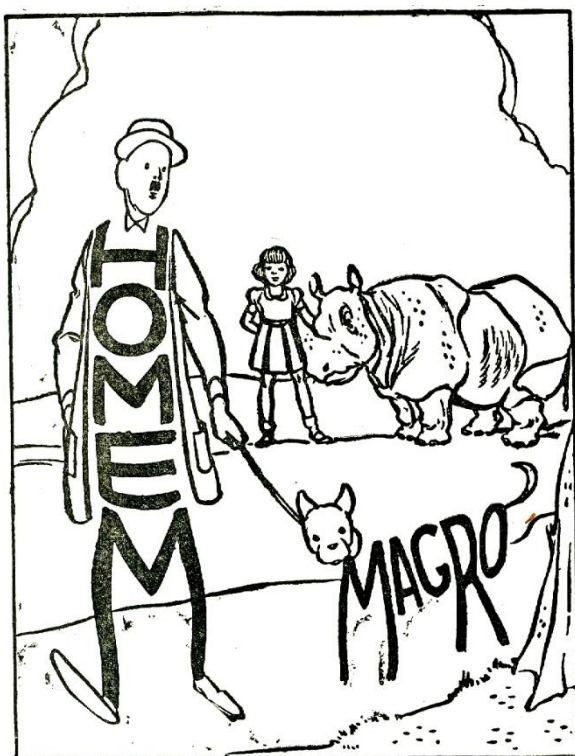
– Sim – insistiu ela. Botar um ão no fim duma palavra é latir, porque latido de cachorro é assim – ão, ão, ão! E botar um inho, ou um zinho no fim das palavras é choramingar como criança nova. Panela, por exemplo; se *late*, vira PANELÃO e se *choramíngam*, vira PANELINHA... (LOBATO, p. 31, grifos do autor).

No Bairro dos Adjetivos, a presença orientadora do gramático Eduardo Carlos Pereira se torna explícita: o primeiro exemplo escolhido por Lobato e ilustrado por Belmonte, e também por André Le Blanc, é “homem magro”. Belmonte escolhe mostrá-lo na forma verticalizada de um homem onde o H da palavra é sua cartola, o O sua face, o primeiro M seus braços, a letra E o abdômen e o último M suas pernas, passeando com uma criança, como o adjetivo magro, em uma criativa composição de fontes e letras. Le Blanc, mais tradicional, fará da palavra o corpo do homem (nem tão magro assim), com um cachorro sendo o adjetivo. E o primeiro exemplo de adjetivo da *Gramática Expositiva* é justamente este: “homem *alto, magro, pálido, inteligente e bom*”⁷³. Novamente, em nome da simplificação didática, Lobato ficou com um adjetivo apenas.

⁷³ PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva**: curso superior. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945, 65ª ed., p. 108.



Homem magro na solução visual de Belmonte.



*Nesse momento os meninos viram o Nome **HOMEM** que saía dum casa puxando um Adjetivo pela coleira.*

Homem magro na solução visual de André Le Blanc.

Em termos narrativos, o papel do Visconde começa a se tornar mais relevante. Um exemplo dado por Quindim traz uma informação nova: “O VISCONDE, CUJA CARTOLINHA SUMIU, ESTÁ DANADO. Nesta frase, o adjetivo CUJA refere-se a uma coisa que ficou para trás” (LOBATO, p. 38). A informação, além de moldar o sábio sabugo no papel do aluno brilhante mas disperso dentro da constelação escolar paradigmática criada por Lobato para essa obra, dará pistas, um pouco adiante, das intenções do autor. Será quando Emília observará Visconde:

– Sim – murmurou Emília distraidamente, com os olhos postos no Visconde que continuava calado e apreensivo como quem está incubando uma ideia. O SONSÍSSIMO Visconde, ou O MAIS SONSO de todos os sabugos científicos. De fato, o Visconde estava preparando alguma. Deu de ficar tão distraído que até começou a atrapalhar o trânsito. Tropeçou em várias palavras, pisou no pé dum Superlativo e chutou um O maiúsculo, certo de que era uma bolinha de futebol. Que seria que tanto preocupava o Senhor Visconde? (LOBATO, p. 40)

Mesmo um passeio escolar, se for na forma de um livro escrito para crianças precisará trazer algum tipo de conflito (que surgirá mais adiante, como veremos) e, se possível, compor uma segunda história paralela à trama principal, como é o caso da ação iniciada aqui, a partir da cartola perdida no Bairro das Obscenidades, de mostrar Visconde como o desgarrado do grupo. Uma falha detectada na pesquisa aconteceu no trabalho do ilustrador André Le Blanc, e que possivelmente também passou despercebida pelo autor e pelos revisores da Editora Brasiliense: na imagem do esbaforido Visconde que chega do bairro das “palavras sujas” ele permanece com sua cartola, o que invalidaria o exemplo dado por Quindim.

Com ou sem cartola, estabelece-se aqui, em termos narrativos, a especificidade do papel do sábio nesta narrativa: Visconde não será professor-auxiliar de Quindim nem de seus substitutos provisórios (Dona Etimologia, o Verbo Ser e Dona Sintaxe), nem participará de forma ativa das conversas ou ações da turma com as palavras, tampouco seguirá o trajeto do grupo, que, é interessante observar, não tem um líder incontestado. A cada situação, alguém se apresenta para encaminhar a história para outro cenário. Para o sabugo, Lobato reservou nessa história o papel daquele que desestabiliza uma situação, muitas vezes por um motivo até fútil, um pícaro. Christopher Vogler, em seu livro *A jornada do escritor*, no qual usa o paradigma da Jornada do Herói para analisar diversas produções cinematográficas, define dessa forma o papel do pícaro:

O arquétipo do Pícaro incorpora as energias da vontade de pregar peças e do desejo de mudança [...] São os inimigos naturais do *status quo*. A energia picaresca pode se manifestar por meio de acidentes ou lapsos de língua que nos alertam para a necessidade de mudança. Quando estamos nos levando demasiadamente a sério, a

parte Pícaro de nossa personalidade pode surgir de repente para nos devolver a necessária perspectiva.⁷⁴

O lugar seguinte visitado pelo grupo, ainda no amplo território da Taxonomia, será a Casa dos Pronomes. Aqui terão lugar duas discussões importantes, mesmo que a casa dos pronomes seja modesta, já que estes “são só um punhadinho, e vivem lá como em república de estudantes” (LOBATO, p. 41): a ideia de que a língua é um sistema não-hierárquico e um exemplo bastante prático, e eloquente, da tendência natural da língua em buscar o caminho mais simples.

Vejamos, primeiramente, como Lobato tratará a questão da não-hierarquização da língua, mesmo que os pronomes vivam em uma casa modesta, e que, de certa forma, algum grau de hierarquização tenha sido mostrado, por exemplo, em relação às palavras estrangeiras e obscenas, impedidas de circularem livremente na “cidade alta”.

Recebidos pelo pronome pessoal EU, descrito como alguém que parecia “ter o Presidente da República na barriga” de tanta petulância e orgulho, em um diálogo com Pedrinho no qual este comenta que todas as palavras dizem serem importantes, e Emília confirma que “todas as outras palavras dizem o mesmo”, o pronome retruca: “E nenhuma está exagerando [...] Todas somos por igual importantes, porque somos por igual indispensáveis à expressão do pensamento dos homens” (LOBATO, p. 41).

Na Casa dos Pronomes o grupo se depara com os pronomes TU e VOCÊ disputando um lugar à mesa. Dessa forma o escritor cria uma excelente oportunidade de exemplificar os processos dinâmicos da língua em busca do caminho mais simples. Assim, em dois parágrafos, os leitores saberão que o tratamento Vossa Mercê, dado primeiramente aos reis, depois passaria a ser dado também aos fidalgos, se transformando com o passar do tempo em Vossemecê, depois em Vosmecê até chegar ao atual Você. E prevê:

No andar em que vai creio que acabará expulsando o TU para o bairro das palavras arcaicas, porque já no Brasil muito pouca gente emprega o TU. Na língua inglesa aconteceu uma coisa assim. O TU lá se chamava THOU e foi vencido pelo YOU, que é uma espécie de VOCÊ empregada para todo o mundo, seja grande ou pequeno, pobre ou rico, rei ou vagabundo (LOBATO, p. 42-43).

Mesmo ignorando o poder dos regionalismos, notadamente entre os gaúchos e em algumas regiões do Nordeste nas quais o pronome “tu” segue empregado até os dias de hoje, Lobato cria nesse momento uma situação ficcional bastante eficiente para explicar

⁷⁴ VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 129.

como acontecem os processos de condensação e derivação na língua portuguesa, bem como de busca de simplificação. O pronome “você” é jovem e “bastante cheio de si”, enquanto o seu equivalente “tu” é apresentado como alguém que parece estar sofrendo de reumatismo.

O próximo tema abordado na área da Taxonomia será o dos verbos. E o local escolhido por Lobato para concentrar os verbos não parece aleatório, embora siga uma lógica diferente da empregada nos demais. Em vez de estarem em bairros, como os substantivos e adjetivos, ou em uma espécie de república de estudantes, como os pronomes, os verbos se encontram no Campo de Marte. A referência, neste caso, é para algo fora da esfera gramatical, mas simultâneo ao período de produção do livro, uma notícia do mundo real que, bem ao estilo do escritor, invadia seu universo ficcional. Em novembro de 1933, período em que o escritor se encontrava escrevendo a obra em questão (a carta a Anísio Teixeira, datada deste mesmo mês e ano, relatando o episódio da entrevista com o Verbo Ser, permite essa inferência com boa dose de certeza), seria inaugurado em São Paulo o primeiro aeroporto da cidade, o Campo de Marte, na zona norte, substituído na década seguinte pelo Aeroporto de Congonhas. Assim, aos leitores contemporâneos, pais e filhos, a menção daquele lugar como a morada dos verbos trazia uma nova camada de sentido à leitura, já que os verbos, estando relacionados à ação, teriam em um aeroporto um local que expressava também um significado simbólico.

Tratados como a classe militar da cidade, os verbos serão apresentados por suas quatro conjugações, que se encontram agrupadas como acampamentos de guerra. Neste momento, há uma concessão em relação à não-hierarquização da língua, mais no sentido da comunicação essencial. Isso porque o escritor afirma que substantivos e verbos seriam “as palavras mais importantes da língua”, justificando: “Só com um Nome e um Verbo já podem os homens exprimir uma ideia” (LOBATO, p. 45). Em seguida, fiel ao projeto de buscar comparações para melhor explicar os fatos linguísticos, compara os verbos aos camaleões, já que na Língua Portuguesa essa categoria de palavras pode assumir sessenta e cinco formas diferentes. E acrescenta: “São palavras políticas, que se ajeitam a todas as situações da vida” (idem, p. 45).

No acampamento da segunda conjugação, as personagens presenciarão o desfile do Verbo Ter. Neste trecho a história se torna um obstinado desfile de formas verbais, como se o autor tivesse colocado a si próprio o desafio de passar em revista todos os

tempos verbais. Teve a sabedoria de escolher um verbo que permitiu diversas interferências com pitadas de humor e duplo sentido dos “alunos” que assistiam à parada.

A aula ainda se prolongará depois das crianças terem recusado o convite do rinoceronte para outro desfile (“Quem vê um verbo, vê todos”, responde Narizinho), com breves comentários sobre verbos anômalos, como os irregulares, os auxiliares, os pronominais, aqueles de voz ativa ou passiva e, por fim, os transitivos ou intransitivos, abrindo espaço para o tema dos objetos direto e indireto, não aprofundado aqui já que os personagens ainda se encontram em território da Taxonomia, não da Sintaxe.

Dispondo de um vasto repertório narrativo, o escritor decide nesse momento mudar de formato, talvez temendo perder seu pequeno leitor depois de uma minuciosa parada militar com todas as conjugações do verbo Ter. É Emília quem assume agora o bastão da história, ao se disfarçar de repórter do jornal *O Grito do Picapau Amarelo*, “o mais importante jornal do sítio de Dona Benta” (LOBATO, p. 53) para visitar o mais velho e graduado de todos os verbos: o verbo Ser.

“O venerando Verbo SER ouviu o guarda e estranhou o pedido de entrevista; mas como tivesse muito medo da imprensa, não pode recusar-se a receber aquela repórter” (idem, p. 53). Com seu histórico já longo de jornalista polemista, àquela altura de duas décadas desde sua entrada triunfal em *O Estado de S. Paulo* por meio do artigo “Velha Praga”, publicado em 1914, além de ter sido proprietário de um órgão de imprensa (*Revista do Brasil*) e colaborador de outros tantos, Lobato não deixa de lembrar aos leitores, por meio da invenção de Emília, que até os mais poderosos temem o poder destrutivo de uma pena de repórter afiada, como era a do próprio escritor.

Enquanto o verbo desfila sua origem para a boneca, os dois veem pela janela o desgarrado Visconde passeando de braço dado com mais uma “velharia”, como comenta Emília. Trata-se da palavra “paredro”. Oportunidade para o escritor inserir no livro, por meio do verbo Ser, um comentário da vida política de seu tempo que exemplificaria o dinamismo da língua. Lobato menciona que a palavra, que significa “conselheiro, mentor”, andava esquecida e já vivia no Bairro dos Arcaísmos até que:

Um belo dia um deputado brasileiro, que era o grande romancista Coelho Neto, teve a ideia de requisitá-la para a meter num discurso. Lá lhe mandamos a palavra requisitada, ainda cheia de pó e teias de aranha como se achava. PAREDRO entrou no discurso do deputado, fez sucesso e voltou rejuvenescida. Desde então passou a receber frequentes chamados, e acabou vindo morar de novo aqui no centro, em companhia das palavras vivas. Casos como esse, porém, são raríssimos. Em geral, quando uma palavra morre, morre duma vez. (LOBATO, p. 57).

O escritor citado, Coelho Neto, deputado federal eleito pelo Rio de Janeiro por duas legislaturas, em 1909 e em 1917, era conhecido por sua prosa formal, cheia de recursos retóricos, sendo intensamente combatido pelos modernistas – embora tenha sido um autor bastante popular nas primeiras décadas do século XX. Restando provado o dinamismo da língua, mesmo que brevemente “ressuscitada” pelo discurso do influente deputado beletista, a palavra “paredro” voltaria a cair no esquecimento, presumivelmente em pouco tempo.

A passagem, mais breve que as anteriores, pelas últimas categorias gramaticais da Taxonomia será feita apenas por Emília, tendo o verbo Ser assumido momentaneamente a função docente dentro dos arquétipos anteriormente assinalados – e que se preservarão ao longo do texto. Mantendo a mesma sequência oferecida pela *Gramática Expositiva*, a narrativa chega ao Bairro das Palavras Inflexivas, onde vivem advérbios, preposições e interjeições. Para explicar a função do advérbio, que modifica um verbo, adjetivo ou outro advérbio, Emília compara essa partícula ao poder que Tia Nastácia tem sobre ela, de modificá-la, recosturando-a.

Na casa dos advérbios, outra implicância estilística do escritor encontra sua válvula de escape: ao abrir a caixinha dos advérbios de Tempo, a boneca encontra a expressão “entrementes”. “Oh! – exclamou Emília agarrando o ENTREMENTES pelo cangote. Não sabia que era aqui que morava este freguês. Conheço um moço que tem tanta birra deste coitado que risca todos que encontra nas páginas dos livros” (LOBATO, p. 59). A mensagem permanece cifrada. Lobato ironizava a si próprio? Aludia a algum amigo, inimigo declarado do advérbio, que entenderia o recado?

Juntando com habilidade conhecimentos vindos da Etimologia, o escritor dá uma atenção especial ao sufixo “mente”, explicando sua origem como substantivo (significando maneira, intenção) e como se transformou em “rabo de advérbio”, usando mais uma vez uma metáfora visual para a melhor absorção do conceito. E desta vez, o caminho mais simples está na voz do próprio verbo Ser, mostrando como o projeto de simplificar a “nomenclatura rebarbativa” dos gramáticos valerá sempre que for possível abrir mão dela, seja pela voz do narrador, seja qual for o personagem.

A caminho da casa das preposições, novamente Lobato faz questão de frisar o caráter não-hierárquico da língua, pela voz do verbo Ser:

Bem consideradas as coisas, não existe palavra que não seja indispensável. Sem os Nomes, de que valeríamos nós, os Verbos? E sem Verbos, de que valeriam os Nomes?

Todas as palavras ajudam-se umas às outras, e desse modo os homens conseguem exprimir todas as ideias que lhes passam pela cabeça (LOBATO, p. 63).

A função das preposições, de interligação entre os vocábulos, é comparada por Emília a “barbantes, as cordinhas da língua”, ao que o verbo Ser, concordando, completa: sem elas a mensagem ficaria telegráfica. Desse conciso diálogo o escritor consegue criar uma percepção clara, e bastante didática, da função sintática dessas partículas, às quais, em algum momento de nossa trajetória escolar, todos tivemos a obrigação de decorá-las (pelo menos quem frequentou a escola pública brasileira nos anos 1970).

A passagem pelas preposições será rápida. O escritor parece ter pressa de chegar logo ao território da Sintaxe, pois ainda há um longo caminho a ser percorrido, pelo itinerário proposto por Eduardo Carlos Pereira em sua *Gramática Expositiva*. Logo Emília e o Verbo Ser se encontram na Casa das Conjunções, que também são explicadas como elementos que “*ligam* grupos de palavras”, ou seja, uma oração à outra, da mesma forma como as preposições ligam uma palavra à outra na frase. Curiosamente, na seção das palavras inflexíveis, os advérbios, conjunções e preposições não se encontram antropomorfizados, como nas casas e bairros anteriores de Portugália, mas dispostos em caixinhas e, no caso das conjunções, também em dois grandes armários, separando as coordenativas das subordinativas. Porém, mesmo pertencendo igualmente à categoria inflexível, o tratamento antropomórfico, no texto e no projeto gráfico, retornará na última casa do território da Taxonomia: a casa da gritaria.

Na Casa das Interjeições, comparada por Emília a um viveiro de papagaios e pelo verbo Ser a um hospício, Lobato se esquivará da discussão algo bizantina proposta pelo gramático Eduardo Carlos Pereira se estas seriam, de fato, uma categoria de palavra.

É mais um grito instintivo animal, do que uma palavra – dizem alguns gramáticos – e, portanto, está fora da esfera gramatical. Seja muito embora um grito animal é, porém, grito de animal racional e, se não exprime uma *ideia*, exprime um *pensamento*, é uma palavra sintética: não está, pois, fora da alçada gramatical.⁷⁵

Dado o desprezo do gramático pelo “brado animal, mesmo que racional”, aqui o escritor viu-se desamparado, pois Eduardo Carlos Pereira dedica apenas meia página às interjeições, das 432 da edição cotejada. Assim, todos os exemplos de interjeições de dor, desejo, animação, aplauso, aversão, apelo, silêncio, bem como as onomatopeias, vieram de outra fonte – ou do repertório de leituras, e de escrita, do autor. A fonte mais provável

⁷⁵ PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva**: curso superior. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945, 65ª ed., p. 378.

recai sobre outra obra de Eduardo Carlos Pereira, a *Gramática Histórica*, publicada em 1916. Sendo uma publicação de cunho histórico, mesmo mantendo o estatuto duvidoso das interjeições em termos taxonômicos, nesta segunda gramática os exemplos abundam. E todos os citados por Lobato aparecem na publicação.⁷⁶

Novamente, ao leitor do século XXI surpreende identificar em um livro dedicado a crianças escrito nos anos 1930 expressões que, supostamente, eram corriqueiras e que hoje definitivamente “morariam” no bairro dos Arcaísmos, se tal lugar existisse. Interjeições como “Sus!”, “Irra!”, “Apre!”, “Caluda!”, “Cáspite!” – esta, de admiração, com a ressalva de que é apresentada aos leitores como “bem velhinha”.

É nesse momento da narrativa em que acontecem as maiores ousadias gráficas do projeto original de *Emília no País da Gramática*, ilustrado por Belmonte. Propondo uma solução visual bastante impactante, ainda mais sendo este um livro infantil publicado em 1934, as interjeições de alegria, antropomorfizadas, atravessam a página na diagonal, enquanto as interjeições de dor disparam pelo canto, como se quisessem escapar pelas margens do livro. A respeito dessa solução, comenta Maria Alice Faria:

As três figuras das interjeições de alegria – AH! OH! EH! – atravessam toda a página em diagonal, aos pulos, com braços e pernas em movimentação otimista e com expressões de grande alegria no rosto. Já as duas interjeições de dor – AI! UI! – correm no canto direito da página, como se quisessem escapar do livro, descabeladas, com a mão na cabeça e a expressão facial assustada.⁷⁷

A edição ilustrada por André Le Blanc, com menor ousadia gráfica, também cria nesse momento da narrativa a única página dupla inteiramente ilustrada. Na página par, as mesmas expressões de alegria e dor escolhidas por Belmonte, na ímpar uma miscelânea de interjeições (IH! CHI! APRE! IRRA! OLÁ! PSIU! HALO!). Observe-se o caso da última expressão, ainda apresentando traços de sua assimilação recente como galicismo: da original HELLO! para a intermediária HALO!, ilustrada por Le Blanc, até o atual ALÔ!.

⁷⁶ PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica Historica*. São Paulo: Seção de Obras d’O Estado de S. Paulo, 1919, p. 577-580.

⁷⁷ FARIA, Maria Alice. “Belmonte ilustra Lobato” In: **Monteiro Lobato livro a livro**: obra infantil. LAJOLO, Marisa. CECCANTINI, João Luís. (orgs). São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial, 2008, p. 60



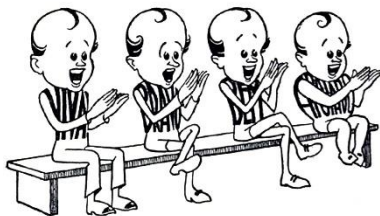
Oh! Oxalá! E viu tres num entusiasmo doido — as Interjeições de **Animação** — EIA! SUS! CORAGEM! E viu quatro de **Aplauso**, batendo palmas — VIVA! BRAVO! BEM! APOIADO! E viu mais quatro com caras de horror e nojo, que eram as Interjeições de **Aversão** — IH! CHI! IRRA! APRE! E viu algumas de **Apelo**, chamando desesperada-

mente alguém — OLÁ! PSSIU! HALÓ! E viu duas de **Silencio**, encolhidinhas, de dedo na boca — PSIO! CALUDA! E viu uma bem velhinha, de **Admiração** — CASPITE!

— Que baitaquinhas! comentou Emilia tapando os ouvidos. Já estou tonta, tonta...

— E ha ainda aqui, disse o Verbo SER, esta pequena caixa com as **Onomatopéias**, ou Interjeições **Imitativas** de certos sons.

Emilia viu nessa caixinha as Onomatopéias **CHAFE!** que imita o som do animal patinhando n'água. E viu **ZAS-TRÁS!** que imita movimento rapido. E viu tambem o celebre **NHOC!** muito usado por Pedrinho para imitar bote de



A casa da gritaria

— **QUE** barulhada! exclamou Emilia ao aproximar-se da casa das **Interjeições**. Será algum viveiro de papagaios?

— São elas. Lá dentro parece um hospicio, porque as Interjeições não passam de gritinhos.

— Gritos de que?

— De tudo. Gritos de **Dor**, de **Alegria**, de **Aplauso**...

A casa das Interjeições parecia mesmo um viveiro de papagaios. Assim que entrou, Emilia viu passarem correndo dois gemidinhos de **Dor**, as Interjeições **Ai!** e **Ui!**. Logo em seguida viu, a dar pulos, tres gritinhos de **Alegria** — **Aii!** **Oh!** **Eh!** Depois viu tres de nariz comprido — as Interjeições de **Desejo** — **TOMARA!**





cachorro bravo. E viu TCHIBUM! que imita barulho duma coisa que cai nagua. E viu TRRRRLIN! que imita som de esporas no assoalho. E viu TIC-TAC, som de relógio. E T6C-T6C, som de batida em porta. E viu COIN, COIN, COIN, som de Rabicó sempre que levava pelotadas do budoque de Pedrinho.

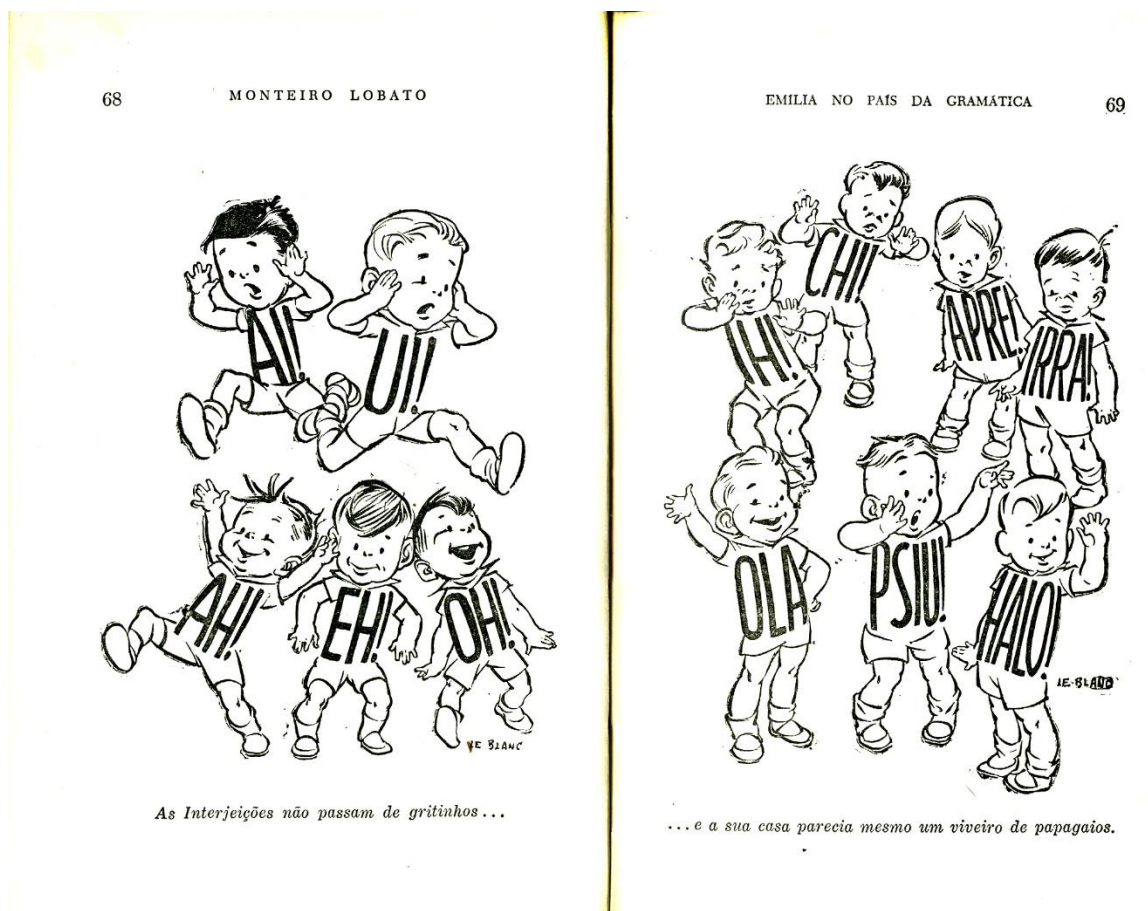


— Sim, senhor! disse Emilia retirando-se. São muito galantinhas, mas deixam uma pessoa atordoada. Lá no sítio usamo-las muito, não sómente a estas como a varias outras inventadas por nós. Tia Nastacia é uma danada para inventar Interjeições. Danada para tudo, aquela negra...

E mudando de tom:

— Por que Vossa Serencia não aparece por lá, um dia para uma visita a dona Benta? Por ser muito velho? Ora, deixe-se disso!... Estamos lá acostumados com a velhice.

As soluções gráficas para a Casa das Interjeições criadas por Belmonte (1934).



As soluções gráficas para a Casa das Interjeições criadas por André Le Blanc (1947).

Destacando, mais uma vez, o caráter dinâmico da língua e como ela é propriedade de todos os seus falantes, ao saírem, um tanto atordoados, da “casa da gritaria”, Emília comenta que muitas daquelas expressões eram usadas pela turma do Sítio, “e ainda várias outras inventadas por nós. Tia Nastácia é uma danada para inventar Interjeições. Danada pra tudo, aquela negra...” (LOBATO, p. 70).

No território da Etimologia

O reencontro de Emília com o grupo, após a passagem pelos últimos pontos da Taxonomia acompanhada pelo Verbo Ser, se dá na Praça da Analogia, e representa a entrada da narrativa na segunda grande área da gramática, a Sintaxe. E a forma que Lobato escolhe para ligar o estudo das palavras (Lexologia) com o estudo das ideias que podem ser expressas por meio delas (Sintaxe) é por meio da Etimologia. Será dialogando sobre a origem de diversas palavras, e por meio de exemplos de processos de derivação de palavras, que a turma do Sítio começará sua caminhada pela sintaxe, fazendo com que o leitor sequer perceba que já se encontra na “segunda parte” da lição gramatical.

Na Praça da Analogia a boneca encontra Visconde, juntamente com Pedrinho e Narizinho, conversando com duas palavras iguais, mas de sentidos diferentes: “pena” de dó e “pena” de escrever. O rinoceronte está num canto, pensativo. O exemplo escolhido tornou-se anacrônico, revelando-se mais uma vez a característica mutante da língua, já que “pena” como sinônimo de escrita atualmente é utilizável apenas no sentido figurado, graças à ampla difusão da caneta esferográfica. Este objeto que revolucionaria a escrita no século XX ainda seria inventado em 1938, estando disponível no Brasil somente a partir da década de 1960. De lá para cá, esta “pena”, a de escrever, tornou-se metáfora do ato de escrever.

Alheio à conversa que o grupo tem com as irmãs “pena” sobre palavras homônimas e homófonas, sinônimas e antônimas, Quindim é tirado de suas reflexões por Emília, que o provoca: “Acorde, boi sonso! Que *nostalgia* é essa?”. A reflexão do paquiderme é, justamente, sobre o envelhecimento das palavras. Ou, nas palavras do escritor, na “velhice destas palavras”. Comentando a origem da palavra “pena” como POINE na Grécia, sua transformação para POENE entre os romanos, o professor-rinoceronte observa: “Vieram de muito longe, sofreram grandes mudanças e continuam a transformar-se, como essa PENA de escrever que acaba de perder um N” (LOBATO, p. 73). A perda de um “n” é uma referência à Reforma Ortográfica de 1931, recém-aprovada, que eliminava a grafia de consoantes dobradas. Mas a citação é ligeira, feita quase ao acaso, pois Lobato guardará para o final sua artilharia mais pesada contra os defensores da Ortografia Etimológica. E fará de Quindim seu tanque de guerra.

Neste momento o grupo se depara com uma dúvida sobre o itinerário, abrindo uma brecha para Lobato citar uma área que não será abordada em seu livro: a Prosódia, que cuida da pronúncia das palavras. É para onde Emília quer se dirigir, mas dessa vez o desejo da boneca é vencido pela determinação de Narizinho em visitar a casa de Dona Etimologia. “Depois visitaremos Dona Prosódia”, promete à boneca (LOBATO, p. 76). O tema será ignorado pelo escritor, que se limitará a nomear a existência dessa área da Taxonomia, com o devido negrito reservado aos conceitos nesta obra.

Que tipo de vantagem Lobato teve, em termos narrativos, ao trocar Dona Benta por um rinoceronte gramático? Por exemplo, a de poder dispor, neste momento da narrativa, de um formidável “berro paquidérmico” para assustar o grupo de “carranças” que cercavam a veneranda senhora e, assim, dar sequência à narrativa. Berro não, uma interjeição, como defendeu Emília diante da relutância de Quindim em se impor

brutalmente na casa de Dona Etimologia. Tal ação seria impensável se fosse a avó das crianças a conduzir a turma pelo País da Gramática. O escritor preferiu usar métodos mais dissuasivos desta vez, tirando Dona Benta de sua tradicional função docente.

É pela origem da palavra “boneca” que o escritor começará o diálogo entre Dona Etimologia e a turma do Sítio. Tomando temporariamente a função docente de Quindim, ela explica ser esta uma rara contribuição do idioma holandês: *manneken* (com significado de “homenzinho”), que se transforma em *banneken* ou *bonneken*, “sendo desfigurada pelo povo até chegar à sua forma de hoje, boneco” (LOBATO, p. 79).

O comentário sobre a participação popular na transformação da língua será questionado por Pedrinho, coerentemente exercendo seu papel de agente das perguntas que cercam o senso comum. O menino estranha que “os ignorantes ou incultos” possam influir na língua. E a resposta de Dona Etimologia será mais uma dose de um dos temas centrais do livro: o caráter popular, imprevisível e dinâmico da língua, tanto em sua modalidade falada quanto escrita. Aqui o escritor explica como a oralidade influencia a escrita do idioma:

É fácil de compreender isso – observou a velha. As pessoas cultas aprendem com professores e, como aprendem, repetem certo as palavras. Mas os incultos aprendem o pouco que sabem com outros incultos, e só aprendem mais ou menos, de modo que não só repetem os erros aprendidos como perpetram erros novos, que por sua vez passam a ser repetidos adiante. Por fim há tanta gente a cometer o mesmo erro que o erro vira USO, e deixa de ser erro. O que nós hoje chamamos certo, já foi erro em outros tempos. Assim é a vida, meus caros meninos (LOBATO, p. 79).

Em seguida, será a vez de Narizinho trazer um exemplo pertinente de como na língua o uso acaba por vencer a regra: “E os ignorantes de hoje continuam a mexer nela [...] A gente da roça diz ESPÊIO” (LOBATO, p. 79), diz a menina. Novamente a etimologia da palavra, originada do latim *speculum*, é invocada para comprovar não apenas o caráter dinâmico da língua mas, igualmente, a tendência à simplicidade de caminhos: “Eu, que sou muito velha e tenho visto muita coisa, de nada me admiro. O homem é um animal comodista. Daí a sua tendência a adotar os erros que exigem menor esforço para a pronúncia” (idem, p. 79).

Porém, Lobato fará questão de contextualizar a entrada de novos atores em cena, como os meios de comunicação de massa, que naquelas décadas já transformavam a circulação de textos e ideias. E o faz pela voz de Dona Etimologia: “Hoje está mais difícil a ação dos ignorantes sobre a língua por causa do grande número de livros e jornais que existem e fixam a forma atual das palavras. Mas antigamente quem fazia a língua era justamente o ignorante” (LOBATO, p. 80).

Dos processos naturais de transformação da língua a conversa deriva, agora puxada pela pergunta de Narizinho, para outra questão importante no domínio da Etimologia: como surgem as palavras? Como acontece o enriquecimento de uma língua? Sua dúvida é traduzida de forma singela: “Mas as palavras foram aumentando como? Onde vinham? Quem era o fabricante?” (LOBATO, p.81).

À resposta de Dona Etimologia, dando múltiplas formas de como as palavras podem ser criadas (“inventadas pelo povo”, “criadas pelos eruditos”, “importadas dos países estrangeiros”), Pedrinho responde com uma metáfora rural, bem ao gosto do ex-fazendeiro: “Isso lá no sítio se chama ‘tirar cria’”. Uma aproximação a um conceito gramatical, em linguagem coloquial, que virá em seguida grafado em negrito: derivação.

Em seguida, a aula se torna lúdica. Dona Etimologia aponta as gavetas de um armário onde se encontram os sufixos e convida a turma a “mexer com eles”. Nessa hora, quando Pedrinho, Narizinho e Emília se lançam na brincadeira, tem início uma contenda entre Dona Etimologia e a boneca, que, de forma impertinente e provocativa, seguirá chamando-a de Timótea, Teodora, Brites, Eulália e Eufrásia. Mais uma oportunidade para zombar da “nomenclatura rebarbativa” dos gramáticos. Enquanto isso, Quindim permanece do lado de fora da casa e Visconde anda alhures, em seu papel de estudante desgarrado da turma.

A brincadeira de formar palavras, para Pedrinho, será usando o radical que integra o seu próprio nome. Brincando, o menino isola o radical PEDR e passa a compor diversas palavras com ela. Algumas não fazem sentido, como pedreria ou pedralha, ele observa, mas muitas sim. E elas desfilarão diante do leitor: pedrada, pedraria, pedreiro, pedregulho, pedraria, pedrada, pedral, pedragem, pedreiro, pedrama, pedrame, pedrume, pedregulho, pedrão, pedaço, pedraça, pedrázio, pedralha, pedrorra, pedrinha, pedrita, pedrete, pedrote, pedrilha, pedrica, pedristo, pedracho e pedreira. Ao todo 24 palavras novas formadas com o mesmo radical, “com esta porqueirinha de Raiz” (LOBATO, p. 87), espanta-se o garoto. Algumas destas palavras não foram encontradas em dicionários consultados⁷⁸, como pedrázio, pedrorra e pedrume.

Nesse momento, o projeto gráfico adiciona um novo elemento visual de leitura: o versalete (*small caps*). Trata-se de um recurso gráfico inserido em diversas fontes tipográficas que permite diferenciar maiúsculas e minúsculas usando-se apenas tipos em caixa alta. É em versalete que aparecerão as variações em torno da palavra “pedra”,

⁷⁸ Foram consultados os dicionários Aurélio, Larousse Cultural e Michaelis.

mantendo-se o padrão de destacar em capitulares as palavras do texto que representem vocábulos, sons ou letras.

Refeita do susto de ter encontrado Quindim na porta de sua casa, Dona Etimologia seguirá informando às crianças os diversos processos pelos quais as palavras se formam: por meio de prefixos e sufixos, e também por hibridismo, justaposição e aglutinação. Partindo do personagem Quindim, ela exemplifica a formação por aglutinação: *rino* (nariz) e *ceronte* (chifre). Ao que Emília retruca descobrindo o “nome grego” de Narzinho: “Microrrino” (micro = pequeno; rino = nariz).

O diálogo abre espaço para se falar sobre aglutinação híbrida, aquela formada por origens diversas e, novamente, sairá de Pedrinho a metáfora rural para o hibridismo: o burro e a mula, que são híbridos por serem filhos de jumento e égua. Acentuando o lado lúdico do passeio pelo País da Gramática, nessa hora Emília e Pedrinho colhem uma porção de palavras gregas e latinas para, depois no sítio, criarem uma coleção de palavras híbridas. “Quero ver quem cria híbridos mais bonitos, se você ou eu”, desafia a boneca (LOBATO, p. 95).

Das palavras gregas e latinas, o passeio agora será por outras vertentes linguísticas que enriqueceram o idioma português falado no Brasil. O início é pelas palavras de origem tupi (ou “palavras índias”, segundo Lobato), e o escritor se esmera em mostrar a amplitude da influência da “língua geral” falada no Brasil antes da chegada dos colonizadores, destacando que inúmeros acidentes toponímicos e palavras de uso diário têm origem indígena.

O destaque dado à contribuição de palavras estrangeiras e da língua nativa ao português falado e escrito no Brasil pode estar relacionado a um aspecto no qual Lobato parece divergir de sua fonte principal: o grande peso, até mesmo demográfico, representado pelos falantes da língua que vivem no Brasil tornaria sem sentido taxar de “brasilianismos”, ou seja, de vícios de linguagem, expressões que tiveram origem no país. Tanto que, mais adiante, quando a turma conhecer a prisão onde se encontram os vícios de linguagem, o escritor deixará de propósito a cela do “brasilianismo” vazia.

Em seguida, será a vez de elencar as contribuições do hebraico, do árabe, das línguas francesa, espanhola, italiana, inglesa, de diversos idiomas falados na África, e ainda algumas curiosidades etimológicas, como as palavras vindas da Rússia, da Hungria, da China, da Pérsia (atual Irã) e da Turquia. Também será oportunidade para os ilustradores Belmonte (em 1934) e André Le Blanc (1947) se aproveitarem das

características culturais de cada povo, relacionando-as com as palavras. E o traço fortemente caricatural de Belmonte se mostra bem mais eficiente e bem realizado que o de Le Blanc, admitindo-se um ponto de vista reconhecidamente subjetivo ao compararmos o trabalho dos dois artistas nesta obra.

Também a título mais de curiosidade do que qualquer utilidade pedagógica, Pedrinho, Narizinho, Quindim e Emília conhecerão a maior palavra da língua portuguesa, composta por 29 letras, e apresentada em versalete: anticonstitucionalíssimamente. Está exposta como um animal em um zoológico, protegida por um guarda que passa as informações ao grupo sobre aquela “sucuri verbal”, que vivia “do seu tamanho, como certos gigantes de circo. Uma coitada que nem andar podia, de tanta letra a pesar-lhe nas costas. Mais que o alfabeto inteiro...” (LOBATO, p. 103). Encontro anedótico, mas útil para a narrativa, pois ali foi visto pela última vez o Visconde. O guarda informa que teria visto o sabugo sair levando um ditongo debaixo do capote. “Ia esperneando, o pobrezinho...”

Nos domínios da Sintaxe

O Bairro da Sintaxe, a próxima parada do grupo, é apresentado na narrativa como sendo um erro de direção. As crianças estavam à procura do Bairro das Sílabas, em busca do Visconde. Em vez disso deram com um lugar onde, diferentemente dos lugares visitados anteriormente, as frases andavam juntas, “apareciam sempre aos magotes”. Ou, explicado ainda de outra maneira por Quindim, sempre buscando imagens que pudessem ser mais eloquentes para crianças, na zona da Sintaxe “as palavras só saem em família, casadinhas, com filhos e parentalha. Uma família de palavras chama-se uma Oração.” (LOBATO, p. 105). E a primeira frase que o grupo encontra atualiza o mistério da segunda história que emerge nesta parte final do livro, mostrando como o conteúdo pode iluminar aspectos da narrativa, e vice-versa.

Passou um grupo que formava esta frase: O VISCONDE RAPTOU UM DITONGUINHO. Quindim explicou:

–Esta frase é uma Oração que leva na frente o chefe da família, ou o **Sujeito**; depois vem o Verbo com o **Atributo escondido dentro dele**; e depois vem um **Complemento**, que é assim, como um criado. (LOBATO, p. 104, grifos e destaques do autor).

Aqui Lobato se permite uma pequena ironia em itálico, já que Visconde fora visto levando um esperneante ditonguinho debaixo do capote. Ora, o verbo na frase exemplificada traz o atributo/ação, como é sua função sintática, mas não “escondido

dentro dele”. Como uma sutil metalinguagem, um subtexto para leitores atentos – e estes, à essa altura da história, já perceberam o papel singular que o sabugo terá na história.

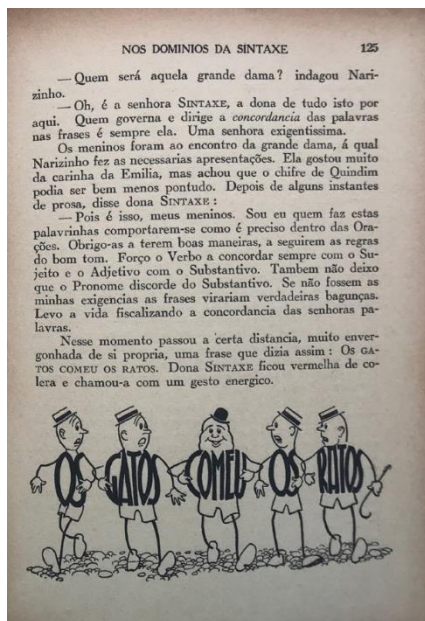
Ainda ciceroneado por Dona Etimologia, em seguida o grupo será apresentado à Dona Sintaxe. Ao contrário do tratamento de idosa dado à Etimologia, tanto no texto quanto nas ilustrações de Belmonte e André Le Blanc, a Sintaxe será uma empertigada e bem vestida senhora, que apresenta uma expressão arrogante e surge segurando um *pinenez*, na versão dada a ela por seu primeiro ilustrador. E que será praticamente replicada pelo segundo, com adereço e tudo, na edição publicada pela Editora Brasiliense.

O ar sofisticado escolhido pelos ilustradores se coaduna com a descrição das funções da sintaxe, definida neste momento em termos menos funcionais, e mais de elegância:

Sou eu quem faz estas palavrinhas comportarem-se como é preciso dentro das Orações. Obrigo-as a terem boas maneiras, a seguirem as regras do bom-tom. Forço o Verbo a concordar sempre com o Sujeito e o Adjetivo a concordar com o Substantivo. Também não deixo que o Pronome discorde do Substantivo, afirma Dona Sintaxe. (LOBATO, p. 106-107).

O primeiro exemplo de função da sintaxe surgirá em seguida, andando pela rua – e na edição ilustrada por Belmonte o artista presta uma formidável ajuda ao entendimento da função sintática por meio de uma analogia visual impecável. Assim, na frase “Os gatos comeu os ratos”, que escandaliza Dona Sintaxe e entra na narrativa como exemplo de falta de concordância verbal, vê-se o verbo (“comeu”, no singular) representado na ilustração por um personagem sorridente, de braços dados com o resto da frase. Mais um acerto da parceria autor-ilustrador neste projeto, traduzindo visualmente o incômodo que gera no leitor um tipo de frase trôpega como esta.





O traço do ilustrador Belmonte dialogando com o texto de Lobato: a frase com o verbo discordante para explicar a concordância verbal. (p. 125)

A passagem da Etimologia para a Sintaxe será feita de forma sutil, sem solavancos na narrativa. A personagem de Dona Etimologia, que, em se tratando da geografia do país da gramática, representava a derradeira área da Taxonomia, desaparece sem despedidas quando a atenção do grupo é capturada pela frase errada, que segue comentada pela Dona Sintaxe. O grupo agora se encontra em terreno da Sintaxe.

Ao explicar a função sintática dos complementos verbais e nominais, a nova mestra recorre a outra frase que carrega nela um sentido metalinguístico, dialogando com a própria obra – e, por extensão, com os leitores, aqui colocados no mesmo papel aprendiz da boneca: “Emília está aprendendo gramática sem o perceber” (LOBATO, p. 106). Neste momento o projeto literário-pedagógico do escritor se torna explícito: ensinar de forma disfarçada, de modo que quem aprenda, o faça sem perceber.

Adiante, Emília provocará o “professor” Quindim, por meio de uma pergunta questionadora: “Alto lá! – exclamou Emília. Se eu digo: TU É UM PAQUIDERME GRAMATICAL, o Sujeito é TU – e TU não passa de muito bom Pronome” (LOBATO, p. 105). Desta vez, a boneca apresenta uma dúvida comum aos que estão se iniciando pelos domínios da sintaxe: a confusão entre classe gramatical (o pronome “tu”), que pertence ao ramo da Taxonomia, que é domínio da Sintaxe. Quindim retruca que, mesmo sendo um pronome, “TU está na frase *representando* a mim, rinoceronte, que sou um

Substantivo” (idem, grifo do autor). Neste episódio surge outra expressão totalmente esquecida: “quinau”, que significa corrigir um erro.

Curiosamente, a provocação de Emília emula uma frase idêntica que o escritor criou para si próprio, ao se deparar com os erros gramaticais presentes na primeira edição de seu livro de contos, *Urupês*, conforme relatou a seu amigo Godofredo Rangel em agosto de 1918: “Estou a rever as provas da segunda edição – eu e o Adalgiso [Pereira], esse maravilhoso mestre em vírgulas e pronomes no lugar. Ele pega as menores pulgas e estala-as na unha, dizendo: “Tu és uma besta, Lobato”.⁷⁹ Em outra carta, no mesmo ano, reafirmaria sua “gramática de ouvido”:

O Adalgiso Pereira apontou-me bom número de deslizos, que já foram evitados na segunda edição. A minha gramática, você bem sabe, é de ouvido, e os ouvidos humanos sofrem as injunções da meteorologia: ora está mais fino, ora mais lerdo, conforme o tempo lá fora.⁸⁰

Outros temas serão brevemente visitados, como a ordem direta e indireta das frases, os sentidos optativos e imperativos e, também, as três opções de entrada dos pronomes oblíquos diante dos verbos (pronomes proclítico, enclítico e mesoclítico). Novamente, Lobato buscará uma metáfora simples, de uma cirurgia, para exemplificar a mesóclise, ou seja, a inclusão de um pronome no meio do verbo:

– No meio do Verbo? – indagou Emília com cara de espanto. Como? Então a senhora corta o Verbo com a faca para enfiar o Pronome dentro?
 – Exatamente. Abro o Verbo e ponho o Pronome dentro. Nesta frase: O GATO SE FARTARÁ DE RATOS eu posso fazer essa operação cirúrgica. Abro o Verbo FARTARÁ, ponho o Pronome dentro, assim: FARTAR-SE-Á. E a frase fica esta: O GATO FARTAR-SE-Á DE RATOS – muito mais elegante que a outra. (LOBATO, p. 109)

Não deixa de ser surpreendente a defesa da mesóclise por parte do escritor, um artifício retórico hoje bastante distante da coloquialidade perseguida em suas obras. Ainda mais diante de toda a argumentação de que a tendência natural da língua é buscar o caminho mais simples – tendência esta que terminou por impor a mesóclise ao quase desuso. O próprio escritor raramente fazia uso dela.

⁷⁹ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1946, vol. 2, p. 178. Adalgiso Pereira, revisor da *Revista do Brasil* bastante elogiado por Lobato, faleceria naquele mesmo ano, 1918, vítima da gripe espanhola. Na ocasião Lobato confidenciou ao amigo Godofredo Rangel: “Das mortes havidas, nenhuma senti tanto. Que bela inteligência! E das servidas pela mais primorosa cultura literária. Fino, o Adalgiso. Ultra fino. Um encanto. Mas seu corpo era dos mais mal servidos de nervos e músculos. Teve tudo para uma esplêndida vitória no mundo das letras, mas falhou por que o corpo o não ajudava – corpo tão fraco que não resistiu à gripe” (idem, p. 184-185).

⁸⁰ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1946, vol. 2, p. 179.

A defesa da forma antiquada talvez possa ser creditada, em parte, à influência do estilo de Camilo Castelo Branco, lido com obsessão na juventude. É o que nos informa Edgard Cavalheiro, em *Monteiro Lobato: vida e obra*, falando das leituras do então jovem de 22 anos, recém-formado, nos intervalos do trabalho na Fazenda Buquira. A transcrição revela-se interessante, não apenas por aquilatar o intenso esforço em se preparar como escritor, algo perseguido com método e constância – mesmo que o método fosse árduo e longo, mas também vale pela observação acerca da visão da língua e da gramática por parte do escritor, segundo Cavalheiro.

Durante uma temporada passara debruçado sobre o dicionário de Aulete, que leu e pensou, de ponta a ponta, travando conhecimento pessoal, direto, com todos os vocábulos. A esse demorado passeio pelo país dos sinônimos, seguiram-se outros: a obra de Machado, a *centena de volumes* de Camilo, todo o Balzac, Stendhal, Maupassant, Kipling, Camões, Euclides – quantos outros mais! Não frequentou, é certo, os filólogos, preferindo aprender diretamente nos mestres, num processo todo pessoal. Confessou sempre completa ignorância em questões gramaticais, afirmando guiar-se pelo tato e pelo faro, pelo aspecto visual e auditivo da frase. *A gramática, a seu ver, era criada e não dona da língua. O dono da língua era o povo* – e à gramática não resta outra finalidade senão a de ir humildemente registrando o nosso modo de falar [grifos nossos].⁸¹

Sobre sua devoção a Camilo Castelo Branco, um escritor bastante prolífico, reconhecera em carta a Rangel: “Abusamos de Camilo como certos sífilíticos abusam do mercúrio. O espiroqueta morre, mas ficamos com os dentes estragados. Temos que eliminar todas as cascas e ficarmos em carne viva”.⁸² O escritor português, aliás, foi um tema frequente da conversa por escrito entre os dois amigos, sendo citado em diversas páginas de *A barca de Gleyre*, especialmente durante o período de formação do escritor, quando vivia em Areias e na Fazenda Buquira, com tempo de sobra para se dedicar à leitura – o que fazia de forma apaixonada, porém disciplinada, mesmo que ele próprio não enxergue um método na sua leitura. Vejamos como explicou ao amigo Rangel, em carta de 30 de janeiro de 1915, sua postura diante do escritor admirado por ambos:

O negócio de anotar Camilo só convém nas sobre-excelências; do contrário, é copiá-lo inteiro. Livros há em que ele é uma roda de fogo de artifício, a chispar fagulhas do começo ao fim. Não cuidemos de quantidade, nem façamos disso tarefa. O meu sistema é lê-lo com atenção e marcar à margem as frases que me *encantam* e me *aproveitam*. Depois de terminada a leitura, encosto o livro; mais tarde abro-o e releio as coisas assinaladas – e copio num caderno as que *ainda* me impressionam. Meu hábito em tudo é por de lado métodos e seguir as intuições da veneta. Acho a veneta algo muito sério e misterioso, Rangel. É como se uma força dentro de nós cochichasse.⁸³

⁸¹ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Brasiliense, 1962, vol.1, p. 131.

⁸² *Ibidem*, p. 131-132.

⁸³ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1946, vol. 2, p. 13, grifos do autor.

A conversa sobre pronomes e suas funções termina com uma piada da boneca, como que para compensar tanta terminologia, usando o escritor novamente o recurso de, pela via do humor, criticar a nomenclatura. É quando Emília gargalha ao se lembrar “dos pimentões Mesoclíticos que tia Nastácia faz sem saber...” (LOBATO, p. 109).

Na sequência da narrativa, Dona Sintaxe apresentará ao grupo do Sítio algumas figuras de sintaxe e, também, os vícios de linguagem. Mais uma vez, o apoio das ilustrações se revela bastante útil para a compreensão dos conceitos, já que permite o uso de metáforas visuais. Mas o caminho escolhido pelos dois artistas difere. Belmonte opta por ilustrar apenas uma figura de linguagem, a elipse, representando-a portando uma espada – já que se trata de uma figura de linguagem que “corta” informações desnecessárias na frase. André Le Blanc escolhe outro caminho, unificando na mesma imagem as três figuras abordadas, tendo à frente Dona Sintaxe e Emília: estão representadas na imagem o pleonásmo (um homem musculoso, simbolizando uma figura que tem a função de reforçar uma mensagem), a anástrofe (como trapezista, por inverter o sentido dos elementos na frase) e a elipse (aqui, novamente André Le Blanc segue a ideia de Belmonte, retratando a elipse com uma espada). Uma solução eficiente, que por meio da perspectiva consegue abarcar três níveis de leitura: a boneca no primeiro plano, Dona Sintaxe no segundo e as três figuras de linguagem ao fundo.



A grande dama explicou: — Eu tenho sempre comigo umas tantas Figuras que me auxiliam no trabalho de trazer bem arrumadinhas as Orações.

A eficiente solução visual de André Le Blanc para apresentar três figuras de linguagem (p. 111).



Belmonte optou por ilustrar apenas uma figura de linguagem, a elipse. (p. 130)

Ao fim do diálogo sobre as figuras de sintaxe, indagada por Narizinho se seu papel na gramática seria semelhante ao de uma costureira, já que cuidaria para que “as frases andassem corretamente vestidas”, Dona Sintaxe corrigirá a analogia, dizendo ser mais uma “arrumadeira” da gramática. Comparação acessível a qualquer criança essa de distinguir o trabalho de uma costureira, que pelo sentido da pergunta de Narizinho teria a ver com o estilo na escrita, a elegância, do ofício de uma arrumadeira, que remete à ideia de ordem e limpeza. Conforme Lobato explica pela voz da própria personagem, a sintaxe cuidaria para que “o pensamento fique bem claro e bem vestido. A minha preocupação é sempre a mesma – clareza” (LOBATO, p. 107). E convoca Emília para reforçar o sentido de ordem exercido pela sintaxe: “A senhora tem toda a razão – concordou a boneca. Lá no sítio de Dona Benta o Substantivo Nastácia também gosta de dar ordem em tudo, porque a ordem facilita a vida, diz ela” (idem, p. 108).

No capítulo seguinte, referente aos vícios de linguagem, Lobato divergirá de seu mentor em assuntos de gramática, Eduardo Carlos Pereira. Presos como “feras perigosas” por Dona Sintaxe “em uma cadeia com grades nas janelas e toda dividida em cubículos, também gradeados” (LOBATO, p. 114), desfilarão diante das crianças diversos vícios de linguagem, todos presentes na *Gramática Expositiva*: Barbarismo, Solecismo, Anfibologia, Obscuridade, Cacófatón (sic), Eco, Hiato, Colisão, Arcaísmo, Neologismo e Provincianismo.

No entanto, três deles, apontados como erros linguísticos na *Gramática Expositiva*, serão “inocentados” pelo escritor. O primeiro, Brasileirismo, sequer chegará a ser apresentado aos leitores como um vício de linguagem, pois a cela destinada a ele encontra-se vazia. A explicação é dada por Dona Sintaxe: “Esse já se reabilitou e anda solto pela cidade nova. Só não tem licença de aparecer na cidade velha” (LOBATO, p. 114); ou seja, em Portugal.

No capítulo sobre vícios de linguagem, Eduardo Carlos Pereira reconhece em seu compêndio gramatical que se deve distinguir o que seja peculiar do errado na assimilação do português pelos brasileiros:

Brasileirismo são termos e frases peculiares ao português falado no Brasil. [...] Não são, por certo, viciosas as peculiaridades nacionais que se realizam dentro das leis da analogia gramatical. Mencionaremos no parágrafo seguinte algumas daquelas que ultrapassam essa analogia, constituindo-se vícios de linguagem.

Dentre os exemplos de brasileirismos na *Gramática Expositiva* figuram expressões como “vou na cidade” em lugar de “vou à cidade”, “vi ele” em lugar de “vi-o”, “estar na janela” em vez de “estar à janela”.⁸⁴ Com mais propriedade, Lobato encaixará esse gênero de frase, fortemente influenciado pela oralidade, como exemplo de Solecismo. A frase do gramático exemplificada como Brasileirismo, “VI ELE NA RUA, em vez de VI-O NA RUA”, será arrolada pelo escritor entre outros exemplos de Solecismo (LOBATO, p. 115).

Entretanto, Lobato se rebelará com a classificação do Neologismo como vício de linguagem. Diante da justificativa de Dona Sintaxe de que os neologismos “estimulavam as pessoas a usarem expressões novas demais, e que pouca gente entende”, Emília se indignará. E aqui ela parece estar em linha direta com o escritor. Com limpidez, pela voz da boneca, este explica seu ponto de vista, coerente com sua afinidade com as palavras inventadas.

Está aí uma coisa com a qual não concordo. Se numa língua não houver Neologismos, essa língua não aumenta. Assim como há sempre crianças novas no mundo, para que a humanidade não acabe, também é preciso que haja na língua uma contínua entrada de Neologismos. Se as palavras envelhecem e morrem como já vimos, e se a senhora impede a entrada de palavras novas, a língua acaba sumindo. (LOBATO, p. 118)

Contrariando Dona Sintaxe e desobedecendo Narizinho, que em seu papel de menina de bom-senso, obediente às regras, a ameaça dizendo que não mexesse na Língua

⁸⁴ PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva**: curso superior. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945, 65ª ed., p. 279.

para não desagradar Dona Benta, a boneca “foi e abriu a porta” (e os cadeados citados pelo escritor? Talvez tenham sido dissolvidos pela fúria contra os “grilos da gramática”...), libertando o Neologismo. E, num ato de força, coloca o “grande filólogo do Uganda”⁸⁵, Quindim, como fiador de seu gesto: “Vá passear entre os vivos e forme quantas palavras novas quiser. E se alguém tentar prendê-lo, grite por mim, que mandarei o meu rinoceronte em seu socorro. Quero ver quem pode com o Quindim...” (LOBATO, p. 119). A troca de Dona Benta pelo paquiderme gramático novamente se justifica aqui, em termos narrativos, diante de alguns objetivos específicos presentes nesta obra, onde, por sinal, o escritor não deixa de lançar suas novidades linguísticas, como estas: “Os meninos resolveram ir ao bairro das Sílabas ‘sherlockar’ o rapto do Ditongo” (LOBATO, p. 126, aspas do autor); “Tornava-se preciso descobrir o Visconde. A sua misteriosa ‘sumição’, como dizia a boneca... (idem, p. 130, aspas do autor).

Analisando os procedimentos linguísticos do escritor na criação de neologismos, Maria Teresa Gonçalves Pereira, na dissertação de mestrado *Processos expressivos na literatura infantil de Monteiro Lobato*, defendida na PUC-RJ em 1980, aponta alguns desses experimentos que, “de ouvido”, o escritor realizava. Como a derivação sufixal, quando se criam novos verbos (“condessar”, para virar condessa), substantivos (“mentirada”, “emilice”), adjetivos (“entrante” e “sainte”) e advérbios (“pernilongamente”). Ou variações até então inexistentes de superlativos (“quadrupedíssimo”, “barbudíssimo” ou “anão” para se falar de um ano grande). O escritor também fez uso da derivação prefixal (“bis-ótimo”, “desacontece”, “re-olhava”), assim como criou palavras compostas para caracterizar personagens, como “Major-agarra-e-não-larga-mais”.⁸⁶

Logo depois de libertar o Neologismo, Emília encontra o Provincianismo preso. E ao identificá-lo como um matuto de cócoras, a pitar o seu cachimbo, Lobato faz ressurgir seu primeiro personagem marcante, o Jeca Tatu. Com o chapéu de palha inseparável, será reproduzido por Belmonte na edição original de *Emília no País da Gramática*. Na edição de 1947, da Brasilense, André Le Blanc também retratará o Provicianismo como um caipira, de chapéu de palha e cigarro na boca.

⁸⁵ Assim Dona Sintaxe o apresenta às figuras de linguagem (LOBATO, p. 110); mas em outra situação, Quindim será identificado como sendo do Congo.

⁸⁶ *Apud* SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga**: As Reinações renovadas. Rio de Janeiro: Agir, 1987, p. 56-57.

Se nos dois artigos escritos em 1914 para *O Estado de S. Paulo*, “Velha Praga” e “Urupês”, quando Lobato era fazendeiro ativo e escritor bissexto, o personagem era visto como “o piolho da terra”, descrito como um “sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas”⁸⁷, pouco tempo depois sua visão sobre o caipira eternamente acororado, para quem nada “paga a pena”, mudaria de forma acentuada. Ao tomar conhecimento do Relatório Médico-Científico elaborado pelos sanitaristas Miguel Pereira e Belisário Pena, e publicado em 1916 pelo Instituto Oswaldo Cruz, que alertava para a grande incidência de verminoses na população brasileira provocada pela falta de saneamento básico e noções básicas de higiene, o escritor seria um dos principais entusiastas da Liga Pró-Saneamento, criada dois anos mais tarde, em 1918. E, dessa forma, passaria a ver um problema sanitário afligindo o homem do campo, onde antes só via indolência.

Em *Problema vital*, coletânea dos artigos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1918 sobre a questão sanitária, o escritor afirmava, se dirigindo ao próprio Jeca: “Está provado que tens no sangue e nas tripas um jardim zoológico da pior espécie. [...] É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte”. Terminava concluindo que “o caipira não é assim ‘mas’ está assim”.⁸⁸

Uma última aparição do Jeca Tatu se daria em 1947, com o livreto *Zé Brasil*, no qual, segundo Marisa Lajolo, o escritor corrige “o outro Monteiro Lobato que, nos anos 20, no meio de campanhas pela saúde pública, avança a questão, mas não chega a atinar que o problema das péssimas condições de saúde do Jeca era decorrente da infraestrutura brasileira”. Como interpreta a pesquisadora, desta vez “o Jeca se metaforiza em *Zé Brasil*, camponês sem-terra e cuja única esperança reside no Cavaleiro da Esperança, Luís Carlos Prestes”. Este seria o último texto publicado por Lobato.

Antes de sua derradeira aparição, em *Emília no País da Gramática* o Jeca Tatu ressurgiu, mesmo que sem seu nome consagrado, na forma de um suposto vício de linguagem, o Provincianismo. E se antes o reconhecimento era das condições de desamparo em que se encontrava o caipira, aqui o escritor faz um reconhecimento linguístico: o modo de falar do caipira será “libertado” por Emília pelo grande serviço prestado ao transformar o antigo e formalíssimo “Vossa Mercê” em “você”,

⁸⁷ LOBATO, Monteiro. **Urupês**. Literatura Geral. São Paulo: Brasiliense, 1948, p. 255-6.

⁸⁸ LOBATO, Monteiro. **O problema vital**. Literatura Geral, v. 8. São Paulo: Brasiliense, 1948, p. 285.

transformação esta já explicada anteriormente aos leitores, quando o grupo se encontrava na casa dos Pronomes.⁸⁹

– Estamos livres da complicação antiga do Tukurututu. Mas não se meta a exagerar senão volta pra cá outra vez, está ouvindo?

O PROVINCIANISMO agarrou a trouxinha, o pito, o fumo e as palhas e, limpando o nariz com as costas das mãos, lá se foi, fungando. Tão bobo, o coitado, que nem teve a ideia de agradecer à sua libertadora. (LOBATO, p. 120).

Do ponto de vista da Jornada do Herói, esta ação da boneca seria identificada como a “aproximação da Caverna Oculta”, que acontece durante o segundo ato da trama, durante a qual surgem alguns obstáculos diante do herói, mas que não se constituem na batalha final. Emília encontra resistência à sua ação, neste caso de Narizinho e supostamente da Dona Sintaxe, mas tem seu aliado, Quindim, e a determinação dos heróis em plena missão. Aqui, a de liberar o Provincianismo, o Brasileirismo e o Neologismo de suas prisões gramaticais, mesmo que para isso fosse preciso contrariar seu mentor.

Nesse momento em que se configura um conflito interno, Narizinho, uma aliada, reclama com outro aliado a natural liderança do herói: “Como está ficando despótica! – murmurou a menina para Pedrinho. Ainda acaba fazendo uma revolução e virando ditadora... É de tanta ganja que vocês lhe dão, – observou o menino com uma ponta de inveja.” (LOBATO, p. 119). O escritor aqui deixa claro que é Emília quem está no comando da ação. Déspota ou determinada, ela seguirá, ainda mais confiante agora que umas velhas contas do escritor com os “grilos” da gramática foram acertadas na prisão dos vícios de linguagem.

Os últimos temas da sintaxe que serão abordados são as orações e suas possibilidades de composição (independentes, principais e subordinadas) e alguns aspectos relativos à pontuação. Saídos da ala dos Vícios de Linguagem, o grupo agora se encontra em um jardim, acompanhado de Dona Sintaxe, onde “numerosas Orações costumavam passear ao sol” (LOBATO, p. 122).

Tais frases-exemplares, novamente, estabelecem um diálogo subliminar entre os conteúdos gramaticais e a narrativa, com orações que, à guisa de explicarem as diferenças entre períodos simples, compostos e complexos, comentam as personagens e suas ações ou motivações: “Emília soltou o preso, mas não ganhou nem um muito obrigado”, em referência à libertação do Neologismo, que saiu fungando, “tão bobo, o coitado, que nem teve a ideia de agradecer à sua libertadora (LOBATO, p. 120); “O Visconde está com

⁸⁹ LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato**: um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000, p. 81.

medo”, atualizando a questão pendente na narrativa, a segunda história da narrativa, sobre o sumiço do sabugo e de um ditongo; “O rinoceronte, que é um sabido, está calado” e “Quindim está com fome porque não encontrou capim por aqui” – ambas sinalizando o breve encerramento da expedição. Este será o primeiro chamado da fome, antecipando o fim da história.

Antes que o grupo tome o destino do Bairro das Sílabas, onde esperam encontrar o Visconde, acontece uma espécie de recapitulação das funções sintáticas em períodos compostos, comandada pela Dona Sintaxe, em um evidente processo de avaliação da aprendizagem de seus alunos ao encerrar o grande tópico das regras sintáticas. A personagem chama um período que passeava por ali. A frase acrescenta mais um elemento ao relógio disparador do fim da aventura, a fome: “Tia Nastácia faz bolinhos, que todos acham muito gostosos”.

A sabatina vale para todos e a frase começa a ser dissecada, com Dona Sintaxe indagando sobre a função sintática de cada elemento para Emília, Pedrinho, Quindim e Narizinho; esta, respondendo sobre o predicado da frase, bolinhos, fica “com água na boca, porque estava chegando a hora do jantar”. Um terceiro sinal aos leitores de que a narrativa está terminando.

O exame termina com Pedrinho, aluno exemplar, novamente acertando o Complemento Objetivo da frase-exemplo. Ato contínuo, a turma é dispensada por Dona Sintaxe, como se, de fato, estivesse numa sala de aula: “Vejo que não perdi meu tempo. Podem ir brincar”, sugere a personagem, repassando o cetro docente para o rinoceronte. Este, de forma coerente com sua postura desde o início da narrativa, não interfere na vontade do grupo nem sugere o próximo passo. São as crianças que decidem brincar um pouco no Bazar das Pontuações. Será este o derradeiro tópico abordado por Lobato no grande território da sintaxe.

No Bazar das Pontuações o escritor ignorará mais uma nomenclatura oferecida por Eduardo Carlos Pereira em sua *Gramática Expositiva*, que classifica os sinais de pontuação em três categorias: notações objetivas (vírgula, ponto e vírgula, dois pontos e ponto final), subjetivas (pontos de interrogação, exclamação, parênteses e reticências) e distintivas (aspas, travessão, parágrafo e chave).⁹⁰ Mas obedecerá a mesma ordem de

⁹⁰ PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva**: curso superior. 65ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945, p. 379.

apresentação, apenas eliminando os sinais menos usuais e guardando um deles, o travessão, para o desfecho do capítulo.

A ideia da brincadeira vem de Narizinho, reforçando a alternância na liderança e no trajeto feito pelo grupo; o rinoceronte prontamente leva-os até o lugar onde vivem as Pontuações. Na medida em que as crianças tiram de caixinhas os sinais gráficos, Quindim irá explicando suas funções sintáticas, a começar pelas vírgulas, que servem para “separar as Orações Independentes das Subordinadas [...] e para mais uma porção de coisas. Servem sempre para indicar uma pausa na frase. A função delas é *separar de leve*” (LOBATO, p. 127). Evitando usar a definição do gramático, de ser a vírgula uma “pequena pausa na leitura”, o escritor parece ter-se dado conta de que 11 das 17 funções apontadas no compêndio para o uso da vírgula usavam a expressão “separar”, encontrando nela uma definição mais abrangente.

A pausa mais forte representada pelo ponto e vírgula na classificação de Pereira, o conteúdo da segunda caixa aberta pela boneca, será explicada como sendo uma separação “com *um pouco mais* de energia” (LOBATO, p. 128, grifo do autor). E o conteúdo da caixa seguinte, os dois pontos, aberta por Pedrinho e que o gramático define como “maior pausa que o ponto e vírgula”, o escritor explicará que “também servem para separar, porém com *maior energia* ainda do que o Ponto-e-vírgula” (idem). E, já que se encontram em um bazar, Pedrinho coloca no bolso alguns “dois pontos”. E Emília decide-se por alguns pontos de interrogação – que, de acordo com a proposta simplificadora geral do livro, é traduzido pela boneca por sugestão visual: são “ganchinhos”, assim como as vírgulas se parecem com bacilos do cólera-morbus, que, segundo conta a boneca, “Dona Benta diz serem virgulazinhas vivas” (LOBATO, p. 127).

Nas reticências, definidas pelo rinoceronte como indicativo de que a frase foi interrompida em certo ponto, a personalidade forte de Emília se coloca: “Não gosto de reticências [...] Não gosto de interrupções. Quero todas as coisas inteirinhas – pão, pão, queijo, queijo – ali na batata! e, despejando no assoalho todas aquelas Reticências, sapateou em cima” (LOBATO, p. 128). Porém, não se pode dizer, examinando com atenção o texto do escritor, que este faça uso apenas esporádico deste sinal. Em *Emília no País da Gramática* há reticências em quase todos os capítulos, frequentemente usadas para dar mais verossimilhança às situações de diálogo. O mesmo acontece em *Os Doze Trabalhos de Hércules*.

Os sinais seguintes, parênteses, se tornam no vocabulário comparativo do escritor, “meias-luas” e, por fim, os travessões são meros “pauzinhos”. Oportunidade para mais uma estocada na nomenclatura gramatical antes de partirem em busca do Visconde, supostamente no Bairro das Sílabas: “Que graça! – exclamou Emília. Chamarem Travessão a umas travessinhas de mosquito deste tamanho! Os gramáticos não possuem o ‘senso da medida’” (LOBATO, p. 129).

A falta de “senso da medida”, por sinal, será tema da situação seguinte na narrativa, quando o grupo volta ao bairro das Sílabas em busca do Visconde perdido. “Quê! – exclamou Narizinho, surpresa. Ditongo, uma palavra tão gorda, quer dizer só isso – sílaba de duas vogais? Pensei que fosse coisa mais importante...” (LOBATO, p. 131). Novamente o escritor retorna o conceito sausseareano da arbitrariedade do signo. E a resposta do paquiderme é carregada de ironia:

Pois, menina, os gramáticos não tiveram dó de gastar um quilo de grego para classificar estas minúsculas silabazinhas. Eles dividem-nas em **Ditongos**, **Semi-Ditongos**, **Tritongos** e **Monotongos**.

Todos se riram daquele grande luxo “nomenclástico”, como talvez dissesse a boneca, se não continuasse absorta em profundas cogitações. (LOBATO, p. 131).

O grupo se encontra entre duas categorias de ditongos, os orais e os nasais, e ao enumerá-los, Lobato retira da lista o ditongo nasal **ÃO**, fazendo com que o leitor, na voz do narrador, saiba que Quindim se deu conta dessa ausência. Mas, como um professor que quer estimular seus alunos a seguirem com autonomia, ele não assumirá a dianteira na investigação. O trecho “Querem ver que o Visconde raptou o **ÃO**? – refletiu lá consigo o paquiderme” (LOBATO, idem) é a forma como se revela aos leitores o silêncio do rinoceronte diante de sua suspeita.

Mostrando não ser um autor infantil com medo de apresentar palavras raras em seu texto, neste capítulo Lobato usa duas expressões bastante intrigantes: “curica”, adjetivando uma “silabazinha lambretinha na sua voz de formiga”, e este vem a ser o nome de um papagaio, não restando atualmente, nos limites desta pesquisa, outro sentido fora das Ciências Naturais, o que permite supor tratar-se de mais um neologismo; e o verbo “escabichar”, sinônimo de fazer sondagens, investigar.

Além disso, um neologismo adaptado do nome de um personagem da literatura mundial aparece nesse mesmo momento investigativo da trama: “Emília está ‘deduzindo’! – murmurou a menina ao ouvido de Quindim. Quando lhe dá o

sherlockismo, ninguém conte com ela” (LOBATO, p. 131). Detalhe para a ausência das aspas no neologismo, contrariando, de caso pensado, a norma em vigor.

Acrescentando mais uma dose de suspense, após a conversa com o ditongo ÕE, catado por Emília pelo til, e que deixará claro o que havia acontecido (que Visconde raptara o ditongo ÃO), o narrador dialoga com seus leitores: “O mistério do sumiço do Visconde continuava a embarçar os meninos. Teria sido preso como gatuno? Teria sido assassinado? Teria voltado para o sítio com o ditongo no bolso? Mistério...” (LOBATO, p. 133).

Ortografia, última estação

Na trajetória da turma do Sítio pela área da Lexicologia, identificada no livro como Lexeologia, coerentemente com a denominação usada por Eduardo Carlos Pereira em seus compêndios gramaticais, a Ortografia, área dedicada ao estudo da grafia das palavras, não fez parte do itinerário. A ausência naquele momento faz sentido no desfecho da história. Lobato guardará para o final sua investida contra os puristas da língua, os “letrudos” que jamais farão literatura, os “carranças”, como são tratados no livro. Este será o clímax da narrativa, o momento da provação do herói, na terminologia de Campbell.

Sem encontrarem o Visconde no Bairro das Sílabas, o grupo segue para o Bairro da Ortografia. A passagem parece ter tido apenas o objetivo, em termos narrativos, de explicar aos leitores do que se trata, afinal, o ditongo, objeto do suposto rapto do Visconde. No bairro da Ortografia, o grupo encontrará a terceira personificação da gramática que assumirá temporariamente a função docente. A personagem Ortografia é descrita como “uma dama de origem grega”. As crianças descem do rinoceronte “pela escadinha de corda” e Emília pede a benção. “Deus te abençoe, bonequinha” (LOBATO, p. 136) – responde a personagem – em uma aparente concessão para um escritor que no dia de seu casamento civil fez questão que o juiz de paz riscasse a expressão “católico” da certidão⁹¹, e que teria a obra condenada pelos educadores católicos conservadores.

O início do diálogo do grupo com a Ortografia, como seria de se esperar, é pela origem etimológica da própria palavra que nomeia a personagem. Em seguida à informação sobre o seu papel no País da Gramática (“sou, portanto, a Escrita Correta, ou a que ensina a escrever corretamente”), a personagem se dedicará a explicar, sempre por

⁹¹ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: vida e obra. São Paulo: Brasiliense, vol. 1, p.113.

meio de exemplos, a disputa que se travava no campo da ortografia naqueles anos. Relatando que “antigamente o sistema de escrever as palavras era o **Sistema Etimológico**, o qual mandava escrevê-las de acordo com a origem”, Ortografia (que curiosamente não leva o “dona” à frente, como as demais entidades da gramática, talvez por se tratar de uma nova ortografia) exemplifica a dificuldade do antigo sistema com exemplos bastante eloquentes: “cisma”, que antes se escrevia “scisma”; “tísica”, resultado da simplificação de “phthisica” e um terceiro exemplo extraído da própria gramática: “ditongo”, que antes escrevia-se “diphthongo” (LOBATO, p. 138).

O resultado dessa grafia pelo Sistema Etimológico, segundo esta personagem, que poderia ser chamada de Ortografia Fonética (embora seja apenas caracterizada como Ortografia), seria “uma enorme trabalhadeira entre os homens para decorar a forma das palavras – e trabalhadeira inútil, porque ninguém ganhava coisa nenhuma com isso” (idem, p. 138). E prossegue, fazendo uma síntese do movimento que ocorrera nas primeiras décadas do século XX no Brasil, a partir da proposição inicial de Medeiros e Albuquerque, que postulava a reforma ortográfica fonética nos moldes da que vinha sendo adotada em Portugal, como foi visto no contexto sócio-histórico. Assim explica Lobato a origem da reforma a seus leitores, a maioria deles em fase de alfabetização e, portanto, às voltas com as perturbações envolvidas em todo processo de reforma ortográfica:

Todos os mais [*fora os tipógrafos*] perdiam tempo e fósforo cerebral. Em consequência disso ergueu-se um movimento para mudar – para acabar com a Ortografia Etimológica, e por em lugar dela outra mais fonética, isto é, que só conservasse nas palavras as letras que se pronunciam. Esse movimento venceu, afinal, e acabou sendo sancionado por um decreto do Governo, depois de muito estudado pela Academia Brasileira de Letras (LOBATO, p. 138).

O decreto governamental do trecho acima é aquele assinado em agosto de 1933, que tornava obrigatória a ortografia sancionada pelas academias dos dois países em 1931, já referenciado na análise sócio-histórica. Como essa ainda era uma zona em disputa, o decreto não chegaria a durar um ano, sendo derrubado pelos constituintes de 1934, para ser novamente adotado, e de uso obrigatório, pela Constituição de 1937. Mas no período entre a escrita e o lançamento de *Emília no País da Gramática*, o Acordo Ortográfico de 1931 era a norma que estava valendo. E Lobato valeu-se dela para deixar claro de que lado estava naquela disputa; o fez pela voz da própria personagem Ortografia: “Eu gostei da mudança, confesso – mas a minha amiga, a velha **Ortografia Etimológica**, está furiosíssima. Não se conforma com a simplificação das palavras” (LOBATO, p. 138). Em termos narrativos, o escritor antecipa um conflito que, de fato, acontecerá.

O tópico gramatical das noções básicas de Ortografia é apresentado de forma ligeira, na casa da própria personagem, que, enquanto mostra ao grupo sua coleção de letras e sinais gráficos, explica os usos básicos das maiúsculas e dos acentos, incluindo a chegada de dois novos acentos, o grave e o trema. Aqui, ressurgem a crítica lobatiana ao excesso de acentos – ou, no sentido mais amplo, à própria existência de tais sinais:

Sou contra isso: Quanto menos acentos houver numa língua, melhor. A língua inglesa, que é a mais rica de todas, não se utiliza de nenhum acento. Os ingleses são homens práticos. Não perdem tempo em enfeitar as palavras com *bolostroquinhas* dispensáveis (LOBATO, p. 139; grifo nosso, indicando provável neologismo).

Emília apoia de forma entusiástica: “Gosto de ouvir uma grande dama como a senhora falar assim, porque é exatamente como penso. Essas pulgas só servem para nos tomar tempo” (idem, p. 139). Mesmo estando em posição vencida neste tema, o escritor insistirá na falta de necessidade dos acentos gráficos, pela voz da boneca, seu alter-ego em questões gramaticais: “Hoje, escreve-se êle e há, com acentos. Acho desnecessário, porque com ou sem acento só há um jeito de pronunciar essas palavras” (LOBATO, p. 140), fazendo uso da própria argumentação usada pelos defensores da Ortografia Fonética.

Vale observar que tanto em relação ao uso do trema quanto ao acento diferencial na palavra “ele” Lobato seria premonitório: a Reforma Ortográfica de 1990 derrubou o trema de vida curta (e inútil, como argumentava o escritor) e quase todos os acentos diferenciais, que passaram a ser compreendidos dentro do contexto da mensagem. Mais uma prova de que a língua busca sempre o caminho mais simples.

Acrescentando mais uma dose no conflito já anunciado, o leitor será informado nesse momento que “a Ortografia Etimológica entrincheirou-se lá [*em um bairro próximo*], furiosa da vida, e não admite que ninguém toque na vestimenta das suas palavras. Essa boa velha sustenta as modas antigas. Palavras que vieram do latim com letras dobradas, ela as conserva direitinhas. Não admite mudanças” (LOBATO, p. 140).

O antagonista está apresentado, e localizado. Ortografia aqui, além de mentora, faz o papel do arauto, aquele que anuncia o conflito; ou que convoca o herói à ação. Segundo Vogler,

os arautos desempenham função psicológica importante, ao anunciarem a necessidade de mudança. Algo no nosso íntimo sabe quando estamos prontos para mudar, e nos envia uma mensagem [...]. Os arautos fornecem motivação, lançam um desafio ao

herói e desencadeiam a ação da história. Alertam o herói (e a plateia) para o fato de que a mudança e a aventura estão chegando.⁹²

A resposta de Emília à Ortografia (Fonética), de que “tudo na vida muda, por que as palavras não haveriam de mudar? Até eu mudo. Quantas vezes não mudei esta carinha que a senhora está vendo?” (LOBATO, p. 141) traz, além do retorno do conceito da língua como algo vivo, em constante mutação, um curioso comentário metalinguístico sobre a iconografia das personagens lobatianas. É quando a “boneca” reclama de algumas versões que ganhou de seus ilustradores, ao ser indagada por Ortografia quem mudava a cara dela: “Esses diabos que desenham minha figura nos livros. Cada qual me faz de um jeito, e houve um tal que me fez tão feia que eu piquei o livro em mil pedacinhos” (idem, p. 141). Certamente, o escritor fazia alusão a algum ilustrador vetado por seus critérios artísticos.

É com Emília assim decidida, armada com o paquiderme gramático de Uganda (ou do Congo)⁹³, que Lobato investirá contra o reduto etimológico. Irá até lá sozinha, e localizará o reduto do antagonista, a casa da velha Ortografia Etimológica, feita de raízes gregas e latinas, depois de indagar “uma sentinela com dois LL”. O conflito entre as grafias tem início nesse momento, e será tratado de maneira irônica pelo escritor ao longo do episódio em que duas formas de escrita estão em disputa.

A boneca inicia sua argumentação defendendo o caráter mutante da língua (“as palavras, como tudo o mais, também têm que mudar”), ao que a personagem Etimologia Ortográfica, descrita como “uma velha de nariz de papagaio e ar rabugentíssimo, que tomava rapé em companhia dum bando de velhotes mais rabugentos ainda, chamados os Carranças” (LOBATO, p. 142) retruca: “Mas mudam lentissimamente [...] e não assim do pé para a mão, como querem os reformadores. Mudam por si, e não por vontade dum grupo de homens” (idem).

A defesa da boneca será dada “em nome da criança”, mesmo reconhecendo que possa haver razão no outro lado da trincheira. Contra-argumenta criticando a “maçada” que é para as crianças decorarem a grafia de cada palavra pelo sistema antigo. Anuncia dessa forma sua oposição à Ortografia Etimológica, colocando o seu peso como autor de

⁹² VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 110 e 110.

⁹³ Na p. 134 o rinoceronte diz, sobre o efeito incômodo do ditongo “ÃO”: “Até a mim, que sou bicho do Congo, o ão me assustava no começo”. Mas antes, na p. 110, ele é identificado pela Sintaxe como “um grande filólogo do Uganda, que se acha de passeio pelas terras da Gramática”. Tal confusão pode ser compreendida como lapsos do escritor ou polidez do paquiderme, que preferiu suportar uma imprecisão geográfica a corrigir sua anfitriã.

uma obra literária, adulta e há mais de uma década também infantil, reconhecida nacionalmente.

Os velhos Carranças é natural que estejam do seu lado porque já aprenderam pelo sistema antigo e têm preguiça de mudar; mas as crianças estão aprendendo agora e não há razão para que aprendam pelo sistema velho, muito mais difícil. Eu falo aqui em nome da criançada. Queremos a ortografia nova porque ela nos facilita a vida. Quantos menos complicações melhor. (LOBATO, p. 114)

Diante da natural resistência da velha senhora, Emília anuncia que buscará saber o que pensam as palavras, e que, se elas tiverem a mesma opinião que as crianças, a Ortografia Etimológica e seus carranças teriam que se ver com Quindim, que “em momento oportuno, com um P só, está ouvindo?”, ela conheceria. A ironia em relação às consoantes duplicadas, uma das principais questões vernáculas entre os dois grupos que se digladiavam há décadas, continuará quando o escritor descreve a reação à ameaça da boneca: “A velha ficou de tal modo desnorteada com a rompância de Emília que nem pode abrir a boca com dois CC.” (LOBATO, p. 144).

A luta contra as consoantes duplas começa em seguida. Lobato escolhe como exemplo uma palavra bem conhecida das crianças: sábado. A palavra vem do hebraico *sabbat*, e derivou para o latim *sabbatum*, preservando a dupla consoante. Perguntado se gostaria de manter o duplo BB, a palavra responde que seu sonho é ver-se livre daquele “trambolho”. Dizendo estar ali “representando os interesses das crianças, que constituem o futuro da humanidade – e as crianças preferem sábados com um B só” (LOBATO, p. 145), ela arranca o apêndice etimológico. “A palavra simplificada saiu lampeiríssima, pulando que nem um cabritinho novo que pilha aberta a porta do curral”, descreve, usando mais uma de suas metáforas rurais.

Imbuída da autoridade do decreto governamental e falando em nome das crianças, Emília irá tirando as consoantes inúteis, despachando-as em seguida com ordens enérgicas. Assim, “sceptro” se tornará “cetro”. Sintomaticamente, os dois primeiros exemplos usados por Lobato, sábado e cetro, também são os dois primeiros casos de mudança na grafia de consoantes mudas e geminadas que aparecem citados como exemplo no texto do decreto governamental assinado em agosto de 1933, mostrando a estreita aderência do escritor à legislação recém-anunciada.

A narrativa avança, com as letras explicando seus penduricalhos e Emília cortando-os. Assim, “thesouro” virará “tesouro”, “machina” será “máquina” e “kágado” vira “cágado”. Fiel ao compromisso permanente com o humor, aqui o escritor se permite um comentário irônico sobre o resultado: “Não fica muito bonito – murmurou Emília ao

vê-lo afastar-se, mas simplifica. Estamos na era da simplificação”, reconhece (LOBATO, p. 144-146).

Emília seguirá cumprindo o que diz a reforma, transformando “wagão” em “vagão”, e despachando as letras ao seu estilo: “raspe-se!”, “rua!”, “roda!”, “suma-se!” (LOBATO, p. 147). E os leitores saberão que as letras K,W e Y foram “expulsas do alfabeto”. Em relação à última letra expurgada, o Y de origem fenícia e adotada pelos gregos, de novo surgirá um comentário irônico no diálogo entre a boneca e a palavra Pery:

- Que Y é esse que você usa em vez do I comum? – perguntou-lhe.
- Todas as palavras de origem tupi, como eu, sempre foram escritas assim, com Y.
- Mas os índios tinham linguagem escrita?
- Não. Só a tinham falada.
- Nesse caso não há razão nenhuma para vocês andarem a fingir-se de gregas, usando esse Y. Tire isso e bote um I simples. Avise a todas as mais para que façam o mesmo. Rua!... (LOBATO, p. 147)

O escritor está em boa forma no epílogo do livro, navegando de braçada em um tema que gostava e se sentindo fortalecido em sua convicção de que a escrita da língua portuguesa precisava buscar o caminho da simplificação. E parece ter guardado um forte manancial de exemplos que, nesse momento da narrativa, conseguem aliar leveza e humor a um tema árido, sempre que possível associando um duplo sentido, e reforçando a mensagem de que a reforma ortográfica traria mais simplificação para todos. Dessa maneira, o “fósforo” acenderá melhor que o antigo “phosphoro” e a palavra “phthisica”, que “está tuberculosa de tanto carregar letras inúteis”, irá se curar, enfim “liberta dos parasitos do corpo” (idem, p. 148).

Uma ação mais contundente Emília guardará para outro aspecto bastante relevante da Reforma Ortográfica de 1931, as mudanças em relação à divisão silábica: o surgimento dos pronomes *lo, la, los, las*, que pela reforma, no caso de verbos no infinitivo, seriam transportados para depois do hífen. E o exemplo, de novo, é extraído do próprio documento oficial: “amal-o” se torna “amá-lo”. A boneca explica: “O Governo resolveu que doravante você e suas companheiras devem ser escritas assim – AMÁ-LO”.

Como a palavra se revolta, achando um absurdo a mudança, “Emília arrumou-lhe com o decreto do Governo na cabeça”. “AMAL-O, transformado em AMÁ-LO, lá se foi com um galo na testa, fungando” (LOBATO, p. 149).

A ação irá ao seu ápice quando a velha Ortografia Etimológica sai de seu reduto e tem um “faniquito” ao ver as letras sem suas consoantes etimológicas, chamando os carranças para “endireitarem” as palavras transformadas por Emília. A investida

conservadora se dará em cima da palavra “sábado”, o primeiro vocábulo “fonetizado” pela boneca, que “entre berros, teve de abrir a barriga para receber o B arrancado pela Emília. O coitadinho já se habituara a viver sem a letra inútil, de modo que resistiu e pôs a boca no mundo” (LOBATO, p. 150).

É nessa hora que Quindim, até aquele momento ausente da ação (lembrando que a boneca, segundo a narrativa, havia ido sozinha ao reduto etimológico) ressurgirá, como aliado, para sua missão final. A ordem do escritor, bradada por Emília diante da ação dos conservadores tentando retornar a antiga grafia (algo que, como vimos no contexto histórico, havia acontecido em 1919, por persuasão de Osório Duque Estrada), parece amplificadas por décadas esperando esse momento de investir contra os “letrados” da gramática:

Vamos, Quindim! Avance e espalhe aqueles peludos complicadores da língua. Chifre neles!...
O rinoceronte não esperou segunda ordem. Avançou de chifre baixo, a roncar que nem uma locomotiva.
Os carranças sumiram-se como baratas tontas, e a velha Ortografia Etimológica, juntando as saias, trepou que nem macaca, por uma árvore acima (LOBATO, p. 150).

Vencida a guerra contra os “complicadores da língua”, com a expulsão da velhíssima Ortografia Etimológica, juntamente com seus apoiadores, do País da Gramática, Lobato reconhecerá, na conclusão do capítulo, a perda da batalha contra os acentos. Mas ao mesmo tempo criará para si mesmo, e junto aos seus leitores, uma narrativa vitoriosa, na qual sua personagem Emília terá um papel de relevo. Nada mais justo para quem se empenhara tanto em ver a língua escrita mais próxima da língua falada. Um tratamento de herói.

Depois da tremenda revolução ortográfica da Emília, o Brasil ficou envergonhado de estar mais atrasado que uma bonequinha e resolveu aceitar as suas ideias. E o Governo e as academias de letras realizaram a reforma ortográfica. Não saiu coisa muito boa, mas serviu. Infelizmente cometeram um grande deslize: resolveram adotar uma porção de acentos absolutamente injustificáveis. Acento em tudo! Palavras que sempre existiram sem acentos e jamais precisaram deles, passaram a enfeitar-se com esses risquinhos. (LOBATO, p. 150).

Emília, fiel ao seu estilo, não admite aquilo e tentará mudar (“Não quero, não quero, não quero”). Classifica como “besteira grossa”, e tem o apoio de Quindim, que pela última vez na obra passará aos leitores a ideia de que “a tendência natural duma língua é para a simplificação, por causa da grande lei do menor esforço” (LOBATO, p. 152). Diante da argumentação de Pedrinho, novamente regulada pelo senso comum e pela obediência às normas, de que agora era obrigatório escrever-se assim, “com dez mil

acentos”, o rinoceronte-gramático alerta, depois de começar com um adágio em latim, sem tradução (*est modus in rebus*; “há um limite nas coisas”) bastante usado nas argumentações jurídicas e aqui reavivado pelo ex-promotor:

A língua é uma criação popular na qual ninguém manda. Quem a orienta é o USO e só ele. E o uso irá dando cabo de todos esses acentos inúteis. [...] O que vai acontecer com a nova acentuação é isso: as pessoas de bom-senso não a adotam e ela acaba sendo suprimida. O uso aceita as reformas simplificadoras, mas repele as reformas complicadoras (LOBATO, p. 153).

Na sequência acontece uma votação entre a turma, na qual todos votaram contra os acentos, “inclusive Dona Benta, a qual declarou peremptoriamente: –Nunca admiti nem admitirei imbecilidades aqui em casa!” (LOBATO, p. 153). Ao fim da exaustiva empreitada no país da gramática, o escritor parece ter se esquecido, por um parágrafo, que havia deixado a avó sossegada em seu canto, no Sítio do Picapau Amarelo, para onde o grupo retornará.

A briga contra os acentos, outra bandeira levantada pelo escritor, e novamente destacada neste trecho final de *Emília no País da Gramática*, motivaria, anos mais tarde, uma derradeira tentativa de extirpar os tais “risquinhos” da língua portuguesa. Em 1937, em carta ao ministro plenipotenciário do Estado Novo, Francisco Campos, Lobato sustentaria a curiosa tese de que a dimensão global do Império Britânico, se comparado ao francês ou ao português, teria a ver com o prejuízo econômico (no sentido de perda de tempo) provocado pelo excesso de acentos na língua francesa e também no português. E exemplifica ao ministro: “Abro ao acaso uma tradução francesa dos “Essays” de Macaulay e numa página conto 78 acentos; essa mesma página Macaulay a escreve sem um só.”⁹⁴

Na mesma carta, revela-se outro papel importante do escritor, este relacionado aos campos de interação, conforme descrito no referencial metodológico, no trecho referente à análise sócio-histórica. Lobato se investe no papel de lobista da indústria editorial e expõe ao ministro a situação em que se encontra a Companhia Editora Nacional, de seu amigo e ex-sócio Octales Ferreira, diante da reforma ortográfica que, tendo sido inicialmente aprovada e posteriormente cancelada pelos constituintes de 1934, para novamente ser referendada pela Constituição de 1937, acabou por gerar um estoque de 400 mil exemplares escritos em uma ortografia e 400 mil em outra.

⁹⁴ LOBATO, Monteiro. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1959, 2º vol. p. 30-31.

A solução que o escritor propõe ao governo não deixa de ser surpreendente, do ponto de vista pedagógico, embora confirme o pragmatismo do editor. Lobato argumenta que, se o governo não puder indenizar as editoras, que estendesse o prazo de implementação da reforma ortográfica por um período de dois anos para que os livros na ortografia antiga pudessem ser enviados para as escolas. Se sua proposta fosse atendida, o que parece não ter ocorrido, uma parcela significativa de estudantes teria que “reaprender” a ortografia atualizada e vigente no país depois de terem se iniciado seguindo regras gramaticais já caducas.

Quando Emília volta, acompanhada por Quindim, do reduto etimológico dispersado por eles, encontra Pedrinho e Narizinho com Visconde, que jura não ter nada a ver com o sumiço do ditongo ãO. Um rápido interrogatório e o sábio sabugo cede, pois “não sabia lutar com a boneca” (LOBATO, p. 154). O ditongo estava escondido em sua boca – nada mais natural para um ditongo, descontando-se um deslize de proporção cometido pelos dois ilustradores desta obra: pelo tamanho do ditongo ÕE, interrogado previamente por Emília, que alcança metade do corpo da boneca no desenho de Belmonte e um tamanho um pouco menor na solução visual de André Le Blanc, seria impossível Visconde conseguir escondê-lo em sua boca. Mero detalhe diante da rica sinergia de sentidos que foi estabelecida neste livro entre Monteiro Lobato e os ilustradores incumbidos da desafiadora tarefa de darem forma ao que existe apenas como texto e sugestão.

A aventura da turma do Sítio do Picapau Amarelo pelo País da Gramática chega ao fim com os “carranças” dispersados e a Ortografia Fonética se impondo. “Meia hora mais tarde”, sem pó de pirlimpimpim nem faz-de-conta, o grupo estará de volta ao velho território conhecido, contando o que aprenderam ao Burro Falante.

Conclusões da análise narrativa de *Emília no País da Gramática*:

O modelo da escola do Sítio do Picapau Amarelo pode ser resumido assim: por meio da narrativa de Dona Benta, que se alimenta de diálogos sempre instigantes com as crianças (incluídos aqui Emília e o Visconde), os leitores serão levados a descobrirem novos aspectos do tema abordado naquela obra.

Buscando um equilíbrio entre didática e narrativa, nem sempre harmonicamente obtido (há livros com uma intensa carga de conteúdo, como o caso estudado de *Emília no País da Gramática*), o escritor viu nos dois projetos levados a cabo quase em sequência,

o da Gramática e o da Aritmética, o maior desafio em termos de realização, por estas disciplinas não lidarem “com coisas concretas”, conforme carta já citada ao sociólogo Oliveira Viana. A saída, como se viu em *Emília no País da Gramática*, e que se repetirá na empreitada pelo mundo dos números, será reforçar o caráter lúdico das duas obras intensificando o diálogo com ilustrações e buscando, nos dois projetos, o caminho da antropomorfização de palavras e numerais. Mas não apenas isso. Além dos recursos gráficos, o escritor conseguiu dispor de um formidável arsenal de ferramentas ligadas à arte de narrar para tornar mais palatável a transmissão do conhecimento, bem como para instigar a reflexão crítica.

Lobato queria formar leitores (ou alunos) críticos, e a personagem Emília, na obra estudada, exerce claramente o papel questionador. Critica a “nomenclatura rebarbativa” imposta aos aprendizes pelos gramáticos e seus “prepostos”, os professores e, por que não?, os autores de obras didáticas. Coloca-se ao lado dos que buscavam naquele período a simplificação da ortografia e das regras gramaticais. Protesta contra o uso de aspas para palavras estrangeiras e de acentos na língua portuguesa, inclusive criticando os acentos (trema e diferencial) introduzidos pela Reforma Ortográfica de 1931, a qual, como vimos, o escritor defendia. Em *Emília no País da Gramática* a boneca se auto-intitulará porta-voz das crianças ao verbalizar a dificuldade de aprendizagem de uma língua com tantas consoantes dobradas, e que carregava a memória etimológica na própria grafia das palavras. Também será porta-voz da opinião do escritor sobre a validade linguística dos Neologismos, do Provincianismo e da contribuição do “falar brasileiro” à língua portuguesa.

No entanto, a passagem do tempo seria implacável com este livro – e com outras obras de caráter paradidático mais acentuado, como *História do mundo para crianças* (1933), *Geografia de Dona Benta* (1935) e *História das invenções* (1935). Estes livros se tornariam anacrônicos em poucas décadas, devido à natureza dinâmica das áreas do conhecimento que abordavam em contexto escolar: países importantes nos anos 1930 deixaram de existir e muitas fronteiras seriam redefinidas depois da II Guerra Mundial e do processo de descolonização; sucessivas releituras das Ciências e da História realizadas nas décadas seguintes também questionariam diversas fontes e algumas assertivas do escritor – e que, tanto podiam ser válidas enquanto conhecimento avalizado pelos especialistas da época, quanto poderiam ser vistas como reveladoras de sua visão de mundo.

Assim, em relação ao livro *História do mundo para crianças*, Zinda Vasconcellos observa que “embora haja referências a classes sociais, no livro os conflitos entre classes praticamente não aparecem como forças dinâmicas no palco da História”.⁹⁵ Dessa forma, por exemplo, toda a história entre o Renascimento e a Revolução Francesa nesta obra é centrada no papel exercido por reis e governantes. A pesquisadora aponta o que seria a contradição básica da obra paradigmática relativa à História do Mundo produzida pelo escritor: “a que se dá entre um materialismo mecanicista – o progresso econômico traria inevitavelmente a felicidade geral – e uma concepção idealista da História, dada como determinada pela natureza humana” (idem, p. 59).

Buscando sintetizar o projeto educacional do escritor, Zinda observa:

Todos os livros [a partir de 1934] se enquadram numa concepção didática *latu-sensu*, visto o caráter engajado da obra: buscam “fazer a cabeça” das crianças, inculcando-lhes valores e concepções. Em todos eles a preocupação didática não se limita à transmissão de conteúdos. Esses são comentados, discutidos, deles tiram-se conclusões. Visa-se assim à formação do raciocínio e do julgamento. [...] Tanto a importância dada à transmissão de conhecimentos como a conferida à formação do raciocínio crítico e da elasticidade de imaginação estão estreitamente associadas à ideologia de Lobato e ao seu projeto de interferir na sociedade brasileira através da educação das crianças (Ibidem, p. 28-29, grifo nosso).

Para José Roberto Whitacker Penteado, *Emília no País da Gramática* é uma obra de grande originalidade. Mas lamenta que “a nossa gramática tenha mudado tanto, desde o já distante ano de 1934, a ponto de tornar o livro impossível de ser utilizado hoje com os mesmos objetivos didáticos previstos pelo seu autor, há seis décadas” (o livro de Whitacker é dos anos 1990).⁹⁶

O envelhecimento de *Emília no País da Gramática* pode ser creditado, entre outros motivos, às reformas ortográficas na língua portuguesa que aconteceram em 1945, 1973 e, por fim, em 1990. Se o livro quando surgiu se mostrava inovador em sua proposta de transmitir conteúdos de gramática por meio da ficção (algo nunca realizado anteriormente por nenhum escritor, pelo menos na língua portuguesa), e mais ainda ao apresentar uma proposta visual de antropomorfização de vocábulos, palavras e sentenças levada a cabo, de maneira bem criativa, pelos ilustradores Belmonte e André Le Blanc, por outro lado a obra se mostrava conservadora em relação à exposição dos temas.

⁹⁵ VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço Editora, 1982, p. 45.

⁹⁶ PENTEADO, J. Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato: O imaginário infantil na ideologia do adulto**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Editora, 1997, p 104.

Como vimos, Lobato seguirá de forma bastante fiel, com apenas uma alteração significativa, o mesmo percurso didático criado por Eduardo Carlos Pereira em sua *Gramática Expositiva*, uma obra publicada na primeira década do século passado e, como foi visto no contexto sócio-histórico, já bastante popular entre professores e estudantes. Era, portanto, uma roupagem nova para uma forma consagrada de exposição. A única mudança na ordem dos temas foi apresentar a Ortografia, que compõe o tópico da Lexologia, após a passagem do grupo pela Sintaxe, a segunda área da gramática. Tal alteração se justificava em termos narrativos: os escritores sabem que devem deixar o assunto mais importante, ou aquele que tenha um potencial de conflito maior, para o final da história. Foi o que Lobato fez ao deixar para o fim a investida de Emília e Quindim contra os defensores da Ortografia Etimológica. A resistência do conservadorismo linguístico seria dobrada pela tendência natural dos usuários de uma língua buscarem o caminho mais simples – tendência esta que, por fim, terminaria por também determinar o prazo de validade da própria obra que a defendia.

Em relação aos temas educacionais para os quais esta análise buscou trazer elementos que indicassem o pensamento deste autor, a saber, o tipo de relacionamento professor-aluno idealizado pelo escritor e a sua visão sobre a língua, a linguagem e a gramática, podemos afirmar, em relação ao primeiro tópico pesquisado, alguns pressupostos de sua visão educacional.

1. A aprendizagem se dá por meio da experiência direta do aluno com o objeto do conhecimento

Começando pelo “chamado à aventura” de Emília para experimentarem diretamente o conhecimento em vez de estarem a aprender gramática, a narrativa está centrada na experiência direta vivida pelas personagens ao longo da trajetória pelo País da Gramática. Este, por sua vez, tem um caráter bastante concreto, com cidades, bairros e casas onde vivem os vocábulos. Durante a jornada, o grupo interage com as personagens – sendo estas, de certa forma, tratadas igualmente como personagens pelo autor, sejam elas palavras, ditongos ou áreas do conhecimento, como a Etimologia e a Ortografia.

Ao transformar áreas da Lexicologia e da Sintaxe em personagens da trama, o escritor facilita a compreensão de conteúdos gramaticais por parte de seus leitores, já que passa a atribuir características de personalidade às áreas do conhecimento. Assim, Dona

Etimologia será apresentada como uma senhora muito velha coroca, “de nariz recurvo e uma papeira – a papeira da sabedoria” (LOBATO, p. 76), mas com paciência infinita – até para as provocações de uma boneca insolente em relação ao seu nome. Dona Sintaxe será uma dama elegante, preocupada com os bons modos e a clareza das frases que circulam pelo país. O venerando verbo Ser, por sua vez, é apresentado rodeado por todos os tempos verbais – uma forma de lembrar aos leitores que os verbos são flexionados na língua portuguesa, podendo assumir 65 tempos verbais. A personagem da Ortografia [*Fonética*] é apresentada como uma deusa grega, que traria uma escrita mais simples para quem está aprendendo o idioma (portanto, o público do escritor), e que expressa seu apoio à mudança na grafia. Em oposição a ela – e ao grupo de personagens liderado por Emília, estará representada a velhíssima Ortografia Etimológica, apresentada como uma “velha de nariz de papagaio e ar rabugentíssimo” (idem, p. 142). A esta personagem o tratamento dado será o de antagonista.

O caráter lúdico da aprendizagem também se apresenta em situações como quando Pedrinho se diverte formando palavras a partir do radical “pedr”, ou quando ele e Emília recolhem sufixos e prefixos gregos e latinos para formarem “híbridos” mais tarde, de volta ao Sítio. Também na passagem pelo Bazar das Pontuações, essas duas personagens levarão alguns sinais gráficos como souvenirs.

2. A obra estabelece uma relação professor-aluno diferente dos demais livros de Lobato.

A formação clássica de Dona Benta como “mestra-escola”, como a detentora do saber que será transmitido por meio de breves explicações e muitos diálogos com as crianças, acontece desde a publicação de *Fábulas* (1922), e prosseguirá inalterada, nos livros que compõem o projeto marcadamente paradidático do escritor. No entanto, em *Emília no País da Gramática* a função docente será exercida por Quindim, prioritariamente, e por outras personagens. O novo mestre se comporta de forma diferente: não há explanação prévia, ou um conteúdo propriamente dito, e o paquiderme se coloca mais em uma função de mediador do conhecimento. Ele é o meio pelo qual (ou, literalmente, em cima do qual) as crianças circularão pelos temas da Gramática, buscando, sempre que possível, fornecer exemplos e comparações na medida em que as situações de aprendizagem se apresentam. Será mais por meio de suas reações aos comentários das crianças que sua voz experiente será ouvida.

Quindim não indica qual caminho devem seguir; o trajeto será sempre decidido pelas crianças. Outro exemplo dessa atitude de mediador do conhecimento acontecerá no episódio do sumiço do ditongo “ão”, quando, por artimanhas do narrador, o leitor percebe, juntamente com o rinoceronte, a falta do ditongo. Mas ele retém sua suspeita para si, para que, por meio de uma pesquisa-ação (o interrogatório de Emília ao ditongo “õe”), as crianças cheguem à mesma conclusão. Por fim, ao investir contra o reduto etimológico ao lado de Emília, Quindim assume uma posição de força, de embate político (relevante para o escritor, como foi visto no contexto sócio-histórico), que seria incompatível com a natureza e o feitio da docente-mór do grupo, Dona Benta.

O lançamento de *O Picapau Amarelo* (1938) é considerado por muitos estudiosos do autor como sendo a retomada de um projeto mais literário do que paradidático, com o reinvestimento da fantasia nas tramas, por parte do escritor, e uma autonomia crescente das personagens infantis. Assim, Emília se aventurará a mudar a vida no planeta e o tamanho das coisas, em *A reforma da natureza* (1941) e *A chave do tamanho* (1942) respectivamente, além de escrever suas memórias, enquanto Visconde viverá sua aventura petrolífera, emulando a experiência do próprio escritor, em *O poço do Visconde* (1937). Por fim, a derradeira aventura do escritor se dará na Grécia Antiga, com *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944), no qual o grupo de crianças do Sítio, em uma formação mais reduzida, estará sem nenhum adulto.

Em relação à visão de Monteiro Lobato sobre a língua, a linguagem e a gramática, podemos concluir que, para este escritor:

1. A língua é dinâmica, viva, se faz e se transforma pelo uso.

A visão da língua como um construto dinâmico de uma determinada cultura está presente em diferentes acepções e formatos, sendo reforçada em diversas situações apontadas na análise da narrativa. O que vale destacar aqui é que, no entendimento de Lobato, tal dinâmica é operada tanto pelos que dominam a língua escrita quanto por pessoas analfabetas, como lembrado por Dona Etimologia (LOBATO, p. 79).

Sobre a natureza dinâmica da língua escrita, e a influência sofrida pela oralidade, o exemplo mais marcante será o da transformação do pronome Vossa Mercê em Você – e a progressiva adoção dessa forma de tratamento em detrimento do Tu, mostrada em *Emília no País da Gramática*. Graças a esse papel transformador que as pessoas incultas

têm sobre a língua, o Provincianismo, no ponto de vista do escritor, não poderia ser considerado um vício de linguagem, da mesma forma como o Neologismo.

O processo dinâmico da língua, no entanto, já estaria sob efeito de um novo agente transformador, a mídia, que para o escritor teria um papel de fixar mais uma determinada forma de escrita, por meio da imprensa e da maior circulação de bens culturais. Sendo ainda pouco claro o impacto na língua falada e escrita provocado pelas tecnologias da informação e da comunicação de massa, como o rádio, o cinema e a televisão, que se tornariam mais presentes no Brasil a partir de meados do século passado, o escritor se limitaria a identificar a entrada em cena desse novo ator social. Na voz de Dona Etimologia, afirmará: “Hoje está mais difícil a ação dos ignorantes sobre a língua por causa do grande número de livros e jornais que existem e fixam a forma atual das palavras. Mas antigamente quem fazia a língua era justamente o ignorante” (LOBATO, p. 80).

2. A busca dos usuários de uma língua é trilhar o caminho mais fácil.

Amparando-se em exemplos, de pronomes ao uso dos acentos, o escritor afirmará, em algumas ocasiões, a tendência natural dos falantes de uma língua em procurar o caminho mais curto. Será com base nessa argumentação, por sinal, que ele investirá contra os acentos diferenciais e o trema aprovados na Reforma Ortográfica de 1931. O trajeto do pronome *Vossa Mercê* até chegar ao *Você* também é dado como exemplo dessa tendência à simplificação.

3. A língua não é hierárquica, e a gramática tem recursos intercambiáveis.

Num dado momento da narrativa, Pedrinho e Emília ironizam o fato de que todas as palavras se acham essenciais no País da Gramática, já que a natureza não-hierárquica da língua seria comentada pelo verbo *Ser*, pelo pronome *Eu* e também pela *Dona Sintaxe*. Mesmo que em um momento da narrativa tenha sido dada certa preponderância aos substantivos e verbos, capazes de transmitirem uma mensagem básica, é da natureza intercambiável e moldável dos diversos elementos que compõem a linguagem que nasce a riqueza do idioma e de suas expressões. Seja por meio da *Etimologia*, seja quando as crianças brincam de formar palavras por derivação, não há uma categorização de importância entre as palavras – mesmo que algumas encontrem restrições para circularem, como as palavras estrangeiras, as gírias e as palavras obscenas (estas morariam em um bairro apenas visitado por *Visconde*). Trata-se, no entanto, de uma

distinção mais da ordem da adequação do discurso do que sinalizadora de um grau hierárquico.

4. Algumas línguas seriam mais dinâmicas do que outras.

Após morar nos Estados Unidos, Lobato se tornaria um tradutor bastante prolífico da língua inglesa, intensificando um trabalho que realizava desde os tempos em que traduzia artigos do *Weekly Times* para o jornal *O Estado de S. Paulo* para passar o tempo que não passava em Areias, quando atuava como promotor público. Sua admiração pelo idioma inglês encontrará eco, e servirá de base para uma comparação negativa em relação à língua portuguesa, em algumas passagens de *Emília no País da Gramática*, como quando Quindim comenta que em Galópolis as palavras estrangeiras gozavam de mais liberdade, sem necessidade de andarem carregando aspas ou serem italizadas. Ou ao comentar a sabedoria dos ingleses em criarem o gênero neutro, de forma que coisas e objetos não precisem ser classificados como masculinos ou femininos, tal como acontece no português. Ou, ainda, quando criaram um alfabeto sem a necessidade de um único acento, ao contrário de idiomas de origem latina, como o francês, o espanhol e o português.

CAPÍTULO 2: OS DOZE TRABALHOS DE LOBATO

As três fases do enfoque da Hermenêutica de Profundidade em relação a uma forma simbólica, a saber, análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação, podem contribuir para a compreensão do contexto, histórico e pessoal, e para a identificação de elementos narrativos coerentes com o projeto literário-pedagógico de Lobato na obra *Os Doze Trabalhos de Hércules*. Trata-se da mais extensa obra de literatura infantil produzida pelo escritor.

Para evitar repetições desnecessárias em relação à primeira etapa de análise proposta pela metodologia aqui empregada, apenas as alterações em relação ao que já foi apresentado sobre a década de 1930, e que eventualmente apresentem uma mudança de cenário marcante, serão apontadas neste capítulo, que se debruçará em caráter mais detalhado na análise da narrativa.

Situações espaço-temporais

A política nas décadas de 1930 e 1940 tiveram um ator político onipresente: Getúlio Vargas. No início da primeira década estará à frente do movimento militar que resultaria na Revolução de 1930, representando a ascensão da burguesia urbana e o início do declínio das oligarquias rurais que, até aquela data, dominavam a cena política. Lobato estava ligado ao grupo político derrotado pelo movimento, tendo sido inclusive adido comercial em Nova York durante o governo de Washington Luís.

Getúlio Vargas assumirá o poder em 1930 e permanecerá nele por quinze anos, atravessando uma Constituinte em 1934, e sendo eleito presidente sob o arcabouço jurídico proporcionado por ela. Sendo os anos 1930 marcados pela polarização política à direita e à esquerda no mundo todo – com as ascensões ao poder de Franco, Mussolini e Hitler, de um lado, e a consolidação de Stálin de outro, em 1937 Getúlio Vargas institui o Estado Novo, um regime totalitário que outorgaria uma nova Constituição, consolidando o poder central e restringindo direitos pessoais. O país permaneceria sob regime de exceção até 1945.

Portanto, no ano em que Lobato publicou *Os Doze Trabalhos de Hércules*, 1944, o escritor vivia sob uma ditadura. A guerra e a crítica ao poder dos ditadores – no caso de

Lobato, sua luta pelo direito à exploração do petróleo por empresas nacionais como a dele o levaria à prisão em 1941 – estarão presentes nesta última obra infantil.

É possível deduzir com razoável segurança que o escritor escreveu o livro ora estudado em meados de 1944 a partir do recado que manda para a filha de um conterrâneo, o poeta Cesídio Ambrogi. A carta é de 10 de setembro de 1944:

Diga à Eliana que este ano ela vai ganhar uma série de 12 volumes novos do Lobato, intitulada OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES. São livros pequenos de 100 páginas – e que 13º trabalho me foi escrever isso em 36 dias!... Estou derreado e precisado de uma quinzena de férias num clima.⁹⁷

Por esses meses nos quais supostamente o escritor esteve durante suas manhãs na Grécia Antiga, a guerra ganhava contornos dramáticos nas frentes europeia e asiática: aconteciam o desembarque na Normandia, o Dia D, a libertação de Paris pelas tropas aliadas, os primeiros bombardeios com as bombas V-2 em Londres, o avanço alemão sendo detido pelas tropas russas, e o início da reação dos Estados Unidos ao domínio japonês no Oceano Pacífico. E desde 1942 a Força Expedicionária Brasileira (FEB) integrava a frente formada pelas democracias da Europa, pela União Soviética e pelos Estados Unidos. No Brasil, o ditador Getúlio Vargas, depois de ameaçar pender para o eixo, já que diversos integrantes de seu ministério eram identificados com os regimes autoritários do nazi-fascismo, por pressão norte-americana acabaria por entrar no conflito mundial junto aos aliados.

Interessante observar que a relação com Getúlio Vargas, a quem o escritor endereçaria uma das cartas que o levaram à prisão, nem sempre foi belicosa – pelo menos por parte do governante. Vargas registrou no seu diário, em 15 de novembro de 1934, o convite feito a Lobato para que integrasse seu governo constitucional: “Chamei o escritor Monteiro Lobato para entregar-lhe a direção do Serviço de Propaganda, mas encontrei-o muito absorvido pelas suas sondagens em busca de petróleo”.⁹⁸

De tão absorvido por suas sondagens em busca de petróleo em solo brasileiro, e sem deixar de trabalhar em ritmo febril como autor e tradutor, Monteiro Lobato seria preso três vezes em 1941, em janeiro, março e entre os meses de abril e junho, por conta de cartas desafiadoras endereçadas a Getúlio Vargas e outras autoridades. O escritor e empresário denunciava um suposto conluio entre autoridades do Departamento Nacional

⁹⁷ TIN, Emerson. “O 13º trabalho de Lobato”. In: LAJOLO, M. CECCANTINI, J. (orgs). **Monteiro Lobato livro a livro**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008, p. 472-73.

⁹⁸ VARGAS, Getúlio. **Diário: 1930-1940**. São Paulo/Rio de Janeiro: Siciliano/FGV, 1995, vol. 1, p. 341.

da Produção Mineral e do Conselho Nacional do Petróleo (CNP) e “interesses do imperialismo da Standard Oil e da Royal Dutch”.⁹⁹

A prisão, e o fim do sonho de se tornar um Rockefeller brasileiro, deixariam o escritor mais amargo em relação à política e aos interesses econômicos que a movem, mas, por outro lado, impulsionariam seu segundo projeto, o de tornar-se um Andersen brasileiro. Morria o empresário, mas o escritor continuava vivíssimo.

Campos de interação

Nesta segunda categoria de análise do contexto sócio-histórico, o campo de interação, que Thompson entende como sendo um espaço de posições e um conjunto de trajetórias que determinam as relações entre pessoas e as oportunidades acessíveis a elas, na década de 1940 encontraremos um Lobato consolidado como intelectual e respeitado como autor. O escritor vive o auge de sua celebridade – e esta chega a assustá-lo, como comentará com o amigo Rangel (“Minha popularidade apavora-me”¹⁰⁰).

Tendo estreado como autor de ficção e jornalista polemista voltado ao público adulto e ao debate dos grandes temas nacionais no final da primeira década do século passado, seria nos anos 1920 que o escritor se firmaria, a partir de meados desta década, como autor infantil e, também, como bem-sucedido editor. É desse período a “inundação de narizes”, forma jocosa com que Lobato se referiu à compra governamental que catapultaria *Reinações de Narizinho* à condição de *best seller* na sua recém-inaugurada carreira de escritor infantil. A compra sinalizaria igualmente a abertura a um mercado promissor, que, como vimos, seria bem explorado pelo dinâmico editor.

Instituições e estrutura social

A instituição social que mais nos importa, no nível desta análise, a escola, não sofrerá mudanças significativas de uma década à outra. Porém, os educadores que buscavam a renovação pedagógica, e que foram influenciados pelo movimento internacional da New Education, nesta década de 1940 estariam divididos entre os partidários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de orientação laica e

⁹⁹ Autos do Processo n. 1.607, fls. 183. Tribunal de Segurança Nacional (TSN) – *apud* AZEVEDO, C. L. de et al. **Monteiro Lobato**: furacão na Botocúndia. São Paulo: Editora Senac, 1997, p. 156.

¹⁰⁰ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1948, vol. 2, p. 328.

defensores da educação pública obrigatória e gratuita, e os grupos de educadores católicos, sob a liderança de Alceu Amoroso Lima.

Como autor presente nas escolas, Lobato sofreria perseguição de diversos grupos religiosos. E suas críticas mordazes aos interesses econômicos por trás das questões de fé estarão presentes, e de forma abundante, nessa última obra do escritor. Será por meio do Oráculo de Delfos e seus sacerdotes venais que a crítica ao poder religioso se dará.

Ainda longe de sua primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que surgiria apenas em 1961, a administração dos assuntos educacionais se encontra bastante descentralizada nesta década. Os grupos escolares se consolidam como forma de oferta da educação básica, mas a expansão das redes estaduais se dá de forma lenta e excludente. Em 1940 o país contava com 56% de sua população analfabeta. A Universidade de São Paulo é criada em 1934 e no ano seguinte seria fundada a Universidade do Distrito Federal (UDF), futura Universidade do Brasil, por Anísio Teixeira. Mas a expansão da rede federal de ensino superior se daria apenas na década seguinte, 1950, quando o escritor já terá falecido.

A expansão, lenta mas constante, da oferta escolar de educação básica é acompanhada pelo fortalecimento, também gradual, da indústria editorial e livreira no país, e novamente aqui o escritor terá um papel relevante, como cocriador de duas das mais ativas casas editoriais que o Brasil teria nesse período: a Companhia Editora Nacional, fundada em 1925 e que se tornara em uma década a maior do país, e a Editora Brasiliense, que publicaria suas *Obras Completas* em 1946 e 1947.

Em termos de estrutura social, os anos 1940 seriam marcados pela expansão urbana e pela consolidação do processo de substituição das importações iniciado durante a I Guerra Mundial, com o surgimento das primeiras indústrias nacionais. O escritor atuará também como empresário, tanto na área gráfica quanto na área de produção editorial. Nesta, sua trajetória é singular: começa como sócio-proprietário e aos poucos se concentrará como produtor de conteúdos, sejam traduções ou adaptações, sejam obras para crianças. Para adultos, o escritor não tem mais qualquer ambição literária.

Em termos de produção editorial, os anos 1940 consolidariam a capital paulista como o maior centro industrial da América Latina, com a cidade concentrando 368 firmas de impressão tipográfica, além de abrigar 16 das 38 fábricas de papel mais importantes do Brasil. A produção editorial paulista representa 70% da nacional. Mas a posição de

polo cultural permaneceria concentrada no Rio de Janeiro, como observa Marina Vargas Couto em dissertação de mestrado defendida em 2006:

A partir de 1932, o Rio de Janeiro recupera sua posição de centro cultural e intelectual do país: não só mais da metade das edições brasileiras são feitas no Rio (embora grande parte delas seja impressa em São Paulo, onde acabamento e preço ainda são melhores), como também estão na cidade todas as editoras inovadoras e quase todas aquelas de importância literária ou cultural. A atividade editorial paulista concentra-se nos livros didáticos e na literatura infantil.¹⁰¹

A concentração paulista na produção na literatura infantil e na produção de livros didáticos, se aqui considerarmos também as traduções e adaptações, parece ter nome e sobrenome: Monteiro Lobato. Com efeito, nesta década o escritor se tornou definitivamente um *best-seller*, tanto como autor quanto como tradutor e adaptador.

Meios técnicos de transmissão

Os anos 1940 marcam a era de ouro do cinema norte-americano. E ele estará presente, bem como referências às transmissões de rádio, em *Os Doze Trabalhos de Hércules*. Em relação à influência de Hollywood no escritor, Edgard Cavalheiro relata que nessa década, já sexagenário, Lobato esquece nas salas de cinema as amarguras da vida, enquanto produz intensamente.

Cavalheiro relata que nesses tempos em que desistira das iniciativas empresariais para focar em seu ofício de escritor e tradutor, Lobato costumava passar todos os dias na sede da Editora Civilização Brasileira, que adotara informalmente como “seu escritório”, onde recebia suas encomendas. Depois passava na Companhia Editora Nacional e, em seguida, ia ao cinema. Quando o longa-metragem de animação *Fantasia*, de Walt Disney, foi lançado, em 1941, foi visto por ele seis vezes. O escritor, em sua fase mais criativa, se encanta com a fantasia criada nos estúdios de cinema dos Estados Unidos – o que só fará crescer sua admiração por aquele país.

Análise narrativa

Conforme explicado no capítulo referente à metodologia, buscaremos identificar, ao longo da saga heróica empreendida pelos quatro personagens centrais dessa obra (Pedrinho, Emília, Visconde e Hércules), as passagens que se referem a conhecimentos escolares e áreas da investigação filosófica e científica, bem como referências à educação.

¹⁰¹ COUTO, Marina Vargas. A indústria editorial brasileira: trajetória, problemas e panorama atual. Escola de Comunicação da UFRJ. Dissertação. Rio de Janeiro, 2006.

Primeiro trabalho: O leão de Neméia

Monteiro Lobato opta por uma formação de grupo menor nessa aventura, deixando Narizinho cuidando de dona Benta. Forma-se assim o trio de personagens que sairá do Sítio rumo à Grécia Antiga: Emília, Visconde e Pedrinho. E a jornada se fará sem mais contatos com os que ficaram. O projeto de manter contato com Dona Benta por meio das mensagens transmitidas pelo rádio transmissor criado pelo Visconde cairia na segunda edição, a única revista pelo autor.¹⁰²

Antes de saírem, dona Benta, estimulada por Narizinho, faz uma preleção inaugural sobre Hércules. Conforme relatado por Emerson Tin, que cotejou a primeira e a segunda edição desta obra, a longa exposição sobre os heróis que havia na primeira, dialogada como em um ambiente de escola, e com dona Benta como mestra, seria eliminada pelo autor na segunda edição. Curiosamente, nesta fase que, na nomenclatura da Jornada do Herói de Joseph Campbell se chama Chamado à Aventura, na qual o protagonista é incitado a sair do Mundo Conhecido, Lobato prefere começar pelo fim, narrando neste primeiro trabalho como será a morte de Hércules.

Será também a ocasião para explicar a questão das nomenclaturas latina e grega (Hércules/Heracles) que, ao longo da narrativa, merecerá outros esclarecimentos. Inclusive a escolha por grafar Juno em vez de Hera, como deveria ser já que os demais deuses são tratados pela forma grega, por conta da possibilidade de confusão com o passado do verbo ser (“era”). O autor aqui se mostra atento àquela parcela de seus leitores com pouca ou nenhuma autonomia de leitura que dependiam da leitura dos adultos para entrarem na magia do Sítio do Picapau Amarelo, que poderiam ser enganados pela homofonia das palavras era/Hera.

Logo no início da jornada já se revela a paixão do escritor pela etimologia, bastante presente em *Emília no País da Gramática*, como se viu. Aqui, ele usa da voz do Visconde, que explica a origem da palavra “invulnerabilidade”, que vem do latim “vulnera”, que significa ferida (LOBATO, vol. 1, p. 16.).

Outra característica do projeto literário-pedagógico do escritor, a intenção clara de ampliar o vocabulário de seus leitores trazendo para sua prosa palavras de pouca circulação, surge assim que os pica-pauzinhos (como será chamado o trio) buscam em

¹⁰² TIN, Emerson. “O 13º trabalho de Lobato”. In: LAJOLO, M. CECCANTINI, J. (orgs). **Monteiro Lobato livro a livro**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008, p. 480-481.

uma árvore um refúgio diante da chegada do leão: “Pedrinho *marinhou* árvore acima com agilidade de macaco. Emília fez o mesmo; *repimpou-se* num galho bem lá de cima” (LOBATO, vol. 1, p. 20, grifos nossos). Neste caso, usando sinônimos para “trepar valendo-se de pés e mãos” e “acomodar-se”, respectivamente.¹⁰³ E ao descrever o fim da primeira missão de Hércules, antes mesmo do herói identificar em Emília – e não na deusa Palas – a autora da sugestão de asfixiar o leão, Lobato emendará mais dois verbos daqueles que exigem uma ida ao dicionário: “O leão *escabujava*” (LOBATO, vol. 1, p. 26, para espernear) e “a massa morta do leão da Lua descaiu, *aplastou-se* no chão” (LOBATO, vol. 1, p. 27, para se curvar e abater-se, respectivamente, grifos nossos). Mais adiante, usará “escanchar” (LOBATO, vol. 1, p. 33) no sentido de separar de meio a meio, alargar. Vemos aqui um autor infantil seguro de suas ferramentas, e sem concessões à simplificação da linguagem.

Mas a narrativa seguirá em ritmo acelerado, “a galope”, para usar a expressão do próprio autor em carta ao amigo Godofredo Rangel sobre como deve ser a escrita para crianças: “Estilo ultra direto, sem nem um grânulo de ‘literatura’... A coisa tem de ser narrativa a galope, sem nenhum enfeite literário”.¹⁰⁴

Visconde assume o papel docente ao longo dos trabalhos, desde este primeiro, aqui explicando para o leitor porque a asfixia leva à morte de um mamífero. E Pedrinho em algumas situações trará o conhecimento prático das ferramentas e lidas da vida rural. Ressalte-se que Lobato dá o mesmo estatuto de conhecimento às artes e ofícios dos homens na lida com animais, plantas e no manejo da natureza que dá ao saber científico ou filosófico. Tal valorização está em sintonia com a ênfase que a Escola Progressiva de John Dewey dava aos trabalhos manuais, e que Anísio Teixeira aplicaria na experiência da Escola Parque, na década de 1950, na Bahia, com a instalação de oficinas de carpintaria e trabalhos manuais para os estudantes.

Neste trabalho também acontecerá a primeira menção a D. Quixote, que funcionará como contraponto do herói moderno ao herói clássico, representado por Hércules.

A primeira estocada ao poder dos religiosos e à venalidade com que sacerdotes manipulavam a boa-fé também aparece neste trabalho inicial da saga. Surge no

¹⁰⁴ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, p. 371-2. *Apud*: TIN, Emerson. “O 13º trabalho de Lobato”. In: LAJOLO, M. CECCANTINI, J. (orgs). **Monteiro Lobato livro a livro**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008, p. 474.

comentário ácido de Emília, onde se percebe a crítica ao poder dos religiosos e ao suborno das organizações criadas em torno da religião, aqui disfarçada de comentário sobre o Oráculo: “Aquele Oráculo de Delfos! Não há patifaria maior. A Pítia deixa-se subornar, e dá palpites de acordo com os que melhor lhe pagam. A patifaria humana é eterna – como diz o Visconde”. (LOBATO, vol. 1, p. 33-34)

Quando Hércules, usando o canivete de Pedrinho, faz um corte longitudinal na pele do leão, outra oportunidade do Visconde explicar o que significa longitudinal. Como se verá ao longo da análise da narrativa, nesta obra o amálgama entre narrativa e didática se dará de forma muito mais fluida, com as informações se inserindo naturalmente entre os diálogos ou a partir de fatos diretamente ligados ao desenvolvimento da história. Por exemplo, quando o escritor aborda uma questão ética da Filosofia, o direito de “roubar” carneiros que Hércules se dava, que se dá pela ação de Pedrinho, que agirá nos bastidores para restabelecer a justiça, negociando seu canivete com o pastor para compensar o prejuízo.

Ao término deste trabalho inicial, por ocasião da entrada do Visconde em Micenas, Lobato explicará aos seus leitores que o milho é originário das Américas, sendo portanto desconhecido dos gregos que viviam na Grécia Antiga. Esse ir-e-vir do mundo grego à atualidade em que viviam autor e seus leitores, será também uma constante ao longo da narrativa.

É também nesse momento de entrega do primeiro trabalho que se anuncia o início da transformação do Visconde, por meio de uma observação de Emília: “Veja o milagre! O nosso Visconde era um verdadeiro caixão de defunto, de tão sério [...] Agora está até bobo, a fazer coisas de palhaço. (LOBATO, vol. 1, p. 63)

Aos poucos o mentor Visconde vai se transformar no coringa, no arquétipo do pícaro, aquele que desconcerta. Irá desgarrar-se do grupo e presenciará a luta de Perseu contra a Medusa, dando margem para o primeiro mergulho de Lobato em histórias da mitologia grega que não estão relacionadas aos trabalhos de Hércules. Tais interferências na narrativa, que darão vazão à grecofilia do autor¹⁰⁵, se tornarão ainda mais frequentes nos últimos trabalhos.

¹⁰⁵ “A grecofilia lobatiana é evidente (mais um traço, talvez, da leitura de Nietzsche)”. In: VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço Editora, 1982, p. 68, nota de rodapé.

Segundo trabalho: A hidra de Lerna

Referências ao livro *O Picapau Amarelo*, lançado em 1939, aparecem pela primeira vez nos trabalhos, trazendo uma segunda referência aos fracassos de D. Quixote, escudado pelo fiel Sancho Pança. Isso servirá também para estabelecer a mesma função (escudeiro) para o Visconde na narrativa. Pedrinho será nomeado pomposamente “oficial de gabinete” e Emília assumirá sua função oficial de “dadeira de ideias”, consagrando o neologismo que também eleva a personagem à condição de “cérebro” do grupo. Ou, em termos da nomenclatura de Campbell, de mentora.

Dessa forma, no início do segundo trabalho, Lobato estabelece as funções no quarteto de personagens, as linhas gerais nas quais se dará o protagonismo de cada um dos heróis das aventuras em série que se anunciam. Forma-se, assim, um quarteto de heróis. Ou um herói coletivo, que se fortalece por meio da associação de talentos.

Nesse trabalho a questão do transporte de Pedrinho será resolvida por Emília com a ideia deles capturarem e domesticarem um centauro potrinho, Meioameio, que passa a se integrar à narrativa. No episódio que redundará na captura do centauro, o garoto crescido no sítio explicará a Hércules como laçar um animal usando boladeiras gaúchas, bem como aplicará no centauro o processo de peiar (ato de domesticar um cavalo). São resquícios de conhecimentos adquiridos pelo fazendeiro de Buquira que, vez por outra, emergirão pela voz e ação de Pedrinho.

A curtição do couro do leão da Lua morto por Hércules, e que lhe servirá de escudo por ser invulnerável (invulnerabilidade que será decisiva ao enfrentar sem armas o cão Cérbero, no último trabalho), será explicada por Visconde, que em diálogo com o pastor grego citará a ação do tanino e explicará, em linhas gerais, as vantagens de se curtir o couro. Este tema era relevante nos anos 1930, e o escritor não se furta a explicar detalhadamente a origem do tanino e sua função na curtição de couros. Discute-se ali também o processo mais antigo, de exposição ao fumeiro, ilustrado de forma bastante didática por J. U. Campos (LOBATO, vol. 1, p. 81).

A respeito do trabalho de ilustração de J. U. Campos, observe-se uma evidente desproporção no tamanho do Visconde e da Emília, talvez intencional para destacar as duas personagens, já que um sabugo, por maior que fosse, não alcançaria sequer a canela do gigantesco Hércules. Outra característica deste trabalho é o uso de um estilo mais realista para representar as personagens do mundo grego, enquanto as personagens do

Sítio do Picapau Amarelo aparecem retratados dentro de uma proposta mais próxima da ilustração infantil, algo entre a caricatura e o traço infantil.



Ilustração de J. U. Campos sobre a curtição pelo sistema do fumeiro. (LOBATO, vol. 1, p. 81)

Neste segundo trabalho surgirá a primeira menção à educação, enquanto Hércules observa as “criaturinhas do século vinte” e o centauro Meioameio, que para sua surpresa, foi facilmente domesticado e ganhará relevo e densidade ao longo da narrativa.

Hércules vinha atrás, a sorrir, com os olhos no lindo quadro. Ele já estava querendo bem àquelas criaturas do século 20. E como as admirava! A inteligência daquele menino, a habilidade e a esperteza de Emília, a ciência do seu escudeiro saído em busca da pele do leão... Notável, tudo notável... E Meioameio era também um encanto. Hércules sempre vivera em luta com os centauros, já tendo abatido muitos. Mas pela primeira vez via bem de perto e a cômodo um desses entes, e conhecia-o na intimidade — e nada encontrou em Meioameio que justificasse o seu antigo ódio aos centauros. Sim, se eram uns brutos, isso vinha apenas da falta de educação. Que diferença entre eles e os homens também sem educação? E Hércules, com toda a sua burrice, ‘teve uma ideia’, talvez a primeira ideia de sua vida: que é a educação que faz as criaturas. (LOBATO, vol. 1, p. 84)

O tema da educação, central nesta obra, retornará logo adiante, quando o herói descobrirá que Pedrinho trocou seu canivete pelos carneiros abatidos para saciar sua fome hercúlea:

Hércules comoveu-se ao saber daquilo. O pobre menino sacrificara uma prenda querida para sanar a brutalidade que ele, Hércules, havia cometido, qual a de tomar os carneiros sem consentimento do dono. E sentiu que aquele menino já era um produto da educação que a ele, Hércules, faltava. A ideia da educação que momentos antes havia concebido estava a aperfeiçoar-se em seu cérebro (LOBATO, vol. 1, p. 86).

A transformação de personagens no último livro infantil será notável. Não apenas Visconde a vivenciará quanto Emília, que Lobato faz questão de tratar ao longo da narrativa como “ex-boneca”. Ao ouvir o relato do Visconde sobre a morte da medusa, ela desmaia. E Pedrinho observa, recriminando a narrativa emocionante feita pelo sabugo: “Olhe o que você fez, Visconde! — ralhou Pedrinho, amparando-a. — Emília já não é aquela mesma de outrora, do tempo de boneca, quando não tinha nem uma isca de coração. Virou gatinha e das que têm coração de banana... (LOBATO, vol. 1, p. 93).

Nessa jornada dos heróis pela Grécia Antiga, todo o quarteto sofrerá transformações ao longo das histórias. O menos afetado por esse arco de mudanças na personagem será Pedrinho, que se mantém relativamente estável em seu papel ao longo dos trabalhos – mas chorará como um menino ao perceber que perdeu o último trabalho por medo. Hércules será seguidamente retirado do conforto de suas convicções pelo convívio com os pica-pauzinhos e com a consolidação de sua única ideia, sobre o valor da educação, que ao longo da história ganhará uma segunda dimensão, com a valorização do trabalho associativo. Emília crescerá em importância, petulância e independência, mas também passará por momentos de fragilidade como o descrito acima, ou seus enfrentamentos com a deusa Hera.

Mas a transformação mais evidente será vivenciada por Visconde. E neste segundo trabalho o escritor já anuncia que algo se move dentro do “cartoludo sabinho”, que nesta cena se livrará da cartola característica – embora ela ressurja adiante:

— Pedrinho — cochichou Emília — não acha que o Visconde está se excedendo?

— Sim, acho que está muito mudado e que continua a mudar...

— Pois isso está me preocupando bastante — confessou Emília. — Ele também é um heróizinho e todos os heróis passam por um período de loucura. Não viu D. Quixote? [...] Dali a pouco estavam na ciranda-cirandinha, e quem cirandava com maior fúria era justamente o Visconde de Sabugosa, o ex-grave e cartoludo sabinho lá do sítio. Até nem mais de cartola andava. Com um pontapé havia jogado a velha cartolinha nos pântanos de Lerna, berrando:

— Chega de cartola! Isto não passa dum pedaço de canudo de chaminé com abas. Por que cartola? Para que cartola? — e pôs-se a dançar uma rumba... (LOBATO, vol. 1, p. 98)

Ao fim do segundo trabalho ocorre uma referência ao conceito filosófico da permanência, segundo a máxima de Heráclito de Éfeso: *Panta rei, ouden menei* (Tudo passa, nada permanece), dita pelo Visconde em “muito bom grego”. (LOBATO, vol. 1, p. 102).

Terceiro trabalho: A corça dos pés de bronze

No início do terceiro trabalho, Lobato, como narrador onisciente, descreve a conversa entre Euristeu e seu assistente Eumolpo, que cumprirá o papel do mentor intelectual dos desafios que serão propostos pelo governante/antagonista. Ao longo da narrativa os leitores perceberão que Euristeu nada mais é que um representante da verdadeira antagonista do herói na epopeia, a vingativa deusa Hera.

Será o mentor Eumolpo que terá o papel de contar aos leitores qual é a dificuldade no caminho do herói e seu grupo: dessa vez o que importa é a velocidade para conseguir capturar a corça arisca, e não a força. O objetivo do escritor pode ter sido fazer com que seus leitores compreendessem a complexidade do desafio, para que este não soasse menos interessante depois de Hércules ter sufocado um leão no braço e derrotado a hidra de Lerna – episódio que, por ter sido descrito em *O Minotauro*, de 1939, não foi contado nesta obra.

Neste terceiro trabalho o protagonismo será de Pedrinho, que na concepção da estratégia a ser empregada dessa vez pelo grupo utilizará um raciocínio de caçador de paca. Explicará a diferença desse tipo de caça para a de veado, na qual se busca cansar o animal. A tática do caçador de paca é armar uma cilada quando o animal volta para sua toca – no caso da corça de pés de bronze, o templo de Apolo.

Neste trabalho, em conversa com Iolau, Hércules expõe novamente sua “ideia” sobre educação, a partir da domesticação e da evolução cognitiva que observava em Meioameio, o centauro (p. 104). Por sinal, será neste mesmo episódio que o centauro ganhará seu primeiro protagonismo, ao descrever o nascimento do cavalo alado Pégaso. A escolha não poderia ser mais adequada: temos aqui um centauro, ser meio cavalo meio homem, como porta-voz da lenda do cavalo que voa.

Mostrando que esta será uma tônica na aventura pela Grécia Antiga, o escritor fará surgir em certo momento a perseguição a um grupo de ninfas feita por sátiros. Como

observa Juliana Topan, no episódio Monte Cireneu (p.114-116), neste momento o escritor promove uma deserotização do jogo entre os sátiros e das ninfas.¹⁰⁶

O episódio resultará no ferimento de alguns sátiros pelas flechas de Hércules – e só não morreram porque Emília “humanizara” as flechas, cortando-lhes as pontas. E da conversa sobre dardos, arcos e flechas aparecerá, muito bem embalado, um conceito importante da língua escrita: a metáfora, o sentido figurado.

- Que é dardo, Visconde?
- Uma pequena lança de arremessar.
- E como é então que o noivo da filha do Elias Turco escreveu aquela carta que Narizinho viu, com esta frase que me ficou na cabeça: ““eus olhos dardejam...”
- Bom — explicou o Visconde — dardejar quer dizer arremessar dardos. A palavra aí está em sentido figurado. Os turcos têm os olhos muito fortes, muito brilhantes, e os daquela turquinha parecem emitir raios de luz. O Candinho, noivo dela, achou raios parecidos com os dardos e usou a palavra “dardejar...” (LOBATO, vol. 1, p. 120)

Neste trabalho, Visconde estará no centro da ação porque ao tentar pedir ajuda ao Oráculo de Delfos acaba prisioneiro, o que acrescentará uma linha narrativa paralela neste episódio. O mesmo recurso foi usado pelo escritor no trabalho anterior, quando Visconde se engana de local ao retornar para pegar a pele e presencia-narra o episódio de Perseu e a Medusa, da festa onde o herói lança sua bravata à execução final da façanha, passando pelo encontro entre Perseu e Hermes (Mercúrio) na praia, quando este o orienta sobre como vencer a medusa.

O sumiço do Visconde também acrescentará tensão à narrativa, já que Pedrinho e Emília criam um plano de resgate usando a pele do leão como isca para o sabugo escapar da prisão usando o pó de pirlimpimpim. Neste episódio inserido no terceiro trabalho o escritor volta a cutucar o poder religioso e sua venalidade:

- Na manhã seguinte Pedrinho discutiu com Emília sobre o presente a oferecer aos sacerdotes da Pítia, porque os sacerdotes não fazem nada de graça. Com eles é ali no “quem não paga não tem”. E só aceitavam boas pagas. Que poderiam os dois picapauzinhos oferecer aos orgulhosos sacerdotes do Oráculo de Delfos?
- A pele do leão da lua! – lembrou Emília. (LOBATO, vol. 1, p. 132)

Hércules é enganado e acha que sua pele está sendo curtida por processos só conhecidos dos habitantes do século XX. Ao arriscarem essa “desobediência”, Pedrinho e Emília dão conta aos leitores do desafio por meio de um diálogo no qual avaliam os riscos da operação: se o resgate porventura fracassasse, a aventura estaria encerrada

¹⁰⁶ TOPAN, J. de S. *O Sítio do Picapau amarelo na antiguidade: singularidades das Grécias Lobatianas*. Campinas, 2007, Faculdade de Educação, Unicamp, tese de mestrado.

naquele trabalho, pois eles teriam que fugir da ira do herói ao saber que fora iludido. Mas dará tudo certo neste segundo salvamento do Visconde das mãos dos sacerdotes do Oráculo, já que a primeira ocorrera no livro *O Minotauro*.

A etimologia volta à cena com o sabugo explicando a origem da palavra “sacrifício”:

— E que é sacrificar? — perguntou o menino. Emília deu a palavra ao Visconde, o qual respondeu: “Sacrificar é oferecer um holocausto no altar de um deus. E holocausto quer dizer queimar totalmente uma vítima”. Essa palavra vem de “holos”, que quer dizer “todo”, e “Kaio”, que quer dizer “eu queimo” (LOBATO, vol. 1, p.121)

No capítulo “Vitória”, cujo título antecipa o desfecho, Lobato passará, a galope, pelas áreas da História (Hiperbóreos, identificados como o Polo Norte), Geografia e Física. Estas duas últimas disciplinas servirão de base para os pica-pauzinhos estimarem o trajeto da corça a partir das latitudes da Grécia e do arquipélago de Spitzbergen, no Círculo Polar Ártico. Trata-se da resolução de um problema de Física: chegando ao valor de 5 mil quilômetros de distância percorrida, o passo seguinte seria calcular o valor da velocidade da corça em 200 km/h a partir da informação de que cada pulo dela perfazia 20 metros. Por fim, no mesmo capítulo o conhecimento das técnicas de caça no ambiente rural e a arte de tecer uma teia com embira serão trazidos por Pedrinho, o detentor desse conhecimento entre os integrantes do grupo.

Em relação ao arco das personagens, a loucura do Visconde ganha um novo patamar neste trabalho. Emília anuncia sua suspeita para Pedrinho de que “os sintomas estão se amiudando” (LOBATO, vol. 1, p. 144). E um dos sintomas é a insônia de Visconde, que passou a noite “de olhinhos arregalados e parados num ponto, piscando muito”.

A pré-loucura do sabugo merecerá uma ousadia estilística rara na escrita de Lobato, que neste momento parece fazer uma referência ao mesmo recurso usado em um de seus livros favoritos, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis: uma linha inteira de pontos, indicando a noite insone do Visconde.

Emília assumirá a função de “speaker”, narrando a chegada da corça, da mesma forma como no primeiro trabalho narrara, para Pedrinho, Visconde e os leitores, o sufocamento do leão da Neméia. Dessa vez será Pedrinho quem pula e agarra a corça, não Hércules, intensificando o protagonismo dos picapauzinhos e, de certa forma, justificando suas presenças em termos de narrativa. Não são meros espectadores das façanhas de um herói, mas integram um coletivo de heróis.

No desfecho desse trabalho haverá um conflito ético entre Hércules e Emília, que quer ficar com os chifres de ouro da corça. Será a primeira e única vez em que o herói não atenderá um pedido da ex-boneca. “Hércules era burrão, mas muito honesto” (LOBATO, vol. 1, p. 146). Mas concordará, mais adiante, com alguns truques da boneca, como reduzir a tropa dos bois de Gerião, já que Euristeu não teria como saber quantos eram.

Neste terceiro trabalho o escritor criará outro fio narrativo paralelo, anedótico mas revelador: Emília passará a colecionar pequenos souvenirs ao fim de cada vitória do herói. Curioso reparar que a personagem age, como curadora de seu “museuzinho”, da mesma forma como os curadores de tempos contemporâneos aos do autor, que saquearam obras históricas na Grécia e no Egito, entre outros lugares, para rechearem acervos do British Museum e do Metropolitan Museum.

Ao fim deste trabalho, se estabelece o Templo de Avia, o espaço dos pica-pauzinhos na Grécia Antiga, localizado nos arredores de Micenas. Aqui será o ponto de regresso da narrativa a cada novo trabalho, representando o início e o fim de uma nova jornada. Para a construção do templo, a turma do Sítio recorrerá ao “faz-de-conta”, com os materiais para a construção de um verdadeiro templo grego sendo vendidos, com dinheiro imaginário, no Armazém Faz-de Conta. Inclusive “vidraças já prontas”.

Hércules observa o grupo e nesse instante a narrativa traz um comentário do escritor associando o “faz-de-conta” com o brincar:

Na sua vida de herói, sempre em luta com toda sorte de monstros e guerreiros, nunca tivera tempo de prestar atenção nesses bichinhos tão interessantes chamados “crianças”. E das crianças o que mais agora o interessava era o “tal de brinquedo”. Parece que a única preocupação do bicho criança é brincar e brincar e brincar. E no brinquedo usam muito aquela maravilha do faz-de-conta. A gente grande não sabe o que é isso, e por isso a gente grande é tão infeliz. Hércules começou a compreender que a maior maravilha do mundo é realmente o faz-de-conta – isto é, a Imaginação, o sonho (LOBATO, vol. 1, p. 150-151).

Esta é a primeira aparição na narrativa do recurso do “faz-de-conta”, talvez antecipando seu papel decisivo no trabalho seguinte. E Hércules, como representante do mundo adulto, enxerga o “faz-de-conta” como um dos instrumentos “do tal brinquedo”.

A construção do Templo de Avia nas cercanias de Micenas estabelece um sentido recorrente, de retorno ao Mundo Comum, bem de acordo com a Jornada do Herói, que sempre se encerra com o protagonista (e/ou seu grupo) trazendo o elixir/salvação/conhecimento para sua comunidade, como sintetiza Campbell em *O herói de mil faces*: “Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios

sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.” Ou, como Vogler se expressa em seu livro *A jornada do escritor*:

O herói retorna ao Mundo Comum, mas a jornada não tem sentido se ele não trazer de volta um *Elixir*, tesouro ou lição do Mundo Especial. O Elixir é uma poção mágica com o poder de curar. Pode ser um grande tesouro, como o Graal, que, magicamente, cura a terra ferida, ou pode, simplesmente, ser um conhecimento ou experiência que algum dia poderá ser útil à comunidade.¹⁰⁷

Em *Doze Trabalhos de Hércules* há tanto um quanto outro tipo de Elixir: o grupo livrará a terra de diversas feridas (como o leão da Neméia ou a hidra de Lerna) e trará trunfos e conquistas ao fim de cada jornada, e, em outro sentido, o da jornada dos leitores, cada trabalho dos heróis traz como elixires, conhecimentos de diversas áreas, da História à Física, das Ciências da Natureza a discussões sobre temas éticos e filosóficos, além de, como se verá fartamente nesta análise narrativa, fazer referências a outras histórias da mitologia ocidental e não apenas grega (por exemplo, a entrada mais adiante do personagem Lúcio, que trará consigo a história do *Asno de Ouro*) e, tratado no mesmo nível de importância pelo autor, conhecimentos práticos do dia a dia, especialmente aqueles relacionados à vida rural.

Quarto trabalho: Javali de Eurimanto

O quarto desafio a ser enfrentado por Hércules e o trio de pica-pauzinhos (O javali de Eurimanto) tem início com Visconde reassumindo seu papel docente, explicando a origem da expressão Arcádia, aparentemente atravessando um “período de lucidez”, segundo comentário de Pedrinho. Há neste trecho uma discussão sobre o idealismo e o bucolismo nas artes plásticas e na poesia. Tal discussão merece, por parte do ilustrador J. U. Campos, a interpretação visual do bucolismo nas artes, destacando em primeiro plano uma pastorinha com o clássico chapéu de palha preso ao queixo.

¹⁰⁷ VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor*: estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 65.



A representação do bucolismo arcadiano, por J. U. Campos (LOBATO, vol. 1, p. 158).

Um encontro fortuito durante a jornada até Erimanto servirá para que Visconde introduza as referências essenciais à lenda dos centauros e o grupo se fortalecerá com a confirmação de Meioameio de que não mais abandonará a turma dos pica-pauzinhos para eventualmente retornar aos seus. “Ficar por aqui entre estes brutos? Nunca!” (LOBATO, vol. 1, p. 162), em mais uma referência ao poder da educação, desta vez vinda do próprio educando – o centauro.

A resposta de Meioameio é curiosa, pois se, por um lado é a defesa da educação, que diferenciaria o centauro educado dos demais “brutos”, por outro lado apresenta a educação como destruidora de valores prévios, inclusive saberes compartilhados por uma comunidade, no caso a dos centauros. O propósito de centauro domesticado/educado não é voltar um dia aos seus e ali disseminar a diferença que faria se todos centauros também se educassem, mas se integrar aos picapauzinhos – o que terminará por acontecer.

Poucas páginas adiante, a pretexto do canto de um rouxinol, explicado pelo Visconde, mais uma referência à educação:

O prodigioso cantor de penas ia improvisando, inventando a sua música de despedida da luz do sol. Pela primeira vez na vida, Hércules deu atenção ao rouxinol — e aquela música mexeu com ele lá por dentro. Era a “educação” — e “sua ideia sobre a educação” lhe voltou à cabeça, fazendo-o pensar este pensamento: “Estes picapauzinhos estão me educando...” (LOBATO, vol. 1, p. 173)

E o que se seguirá nessa conversa é a narração de uma lenda grega sobre a origem do canto do rouxinol, uma história sangrenta, com a morte de uma criança como vingança. Para isso, o escritor usa como gancho narrativo os comentários que nasceram do canto do rouxinol. Tentando mostrar que a violência seria algo inerente ao ser humano, independentemente da época ou da cultura, Lobato se dedicará a narrar, pela voz de Visconde, o surgimento lendário do rouxinol e da andorinha, que seriam Filomela e Progne, as filhas de Pândion, rei de Atenas, transformados em pássaros.

Apesar de amenizada para os pequenos leitores, já que na narrativa original Tereu, marido de Progne, tenta violentar sua cunhada Filomela e na narrativa de Visconde essa tentativa se explica como “obrigá-la a fugir com ele” (LOBATO, vol. 1, p. 175), o desfecho trágico, com Tereu vendo na mesa a cabeça decepada do seu filho Ítis, é narrado com detalhes, e a animada participação dialogada dos picapauzinhos eletrizados com a vingança das duas irmãs, transformadas por Zeus em andorinha e rouxinol.

A discussão sobre a violência também está presente no discurso de Emília para Hércules, que acabara de matar sem querer seu amigo Folo. A ex-boneca faz referência aos filmes de faroeste de Hollywood, que na década de 1940 viviam seu apogeu:

O bom sistema é o dos americanos nas fitas de cow-boys. Quando chega a hora, o pega é tremendo, é dos que fazem a gente se torcer na cadeira. O “bom”, depois de ser quase vencido, acaba vencendo e pondo o “mau” nocaute. Mas ninguém morre! Era o que você devia fazer aqui; por nocaute estes centauros, mas só. Que direito tem uma criatura de tirar a vida de outra – não é mesmo, Visconde? (LOBATO, vol. 1, p. 167)

A primeira referência à II Guerra Mundial acontece neste quarto trabalho, quando, ao ouvir a descrição dada por Meioameio do rastro de destruição feito pelo javali de Erimanto, Pedrinho o compara a um tanque de carne. O comentário do menino exige explicar ao centauro o que vem a ser um tanque de guerra, a arma bélica que daria às tropas germânicas a supremacia militar na primeira metade do conflito em curso: “Tanque é um javali de aço que lá nos nossos tempos modernos os homens usam na guerra. Também não se desviam de árvores: derrubam-nas e passam-lhes por cima”, para escândalo e perplexidade do centauro. “Javali de aço! Como era lá possível uma coisa assim?” (LOBATO, vol. 1, p. 170).

Na sequência de aproximação às colinas de Erimanto, dos rouxinóis a temática cai sobre outro pássaro, a fênix, a ave que renasce das cinzas. A escolha não é fortuita, já que está intimamente ligada à cultura grega e bem ao gosto do escritor, por ser portadora de uma expressão que teria ali a oportunidade de ser desnaturalizada, dissecada em sua origem. Também é oportunidade para valorizar a atitude empirista dos verdadeiros cientistas: “O centaurinho partiu no galope, com o Visconde no lombo, porque os verdadeiros sábios nunca perdem ensejo de verificar o que podem” (p. 181).

Ao fim do episódio da fênix, quando Pedrinho e Hércules discutem se o que Emília narrara que vira acontecera ou havia sido pura invenção da ex-boneca, consagra-se o poder, não apenas da personagem sobre o herói, mas igualmente da fantasia sobre a realidade: “Apenas um não duvidou da Emília: Hércules. Não duvidou naquele momento nem nunca. Ficara tão escravo daquela criatura, que era Emília dizer, era ele jurar em cima, como se ela fosse o próprio escudo da deusa Palas” (LOBATO, vol. 1, p. 184).

Será neste trabalho, que completa o primeiro terço da jornada montada em doze etapas, que se esclarecerá o papel de Minervino na narrativa: ele substitui na diegese narrativa o lugar de Dona Benta, talvez como forma de não “sobrecarregar” o Visconde nessa função tradicionalmente exercida pela avó. Assim, a cada trabalho Lobato fará uso dele, tanto na função do Arauto, aquele que anuncia os desafios envolvidos na próxima aventura, quanto como veículo para mais uma história do fabulário grego. A personagem Minervino também terá um papel de ligação entre dois universos narrativos que, mais adiante, entrarão em rota de colisão: o mundo dos deuses do Olimpo e o solo grego onde o quarteto vive suas aventuras em série. Assim, cria-se o canal direto de comunicação entre o mundo divino e o mundo terreno.

No quarto trabalho, O javali de Erimanto, é Minervino quem se encarrega de contar a lenda do deus Pã. O diálogo suscitará um ensinamento sobre Física, a definição de eco, dada por Visconde.

Nessa conversa, o sábio sabugo também trará uma referência à literatura latina, citando que “no reinado do imperador romano Tibério, reinado que vai ser a muitos séculos de distância-tempo daqui, o capitão de um navio ancorado num porto do mediterrâneo ouvirá uma voz misteriosa que clamará: ‘O grande deus Pã morreu!’ E desde aí ninguém mais ouvirá falar nele” (LOBATO, vol. 1, p. 190).

Não foi possível, nos limites desta dissertação, identificar esta referência do escritor. Mas é curioso pensar que antes de se aventurar pela Grécia Antiga, Lobato

cogitara levar a turma do Sítio do Picapau Amarelo para o tempo dos romanos. Ele confessará sua intenção logo após ter traduzido para a Companhia Editora Nacional a parte da *História da Civilização*, de Will Durant, que trata de Roma e do início do cristianismo.

Essa tradução é a última que faço, e fi-la porque já tinha traduzido os primeiros volumes. Uf!... Chega. Mas vou ter saudades. Como é bom, como é absorvente, traduzir um bom livro! Vou agora escrever as coisas para a safra deste ano. D. Benta vai com o pessoalzinho para Roma. Vou fazê-los ver a história de Roma”.¹⁰⁸

A fase de aproximação ao território inimigo, que na nomenclatura de Campbell é chamada de Aproximação da Caverna Oculta, dá oportunidade para novamente Lobato comparar a força destrutiva do javali aos tanques de guerra.

E da barbárie contemporânea o escritor mergulhará no mundo arcaico e rural, de onde sairá a estratégia para pegar vivo o poderoso javali: o mundéu, um fosso com cobertura frágil e disfarçada de solo firme feito em um caminho de fuga ou passagem do animal a ser aprisionado. Pedrinho, o dono dos saberes rurais, será quem trará a artimanha. E Emília, usando o artifício do “faz-de-conta”, se encarrega de definir o local exato onde deve ser construído o fosso.

Apresentado na véspera, durante a construção do Templo de Avia, o “faz-de-conta” traz o efeito mágico como transformador da realidade – mesmo que Hércules tenha dificuldade em aceitar. Marcado o local pelo poder de certa forma divinatório de Emília, o escritor colocará seu grupo diante de um problema cuja resolução remete à Pedagogia de Projetos. Aqui, a situação-problema é definir quão fundo deve ser o poço para conter a fera com segurança. E a discussão entre o grupo é sobre o papel da distância percorrida em relação ao impulso: “Lá no fundo do fosso, sem espaço para correr e ganhar impulso, o animal pulador ficava como que sem pernas. Pedrinho era mestre em pulos.” (LOBATO, vol. 1, p. 196)

Com o episódio do faz-de-conta das flechas “humanizadas” de Emília (sem pontas) que a boneca transformou em flecha ponta, com artes de feiticeira, para que a terceira flecha “humanizada” já disparada por Hércules desta feita atingisse mortalmente “o toitiço” (nuca) da fera, a boneca assume seu arquétipo de mentor – aquele que transita pelo mundo dos espíritos e manipula forças sobrenaturais.

Súbito, um boato entrou a circular: que Hércules andava associado a uma pequenina feiticeira dotada de forças maravilhosas. O rumor tivera origem na mexericam do

¹⁰⁸ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1964, vol. 2, p. 365-366.

homem que viera na garupa de Meioamio; de lá assistira ele a toda a luta e ouvira o grito mágico da Emília: “Faz de conta que essa é de ponta” (LOBATO, vol. 1, p. 206).

Perseguido o grupo pelos soldados de Euristeu, a mando para capturarem a feiticeirinha de Hércules, Pedrinho desabafa: “Não gosto de povo nem de reis. É com a maior facilidade que eles passam dum extremo a outro” (LOBATO, vol. 1, p. 207). Preso à sua classe social, de antigos proprietários de terra, Lobato esforça-se em seguir um caminho que renegue tanto a revolução dos pobres, consubstanciada na experiência soviética, quanto o absolutismo do poder central, que poderia ser o próprio Getúlio Vargas, à época da escrita deste livro governando o país de forma ditatorial, sob o regime do Estado Novo.

Quinto trabalho: As cavaliças de Augias

Neste trabalho confirma-se a presença do mensageiro do Olimpo, apelidado por Emília de Minervino. Em termos narrativos, o escritor passa a ter que lidar com dois ambientes, o plano terrestre e o plano divino. E não se furtará a entrar no Olimpo, por meio do emissário de Palas, sempre que for necessário mostrar a relevância crescente na trama da boneca, que passa a incomodar a vilã principal, oculta por trás da dupla Euristeu/Elmolpo, a deusa Hera.

Neste trabalho o grupo se valerá do raciocínio de Visconde para aquilatar onde estava o desafio oculto em uma tarefa aparentemente “fácil”, já que se tratava da limpeza de estrebarias com estrume acumulado há décadas: o risco da intoxicação por gases venenosos que seriam liberados quando o herói começasse o trabalho. O risco era de envenenamento. Novamente o escritor usa o trajeto até o novo desafio para que seus leitores consigam aquilatar a magnitude da aventura por vir. Também é o espaço narrativo para desfilar outras histórias da mitologia grega.

A história dos Argonautas desta vez será contada por Minervino. Diferentemente de Visconde, cuja paciência com Emília é infinita, o mestre grego se impacienta com as interrupções frequentes. Assim, criam-se formas sutis de tensão e dinâmica nos diálogos, sempre com o intuito de apresentar as informações e aprendizagens como diálogos nos quais o conhecimento vai sendo construído, movido pela curiosidade das crianças. Nesse sentido, se comparada esta obra com a anteriormente analisada, aqui o diálogo se torna o fio condutor da didática, e não mero acessório para se passar ao “ponto” seguinte da lição, como predomina na obra de 1934.

Como das outras vezes, não será Hércules quem estabelecerá a estratégia de aproximação ou que refletirá sobre a complexidade daquela “resolução de problema”. Se o Visconde, com seu conhecimento científico, apresentara o risco de envenenamento que a missão envolvia, será Pedrinho quem trará a solução: um plano hídrico, que consistia em estudar a geografia do lugar e encontrar um rio correndo em nível mais elevado do que o das estrebarias e que, ao ter suas águas desviadas para o interior das estrebarias, faria a limpeza das estrebarias. Restaria negociar o serviço com o rei Augias.

Será ocasião para o escritor lidar talentosamente com as posições de negociação assumidas por Augias e Hércules, assumindo nesse momento a onisciência do narrador para gerar mais suspense em seus pequenos leitores. Por exemplo, ao descrever a reação do rei Augias ao saber que o herói viera ali a serviço de Euristeu. “Isto tem água no bico... e deu uma risada gostosa, com quem acaba de descobrir a solução dum problema. [...] Uma boa ideia que me veio – disse Augias, mas calou-se, não revelou o seu pensamento” (LOBATO, vol. 1, p. 226)

O plano era simplesmente fingir que não houvera acordo entre eles, depois de feito o serviço, dando por paga apenas um cavalo em vez da décima parte da manada, como o combinado. O episódio traz uma discussão sobre ética, já que o filho de Augias, Fileu, se contrapõe ao pai desonesto, sendo por ele deserdado naquele instante.

Com isso, o escritor cria também a condição para o breve destronamento de Augias, com Hércules colocando o filho em seu lugar. Não sem antes criar novos percalços, como uma intoxicação do grupo inteiro, em variados graus, pelos gases emanados das estrebarias. A febre de Hércules, tendo sido tão intensa como tudo na vida do personagem, teria dado conta dele “se não fosse o acerto das drogas que o Visconde lhe deu a beber, preparadas com ervas dali mesmo – mentruz-de-sapo, digitalis, beladona e outras” (LOBATO, vol. 1, p. 233).

A referência a duas substâncias empregadas na medicina homeopática, beladona e digitalis, não é gratuita: Lobato era um entusiasta dessa corrente da medicina ocidental.¹⁰⁹ Isso pode ser observado também na referência, que ainda virá, nesta mesma obra ao princípio basilar da homeopatia, *similia similibus curantur* (“os semelhantes curam-se pelos semelhantes”), quanto neste trecho de *A barca de Gleyre* onde narra sua descoberta casual da eficácia desse tipo de tratamento quando enfrentava uma rinite de seu filho Edgardd. Ela aconteceu na sala de visitas de uma prima, em Taubaté, onde conta

ter achado um livro chamado *Bruckner, o Médico Homeopata*. Foi até a seção sobre doenças do nariz, lê os conjuntos de sintomas e um deles coincide com os da rinite do filho. Mercurius. Segue o escritor contando ao amigo Godofredo Rangel, em carta de março de 1917 sua descoberta:

Sem fé nenhuma, dou automaticamente os carocinhos ao Edgardd, mais do que mandavam as instruções. Cinco em vez de três. Depois, mais cinco. De noite, mais cinco. No dia seguinte, o milagre: todos os sintomas da rinite haviam desaparecido! Mas sobreviera uma novidade: purgação nos ouvidos. Cheio de confiança, corro à casa da prima, procuro “ouvidos” e leio esta maravilha: “Às vezes sobrevêm purgação no ouvido por abuso de Mercurius, e nesse caso o remédio é Sulfur.” Dou Sulfur ao Edgardd e pronto - sarou do ouvido! Sarou da rinite, sarou de tudo! [...] Que fazer depois disso, Rangel, senão mandar vir um livro de capa verde e uma botica com todas as homeopantias do Almeida Cardoso? Cem mil réis custou-me, e desde então curo tudo. Curo tudo em casa e no pessoal da fazenda. Fiquei com fama de mágico. Vem gente dos sítios vizinhos: “Ouvi dizer que o senhor é um bom doutor que cura”- e curo mesmo.¹¹⁰

Após salvar seu amo Hércules da intoxicação, o escudeiro Visconde enlouquece. Aqui é curioso trazer o comentário acre que Lobato havia feito sobre sua criatura em confidência ao amigo Godofredo Rangel no ano anterior à escrita da epopeia mitológica grega:

Já o Visconde de Sabugosa é um raté. Tentou várias evoluções e sempre “regrediu” ao que substancialmente é: um sábio. Um sábio é coisa cômoda, espécie de microfone: não tem, não precisa ter personalidade muito bem definida. Todos os esforços que o visconde fez para mudar de personalidade falharam – e hoje resigno-me a vê-lo como começou: um “sabinho” que sabe tudo.¹¹¹

Lobato fará nesta sequência da loucura do Visconde sua última tentativa de fazer seu personagem se transformar. Isso de fato acontecerá por um período, com um Visconde rejuvenescido capaz até de se apaixonar. Mas o efeito não será suficiente para mudar estruturalmente o personagem, por demais cristalizado em seu papel de professor auxiliar de Dona Benta – mesmo que tenha tido sua ocasião como protagonista em *O poço do Visconde* (1937).

Já em relação a Emília, a visão de seu criador, compartilhada na mesma longa carta, seria outra, de puro encantamento.

Emília começou uma feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custavam 200 réis. Mas rapidamente evoluiu, e evoluiu cabritamente – cabritinho novo – aos pinotes. Teoria biológica das mutações. E foi adquirindo uma tal independência que, não sei em que livro, quando lhe perguntam: “mas que você é, afinal de contas, Emília?” ela responde de queixinho empinado: “Sou a independência ou Morte!” E é. Tão independente que nem eu, seu pai, consigo dominá-la. Quando escrevo um desses livros, ela me entra nos dois dedos que batem as teclas e diz o que

¹¹⁰ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1946, vol. 2, p. 133.

¹¹¹ Idem, p. 342-343.

quer, não o que eu quero que ela seja. Fez de mim um “aparelho”, como se diz na linguagem espírita.¹¹²

Será a boneca, por sinal, quem mais se incomodará com a loucura do Visconde, agindo com impaciência diante do surto do sabugo e ameaçando depená-lo, sendo impedida por Hércules e Pedrinho, ambos condoídos com a loucura do Visconde. E pela voz inconformada de sua personagem indomável, Lobato lançará mais uma seta contra os ultrarreligiosos que sempre estiveram em seu caminho (ou mira). A ocasião surge quando Visconde começa a delirar e falar nomes de santos (“Fala de Santo Inácio... Erva de Santa Maria... Xarope de São João... Melão de São Caetano”), e a boneca comenta: “Pronto [...]. Agora é que está perdido de uma vez. Dona Benta diz que as loucuras religiosas são incuráveis” (LOBATO, vol. 1, p. 241).

O caminho até a residência de Esculápio, será oportunidade para Minervino contar sobre o terrível do deus da Medicina, fulminado por um raio de Zeus por ter descoberto o segredo para ressuscitar os mortos, e também de explicar aos seus leitores o significado dos animais que simbolizam a arte de curar: o galo, o cão e a serpente, entre os gregos, e a última tendo restado como símbolo da Medicina nos tempos modernos.

A solução ao problema da loucura do Visconde virá de Emília: Medeia, que havia curado a loucura de Hércules, bem poderia curar o sabugo. A ex-boneca crescerá em importância ao longo deste quinto trabalho, mais ainda por ser objeto de cobiça da poderosa feiticeira, que a queria como paga pela cura do Visconde. De certa forma, o escritor aos poucos eleva os personagens do Sítio ao mesmo estatuto mágico de alguns dos mitos que atravessam a narrativa, ainda mais que, de forma cúmplice, deixa os pica-pauzinhos fora da conversa entre o herói e Medeia.

Minervino atuará aqui como um Arauto na função arquetípica de Campbell, ou seja, aquele que alerta o herói (e os leitores) de que alguma mudança ou aventura está por vir. É ele quem revelará que Emília, especialmente, mas também Pedrinho e Visconde, estão sendo observados com atenção pelos deuses do Olimpo. Será por meio de Minervino que os dois caminhos narrativos (Olimpo e Grécia terrena) irão se entrelaçar, coerentemente com a visão do escritor sobre a mitologia grega, impregnada pela leitura dos livros do historiador Will Durant, lidos e traduzidos com entusiasmo, e com sua

¹¹² LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1946, vol. 2, p. 340-341.

experiência como leitor da *Odisseia*, de Homero – esta uma leitura dos tempos em que modorrava em Areias, como promotor. É o que conta para o amigo Rangel em 1908:

Este mês de fevereiro foi o meu mês de Homero. Li a *Iliada* e a *Odisseia*. Estou recheado de formas gregas, bêbedo de beleza apolínea. Maravilhoso cinema, Homero! Gostei muito mais da *Odisseia*. [...] o assunto é caleidoscópico e sempre empolgante. Lê-se tudo aquilo como um romance de Maupassant. Penélope é ótima. Ulisses, um divino pirata.¹¹³

Essa nova situação dramática revelada, de Emília ser vista como inimiga por Hera, será oportuna para o escritor oferecer aos seus leitores outra discussão de cunho filosófico: o conceito de Hybris. Ao advertir a ex-boneca que xingara a deusa de “forte bisca”, Visconde explicará o significado e sua relação com a deusa Nêmesis, da justiça: “Quando uma pessoa fica muito importante e começa a desprezar os outros, e a orgulhar-se muito de seus dons, comete o pecado da *hybris* — e lá vem Nêmesis castigá-la, abater-lhe o orgulho. Emília anda orgulhosa demais, gabando-se demais. Isso é *hybris*” (LOBATO, p. 256). Amedrontada, mas pragmática, ela seria pilhada por Pedrinho oferecendo um sacrifício de plantas aromáticas à “grande deusa Hera”.

Diante da notícia do próximo, e perigoso, desafio imposto ao herói, o de enfrentar as aves do lago Estinfale, com suas penas de bronze afiadas como facas, o grupo é instruído por Minervino para apenas se dirigirem até as imediações do pântano onde viviam as aves carnívoras e perigosas, e lá aguardarem instruções da deusa da sabedoria, Palas. Para o próximo trabalho, Lobato convocará ajuda divina, entrelaçando definitivamente os dois fios narrativos.

Sexto trabalho: As aves do lago Estinfale

O início do sexto trabalho da epopeia é diferente dos demais. Em vez de mostrar o grupo se dirigindo até o local do próximo desafio, ocasião em que surgirão viandantes ou intervenções mitológicas várias, desta vez Lobato iniciará a narrativa como um conto de terror. Serão duas páginas com uma sombria descrição do próximo desafio de Hércules, desde a chegada daqueles “estranhos avejões aquáticos” até o pânico que vol.u conta da população vizinha ao lago ao perceber que aquelas aves não apenas eram invulneráveis às flechas com suas penas de bronze, como estas eram facas afiadas quando lançadas contra os agressores. Para piorar o cenário, as aves comiam carne humana. J. U.

¹¹³ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1946, vol. 1, p. 208-209.

Campos cria um cenário sinistro, com perfis de abutres, condizente com o cenário apresentado.

A situação é típica, e representativa, do papel arquetípico do herói, que é recebido pelo povoado com enorme alegria, sendo visto como salvador: “Sua vitória sobre o javali do Erimanto, montanha não longe ali, corria de boca em boca” (LOBATO, vol. 1, p. 264). Porém, desta vez o desafio parece ser intransponível. O escritor faz com que o herói vá conferir se consegue alvejar uma das aves e o resultado é frustrante. Será preciso aguardar orientações vindas do Olimpo.

Enquanto a intervenção divina não faz andar a narrativa, Visconde ocupará a atenção dos leitores, em sua derradeira tentativa evolutiva, para usar a expressão lobatiana: o sábio rejuvenescido fará uma corte desajeitada, e impregnada de ciência, à pastorinha Climene. Assim como na obra anteriormente analisada, na qual Visconde em certo momento representava aquele que sai do roteiro programado pelo *status quo* trazendo algum elemento estranho, muitas vezes de caráter cômico (o pícaro, segundo a Trajetória do Herói), aqui temos um sabugo chegando a corar (LOBATO, vol. 1, p. 268).

A narrativa nesse momento muda de palco, e por meio de Minervino os leitores presenciarão, em uma narrativa a galope como queria Lobato, as intrigas envolvendo a corte de Zeus, o nascimento da solução de Palas para o próximo trabalho (um par de címbalos com som ensurdecador, uma adaptação das castanholas de bronze da lenda original), um atentado contra o emissário de Palas, sua ressurreição no caldeirão de Medeia até que ressurge, rejuvenescido, junto ao grupo de heróis.

Na chegada junto à Caverna Oculta neste novo desafio novamente será Emília quem, com sua visão telescópica, narrará o enfrentamento dos avejões, depois que todos “atafulharam [*encheram*] os ouvidos com musgo”. O escritor a compara a “um *speaker* de rádio a dar conta dum jogo de futebol” (LOBATO, vol. 1, p. 278), não hesitando em trazer palavras pouco usuais, como o verbo atafulhar, nem expressões que remetessem ao tempo contemporâneo dos leitores, o dos eventos esportivos sendo transmitidos pelo rádio.

Se no caminho de ida não houve adendo mitológico, na volta deste trabalho surgirá a oportunidade para os leitores conhecerem o início da vida de Hércules, nascido Alcides. Estando nesta altura exatamente na metade do ciclo da epopeia, o escritor achou por bem estabelecer o início da meada, já que a morte do herói já fora contada por dona Benta,

ainda nos preparativos para a aventura. Aqui Lobato narrará o que acontecerá com Hércules depois que tiver encerrado seu ciclo de trabalhos.

O clima está pesado nesse momento da narrativa. Hércules preocupa-se com o que mais Hera fará contra ele, e se angustia diante da previsão de Tirésias, que previra sua morte queimado. O herói se sente vulnerabilizado diante da perseguição que sofre da antagonista, enquanto o escritor se encontra em um estado de alma sombrio, certamente em decorrência da II Guerra Mundial, que entrava àquela altura no quarto ano de duração. Ele não quer deixar seus leitores se esquecerem do horror dos tempos modernos e fará Visconde descrever a um atônito Hércules a invenção que daria cabo dos heróis: a pólvora, e daí os revólveres, os canhões as bombas aéreas. A analogia lobatiana para explicar o que são bala e tiro é precisa, sem abrir mão da ironia: “Bala é a mensageira do tiro. Há o tiro, que é a voz da pólvora; e logo que o tiro estoura, lá vai a mensageira ‘bala’ cravar-se no inimigo e pronto! Ele estrebucha e morre...” (LOBATO, vol. 1, p. 290).

A conversa antibelicista será momentaneamente interrompida pela chegada de Meioameio com uma cesta de figos, o que propiciará um breve diálogo sobre frutas típicas de clima temperado ou tropical, abordando um tema das áreas da Geografia física e da Biologia. Mas logo a mortandade sem fim no mundo moderno retornará, agora tendo Emília como porta-voz da indignação do escritor. A narrativa também não deixa de situar aquele cenário na Grécia Antiga como uma espécie de refúgio da tristeza e melancolia vindos, presumivelmente, não apenas do conflito mundial – o segundo que Lobato presenciava durante sua vida adulta – mas, também, do fato de ter sido preso pelo regime ditatorial de Getúlio Vargas em 1941. É um escritor amargurado que, pela voz da ex-boneca, vê a guerra que alcança níveis de carnificina inéditos naquele ano de 1944.

— Se chovem sobre as cidades bombas do céu, como se arranjam as mulheres e crianças?

— Vão todas para o beleléu. Ficam reduzidas a farelo. Aqui a luta é só contra os monstros ou outros guerreiros. Já a fúria das balas não distingue: pega o que encontra. O grande brinquedo dos nossos tempos modernos consiste em destruir, destruir, destruir. Cidades inteiras desaparecem em horas. Populações inteiras são esvaçadas. Por isso é que nós gostamos tanto da Grécia, tão bonita, cheia de heróis que só atacam monstros, cheia de deuses amáveis, de pastores e pastorinhas, de ninfas nos bosques, de náiades nas águas, de faunos e sátiros nos campos (LOBATO, vol. 1, p. 292-293.)

A viagem de volta terá Minervino contando a história do deus Dionisos, futuro Baco entre os romanos, seguida por uma encantadora descrição de uma festa dionisíaca,

com procissão cômica, assistida pelo grupo, o que suscita uma conversa sobre a origem do carnaval moderno.

Sétimo trabalho: O touro de Creta

No início do sétimo trabalho, um enamorado Visconde é pilhado por Emília escrevendo uma carta de amor para a camponesa Climene. A ilustração que acompanha este episódio mostra o personagem com uma nuvem de corações sobre sua cartola, um recurso visual que tem sua origem nas histórias em quadrinhos, já bastante populares nos anos 1940. Como em *Emília no País da Gramática*, Visconde entra aqui no papel de Pícaro. Também como ocorrido no livro anteriormente analisado, é ele o personagem que traz elementos de desarranjo nos papéis previsíveis ou esperados (lá tentando “roubar” o ditongo ão; aqui, rejuvenescido, viverá sua primeira e única paixão).

E o autor aproveita para começar a explicação do próximo trabalho abrindo um parêntese na narrativa para uma carta recheada de etimologia, uma de suas paixões.

Hércules não pára, coitado. Tem agora de ir a Creta atrás dum touro hidrófobo. Hidrófobo quer dizer louco, isto é, louco propriamente não, porque “hidro” você bem sabe que é “água” no lindo idioma grego; e “phobos” é também outra linda palavra grega com significação de “horror”. Hidrófobo: que tem horror à água. Mas lá no nosso mundo o povo ignorante chama “louco” ao que é “hidrófobo” (LOBATO, vol. 2, p. 4).

O episódio gera a experiência do envio da carta com “pirlimpimpim no nariz” e a possibilidade antevista por Emília diante dessa novidade criada pelo Visconde é exemplificada com uma passagem da ciência moderna: “[...] e Emília nem pôde concluir. Pôs-se a chorar. Choro de emoção. Choro de Madame Curie quando viu brilhar no escuro a primeira partícula de radium” (LOBATO, vol. 2, p. 8).

“Assim que a carta sentiu no nariz a ação do pó, espirrou o fiunnn e desapareceu. Todos bateram palmas, inclusive o herói.” (LOBATO, vol. 2, p. 9) Nesta passagem, início da segunda metade da saga, a imaginação criativa de Lobato vai longe, agregando humor ao *nonsense* ao forçar o leitor a imaginar onde ficaria o nariz de uma carta, e ainda vê-la espirrar. Exímio criador de suspense em suas histórias, dessa vez, no entanto, o escritor entrega o desfecho no próprio título do capítulo: “Tudo deu certo!” (LOBATO, vol. 2, p. 10).

Em termos da evolução da narrativa, o teletransporte pode ter sido colocado aqui para abreviar mais uma travessia para uma ilha, bem como a volta, ao fim do trabalho, com o touro. E também estreitará os laços entre a narrativa terrena e a divina, já que logo

os leitores descobrirão que Hércules correu risco de vida ao aspirar o pó de pirlimpimpim. O incidente também destaca outro aspecto frágil do herói superpoderoso. Além de enjoar em alto mar, seu coração é de atleta, hipertrofiado. Uma lição subliminar de fisiologia humana, mostrando como nesta obra a didática permeia a narrativa, raramente se colocando como condutora.

Minervino, mais uma vez na função do Arauto da Jornada do Herói, contextualiza o histórico do próximo desafio, que será trazer vivo o touro louco que assola a ilha de Creta. Para enfrentar o perigoso animal, surgirá mais uma estratégia vinda do mundo rural, quando Pedrinho ensina o herói como fazer uma corda com quatro tentos de couro e, depois, como laçar o bicho. Isso já acontecera no plano que resultou na caçada de Meioameio. Interessante observar que será pela via do trabalho manual, algo de menor prestígio didático nos anos 1940, embora já presente no ideário escolanovista, que Hércules novamente intuirá o valor da educação.

Depois começou Pedrinho a “desdobrar os couros em tentos”. Suou, coitado, e teve de ser ajudado por Meioameio. Horas depois estavam prontos quatro tentos compridíssimos. Restava trançá-los — e Pedrinho “trançou de quatro” à vista de todos, para que todos aprendessem.

Hércules olhava, olhava.

Meioameio vinha revelando muita habilidade. Aprendia com rapidez incrível e desse modo confirmava aquelas ideias de Hércules sobre a educação (LOBATO, vol. 2, p. 18).

O protagonismo de Pedrinho neste sétimo trabalho se dará em todos os aspectos, da instrução de como laçar o boi, passando por um discurso populista diante da multidão assustada com a vinda do touro louco, no qual exalta os feitos do herói, até a façanha de laçá-lo de fato, já que faltava experiência a Hércules com esse instrumento típico da lida no campo.

Observa-se periodicamente na narrativa, por meio de Pedrinho, que o ex-proprietário da Fazenda Buquira lança mão de algo que aprendeu durante os anos em que esteve à frente da iniciativa. Ao contrário de muitos herdeiros que viviam apenas da renda dessas posses e moravam na cidade, o escritor viveu com intensidade e interesse a vida no campo, principalmente após demitir o administrador e assumir integralmente a condução do negócio, como se depreende em *A barca de Gleyre* com a leitura das cartas escritas entre os anos 1910 e 1917.

O clímax da narrativa deste trabalho tem novamente a ex-boneca como narradora do que se sucede. Oportunidade para Lobato experimentar mais um neologismo: “Emília continuava a ‘espicar’, e agora ‘espicava’ como um *speaker* de rádio quando a bola vai

se aproximando do gol” (LOBATO, vol. 2, p. 23). E ao narrar o desfecho da captura, com o touro preso junto ao tronco, fará uso de um dito popular bastante adequado ao contexto, já que se trata de um bovino: “Já não tuge nem muge”. É o escritor manejando com talento seu conhecimento acumulado, não apenas em mitologia e nos livros lidos e traduzidos incessantemente, mas na vida na fazenda e no terreno da cultura popular e de massa, representadas pelas referências ao cinema norte-americano.

Mesmo diminuindo o protagonismo de Hércules, que neste episódio tem claramente um papel secundário, o escritor não deixa de conceder-lhe o estatuto de herói no sentido amplo ao fazê-lo reconhecer o papel decisivo de seus ajudantes no sucesso da empresa, já que “seu coração era generoso demais para dar abrigo a sentimentos menores” (LOBATO, vol. 2, p. 24).

Pedrinho voltará ao protagonismo diante de uma complicação na narrativa, na forma de um ratinho enviado por Hera para roer a corda e livrar o touro louco, de forma que, ao amanhecer encontraremos o menino liderando o grupo, já que ali era o único que sabia “rastrear, isto é, seguir um rastro dos animais. Aprendera essa arte sutil com um velho campeiro do Coronel Teodorico” (LOBATO, vol. 2, p. 26).

É nesse momento que acontece o encontro entre Hércules e Teseu, este se dirigindo a Creta para matar o Minotauro. Depois de ser apresentado ao grupo pelo herói, Teseu ganhará de Emília não apenas a estratégia para entrar e sair do labirinto usando um fio, que na narrativa mitológica ficaria conhecido como o fio (ou novelo) de Ariadne, como também ganhará da ex-boneca um carretel de linha nº 50 da J. P. Coat. Trata-se de uma empresa fabricante de uma linha de produtos para costura bastante famosa nos anos 1930 e 1940, mostrando uma característica do estilo de escrita de Lobato, que mesmo na Grécia Antiga não abre mão de referências contemporâneas, e certamente conhecidas de seus leitores.

O “ponto” de mitologia grega da vez, a história de Teseu, bem como a origem da expressão “leito de Procusto”, será apresentado por Minervino, consagrando sua alternância neste papel com Visconde. O escritor faz um pequeno desvio, ao comentar o destino de Dédalo, preso no próprio labirinto que construíra, para levar aos leitores outros exemplos de perversos inventores engolidos por suas próprias criaturas, casos do Doutor Guillotin, inventor da guilhotina que perdeu o pescoço para a própria invenção, e do touro de bronze de Perilo, inventor de um instrumento sádico de tortura do qual seria a primeira vítima. Mesmo “refugiado” dos tempos amargos ao levar seus personagens para a idílica

Grécia Antiga, criada por ele presumivelmente sob a ótica da leitura de Will Durant, Lobato não furta seus pequenos leitores nem do conflito que se dava naqueles dias nem de uma reflexão sobre a maldade humana praticada contra a própria espécie.



Dédalo preso em seu labirinto (LOBATO, vol. 2, p. 33).

A ilustração realista de J. U. Carlos mostra Dédalo como um preso num calabouço, diante da sombra dos heróis. Pouco depois, em uma verdadeira farrá helênica, o escritor juntará no mesmo cenário Dédalo, Teseu (que também se perdera no labirinto), Hércules e seus personagens do Sítio. Empolga-se com o encontro, a ponto de deixar passar uma incoerência histórica, já que Dédalo “disse que só uma linha de 800 metros poderia ir da entrada até o ponto final” do labirinto (LOBATO, vol. 2, p. 35); porém, o sistema decimal seria criado nos primeiros anos após a Revolução Francesa, no distante século XVIII.

A recaptura do touro de Creta será mostrada como um autêntico trabalho de equipe: Hércules segura o touro à unha, Meioameio corre a buscar as cordas para prendê-lo pela segunda vez, Pedrinho faz a laçada em torno do pescoço e Visconde, empurrado por Emília, pega a argola caída aos pés do touro e a lança para o menino completar a laçada e entregá-la a Meioameio, para que este, por sua vez, comece a prender o touro junto a uma árvore.

O escritor se esmera no detalhamento da situação: como a laçada foi feita pelo pescoço e não nos chifres, a solução era temporária, pois o animal se autossufocaria ao tentar escapar. Pedrinho encontra a solução para o novo desafio usando a outra ponta do laço para prender o touro pelo chifre e dessa forma impedi-lo de se sufocar. “Meioameio executou habilmente a operação – e não sem tempo. O touro já estava de olhos esbugalhados e sem fôlego. Se demoram dois ou três minutos mais, adeus touro de Creta!...” (LOBATO, vol. 2, p. 40). Assim, na consecução deste sétimo trabalho, a equipe inteira participa – inclusive o centauro transformado pela educação, Meioameio. Já não há um herói, mas um grupo inteiro realizando em conjunto feitos heroicos.

Buscando se prevenirem diante de um novo rato enviado por Hera, será a vez de Visconde trazer outro conhecimento do escritor, provavelmente nascido de seus tempos de fazendeiro: as plantas com as quais é possível criar veneno caseiro contra roedores, chamadas “ervas-de-rato”. Aula concisa de Biologia, com a descrição de algumas espécies e seus nomes científicos e populares, que termina com o sabugo trazendo a mais conhecida das “ervas-de-rato”, *Palicourea officinalis*, amassando-a entre duas pedras chatas, fazendo delas um mingau e dando-o a Pedrinho.

O ilustrador J. U. Campos mostrará Visconde coletando um arbusto com folhas alongadas, em formato bastante semelhante ao da planta citada pelo escritor.



Visconde encontra uma “erva-de-rato”, ilustração de J. U. Carlos (LOBATO, vol. 2, p..43)

O regresso do grupo a Micenas incluirá uma travessia a nado, já que Hércules está proibido por Atenas de “viajar a pó”. Ocasão para Lobato trazer mais uma história da mitologia grega, a de Leando e Hero, que morreram afogados no Helesponto – acidente geográfico que Visconde atualiza aos leitores do século XX como sendo o Estreito de Dardanelos. Esbanjando conhecimento em várias áreas, neste episódio o escritor lembrará que o poeta inglês Byron faria, séculos mais tarde, a mesma travessia. Assim, de forma sutil mas constante, a didática lobatiana se mistura organicamente à narrativa, demonstrando que o escritor parece ter percebido a necessidade de extirpar de seus textos infantis não apenas o que houvesse de “literatura”, como comentara em correspondência com Godofredo Rangel já citada, como também o excesso de informação didática que, por vezes, comprometia a dinâmica narrativa em obras anteriores – notadamente em *Emília no País da Gramática*.

Oitavo trabalho: Os cavalos de Diomedes

O processo de formação das cidades-estado na Hélade será explicado por Minervino no início do oitavo trabalho, Os cavalos de Diomedes, enquanto o herói e os picapauzinhos estão se dirigindo à Trácia. A breve explanação terminará ao modo do escritor, usando Emília como porta-voz do humor:

O mensageiro de Palas explicou que o que chamavam Hélade não passava dum cacho de paisezinhos independentes, mas com a mesma língua e os mesmos deuses. Havia a Lacônia, a Messênia, a Argólida, a Fócida, a Tessália, a Magnésia...
— Chega! — berrou Emília. — Pare na Magnésia, se não é capaz de vir também o Bicarbonato... (LOBATO, vol. 2, p. 53).

Nesse contexto de aula de Geografia, o escritor faz uso de uma metáfora bem acessível ao seu público, comparando a Hélade/Grécia como um “cacho de paisezinhos independentes, mas com a mesma língua e os mesmos deuses”. Abrindo mão de rigor histórico, já que não seria possível usar a expressão “países” antes da formação dos estados modernos no período pós-medieval, e buscando uma aproximação visual com o formato recortado do território grego, à essa altura da epopeia Lobato decide se deter um pouco sobre o espaço onde se dá a narrativa, já que a cada trabalho o grupo se dirige a um local diferente da Grécia.

O diálogo também é ocasião para Emília/Lobato esclarecer um comentário anterior sobre o caráter mutante do apoio popular, que poderia ensejar alguma interpretação diferente. É quando Minervino conta como Diomedes transformou suas

éguas em feras selvagens, dando a elas em vez de capim ou aveia apenas carne humana. “Malvado! – exclamou Emília. Por isso é que eu sou democrática. Isso de reis e tiranos é uma desgraça. Tratam os súditos do mesmo modo que os deuses do Olimpo tratam os homens” (LOBATO, vol. 2, p. 53-54).

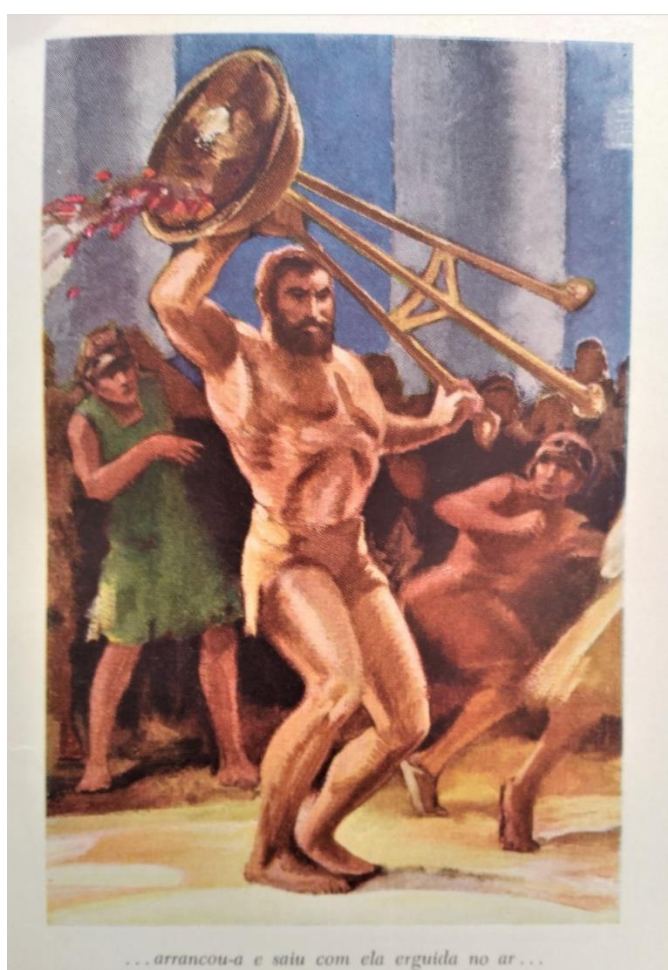
A partir do diálogo transcrito acima, no qual Emília compara o despotismo dos ditadores modernos ao dos deuses do Olimpo, Minervino adverte novamente a ex-boneca de que ela está sendo tema de conversas e intrigas. Comparando o equilíbrio político no Olimpo a uma estratégia de conciliação resumida na expressão “pau de dois bicos”, Lobato explica que, naquele espaço, havia um líder manhoso, Zeus, que “sabe agir politicamente – e vai temperando” (LOBATO, vol. 2, p. 54). E, novamente, os personagens do Sítio causam celeuma e perturbação, o que propiciará a intensificação das interferências dos deuses no campo terreno, gerando assim uma carga maior de tensão dramática. Agora, alertou Minervino, Hera estaria decidida a se vingar daquele “pelotinho humano” chamado Emília. É o escritor colocando sua personagem símbolo da independência de pensamento na linha de frente da ira de uma deusa vingativa. Emília saberá, que nem Zeus, agir politicamente diante da inimiga poderosa?

Além da declaração de guerra da vilã contra a ex-boneca, outra tensão dramática neste oitavo trabalho se dá quando o herói subitamente dá meia volta e decide se consultar com o Oráculo de Delfos. É como se o escritor resolvesse, a partir daquele trabalho, estender um pouco mais sua temporada na Grécia Antiga.

Na Jornada arquetípica do Herói há um momento, presente em muitas obras que se alinham a essa estrutura narrativa, no qual o lado-sombra do protagonista emerge. O “inimigo interior” pode vir de um trauma, alguma fraqueza que o herói sabe ter e que poderá ser posta à prova em breve, um momento de dúvida em relação à própria força ou, entre outras possibilidades narrativas, um dilema moral. É este último que perturba o personagem central da trama, informa o escritor, contando que Hércules cometera um assassinato em Micenas, num acesso de cólera, e o miceniano estava naquele momento fazendo um sacrifício ao deus Apolo. Mais do que protelar a execução do oitavo trabalho, esse episódio parece ter tido a função de aproximar definitivamente as duas linhas narrativas, o Olimpo e a Hélade terrena, já que resultará em um conflito titânico: um humano (Hércules) enfrentando um deus (Apolo).

A parada no Oráculo de Delfos será desastrosa, com um acesso de cólera do herói diante da recusa da Pítia em atendê-lo. Oportunidade para uma das duas ilustrações

coloridas da edição da Editora Brasiliense estudada constantes nesse segundo vol. (8ª edição, 1957). Aqui, a cena mostra Hércules segurando a trípode, equivalente ao altar daquele templo – antes caracterizado em seu papel político como um lugar aonde todos iam “sondar” a vontade dos deuses por meio de consultas. “E como nada fizessem de graça, o recebimento de presentes não tinha fim. E que presentes!... Até tijolos de ouro maciço eram ofertados ao Templo, em cujos depósitos se acumulavam imensas riquezas” (LOBATO, vol. 2, p. 58). O poder político-religioso a serviço dos mais poderosos – parece alertar o escritor subliminarmente.



O acesso de fúria do herói, uma das três ilustrações coloridas desta edição (LOBATO, v. 2, p. 59).

Ao descrever a ação da Pítia, Lobato a comparará em seu estado de transe com os “médiuns que recebem um espírito”. Naquela altura, presumivelmente, o escritor era apenas um curioso do espiritismo, mas sabe-se que em 1947 frequentou centros espíritas,

realizando inclusive sessões em sua casa, conforme atesta Carlos Heitor Castelo Branco no opúsculo “Lobato na saudade parapsicológica”.¹¹⁴

Reforçando o caráter mercantilista daquele lugar religioso, o escritor comenta que as respostas sempre enigmáticas da Pítia eram “‘interpretadas’ pelos sacerdotes – quase sempre a favor de quem oferecia os mais custosos presentes” (LOBATO, vol. 2, p. 59). E fará o herói desafiar esse poder, profanando o templo e saindo de lá com seu principal objeto simbólico, a trípole.

O conflito iminente entre o herói e seu meio-irmão divino Apolo, já que ambos são filhos de Zeus, é anunciado por Minervino, com uma clássica função de Arauto – aquele que prenuncia os próximos eventos, muitas vezes trazendo advertências ou algum tipo de ajuda. A briga entre deus e herói não acontece por conta de um raio de advertência lançado por Zeus entre os dois irmãos. E, novamente, a história terrena é invadida pelos personagens do Olimpo.

Neste oitavo trabalho acontece uma virada na narrativa até então linear dos trabalhos, que seguem a sequência básica: incumbência do novo desafio, ida ao local, enfrentamento, retorno triunfal a Micenas até a nova incumbência. Em vez de se dirigirem ao lugar da próxima missão, primeiramente o herói decide ir até o Oráculo de Delfos e, em seguida, para dissipar sua ira, já que “as cóleras de Hércules eram hercúleas”, o escritor levará seu grupo a uma série de aventuras no continente africano, na Líbia.

A explicação para tal desvio na rota vem por meio do princípio basilar da homeopatia, outro interesse de Lobato já comentado.

Em vez de seguir diretamente para lá, como era o natural, resolveu passar pelo reino da Líbia.

— Preciso espairecer — disse ele. O fogo da cólera ainda me queima lá por dentro. Vou chegar até à Líbia.

Pedrinho admirou-se. A Líbia era no norte da África, uma terra muito quente. Ora, se Hércules estava ardendo em fogo interno, como então pensava na Líbia? Muito mais lógico que fosse para a terra dos hiperbóreos, onde tudo é gelo. Mas Minervino explicou que o grande herói era partidário da teoria médica do *similia similibus curantur*, isto é, para curar fogo, mais fogo — só isso poderia explicar aquela sua ideia da Líbia. (LOBATO, vol. 2, p. 66)

A passagem pela Líbia será oportunidade para Lobato contar uma façanha mitológica atribuída a Hércules mas que não se encontra no rol dos doze trabalhos

¹¹⁴ DANTAS, Paulo (org.). **Vozes do tempo de Lobato**. São Paulo: Traço Editora, 1982, p. 129. “E foi com sessão de copo em seu próprio lar que começou suas experiências com ótimos resultados. Fui seu companheiro em buscas de sessões espíritas, ora de incorporação, ora das chamadas de efeito físico, com poucos resultados é verdade, mas conseguimos ver alguma coisa que não podíamos explicar.”

encomendados por Euristeu: a vitória sobre o até então imbatível gigante Anteu, filho do deus Poseidon com a deusa Gaia (Terra). Por conta de sua ligação com a terra, e de ser dela que tirava sua força, a esperteza do herói (na adaptação lobatiana, mais uma ideia dada a ele por Emília) foi manter Anteu sem contato com o solo até que acabassem suas forças. E a sugestão da ex-boneca terá como metáfora dirigida aos leitores modernos a ideia do fio de eletricidade a conduzir energia. “Desligue, Lelé!...” – gritará Emília, como uma treinadora de um boxeador, fazendo com que o herói se lembrasse da estratégia criada antes e esquecida no calor da luta.

E a multidão em delírio com a derrota de mais um tirano cruel e sanguinário aclama o herói, que transfere a glória para sua “dadeira de ideias”. Antes de encarar o desafio seguinte, no entanto, o grupo ainda seguirá até o reino vizinho, Egito, onde Hércules destronará outro tirano, Busíris, igualmente uma façanha da mitologia grega atribuída ao herói. Nas duas situações, Lobato se mantém fiel à narrativa clássica. Segundo esta, Busíris teria morrido ao ser alvejado pelas correntes que prendiam Hércules – tal como narrado neste breve, mas intenso, passeio pelo norte da África durante o oitavo trabalho.

Quando o grupo se aproxima do estábulo de granito onde estão aprisionadas as quatro éguas carnívoras, no movimento denominado por Campbell como Aproximação da Caverna Oculta – ou seja, o herói entra no território inimigo e a ação é iminente – será Visconde o escalado para a missão de mapeamento e investigação. “O seu reduzido tamanho facilitava tudo – e se por acaso levasse a breca, tia Nastácia fazia outro. Sabugos não faltavam no sítio de Dona Benta” (LOBATO, vol. 2, p. 80).

O episódio termina com uma grande carnificina alimentada por um espírito de vingança à maneira de Talião (“olho por olho, dente por dente”), pois subjugadas as feras sem muito problema, Hércules leva-as, uma a uma, até a vila onde vivia Abderos, um amigo seu. O plano do herói era alimentar as éguas com o próprio rei Diomedes, fazendo ecoar a já citada ironia dos criadores devorados por suas criaturas.

Em seguida o escritor relata que o herói volta e derrota o exército dos bistênios facilmente – mesmo que seja um só contra um exército. Tal proeza é narrada em uma única frase (“O exército dos bistênios foi facilmente derrotado e Diomedes aprisionado”), e quando Hércules traz o rei cruel para ser devorado por suas criaturas, descobre que as éguas antropófagas haviam devorado seu amigo. “A dor de Hércules foi imensa. Depois da dor veio a cólera – e, agarrando Diomedes, arremessou-o para cima dos monstros

famintos” (LOBATO, vol. 2, p. 81). A sucessão de sangue e mortes não se encerraria ali: levadas as éguas antropófagas até Euristeu, este manda soltá-las, como antes fizera com o touro de Creta. E agora o antídoto vem do Olimpo, na forma de uma alcateia de lobos que, a mando de Zeus, devoram os cavalos carnívoros.

Ao fim deste trabalho, quando se anuncia o novo desafio, a captura do famoso cinturão de Hipólita, a rainha das Amazonas, e o grupo se encontra no Templo de Avia, nas imediações de Micenas, Emília se vê diretamente envolvida na complexa relação entre o Olimpo e os seres mortais: Hera faz com que ela perca a voz justamente no momento em que a ex-boneca a chamava de bisca, mesmo advertida por Visconde para que se cuidasse. O castigo é incisivo, inutilizando a grande arma da “dadeira de ideias”, sua voz. Afinal, a personagem havia se criado, ao longo da trajetória de inúmeras aventuras, como a torneirinha de asneiras e impertinências, a típica representante do espírito independente, sem papas na língua.

A nova situação dramática – e realmente dramática, já que nem o herói nem o escritor poderiam se virar com uma Emília muda – gera, de início, uma lição de etimologia, por meio do Visconde, que explica a Hércules o significado da palavra “áfono” para contar o que havia acontecido com a ex-boneca. E faz comparações com outras palavras de origem grega de uso corrente no português, como “fotografia” (a escrita da luz) e fonógrafo (“a escrita da voz”). Mostrando a atenção do massa-bruta à cultura de seu escudeiro, o escritor novamente menciona “a ideia” do herói:

Hércules admirava muito o Visconde. Ficava às vezes horas a ouvi-lo falar das tais coisas científicas, fazendo os maiores esforços para entendê-lo. Por causa daquela sua “ideia sobre a educação”, o herói procurava educar-se nas cienciazinhas do escudeiro. (LOBATO, vol. 2, p. 88)

A mudez de Emília é um artifício para a narrativa entrar no espaço do Olimpo, onde os leitores acompanharão Minervino e as conversas dos deuses em torno da mesa. O tema é justamente a briga que por muito pouco não houve entre os irmãos Apolo e Hércules. A consulta a Palas resultará na terceira entrada de Medéia na história. A deusa aconselha, por intermédio de Minervino, que a procurem. Só ela teria poderes para renascer Emília tal como era antes do feitiço. E novamente é a ex-boneca a geradora da conexão entre os dois mundos narrativos, a terra e o Olimpo. E será por intervenção divina, de Palas, que a voz retornará à personagem, graças ao pedido de Minervino diante do pavor de Emília de ser picada e lançada no caldeirão da feiticeira.

Interessante observar que tanto o episódio da mudez de Emília quanto o da loucura do Visconde têm muito mais sentido narrativo do que didático, já que não há nesses momentos nem referências a mitos gregos nem as costumeiras observações sobre Geografia, História, Física, Etimologia ou os saberes, como as artes rurais de Pedrinho. O intuito narrativo, no caso da loucura do sábio sabugo poderia ser, entrando no plano da especulação, uma nova tentativa que o escritor estivesse fazendo para o personagem ganhar sair da camisa-de-força do saber unicamente científico, conferindo-lhe aspectos humanos, como a loucura e depois o apaixonamento. Já em relação a Emília, o episódio da mudez tem outro sentido narrativo: misturar definitivamente os dois campos narrativos, o Olimpo e a Hélade terrena. E, indiretamente, elevar a importância dos personagens do Sítio inseridos por Lobato na epopeia clássica, especialmente do “pelotinho humano”, Emília, a personagem que, mais do que Hércules, passará a dominar a cena. Destaque-se que ela sairá ainda mais poderosa do confronto com a antagonista, pois será alçada à condição de feiticeira de verdade com sua varinha de condão negociada a partir de uma lógica implacável de boa comerciante, mesmo diante da poderosa Medeia. Concluindo, estes dois parênteses narrativos, relatando os percalços do Visconde e de Emília, revelam, novamente, o predomínio da narrativa sobre a pedagogia, diferentemente da obra anteriormente estudada.

Mas, a despeito de focar sua atenção na narrativa, Lobato não abandona seu projeto literário-pedagógico. Aproveita a varinha de condão recebida por Emília para retomar o tema da etimologia. O trecho também é coerente com o interesse manifesto de fazer seus leitores refletirem sobre palavras e expressões que usam corriqueiramente sem entender como se criaram ou de onde vieram.

Depois [*Emília*] perguntou ao Visconde:

— Que é “condão” Visconde? Às vezes a gente leva usando uma palavra toda a vida sem saber certo o que é.

O sabuguinho explicou que a palavra “condão” vinha da palavra persa “condo”, que queria dizer “sábio ou adivinhador”. De modo que na língua portuguesa condão significava “prerrogativa”, “privilégio”, “graça”, “dom”. E vara de condão queria dizer vara de adivinhar (LOBATO, vol. 2, p. 106)

Um conflito sem a presença de Hércules acontece no início deste nono trabalho, com Emília transformando em objetos do mundo moderno os meninos de Micenas que vieram atraídos por sua varinha mágica, querendo roubá-la. Assim, surgirão, por efeito do “vira que vira”, uma lista de objetos de desejo de qualquer criança ou adolescente nos anos 1940: canivete, faca, tesourinha, esparadrapo etc. Ao todo, dezenove meninos

transformados em coisa, enquanto dois foram encarados no muque por Pedrinho: “Conheceu papudo? Pensa que pica-pau tem medo de molecada grega?” (LOBATO, vol. 2, p. 110).

Curiosamente, nenhum remorso moral pela transformação dos moleques em objetos. E mais: o menino que restara sem ser transformado será, de certa forma, sequestrado pelo grupo, já que se voltasse daria notícia do grupo desaparecido. Assim, Lobato agregará, ao longo deste trabalho, Melampo, que não se sentirá nem um pouco sequestrado por ter a raríssima oportunidade de cavalgar em um centauro, além de viver aventuras junto com o famoso Hércules.

O desdobramento do episódio que agregou Melampo ao grupo trará mais um integrante, e aí sim, a intenção de Lobato se torna clara: quer trazer uma narrativa de outro século para junto de seus personagens, recurso aliás bastante presente em sua obra, especialmente em *O Picapau Amarelo*, de 1938. A história escolhida, sob pretexto dos picapauzinhos arranjam uma montaria para Melampo, é *O asno de ouro* (também conhecida como *Metamorfoses*), obra de Lucio Apuleio, escritor romano que viveu no século II d. C., mas que se passa na Grécia.

Nono trabalho: O cinto de Hipólita

A ida ao próximo trabalho, rumo ao reino das Amazonas, tem início, como em outras jornadas, com uma viagem marítima do grupo até um ponto no Mar Negro, na região da Capadócia, onde se juntarão a outros heróis convocados por Hércules para darem conta da difícil missão à frente: trazerem o precioso cinturão de Hipólita, a rainha das Amazonas. Este é o Chamado à Aventura, nos termos de Campbell, e ao se dirigirem à Caverna Oculta – o campo inimigo – novamente o gigante “massa bruta” se vê jogado num canto na narrativa, mareado, ferido pela fraqueza que o escritor criou para deixá-lo mais humano.

Essas travessias marítimas são momentos intensamente dialogados e o início deste nono trabalho é exemplar da destreza de Lobato em passar por diversos temas e objetos de conhecimento sem perder o fio da meada narrativa. Assim, no capítulo “Rumo à Temiscira” aparecerão referências à Geografia (Mar Negro e Capadócia), Biologia e História (as plantas primavera e buganvília, esta em homenagem ao navegador francês Bougainville), Etimologia (origem grega da palavra “diáfano”), tudo isso habilmente embalado na narrativa mitológica sobre o deus Zéfiro, a entidade grega ligada aos ventos,

contada por Visconde. Observe-se neste trecho o comentário do escritor sobre o papel semelhante exercido por Visconde e Dona Benta, depois de ter explicado etimologicamente a origem da palavra “diáfano”: “O Visconde explicava as coisas tal qual Dona Benta: havia aprendido com ela” (LOBATO, vol. 2, p. 122).

A travessia didática pelo Mar Negro termina com a referência ao personagem Lucio, o asno recém-agregado ao grupo, e a futura obra da literatura latina que ele representa, *O asno de ouro*. Oportunidade para o escritor também lançar um dilema ético na pele deste personagem: a lealdade de Lucio ao grupo, mantida pelo valor da palavra empenhada. O asno havia se comprometido a acompanhar o grupo, servindo de montaria a Melampo, o menino miceniano, se ao fim a turma o levasse até o festival da deusa Ísis, onde precisaria comer rosas do altar para voltar à forma humana. E antes do embarque, informa o autor, o asno se viu tentado a quebrar a promessa diante de uma roseira. “Bastava abocanhar uma delas e estaria devolvido à forma humana. Mas teve de engolir em seco. Estava ligado àquele grupinho pela palavra de honra” (LOBATO, vol. 2, p. 124).

O desembarque, com o herói derrubado, trará uma referência contemporânea, bem ao gosto de Lobato, que compara Hércules nocauteado pelo enjôo marítimo a “Tony Galento quando foi tirado a braços do ringue”. Trata-se de comentário sobre uma luta de boxe célebre na qual Tony Galento foi nocauteado por Joe Louis e saiu carregado do ringue, no dia 28 de junho de 1939.

Este nono trabalho terá uma presença bastante intensa da Mitologia. A chegada de Minervino juntamente com o barco que trazia Peleu será oportunidade para, por meio do mensageiro de Palas, Lobato contar a origem de mais uma expressão corriqueira que usamos sem saber a origem. Como em outras situações, trata-se de uma expressão usual saída da cultura grega: “pomo da discórdia”. Estando entremeada à narrativa da Guerra de Tróia, o escritor partirá do dito popular para contar aos seus leitores uma das mais famosas narrativas da Grécia Antiga: a do cavalo de Tróia.

Curioso observar a semelhança entre o perfil das atrizes de Hollywood de cartazes de filmes dos anos 1930 e 40 com a ilustração de J. U. Carlos mostrando as deusas gregas Juno, Palas e Vênus *em torno* do pomo, que será entregue à mais bela.



Hollywood como referência no retrato das deusas Hera, Palas e Afrodite (LOBATO, v. 2, p. 127)

A aproximação no território inimigo desta vez será diplomática: Pedrinho é encarregado de levar um pedido de encontro de Hércules e Peleu com Hipólita. Surge aqui uma gíria para criança (“crila”) que, se nos anos 1940 pareceu ao autor um modo de falar diretamente com seus jovens leitores, décadas depois tornou-se palavra definitivamente morta.

E a influência do cinema norte-americano, presente na ilustração de J. U. Carlos ao retratar as deusas gregas, ressurgiu, dessa vez no texto. Ao se aproximar do território das Amazonas surge uma guerreira “que passou a galope num formoso cavalo branco” e Pedrinho lembra-se das “correrias do William Boyd nas fitas americanas” (LOBATO, vol. 2, p. 132).

Desta vez o título não entrega o que virá. “Tudo vai bem” promete um final feliz que não se confirmará, novamente por interferência da antagonista Hera, que, transformada em amazona, provoca uma rebelião entre as guerreiras sob a alegação de que os heróis planejavam raptar Hipólita – e esta, na realidade, se mostrava encantada por Peleu, e havia concordado em ceder o cinturão sem disputas.

Encerrado o episódio, e de posse do cinturão, Hércules ainda enfrentará mais um tirano, Litienses, filho do rei Minos, personagem da mitologia grega conhecido como “ceifador de homens” – e que teria sido morto pelo herói segundo a narrativa clássica. Neste episódio, contado em poucos pormenores e que se resolve com Hércules cortando a cabeça de Litienses com a própria faca com que este se servia no banquete, destaque-se um comentário ambíguo sobre a Justiça. O ex-promotor de Areias, aluno da prestigiosa Faculdade de Direito de São Francisco, já distanciado da magistratura, observa, pela voz do Visconde, com certo cinismo, a Justiça operando no mundo antigo e no moderno:

Pedrinho assombrou-se com a facilidade com que na Grécia os heróis mandavam gente para o outro mundo. Roubar, matar — tudo coisas naturalíssimas. Hércules matou aquele filho de rei e lá prosseguiu na viagem como se não houvesse havido coisa alguma. E nada de polícia, inquérito, processo, júri, promotor, juiz, sentença, cadeia. Tudo muito rápido e expedito. O Visconde observou que nos tempos modernos havia a “justiça organizada”, mas ali a Justiça eram os heróis. Eles andavam à caça dos maus, como lá no mundo moderno faz a polícia. E pegavam-nos e liquidavam-nos com a maior simplicidade. Que era Hércules, afinal de contas, senão a Justiça em pessoa? Às vezes errava e matava inocentes — mas que justiça neste mundo não erra? (LOBATO, vol. 2, p.142).

Ao fim deste nono trabalho, ao qual dedicou relativamente pouca atenção à façanha em si, o escritor retomará o dilema moral de Lucio, condutor da história paralela agregada à principal, mostrando que este, em um momento de revolta com os maus-tratos recebidos do menino Melampo, quebrou sua promessa e comeu uma rosa, esperando se ver livre do encanto. “Comeu a primeira rosa encontrada, ficou desapontadíssimo: continuou o mesmo asno de sempre, só que com uma rosa no papo” (LOBATO, vol. 2, p. 143). O asno de Apuleio ficaria até o fim com o grupo, e isso fará sentido no desfecho da obra.

Décimo trabalho: Os bois de Gerião

O décimo trabalho de Hércules tem início com o grupo em fuga após Melampo ter sido reconhecido na feira em Micenas e recapturado, e a consequência imediata disso seria virem até o acampamento do grupo atrás dos outros meninos transformados por Emília em objetos.

Na fuga, novamente o conhecimento do mundo rural aflora, pela voz de Pedrinho, que ensina como se faz um picuá de cipó, para equilibrar de um lado a canastrinha de Emília (e sua coleção de souvenirs), de outro o Visconde. A explicação que o escritor dá sobre o que vem a ser um picuá é singela e acessível: “Uma espécie de dois bolsos ligados

entre si, de modo que cada um fique numa banda do animal. E a carga que vai num dos bolsos faz contrapeso à que vai do outro” (LOBATO, p. 151). Para facilitar o entendimento de seus leitores para essa “coisa fácil de compreender, *vendo* – mas difícil de explicar com palavras” (itálico do autor), esta 8ª edição da Brasiliense estudada traz o picuí ilustrado. E, mais uma vez, revela-se a diferença de estilo das personagens do Sítio, mais caricaturadas, e as do mundo grego, tratadas dentro de uma proposta realista, do trabalho do ilustrador J. U. Campos, bem como o gigantismo proporcional da ex-boneca e de Visconde.



A demonstração visual de um picuí, por J. U. Carlos (LOBATO, v. 2, p. 153)

O escritor não perderá a ocasião para uma piada ao explicar como uma canastrinha tão pesada, contendo pomos de ouro e penas de bronze, poderia ter como contra-peso um mero sabugo.

O asno já não dava suspiro nenhum. Que gostosura lhe foi ver-se livre de Melampo! Emília era um peso-pluma. Quanto pesaria na balança? Uns oito quilos, se tanto. E o Visconde? Ah, esse não chegava nem a um quilo. Mas como, então, podia servir de contrapeso a uma canastrinha cheia de coisas, onde havia até uma pena de bronze? A explicação é que o Visconde pesava pouco, mas sua ciência pesava muito (LOBATO, vol. 2, p. 151).

Ao fazer o asno raciocinar em quilos, uma medida criada após a Revolução Francesa, o escritor parece deliberadamente abandonar o rigor de buscar uma medida de peso compatível com os tempos gregos (talentos, em vez de quilograma), o que envolveria mais uma operação de conversão ou explicação para seus leitores. A citação é reveladora de uma postura como narrador na qual a narrativa se torna preponderante diante da didática.

Este será mais um trabalho que tem início com uma travessia marítima, na qual o barqueiro Agatirso servirá como Arauto, anunciando os desafios que o grupo enfrentará. O gigante Gerião tem três cabeças, o pastor que guarda seu numeroso rebanho tem duas e o dragão do pastor possui sete cabeças. Diante de tal desafio, um Hércules enjoado no fundo do barco é visto com desprezo pelo barqueiro.

A conversa no barco de Agatirso será embalada, no capítulo “Oceano”, pela história de Poseidon, das nereidas, de Andrômeda e Pégaso, passando pelo mito da criação do cavalo. Na altura do décimo trabalho, o escritor parece se dar conta do grande repertório de histórias que guarda desde quando, na juventude em Areias, se entusiasmou pela *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, e mais tarde pela história da civilização grega recontada segundo a ótica romanesca de Will Durant.

Finalmente em terra, o herói irá perscrutar o território inimigo, em busca de uma estratégia, enquanto o grupo se entretém com as histórias do pescador Agatirso. Usando um “causo” contado pelo marujo, que dizia ter visto uma serpente gigante cuspidando “uma porção de coisas vermelhas” (LOBATO, vol. 2, p. 165) após uma tempestade, Lobato escala Visconde para tirar do episódio uma lição de Física sobre pressão atmosférica.

Rebentou-se por dentro, por falta de pressão. É por isso que este homem a viu botando para fora todas as vísceras. O que ele viu foi uma serpente marinha lá das profundas, estourada em consequência da pouca pressão atmosférica da superfície.

O velho marinheiro ficou admiradíssimo da segurança do Visconde, embora não entendesse aquela história de “pressão atmosférica” (LOBATO, vol. 2, p. 166).

Diferentemente do trabalho anterior, no qual o herói não precisou recorrer à sabedoria dos picapauzinhos para dar cabo da missão, neste a abordagem da Caverna Oculta, se configura bem mais complexa. Não há espaço para diplomacia ou negociações, como entre as amazonas, e o desafio a ser vencido será triplo (o pastor, seu dragão e o gigante). Hércules “percebeu logo que era um desses casos em que a inteligência vale mais que a força bruta” (LOBATO, vol. 2, p. 166). A tônica deste trabalho é o poder da associação.

Emília será a principal aliada do herói, que antes de atacar o pastor de duas cabeças precisa saber de qual das vinte cavernas sairá o dragão de sete cabeças. A solução, mais uma vez, será o “faz-de-conta” – leia-se, o poder da fantasia. Emília pede que Hércules feche os olhos, decide pelo método eliminatório do “faz-de-conta” em qual caverna o dragão estará, anunciando sua aposta com “carinha cavorteira” (pessoa mentirosa, que trapaceia). Diante da dúvida do herói de que o palpite de sua ajudante estivesse mesmo correto, a explicação da ex-boneca soa como a fala de uma personagem de Lewis Carroll, autor que Lobato também adaptou: “Se você faz de conta que uma coisa não é, está claro que ela não é. Se você faz de conta que é, está claro que é. Tão simples” (LOBATO, vol. 2, p.173).

Vencidos o pastor e o dragão, para enfrentar o adversário final, o gigante Gerião com três cabeças e seis braços, o conselho de Emília será o mesmo que havia dado ao herói no enfrentamento de outro gigante, Anteu, na aventura ocorrida na Líbia: atingir o ponto fraco do adversário. No caso de Gerião, as pernas. “Esqueça o que está da cintura para cima e ataque as pernas. Demolida a base, a torre cai” (LOBATO, vol. 2, p. 174), aconselha Emília ao herói. Palpite tão certo quanto as duas flechadas de Hércules nos joelhos do gigante.

O sucesso dessa empreitada leva o herói a uma evolução de “sua ideia” sobre educação, acrescentando uma segunda camada à reflexão sobre o poder transformador da educação: o valor da associação, do trabalho coletivo.

Hércules contemplava os três cadáveres. Quanto havia sofrido o mundo ali dos arredores por causa da associação daqueles três monstros! Já fortíssimos individualmente, com a associação se haviam tornado invencíveis. Mas lá estavam por terra, extintos. Por quê? Porque não haviam contado com o valor de Hércules em íntima associação com a esperteza da Emília. O herói estava compreendendo o valor da “associação” (LOBATO, vol. 2, p. 176).

A partir deste décimo trabalho observa-se uma intensificação na presença de elementos da mitologia grega estranhos à narrativa dos doze feitos, como a aparição de Netuno (LOBATO, vol. 2, p. 185) e a queda de Ícaro – oportunidade para mais um dos impagáveis epítálios de Emília: “Aqui jaz Ícaro, o pai da aviação errada” (LOBATO, vol. 2, p. 190). E, pouco adiante, Pedrinho terá a ideia dos picapauzinhos pedirem à deusa Flora algumas ninfas para povoarem o pomar do Sítio.

Esta proposta de Pedrinho, de irem até as Ilhas Afortunadas onde Flora, que Lobato explica vir a ser o nome latino da deusa grega Clóris, viveria em seu castelo dará vazão ao trecho de maior lirismo de toda a obra analisada. E que acontece logo após

Emília fazer uma crua descrição da barbárie que acontecia no mundo contemporâneo ao asno Lúcio.

Ao explicar ao asno como se inicia uma guerra, Emília comenta inicialmente que ninguém quer a guerra: chefes de estado, o povo, as mães, as irmãs, as noivas. Mesmo assim, a guerra vem, explica a ex-boneca. O trecho vale a pena ser transcrito porque aqui temos o escritor mostrando seu pessimismo diante da matança da Segunda Guerra Mundial.

Vem por si mesma. Começa. Estoura. Rebenta. Lá um belo dia a gente abre o jornal da manhã e lê numas letras deste tamanho: REBENTOU A GUERRA... E logo depois está o mundo inteiro dentro da guerra, com os aviões a derramarem bombas do céu e com a matança embaixo feita cientificamente, por meio de maravilhosas máquinas de matar, criadas pelos maiores gênios do mundo moderno. [...] Quando se cansam de matar, e os navios estão todos no fundo dos oceanos, e as cidades são montanhas de cacaria, e só se ouve o choro de milhões e milhões de mães e irmãs e noivas e esposas, e já não há casas onde o povo morar, e nem há pão para o povo comer, e a miséria fica o horror dos horrores, então a guerra pára... vem a paz. E sabe o que é a paz no mundo moderno, Lúcio? Apenas um descansinho para o desfecho de nova guerra... (LOBATO, vol. 2, p. 191)

Em compensação ao discurso amargurado da ex-boneca, na sequência explodirá o lirismo na narrativa, com a visita que o grupo do Sítio faz ao palácio de Cléris/Flora e Zéfiro. No encerramento dessa visita ao palácio das ninfas, o escritor fará um eficiente contrapeso à crua descrição do conflito mundial apresentada algumas páginas antes. Aqui, um mergulho na delicadeza, um respiro lírico em uma narrativa que não se furtava a explicar aos pequenos a lógica perversa do conflito em curso no Hemisfério Norte.

Tanta beleza, tanto perfume, tanto movimento de formas diáfanas no ar, deixaram os pica-pauzinhos completamente tontos, como que embriagados por um ópio divino. Clóris e Zéfiro, sempre de mãos dadas, olhavam para eles e sorriam. Foi com dificuldade que Pedrinho mediu as pitadas do pirlimpimpim e as distribuiu. Até o *fiun* soou trêmulo de emoção e todos ainda se sentiam trêmulos quando despertaram no acampamento de Micenas.

— Ainda estou sentindo uma tremura — murmurou Emília, que foi a primeira a falar. Pedrinho suspirou e, com ar de quem acaba de sair dum sonho da manhã, disse: — É o tremor da beleza... (LOBATO, vol. 2, p. 200)

Décimo-primeiro trabalho: O pomo das Hespérides

Para trazer um pomo de ouro do Jardim das Hespérides, o gral do penúltimo trabalho, Hércules precisará enfrentar um dragão, “o mais monstruoso de todos” (LOBATO, vol. 2, p. 204), de cem cabeças. Como nas outras situações de início de jornada nas quais o grupo atende ao Chamado à Aventura, o herói se encontra pensativo, preocupado. E desta vez atravessando uma “zona perigosa”, onde Pedrinho receou que houvesse encontros e lutas. Dito e feito.

O conflito que antecede o trabalho se dará entre Hércules e Cicno, um irascível domador de cavalos filho de Ares, o deus da Guerra. Ao descrever a luta entre os dois heróis, no capítulo “O Deus e o Herói”, ocorre um lapso (ato falho?): a referência àquele como o décimo trabalho, como se inconscientemente Lobato lamentasse encerrar sua temporada na Grécia Antiga: “Era a primeira vez que os pica-pauzinhos viam Hércules manejar o dardo, uma lança curta de arremessar contra o adversário. Como previra muitas lutas naquele décimo Trabalho (*sic*), o herói fortalecera-se de mais aquela arma (LOBATO, vol. 2, p. 208).

Morto Cicno, surgirá o próprio deus Marte para se vingar de Hércules. E este deve ter sido um momento de regozijo do leitor fervoroso de Nietzsche quando, mesmo alertado por Palas para que não atacasse um irmão (já que ambos eram filhos de Zeus), faz com que o deus Ares ataque o herói, que nesse momento é defendido do raio mortal por Palas e, aproveitando a oportunidade, consegue ferir o pulso de Marte. Lobato mostra o homem, ou um Super-homem no sentido nietszcheano, vencendo um deus – uma imagem simbolicamente importante, e que ele faz questão de ressaltar aos seus leitores: “Assombro dos assombros! Pela primeira vez no mundo um homem feria um deus em combate – e que deus: Ares, o deus da guerra!...” (LOBATO, vol. 2, p. 209).

O episódio propicia um ensinamento de Astronomia, já que o desfalecido deus Marte é acudido por seus assistentes Fobo e Deimos.

— E eu sei o nome desses dois ajudantes — disse o Visconde, que estava ouvindo a conversa. — Fobo e Deimos.

— Fobo e Deimos? — repetiu Pedrinho. — O nome daqueles dois satélites do planeta Marte?

— Sim — confirmou o Visconde. — Os astrônomos deram aos satélites de Marte os nomes de Fobo e Deimos exatamente por isto; porque nesta luta contra Hércules foram eles que o acudiram (LOBATO, vol. 2, p. 212).

Ao fim do episódio, Emília escreverá mais um de seus irônicos epitáfios, desta vez para Cicno: “Aqui jaz um domador de cavalos que encontrou quem o domasse” (LOBATO, vol. 2, p. 212).

No caminho até o oásis onde os pomos de ouro se encontravam protegidos pelo dragão de cem cabeças, Visconde reassume seu papel docente para explicar como se formam os oásis no deserto, e porque os camelos são a montaria preferida dos beduínos.

A investigação sobre o território inimigo se dará dessa vez com Visconde, alçado à condição de herói: será dele a missão de levar em sua cartolinha um preparado de ópio,

que Emília generosamente produziu gastando uma “varada” de condão. Narcotizar: essa é a estratégia que o grupo cria para vencer um monstro com tantas cabeças.

Vencido o Guardião da Caverna deste penúltimo trabalho o desfecho acontece de forma amena, com os pica-pauzinhos descobrindo que os tais pomos eram meras laranjas (uma licença do autor às maçãs da epopeia original).

Sobre a iconografia deste trabalho, mantém-se o padrão dado a outras personagens femininas da mitologia grega: a primeira ilustração traz as irmãs hespérides Egle, Hestia e Eritia retratadas como divas hollywoodianas. O mesmo se repete em relação à Aretusa, retratada na sequência.



As irmãs hespérides Egle, Hestia e Eritia (LOBATO, v. 2, p. 233).

Antes do encerramento deste décimo-primeiro trabalho, Lobato agregará entre este e a derradeira missão um dos mais conhecidos mitos da Grécia Antiga, e que também está relacionado ao seu herói protagonista: a narrativa de Prometeu acorrentado, condenado a ser bicado todos os dias no fígado por um abutre enviado por Zeus, como castigo por ter dado o fogo aos homens.

A inclusão dessa nova aventura terminará por gerar dois efeitos na história contada: reforçará o protagonismo de Emília e servirá de cenário para um novo tributo a Nietzsche, que se debruçou sobre essa mesma história em *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*.

O episódio da libertação de Prometeu acorrentado tem início no capítulo “A volta”, com uma tempestade mandada por encomenda de Hera que provoca um desvio na rota do barco que seguia rumo a Micenas, e uma salvação do grupo por intervenção de sua rival Palas, que manda um bando de golfinhos resgatarem os náufragos do oceano. O grupo se encontra a salvo próximo ao Cáucaso, a cadeia de montanhas onde se encontra o Monte Elbruz (com 5.657 metros, informa Visconde), onde Prometeu, o titã que ousou desafiar Zeus e trouxe o fogo para os homens, está acorrentado, condenado ao seu eterno suplício.

Hércules anuncia ao grupo sua intenção de libertá-lo e recebe adesão entusiástica dos picapauzinhos. Será também oportunidade para Emília proferir um eloquente discurso desafiadoramente contrário ao poder divino. Revoltada, ela se insurge contra Zeus, mesmo advertida por Pedrinho de que também pode ser castigada:

– Malvado, sim. Peste!... Sustento o que digo até nas fuças dele, e ele que me venha amarrar num Cáucaso para ver o que acontece!... O titã só estava fazendo o bem, ensinando as artes. Como poderiam os homens viver na terra sem as artes – a arte de fazer panelas de barro, a arte de cozinhar, a arte de construir casas? E como poderiam arranjar-se sem o fogo? O tal Zeus dum a figa amarra o coitado no Cáucaso para que um estupor de abutre lhe fosse eternamente devorando o fígado? Malvado sim. Casca de ferida... (LOBATO, vol. 2, p. 240-41)

Do inflamado discurso emiliano é possível se depreender a interpretação do mito de Prometeu dada pelo filósofo Friedrich Nietzsche. Sabe-se que este autor teve influência decisiva no jovem Lobato, especialmente em relação à independência de pensamento e ao compromisso ético de “seguir-se a si mesmo”, como em várias ocasiões comentou com o amigo-leitor Godofredo Rangel. As referências elogiosas a Nietzsche são abundantes no primeiro vol. de *A barca de Gleyre*.

Sobre a influência do pensador alemão sobre Lobato, Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos afirma:

Por essa época [*de estudante universitário*] teria lido Le Bon, Voltaire, Comte, Spencer, Darwin, Zola e sobretudo Nietzsche, o grande deslumbramento, a “maior bebedeira de minha vida”, que lhe teria entregado a si mesmo e reforçado seu individualismo libertário, inimigo de sistemas e de valores estabelecidos.”¹¹⁵

¹¹⁵ VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço Editora, 1982, p. 19, nota de rodapé.

Ou, a influência explicada de outra forma, aqui por Aluizio Alves Filho em seu artigo “Nietzsche e Lobato”:

Monteiro Lobato encontrava no existencialismo de Nietzsche o que febrilmente procurava: o não sistema, a não rigidez, a ânsia por liberdade. Com Nietzsche, aprendera a escolher, a desconfiar, a construir autonomamente o seu próprio caminho, alheio ao que os outros pensassem, pouco se importando com a lógica dos sistemas filosóficos, com pressões políticas ou com modais escolas literárias. Na enquete de 1941 esclarece que um dos aforismos de Nietzsche marcou-o profundamente, pondo fim à crise mental em que se encontrava. “Queres seguir-me? Segue-te”. Nietzsche era dinamite. Monteiro Lobato também. Ao chocar-se com o louco da Basileia explodiu. Foi fiel a si mesmo a vida inteira.¹¹⁶

Observando como Nietzsche interpreta o mito de Prometeu, é possível encontrar ecos desse individualismo libertário e do poder fundante da cultura no discurso libertário de Emília transcrito há pouco:

O homem, alçando-se ao titânico, conquista por si a sua cultura e obriga os deuses a se aliarem a ele, porque, em sua autônoma sabedoria, ele tem na mão a existência e os limites desta. O mais maravilhoso, porém, nesse poema sobre Prometeu, que por seu pensamento básico constitui o próprio hino da impiedade, é o profundo pendor esquiliano para a justiça: o incomensurável sofrimento do “indivíduo” audaz, de um lado, e, de outro, a indignação divina, sim, o pressentimento de um crepúsculo dos deuses, o poder que compele os dois mundos do sofrimento à reconciliação, à unificação metafísica.¹¹⁷

O “grito de guerra” de Emília gera uma epifania em Hércules, que se comove com o poder daquela convocatória de libertar o “pai do fogo e de todas as artes”. Novamente revelando que seu personagem grego é uma composição do herói clássico com o herói romântico, o escritor narra dessa forma o efeito que as palavras da “dadeira de ideias” teriam gerado em Hércules:

Tão tremendas palavras soaram dentro de Hércules como a voz da sua própria consciência, acordada depois de longo período de mudez. Sim. Era aquele o seu pensamento secreto e nunca sussurrado nem para si mesmo. O sonho inconsciente de Hércules sempre fora libertar Prometeu. Esse sonho inconsciente acabava de fazer-se consciente graças à revolta e ao grito de guerra de Emília. E aconteceu então um fato assombroso: Hércules, o tremendo e invencível Hércules, o homem mais forte que o mundo jamais produziu, chorou... Chorou de pura emoção. E agarrando Emília e beijando-a na testa disse: Você é a própria voz da minha consciência, criaturinha... (LOBATO, vol. 2, p. 241)

Merecendo a segunda ilustração colorida deste vol. estudado, que traz Visconde lançando uma isca para o abutre (mais uma artimanha do mundo rural trazida por

¹¹⁶ FILHO. Aluizio Alves. “Nietzsche e Lobato”. In: Revista **Achegas.net**, nº 10, agosto de 2003.

¹¹⁷ NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**: ou helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, Capítulo 9: “O mito prometeico e os arianos”.

Pedrinho), este décimo-primeiro trabalho termina com a libertação de Prometeu, o titã que desafiou Zeus e deu o fogo emancipador aos homens.

Décimo-segundo trabalho: Hércules e Cérbero

O desafio envolvido no trabalho que encerrará a epopeia, Hércules e Cérbero, é explicado aos leitores por Minervino. Sempre por meio de diálogos, Lobato conta que os domínios de Hades, filho do “velhíssimo deus Cronos, que é o Tempo”, o mundo dos mortos, são protegidos por um mastim de três cabeças e cauda de dragão – Cérbero, o último antagonista na jornada do herói.

Passando pelo mito do rapto de Perséfone por Hades, cujo palácio só tem acesso por meio da barca do barqueiro Caronte, Lobato faz a ligação da narrativa mitológica com um costume contemporâneo, tangenciando o campo da Antropologia. É quando Minervino explica que Caronte só atravessa a alma daqueles que o pagam: “Eu sei! — berrou Emília. Daí vem o costume grego de enterrar os mortos com uma moedinha no peito. É para pagamento a Caronte. Já vimos isso em nossa primeira viagem a esta Grécia (LOBATO, vol. 2, p. 254).

Curioso observar a escolha narrativa feita pelo escritor de, neste último trabalho, excluir Pedrinho do grupo já bastante reduzido com o qual vinha trabalhando neste livro. O menino se nega a entrar no reino dos mortos. Para lá irão o herói, Emília (que não quer abandoná-lo no último trabalho) e Visconde (que recebera ordens de Dona Benta para que “não largasse da Emília” durante a viagem pela Grécia). Ao se aproximar do encerramento da epopeia, Lobato se concentrará naquela personagem que mais bem exprimia suas ideias, sem abrir mão do sábio *raté*, sempre à mão para esclarecer algo a seus leitores.

Ao ser recebido por Hades, o herói recebe deste autorização para levar o cão Cérbero, porém sob uma condição: sem usar nenhuma arma. O deus dos mortos julgava impossível algum humano vencer sem armas seu feroz mastim de três cabeças. Desafio lançado, novamente teremos Emília agindo como cérebro da equipe, ao aconselhar que o herói não se desfizesse da pele do leão da Neméia, o escudo invulnerável que o acompanhava desde o primeiro trabalho. Usando um sofisma (“Hades falou em armas, não falou em pele”), a ex-boneca convence Hércules a manter consigo a pele-escudo. Será graças a esse conselho que o herói conseguirá vencer o mastim de três cabeças, se protegendo das dentadas mortais do cão enquanto torcia dois dos três pescoços do animal.

Derrotado o cão dos infernos, será um simulacro da grande fera que sairá dos domínios de Hades, para desespero e arrependimento de Pedrinho, que não se conforma de ter perdido o último trabalho da saga. “Você pexoteou, Pedrinho, e vai ficar de cara à banda por toda a vida” (LOBATO, vol. 2, p. 268), provocaria a ex-boneca¹¹⁸. O herói-rural em outros trabalhos, ali age como o menino que ainda é, e chora, arrependido.

Como prêmio de consolação, o escritor dará ao garoto o direito a uma entrada gloriosa em Micenas levando Cérbero pelo cabresto, para assombro geral. Será o *grand finale* da parceria, simbolizada pela cena do grupo entrando na pólis grega trazendo o mastim dos infernos humilde, domesticado.

O fato de passarem com Cérbero pelas ruas — Cérbero, C é r b e r o, CÉRBERO!... o tremendíssimo e terribilíssimo mastim infernal, parecia-lhes a coisa mais natural do mundo. E para maior assombro dos povos, vinha Cérbero, C é r b e r o, o tremebundo CÉRBERO, puxado pelo cabresto. E puxado por quem? Por um menino... Aquilo era até profanação, um verdadeiro fim da Grécia Heróica (LOBATO, vol. 2, p. 269-270)

No encerrar do décimo-segundo trabalho ainda haverá um acerto de contas, em relação aos meninos de Micenas transformados em objetos do mundo moderno pela vara de condão de Emília. Dessa vez a amoralidade de Emília, que se recusa a gastar as últimas viradas de sua varinha mágica para desfazer seus feitiços, será derrotada pelo discurso do Visconde, que impede Hércules de “espalhar a justiça” quando os micenianos reconhecem a feitiçeira que havia desaparecido com seus filhos.

— Nada de violências, Hércules! Se até os deuses do Olimpo encerram suas brigas com entendimentos, como no rapto de Perséfone, por que nós, mortais, não fazermos o mesmo? Na qualidade de advogado e defensor perpétuo de Emília, proponho o arquivamento do processo em troca da “desvirada” dos meninos de Micenas. Ninguém entendeu. Os juízes e xerifes entreolharam-se com caras de asno. O Visconde explicou:
— Sim. Do mesmo modo como a acusada virou os meninos em objetos, poderá agora virar os objetos em meninos, desse modo devolvendo-os à forma primitiva (LOBATO, vol. 2, p. 273)

No fechamento da epopeia, o escritor precisará ainda encerrar a história paralela que trouxe para a saga grega, de *O asno de ouro*, do escritor latino Apuleio. Será necessário levar o asno Lúcio até uma festa dedicada à deusa Ísis, explicada por Minervino como o equivalente egípcio da deusa grega Deméter, para que ao comer as rosas do altar o encanto pudesse finalmente ser desfeito.

Aqui Emília volta a ser a autocrata dona das próprias vontades, com atitudes egoístas, e se revolta de precisarem prolongar o tempo na Grécia para além dos trabalhos

¹¹⁸ Pexote é a pessoa que joga mal, novato, principiante.

do herói só por causa do asno. Sua revolta é bem ao estilo desbocado que a caracteriza: “Maçada! Nós com tanta urgência de voltar ao Picapau Amarelo e este estupor...” (LOBATO, vol. 2, p. 278).

Ao entrarem na primeira aldeia muito velha no caminho encontraram acontecendo justamente naquele dia uma festa em homenagem à deusa Ísis. O próprio escritor ironiza a coincidência, por meio de Emília, em mais uma referência aos filmes de faroeste: “Esta nossa última aventura até parece fita de xerife do meio para o fim: tudo dá certinho, como se houvesse combinação” (LOBATO, vol. 2, p. 279).

Chegou o momento de fechar a aventura e fazer a turma voltar ao Sítio do Picapau Amarelo. Aqui há dois desfechos. Conforme observou Emerson Tin em artigo já citado, a primeira edição de *Os Doze Trabalhos de Hércules*, publicada em 1944, trazia um capítulo final, intitulado “No Sítio de Dona Benta”. Neste, os pica-pauzinhos voltavam da Grécia Antiga trazendo o centauro Meioameio e também Cérbero que, no entanto, não teria resistido a viagem “a pó”. Morto, receberia o último dos epitáfios irônicos de Emília: “Aqui jaz Cérbero, que muitos pronunciam Cerbéro, a primeira vítima do pó de pirlimpimpim. Paz às suas três cabeças”.

A primeira edição do livro, aponta Emerson Tin, se encerrava com um interessante diálogo entre Dona Benta e Emília. A avó pergunta à ex-boneca, diante de todos os tesouros trazidos por ela da Grécia, qual deles ela prezava mais.

- Ah, foram as lágrimas de Lelé quando libertou Prometeu...
- E onde estão elas? Em que vidrinho?
- Aqui no meu coração...¹¹⁹

Na versão que se consagraria ao longo das sucessivas reimpressões, extirpado o capítulo com o regresso ao Sítio, no encerramento surgirão novas loas à educação. Hércules em sua despedida tenta desenvolver um pouco mais “sua idéia”, observando como em cada um dos picapauzinhos via exemplos de “produtos da educação”, e comparando uma pessoa sem educação a um terreno baldio, onde o mato cresce sem disciplina. “A educação é que transforma esse terreno em canteiro de cultura das artes e ciências úteis e belas” (LOBATO, vol. 2, p. 289).

Suas ideias sobre educação, no entanto, são tratadas com desdém pela turma do Sítio, e o discurso do herói é interrompido pela síntese emiliana: “Pare aí, Lelé. Já

¹¹⁹ TIN, Emerson. “O 13º trabalho de Lobato”. In: LAJOLO, M. CECCANTINI, J. (orgs). **Monteiro Lobato livro a livro**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008, p. 481.

conhecemos as suas ideias sobre o assunto. A educação é que faz as criaturas, não é isso? Já sabemos” (LOBATO, vol. 2. p. 292).

O desfecho da narrativa, a partir da segunda edição, se dará com o herói, desconsolado de saudades e transformado ao longo da sua jornada, indo procurar Lúcio, o ex-asno, na cidade de Corinto, para conversar sobre os picapauzinhos. “Era um meio de matar as saudades...” – arremataria o escritor, nestas que seriam suas últimas frases publicadas para o público que o consagrara, ainda em vida, como criador da moderna literatura infantil no Brasil.

Conclusão da análise narrativa de *Os Doze Trabalhos de Hércules*

Nesta obra o papel docente estará ora com Visconde, que também viverá ao longo dos trabalhos um arco de transformação interessante para uma personagem que não despertava maiores entusiasmos no escritor, ora com Minervino. Mas, na maioria das vezes, é a própria narrativa “a galope” que conduzirá os temas, estabelecendo misturas inusitadas de épocas, histórias e saberes em uma forma literária na qual a prioridade já não é mais o ensinamento, e sim manter os leitores presos àquela época de sonhos – em um mundo que, fora dos livros, se destruía em uma guerra mundial.

Didática e literatura se encontram bem mais amarrados nesta extensa obra. Os conhecimentos de Geografia, História, Física, Biologia, Filosofia, além de fartas doses de Mitologia Grega, bem como informações e saberes práticos da vida rural, alçados à mesma categoria que as demais áreas do conhecimento humano, se imiscuem entre a trama de forma bastante orgânica. Frequentemente o escritor aproveita o trajeto do grupo até o próximo desafio para breves aprendizagens, muitas vezes interligando diferentes áreas do saber. Quase sempre iniciada com a aparição ou comentário sobre algum personagem da Mitologia Grega, a aprendizagem se dará sempre por meio de diálogos, e interposta a descrições de cenário ou viradas na trama.

Após o “chamado à aventura” feito por Pedrinho, o que se seguirá também é a experiência direta – neste caso em relação à Mitologia Grega, o tema central aqui. Passando por onze dos doze trabalhos (e jogando os leitores à sua incursão anterior no mundo da Grécia Antiga, *O Minotauro* (1939) para a descrição do segundo trabalho do herói), os desafios serão vencidos em meio a sutis aprendizagens sobre diversas áreas do conhecimento. E sempre a partir da experiência.

Muitas vezes são aparições de seres mitológicos, como Poseidon e Atlas; outras são lugares que os picapauzinhos escolhem conhecer, como o palácio de Cléris/Flora ou a festa à deusa Ísis; ou, ainda, outras façanhas do herói grego urdidas à trajetória dos doze trabalhos, como a vitória sobre o gigante Anteu ou a libertação de Prometeu. Neste último exemplo, é flagrante a satisfação do escritor em narrar o feito onde um humano desafia o poder divino – e ecos do pensamento nietzscheano, tão caro a Lobato e que de certa forma funcionaria como uma filosofia de vida para o escritor, são claramente perceptíveis nessa passagem, como já comentado.

Em relação ao conceito de herói na narrativa lobatiana, o escritor parece trabalhar com uma chave dupla. Por um lado, Hércules é apresentado como um herói nacional (mesmo que a Grécia Arcaica não possa ser considerada como uma nação) e como o “maior de todos”, dotado de grande força física e sob o padrão da excepcionalidade, o que o caracterizaria como um herói clássico. Mas é também caracterizado como alguém dotado de “um grande coração”, de sentimentalidade, o que o aproximaria do conceito romântico de herói, nascido a partir dos romances modernos e que, segundo classificação já consagrada, teria *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, como obra iniciadora. Vez por outra, alguma desventura do cavaleiro da triste figura será lembrada por Emília ou Pedrinho, em evidente contraposição às façanhas de Hércules.

Lobato parece, intencionalmente, buscar um amálgama entre os dois perfis de herói, conforme analisa Juliana de Souza Topan em dissertação de mestrado que estudou esses conceitos na obra *Os Doze Trabalhos de Hércules*. Observa a pesquisadora quanto a esse duplo padrão:

Considerando o enredo da obra de Lobato e o fato de que os pica-paus ajudam Hércules na realização de todos os trabalhos, podemos considerar Hércules, ainda assim, excepcional, acima dos pobres mortais? E a sentimentalidade, bastante típica das narrativas pós-século XVIII, podemos considerá-la atributo de um herói como Hércules? E ainda mais: a culpa, o remorso por matar alguém, seria um sentimento possível no ethos heroico grego arcaico? ¹²⁰

Para a autora, o Hércules de Lobato é um misto do herói clássico (épico) com o herói romântico. Ela cita como exemplo o episódio da libertação de Prometeu, quando Hércules tem uma espécie de iluminação após o discurso libertário de Emília, chegando a chorar depois de ter sido despertado pela “voz da consciência” da ex-boneca. Sobre a cena observa: “O trecho é bastante ilustrativo do quanto Hércules afasta-se da figura do

¹²⁰ TOPAN, Juliana de Souza. *O “Sítio do Picapau Amarelo da Antiguidade”: singularidades das “Grécias” Lobatianas*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007, p. 29.

herói épico para aproximar-se do herói romântico – já que a “iluminação”, esse momento de reconhecimento interior que o leva a rebelar-se contra a ordem exterior, é típica neste tipo de herói”.¹²¹

Portanto, como contraponto ao herói épico, Lobato apresentará Dom Quixote justamente para situá-lo como antítese ao perfil de Hércules. No entanto, ao mesmo tempo em que este se espanta da existência de um herói que mais perde do que ganha, ele mesmo será desidratado em sua potência ao longo da obra, em um movimento duplo que Juliana Topan chama de “perda da heroicidade” de Hércules, paralelamente à “heroicização” dos personagens criados por Lobato. Para a pesquisadora, “Hércules se torna por demais humano e falho, enquanto os pica-paus são capazes de proezas incríveis, jamais vistas na Grécia Heroica” (TOPAN, 124).

Com efeito, aos poucos o herói vai se transformando em um grupo, um coletivo que, ao somar suas forças, torna-se ele próprio o autor da jornada heróica. Assim, à força bruta e coragem de Hércules se somarão a sabedoria prática do mundo rural, dos fazeres e saberes manuais que serão tão úteis em várias aventuras, trazida por Pedrinho; o saber científico, representado por Visconde; e a centelha imaginativa, a competência de lidar com várias informações para a tomada de decisão mais adequada para aquele momento, a habilidade em identificar o ponto fraco de um adversário, o pensamento estratégico, enfim, no grupo é trazido por Emília, a “dadeira de ideias”. Será este quarteto heróico que, ao longo dos doze trabalhos se comporá de variadas formas e atuará em conjunto para vencer os desafios que a jornada trará. E Hércules, à altura do décimo trabalho, perceberá essa transformação, nomeada por Lobato como “poder da associação”, ao refletir sobre a vitória contra o gigante Gerião, seu pastor e o dragão:

Hércules contemplava os três cadáveres. Quanto havia sofrido o mundo ali dos arredores por causa da associação daqueles três monstros! Já fortíssimos individualmente, com a associação se haviam tornado invencíveis. Mas lá estavam por terra, extintos. Por quê? Porque não haviam contado com o valor de Hércules em íntima associação com a esperteza da Emília. O herói estava compreendendo o valor da “associação” (LOBATO, v. 2, p. 176).

Na mesma dissertação, após consultar no CEDAE da Unicamp a biblioteca particular do escritor, Topan relata ter encontrado os seguintes volumes que sobre história e a mitologia gregas: *Histoire d'Hérodote* (1864), *Theatre d'Aristophane* (1896), *Nueva*

¹²¹ TOPAN, Juliana de Souza. *O “Sítio do Picapau Amarelo da Antiguidade”: singularidades das “Grécias” Lobatianas*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007, p. 118.

Mitologia Ilustrada (1927) e *História da Civilização – Nossa herança Clássica: a vida na Grécia* (1943), de Will Durant (1885-1981) – este último traduzido por Gulnara Morais Lobato, esposa de Edgar (filho mais velho de Monteiro Lobato) e revisada pelo próprio autor.

Como Lobato havia demonstrado entusiasmo com o estilo romanesco do historiador Will Durant, e essa admiração aparece em algumas cartas a Godofredo Rangel, Juliana Topan supõe que a fonte mais usada pelo escritor para escrever sua saga infantil pela Grécia Antiga tenha sido a obra de Durant. A título ilustrativo da admiração do escritor/tradutor pela prosa do historiador, selecionamos este trecho de *A barca de Gleyre*: “Estou com atraso, com 2 cartas tuas sem a resposta pronta do costume. Isso foi porque empreendi a tradução do último volume da *História da Civilização* do Will Durant, *César e Cristo*, e apaixonei-me tanto que suspendi todas as atividades, inclusive a epistolar.”¹²²

¹²² LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, vol. 2, p. 365.

CAPÍTULO 3: O MESTRE ESCOLA

O projeto literário-pedagógico lobatiano

Em 1938, o jornalista Mário Donato, repórter de *O Estado de S. Paulo*, foi designado para cobrir a primeira viagem que a Vasp fez a Goiânia. Seu vizinho de poltrona era Lobato, que fora patrão de seu pai, Luiz Donato, quando tocava sua Cia. Editora Monteiro Lobato.

Um comentário fortuito em seu depoimento “O meu Lobato”, incluído na publicação organizada por Paulo Dantas em homenagem ao centenário do escritor, torna-se extremamente relevante no âmbito desta dissertação; qual seja, mostrar a afinidade de Lobato com o movimento de renovação pedagógica conhecido como New Education/Escola Nova/Escola Progressiva. É este o detalhe a ser destacado no relato do jornalista Mário Donato: “Viajamos lado a lado. Lobato lia então um volume de John Dewey, *Democracy and education*, lembro-me perfeitamente.”¹²³

Vale observar que *Democracia e Educação* havia sido publicado em 1936, dois anos antes do encontro no avião, pela Companhia Editora Nacional, da qual Lobato não era mais acionista mas ainda seu mais destacado autor, inclusive em vendagem. E John Dewey foi vertido ao português pela primeira vez por uma dupla de tradutores muito cara, e íntima do escritor: Anísio Teixeira e Godofredo Rangel, o amigo-educador e o amigo-missivista. E, mesmo presumindo-se que provavelmente Lobato lera a tradução de seus amigos, ei-lo aqui, conhecendo as ideias do filósofo e educador norte-americano no original – ainda que a leitura não tenha acontecido naquela viagem, na qual Donato relata que o escritor precisou fazer uso do saco de enjoio na ida e na volta.

Restando evidente o interesse do escritor por temas educacionais, e pela leitura das fontes originais, bem como a perseguição a um objetivo de tornar-se lido nas escolas pela via de um projeto literário-pedagógico consistente, como observado nas duas obras estudadas, é possível elencar alguns aspectos, se não de seu pensamento pedagógico, já

¹²³ DANTAS, Paulo (org.). *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço Editora, 1982, p. 115.

que poucas vezes abordou explicitamente o tema sob um ponto de vista teórico, ao menos e sua intenção pedagógica.

E no caminho de uma possível interpretação/reinterpretação da pedagogia lobatiana, cumprindo a terceira fase de análise proposta pela metodologia da Hermenêutica de Profundidade, parece bastante adequado começar por uma carta que o escritor enviou a seu amigo educador, e espécie de mentor nessa área, Anísio Teixeira. Escrita supostamente em 1932 (não está datada), e movida por um eletrizante entusiasmo que a saga petrolífera despertava no escritor-tradutor, àquela altura triplicado em sua faina com a absorvente carreira de empresário, aqui Lobato vislumbra uma *Education City*, nascida da riqueza do petróleo que irá encontrar, e dirigida por ninguém menos que Anísio. Ela pode ser considerada o mais próximo de um ideário educacional do escritor. À carta, então:

Meu petróleo está uma pura maravilha. A vitória está assegurada, e a não ser que me veja espoliado por leis do Juarez, nacionalizadoras do petróleo e que tais, que venham matar o surto da futura indústria e privar do que com ela eu possa vir a ganhar, terei meios de realizar várias grandes coisas que me fervem na cabeça. Uma delas diz com você. É criar luxuosamente um aparelho educativo com você à testa, como nunca existiu no mundo. Um gânglio novo, libérrimo, autonomíssimo, fora de governo, de religião, de tudo quanto restringe e peia. Um gânglio que vá se irradiando até fazer-se um formidável organismo moldador de homens – educador no mais elevado sentido. Com essas escolas especializadas, com jornais e revistas, com casa editora, com livrarias, com cinema, com estação de rádio própria, com estação tele-emissora de imagens... Qualquer coisa como a *Radio City* do Rockefeller, mas educativa. O governo que ensine ao povo o que quiser; a religião também. Nós, do alto de nossa *education city*, servida por todas as máquinas existentes e as que hão de vir, pairaremos sobre o país qual uma nuvem de luz. Um corpo de cérebros, dirigido por você. Prepara: a máquina multiplicadora, dissemina. Iremos fazer com um pugilo de auxiliares o que o Estado – essa besta do apocalipse – não faz com milhares e milhares de infecções chamadas escolas e de cágados chamados professores. A nossa educação cairá como chuva de neve sobre o país, sem saber e sem querer saber a onde os flocos irão pousar.”¹²⁴

O dinheiro do petróleo para criar a *Education City*, um empreendimento totalmente privado nos moldes das empresas que o escritor vira funcionar tão bem em sua temporada nos Estados Unidos, não veio. Vieram, isto sim, dissabores e decepções, e até um período de três meses na prisão (por ironia do destino, o petróleo jorrou no Brasil pela primeira vez, em 1939, em um bairro de Salvador chamado Lobato).

Se não foi possível criar o tal aparelho educativo “libérrimo, autonomíssimo”, de certa forma o escritor o construiu por meio de sua obra literária voltada às crianças. Em

¹²⁴ VIANNA, A. FRAIZ. P. (org.). **Conversa entre amigos**: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. Salvador/Rio de Janeiro: Fundação Cultural do Estado da Bahia e Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986.

vez de uma *Education City*, um sítio-escola. Nesse mundo rural Lobato desenvolverá, misturada à ficção, uma pedagogia bastante singular. Mas, também, singularmente acompanhada de perto por um educador do peso intelectual e político de Anísio Teixeira.

A seguir, serão apresentados alguns elementos que poderiam compor as bases fundamentais de uma pedagogia lobatiana.

1. A aprendizagem deve acontecer de forma dialogada.

Segundo essa ótica de aprendizagem, cabe sempre ao professor trabalhar a partir do conhecimento prévio dos alunos, usando observações tiradas das próprias dúvidas expressadas pelos aprendizes. Nas duas obras analisadas, será quase sempre por meio do diálogo e da participação ativa das crianças que os conceitos se tornarão mais claros. E nesse processo de elaboração de diálogos, o tom coloquial será sempre perseguido. Os diálogos nas obras do escritor têm a marca da oralidade.

As situações de aprendizagem dialogada estão na base do projeto lobatiano de intervenção na escola, e podem ser observadas em praticamente todas as obras voltadas para esse objetivo. Mais que uma fórmula, parece ter sido um modo de encarar a transmissão do conhecimento inspirado na metodologia socrática, como se conclui a partir deste interessante relato feito por sua filha Rute no artigo “Álbum de família: meu pai”:

Na vida dos filhos interferiu muito pouco. Deixava-nos fazer o que quiséssemos contanto que soubéssemos justificar nossos motivos ou que assumíssemos a responsabilidade dos nossos atos. Às perguntas que lhe fazíamos respondia-nos, socraticamente, com perguntas também. Pergunta vai, pergunta vem, acabávamos chegando à resposta que desejávamos... ou que ele desejava.¹²⁵

Em relação à presença de elementos da oralidade em seus textos infantis, a análise de Marisa Lajolo enfatiza a ruptura estilística provocada pelo escritor em relação aos autores que o precederam nesse mesmo, e ainda incipiente, mercado editorial voltado ao público infantil, como os parnasianos Olavo Bilac e Coelho Neto:

Coloquializando a linguagem, Monteiro Lobato rompe em definitivo com a linguagem da literatura infantil brasileira anterior a ele. Em vez da impostação modelar de voz que narra às crianças, o narrador de Monteiro Lobato manifesta o gosto moderno pela oralidade, pelo despojamento sintático, pela criação vocabular.¹²⁶

¹²⁵ DANTAS, Paulo (org.). *Voices do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço Editora, 1982, p. 166.

¹²⁶ LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000, p. 62.

2. Metáforas, exemplos e comparações devem estar a serviço da simplificação de conceitos.

Os exemplos de metáforas e comparações acessíveis ao público infantil abundam nas duas obras analisadas, bem como, de resto, em todos os seus livros, tanto na voz das crianças quanto dos mestres. As comparações mais audaciosas, como sempre, sairão de Emília. Se puder juntar humor, melhor ainda. Esta será a tônica perseguida ao longo dos dois livros analisados. Sempre que possível, um exemplo acessível à criança deve ser usado, como comparar preposições a cordinhas que ligam as palavras de uma frase; ou o sufixo “mente” entendido como um “rabinho de advérbio”.

O autor também se valerá de efeitos visuais (comparando pontos de interrogação a “ganchinhos” e “vírgulas” a bacilos de cólera) e de efeitos gráficos, em diálogo estreito com os ilustradores. Ou fará uso de onomatopeias, como no encontro das crianças com a palavra “canzarrão”, quando Emília explicará que determinadas palavras “latem” (as aumentativas) e outras “choringam” (as diminutivas).¹²⁷ Ou, no caso da epopeia na Grécia Antiga, ao comparar o picuá a dois bolsos presos por um cinto. Ou a geografia acidentada da Grécia, na qual surgiram diversas cidades-estado, a um cacho de uvas.

3. O humor é um importante aliado na aprendizagem.

O escritor parece usar com intencionalidade sua verve humorística tanto para ajudar na fixação de alguns conceitos, geralmente por meio de uma asneira dita por Emília, quanto para estabelecer uma relação de cumplicidade crescente junto aos leitores.

Muitos estudiosos da obra de Lobato já destacaram o papel do humor na saga infantil do escritor, como João Carlos Marinho, para quem o humor seria “um dos traços principais da saga do Picapau Amarelo”. Ele ressalta a relevância ao comparar sua obra a um clássico da literatura infantil:

Nenhum autor infantil conseguiu a façanha de escrever uma obra infantil marcadamente humorística como Monteiro Lobato. Compare-se com o *Pequeno Príncipe*: afora o primeiro lance, bem conseguido, do desenho da jibóia, Saint-Exupéry persegue cansativamente o “humor fino”, não o alcançando, caindo na estereotipação de diálogos e imagens desfibrados, na tentativa de criar a antítese adulto-criança. Humor é uma das coisas mais raras em literatura, adulta ou para crianças, e Lobato conseguiu.¹²⁸

¹²⁷ LOBATO, Monteiro. **Emília no País da Gramática**. São Paulo: Brasilense, 1968, p. 31.

¹²⁸ DANTAS, Paulo (org.). **Vozes do tempo de Lobato**. São Paulo: Traço Editora, 1982, p. 183.

Vale lembrar que mesmo antes da experiência linguística mais radical, a aventura da turma do Sítio pelo País da Gramática, o conto *O colocador de pronomes* (1924) já sinalizava sua vertente satírica em relação ao texto e à fala empoladas.

Em *Emília no País da Gramática* a “nomenclatura rebarbativa” dos gramáticos é criticada por várias personagens – mesmo que, como autor de um projeto paradidático, Lobato não se furte às nomenclaturas, mesmo as mais rebarbativas. Mas a elas, sempre que for possível, guardará uma piada ou trocadilho, ou um comentário ferino.

A piada passa e a aprendizagem fica. Esta parece ser a síntese da estratégia do escritor. Para citar alguns exemplos, o humor associado à didática está presente quando Emília dá risada ao pensar nos “pimentões mesoclíticos” (ou seja, recheados) que Tia Nastácia faz sem saber. Ou quando as palavras indígenas explicam que foram obrigadas a usar um Y grego mesmo sem possuírem língua escrita. Emília (leia-se, a Reforma Ortográfica de 1931) acabaria com esse uso, já que, segundo ela, “não há razão nenhuma para vocês andarem a fingir-se de gregas, usando esse Y” (LOBATO, p. 147). Ou, para citar um exemplo de *Os Doze Trabalhos de Hércules*, quando Emília associa Magnésia aos nomes das cidades-estado gregas. Ou os epitáfios irônicos escritos pela ex-boneca. Mas é importante observar que o humor está menos presente na última obra de Lobato. Por vários motivos, comentados de forma breve no contexto sócio-histórico da década de 1940, este é um escritor mais amargo do que aquele da década anterior.

A relação sadia com o humor também é reveladora de uma relação professor-aluno dessacralizada. Seja Dona Benta, sejam Quindim ou outros mestres temporários, como Minervino ou o Visconde, todos demonstrarão uma postura de tolerância diante da irreverência e dos comentários das crianças. Todos os mestres lobatianos têm uma aceitação tranquila da diferença, e nunca reprimirão, por exemplo, uma asneira emiliana.

4. A melhor escola está fora da escola

Chama a atenção a pouca presença de notícias sobre escola e professores na saga do Sítio do Picapau Amarelo. Mesmo que saibamos que Pedrinho estuda em alguma escola na cidade, é nas suas férias, invariavelmente passadas no ambiente protegido e livre da casa da avó, que as aprendizagens acontecerão. E sempre de forma dinâmica, dialogada, divertida, longe da “caceteação” com a qual é caracterizada a escola no início do primeiro livro analisado nesta dissertação. É justamente para tentar fugir do padrão escolar, que mesmo com boa vontade e tolerância Dona Benta acaba por reproduzir, que

o grupo resolve conhecer o País da Gramática. Na mesma obra, a crítica à “nomenclatura rebarbativa” e aos rigores dos gramáticos, a exigirem aspas em palavras estrangeiras e consoantes dobradas para lembrar a origem etimológica de alguns vocábulos, será uma constante.

Igualmente na saga de *Os Doze Trabalhos de Hércules* a instituição escolar tampouco aparecerá, embora apareçam referências elogiosas à educação. A apologia ao poder transformador da educação (mas não à escola ou ao ensino tal como acontece nesta) será a tônica do “pensamento único” do herói grego.

Com efeito, a passagem pela escola não parece ter deixado marcas profundas no escritor. Em carta de 1906 ao amigo Godofredo Rangel, ainda muito longe de se tornar o autor consagrado que viria a ser, Lobato já mostrava o educador intuitivo que sempre fora: “Educar não é criar, e eu creio que só a natureza cria. Tenho muita pouca fé na educação, porque nos educados só encontrei qualidades que a educação apenas pôs a nu, não criou, não justapôs. É como o banho revelador na chapa fotográfica – tira o que está latente lá dentro”.¹²⁹

Alinhando-nos à análise feita por Marisa Lajolo, entendemos que o escritor “confirma a importância da escola e do estado na difusão da leitura. Juntando ambos, consegue fazer da escola seu trampolim temporário, ainda que seus livros denunciem a burocracia do estado e a chatice da escola brasileira de seu tempo.” Conforme destaca esta pesquisadora da obra lobatiana, especialmente nas obras produzidas nos anos 1930, o que inclui *Emília no País da Gramática*, o Sítio do Picapau Amarelo se transforma em uma “grande escola, onde os leitores aprendem desde gramática e aritmética até geografia e o bê-a-bá de uma política nacionalista de petróleo”.¹³⁰

À esta excelente síntese da proposta educativa do escritor, que dá conta de aquilatar o papel ativo do escritor na instituição escolar ao mesmo tempo que a criticava “por dentro”, acrescentamos a síntese feita por Juliana Topan, ilumina outros aspectos do projeto literário-pedagógico do escritor:

Lobato, portanto, constrói, em sua obra infanto-juvenil, uma proposta educativa bastante completa, que une a apresentação de um espírito crítico e investigativo, nas crianças; de um modelo de ensino dinâmico e interessante, em *Dona Benta*, a ser

¹²⁹ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1946, vol. 1, p. 143.

¹³⁰ LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000, p. 60-61.

seguido pelos adultos; e de um conjunto amplo de conteúdos científicos, artísticos e históricos, que são mais que conhecidos pelas crianças, são vivenciados.¹³¹

Assim, como um mestre que nada mais faz do que mostrar o caminho para que o aprendiz se revele – como uma chapa fotográfica – a obra lobatiana trouxe a oportunidade para que professores e seus alunos frequentassem uma espécie de “escola rural” comandada por uma senhora sábia e tolerante, com crianças e seres estranhos se divertindo enquanto aprendem sobre o mundo das coisas e as coisas do mundo.

Um “hub” educacional

O papel social de nó entre diferentes conexões, ou *hub*, no sentido emprestado a essa palavra por Albert-László Barabási, se aplica a indivíduos extremamente bem relacionados e conectados a diversos grupos sociais e/ou econômicos. Representam aqueles que são os verdadeiros nós de uma rede, como explica este pesquisador dos sistemas de rede: “Os conectores são um componente extremamente importante na nossa rede social. Eles criam tendências e modas, fazem contatos importantes, espalham novidades [...]. São a tessitura da sociedade, juntando facilmente diferentes raças, níveis de instrução e linhagens”.¹³²

Barabási relata que “a descoberta de que na Web poucos *hubs* detém a maior parte dos *links* deu início a uma frenética pesquisa de *hubs* em diversas áreas”. Isso porque esse fenômeno, segundo ele, está presente “na maioria das grandes redes complexas que os cientistas conseguiram estudar até agora, como um bloco de construção genérico de nosso complexo mundo interconectado”.¹³³

Em nosso entendimento, se a compreensão do papel social dos *hubs* não se restringe ao fenômeno contemporâneo das redes de computador, Monteiro Lobato pode ser classificado como um bem talhado influenciador de questões culturais e educacionais, e, direta ou indiretamente, interferindo no cotidiano escolar – seja como editor de livros didáticos, seja como autor que se tornaria o preferido entre as crianças.

Como um *hub* na acepção contemporânea do termo, Lobato foi um criador de tendências, por exemplo ao “verter à brasileira” as fábulas de Esopo e La Fontaine; ou ao inovar nas capas de seus livros; ou ao trazer um papel relevante para a oralidade em suas

¹³¹ TOPAN, J. de S. *O Sítio do Picapau amarelo na antiguidade: singularidades das Grécias Lobatianas*. Campinas, 2007, Faculdade de Educação, Unicamp, tese de mestrado, p. 24.

¹³² BARABÁSI, Albert-László. *Linked: a nova ciência dos networks*. São Paulo: Leopardo Editora, 2009, p. 50-51.

¹³³ Idem, p. 59.

obras; ou, ainda, no destaque dado às ilustrações e ao trabalho de parceria com os ilustradores. O escritor foi também um aglutinador de pessoas com afinidades, lembrando a referência à irmandade adivinhada, e de fato ocorrida, entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. E um desbravador de novos caminhos, já que é considerado, de forma quase unânime, como o fundador da literatura infantil no país.

Desta forma, entendemos que o “mestre-escola genial”, nas palavras de Anísio Teixeira, se caracterizaria como um intensamente conectado “nó” por onde as questões mais importantes e caras ao país atravessavam, da saúde pública à educação, durante um extenso período no qual foi presença ativa, na imprensa, nas livrarias e nas escolas. Este período de atuação intelectual e política do escritor abarca do fim da década de 1910 até meados da década de 1940.

“Livros milagre”

Se iniciamos esta etapa da metodologia, de Interpretação/Reinterpretação, estabelecendo como ponto norteador do pensamento lobatiano sobre educação a carta a Anísio Teixeira na qual antevia sua *Education City* comandada pelo amigo, será também com o educador baiano, desta vez prestando uma homenagem póstuma, que esta análise se encerra. Não apenas pela pertinência, dada a relevância de Anísio Teixeira no campo educacional, mas pelo caráter totalizante que, em um discurso feito uma década após a morte de Lobato, Anísio deu à obra do amigo escritor e ao papel educativo desempenhado por ele.

O discurso foi proferido na abertura da VII Semana Monteiro Lobato, realizada em Taubaté em 12 de abril de 1959. E foi dessa forma que Anísio sintetizou a trajetória do escritor, no início de seu discurso, após os costumeiros agradecimentos:

Há certos períodos da vida de cada país que podem, com efeito, ser melhor descritos em torno da vida de um dos seus filhos. Monteiro Lobato parece-me, neste sentido, o homem mais significativo do período que sucedeu à primeira guerra mundial, no Brasil, e que se estende até 1950.

Mais adiante, ao passar a vista pelos acontecimentos na vida do homenageado, Anísio comentaria a reduzida relevância da memória escolar na vida e nos escritos de Lobato:

Toda a sua educação escolar no Brasil se passa como se não existisse. Salvo alusões iniciais a exames, depois, em toda a sua vida, não há mais, apesar de nos ter dado tanto material sobre a sua história, nenhuma referência a professores ou a escolas. Forma formalidades que satisfaz sem deixarem maior moça em seu espírito. A sua formação,

a sua real formação é toda a de um perfeito e acabado autodidata e aquela biblioteca do avô foi-lhe, em verdade, sua escola e sua universidade.

E creditaria à sua experiência à frente da fazenda Buquira o encontro do escritor antes encastelado em sua classe social e suas leituras em francês, com o país real:

O fato de Lobato ir morar na fazenda já é significativo de mudança de atitude, mais tomar nas próprias mãos a sua administração é mais que uma mudança de atitude, é a sua identificação com a terra, com a sua terra. Lobato começa a se fazer verdadeiramente brasileiro. Não é mais o hóspede, o desterrado de Areias ou o desterrado de Buquira, mas o responsável, o agente, o administrador de sua fazenda.

De promotor entediado em Areias, Lobato se torna fazendeiro. Depois se torna polemista. De polemista, editor. De editor (dos mais bem sucedidos), se torna autor. E será como autor de livros infantis que Lobato deixará sua marca, presente até os dias de hoje. “Livros milagres”, na feliz expressão do amigo educador, que dessa forma descreveria o projeto literário-pedagógico do escritor:

Já não é o inocente homem de letras, mas o artista impregnado, arrebatado pelo *pathos* do país em crescimento. [...] E tenta qualquer coisa como uma enciclopédia infantil. Faz-se o maior escritor de crianças do seu tempo e da sua língua. Transforma-se num mestre escola genial, em livros milagres, revelando uma capacidade espantosa de ensino e de revolução didática.¹³⁴

A revolução didática, provocada por livros milagres escritos pelo genial mestre escola, continua, um século depois de iniciada em 1921. Seus livros seguem sendo reimpressos, lidos, relidos e adaptados. E também criticados, notadamente por aspectos racistas, tanto em algumas obras quanto em sua correspondência particular, e que não entraram no escopo desta análise por não se mostrarem pertinentes ao objetivo dessa dissertação.

Apreender a complexidade de uma pessoa pública como Monteiro Lobato, que como resumiu Anísio Teixeira poderia bem encarnar-se como simbólica dos anos entreguerras no Brasil, é tarefa para muitos estudos que, espera-se, continuem a aparecer. Também esperamos que este estudo possa ter contribuído com a fortuna crítica acerca da obra e da vida desse escritor que, agora em domínio público, segue a encontrar mais crianças que, por alguns anos, irão morar em seus livros. Como ele próprio diz ter morado no *Robinson Crusoe* lido na infância.

¹³⁴ Atas da Câmara de Taubaté, 12/04/1959, p. 4-17. *Apud*: GONÇALVES, Mauro Castilho. “Monteiro Lobato - A ação da Igreja Católica de Taubaté: a cidade, a escola e a imprensa como campos de tensão.” Associação Nacional de História (ANPUH), XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, 2007.

BIBLIOGRAFIA

ALBIERI, Thais. “A gramática da Emília: a língua do país de Lobato”. In: LAJOLO, Marisa. CECCANTINI, João (orgs.). **Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008.

FILHO. Aluizio Alves. “Nietzsche e Lobato”. In: Revista **Achegas.net**, nº 10, agosto de 2003. <http://www.achegas.net> (acesso em 25 nov. 2021).

ASSUNÇÃO, Emília Tavares. COSTA, Sirlene. Teorias linguísticas na obra Emília no País da Gramática. **Building the way** - Revista do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, v. 1, n. 1, p. 92.

Disponível em: <http://www.prp.ueg.br/revista/index.php/buildingtheway> (acesso em 25 nov. 2021)

AZEVEDO, Carmen Lucia de. CAMARGOS, Marcia. SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora Senac, 1997.

AZEVEDO, Fernando de. In: **Anísio Teixeira: pensamento e ação**. Diversos autores. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.

BARABÁSI, Albert-László. **Linked: a nova ciência dos networks**. São Paulo: Leopardo Editora, 2009, p. 50-51.

BARBOSA, Alaor. “O sítio do Picapau Amarelo”. In **Leitura**. São Paulo, 12 (134), jul, 1993, p. 4.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Editora Pensamento, 1989.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Brasiliense, 2 vols., (3ª edição), 1962.

CECCANTINI, João Luis. “De raro poder fecundante: Lobato editor. In: LAJOLO, Marisa. CECCANTINI, João (orgs.). **Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. São Paulo: Quíron, 1983.

DEBUS, E. S. D. **Monteiro Lobato e o leitor, esse desconhecido**. Itajaí: Univali; Florianópolis: UFSC, 2004.

FARIA, Maria Alice. “Belmonte ilustra Lobato”. In: LAJOLO, M. CECCANTINI, J. (orgs.). **Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008.

FÁVERO, Leonor L. MOLINA, Márcia G. “A gramática brasileira no início do século XX: Gramática expositiva (Eduardo Carlos Pereira) e Grammatica Portuguesa (Hemetério José dos Santos)” In: **Confluência**, 37/38, 2009-2010, Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro.

Fundo Monteiro Lobato. Cedae/IEL/Unicamp (parecer do Departamento de Educação de S. Paulo, 13.11.1939).

KOSHIYAMA, A. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor**. São Paulo: Edusp, 1982.

LAJOLO, Marisa. CECCANTINI, João Luís. **Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 2 vols, 1946.

_____. **Cartas escolhidas**: 2º vol.. São Paulo: Brasiliense, 1959, p. 30-31.

_____. **Contos escolhidos**. Marisa Lajolo (org.). São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. **Emília no País da Gramática**. São Paulo: Brasiliense, 1968.

_____. **Os Doze Trabalhos de Hércules**. São Paulo: Brasiliense, 1957, 2 vol.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. MARTINELLI, Laís Pacífico. “Monteiro Lobato e o ideário escolanovista: um modelo de escola no Sítio do Pica-pau Amarelo. In: **Contrapontos** v. 17 n.1, p. 103. (DOI: 10.14210/contrapontos.v17n1.p.94-116).

MARINHO, João Carlos. “Conversando de Lobato”. In: DANTAS, Paulo (org.). **Vozes do tempo de Lobato**. São Paulo, Traço, 1982.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1974.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**: ou helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato Vivo**. Rio de Janeiro: MPM/Record, 1986.

PENTEADO, J. R. W. **Os filhos de Lobato**: imaginário infantil na ideologia do adulto. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Editora, 1997.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva**: curso superior. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945, 65ª ed., p. 108.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica Historica**. São Paulo: Seção de Obras d'O Estado de S. Paulo, 1919.

PERRONE, Cristina Aquati. Do mito à fábula: releituras de Lobato. Tese de mestrado, FFLCH-USP, 2002.

ROCHA, Ana Cristina Santos Matos. “Experiências norte-americanas e projetos de educação no Distrito Federal e em São Paulo (1927-1935): Anísio Teixeira, Noemi Silveira, Isaías Alves e Lourenço Filho”. Tese de doutorado em História das Ciências, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores associados, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1920)**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998, p. 150.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TOPAN, Juliana de Souza. **O “Sítio do Picapau Amarelo da Antiguidade”: singularidades das “Grécias” Lobatianas**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço Editora, 1982.

VIANNA, A. FRAIZ. P. (org.). **Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato**. Salvador/Rio de Janeiro: Fundação Cultural do Estado da Bahia e Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986.

VIDAL, Diana. “Escola Nova e processo educativo”. In: **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VIDAL, Diana. **Na batalha da educação**: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971). Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.